Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística

O SISTEMA VERBAL DO BALANTA
Um estudo dos morfemas de tempo

Cleonice Candida GOMES

São Paulo
2008

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística

O SISTEMA VERBAL DO BALANTA
Um estudo dos morfemas de tempo

Cleonice Candida GOMES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Semiótica da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Co-orientadora: Stéphane Robert

São Paulo

2008

CLEONICE CANDIDA GOMES

O SISTEMA VERBAL DO BALANTA

Um estudo dos morfemas de tempo

São Paulo, _____

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi concebido com a cooperação direta ou indireta de muitas pessoas.

Primeiramente, no Senegal, várias pessoas tornaram a minha estada neste país a mais agradável possível, por isso agradeço ao senhor Momar Cissé e a sua família, que me hospedou com muito carinho; a Thierno Cissé e sua família, a Fatou, a Noël Bernard Biagui, a Dame Ndao, a El Hadji Dieye, a Anna Diagne, meus amigos do laboratório de fonética na Universidade Antha Dioup; a Alain, que, na França, indicou-me o contato com Seckou Biaye; à família Biagui, que me hospedou, em Ziguinchor.

Agradeço, em especial, aos falantes do balanta que muito me ajudaram. Quero me lembrar de Djiby Mané, que me ajudou no trabalho de mestrado, e agora dos demais que juntaram esforços para me ajudar direta ou indiretamente; agradeço muito a Arona Sadio, a Seckou Biaye, a Landing Massaly, a Moussa Sadio e a Djiby Sadio Usine, do programa de rádio em balanta na ndef leng FM 93.4. Agradeço a todos os funcionários da Direction de l'Alfabetisation et des Langues Nationales e ao pessoal do escritório em Colobane que me concederam espaço físico para o trabalho.

A seguir, na França, muito obrigada ao pessoal do LLACAN-CNRS, em especial, à Guillaume Segerer, Pierre Nougayrol, Christian Chanard, Jeanne Zerner, Martine Vanhove, Magali Sansonetti, Marie-Claude Simeone, Nicolas, Pascal e família, Costantin, Emilio Bonvini e Claude Rilly; a cada um que, em momentos específicos, ajudou-me direta ou indiretamente, revezando-se para cuidar bem de mim naquele país, muito obrigada. Obrigada Loïc Perrin, que me fez companhia durante a viagem e em meus primeiros dias no Senegal; a Bonvini, a Christine Salles e a Sabine, pessoas com as quais tive contato. Agradeço particularmente a Stéphane Robert que se propôs orientar meu trabalho apesar da barreira lingüística.

Obrigada a alguns colegas do alojamento, a Wane Ng, a Rachid, a Keita, a Loraine Oliveira, pelos bons momentos na hora de preparar e tomar as refeições.

E, por último, no Brasil, obrigada à professora Margarida que me indicou para a bolsa-sanduíche, tornando possível a minha ida à França e, indiretamente, ao Senegal, ao pessoal do Grupo de Estudos de Línguas Africanas (GELA), a Esmeralda V. Negrão e a Ana Paula Scher por suas orientações. E a alguns amigos, que, devido à distância, foram deixados para trás,

Lívila P. M. C. Rosa, Adriana C. Chan, Aroldo, Heloísa M. M. L. Salles, Fernando, Alice; a amigos que foram feitos, neste período, Ana Zélia, Graça, Renata Maitan, Bernadete e Rita.

Agradeço à minha família pelo apoio e por expressar seu amor por mim, obrigada a meu pai José e a minha mãe Zoraide, e aos meus irmãos Cleuza e família, Cícero e Elaine, Cladair e família, Cleodete e família, que cuidaram de minhas coisas ao deixar o país e me ajudaram a me reestabelecer na volta.

Muito obrigada às Instituições que financiaram este trabalho : ao CNPq, que me concedeu a bolsa de doutorado no Brasil; à CAPES, que me concedeu a bolsa de doutorado-sanduíche na França de setembro de 2006 a setembro de 2007; ao LLACAN-CNRS, que financiou a minha pesquisa de campo de 16 de abril a 16 de junho de 2007 no Senegal; à Theda's University, que financiou a minha ida ao 'Workshop on Atlantic Languages' em Hamburgo (Alemanha), organizado pela Universidade de Hamburgo e Fundação Volkswagen de 17 a 18 de fevereiro de 2007; ao INALCO, que financiou a minha participação na 'Summer School on Linguistic Methodology', organizada pela 'Societas Europaeae Linguisticas' em Campobasso (Itália). Sinto-me privilegiada pela ajuda que recebi e gostaria que esta fosse estendida a muitos pesquisadores de nosso país.

Enfim, agradeço à Deus, porque, por causa deste trabalho, Ele me fez conhecer várias pessoas que vou sempre amar, e fez meu leque de recordações se tornar imenso.

SUMÁRIO

Resumo	12
Abstract	13
Resumé	14
INTRODUÇÃO	15
1. A língua balanta e seus falantes	15
2. Os trabalhos anteriores	16
3. O método de trabalho utilizado	17
4. Observações preliminares sobre as estruturas do balanta	19
4.1. Fonologia e ortografia	19
4.2. A classificação nominal e as alternâncias consonânticas	20
4.3. A questão dos tons	20
5. O plano da obra	21
CAPÍTULO I: MORFOLOGIA DO VERBO	25
0. Introdução	25
1. O sistema pronominal	27
2. Os morfemas de tempo, modo, aspecto e negação	29
2.1. Os paradigmas do acabado	31
2.1.1. Os paradigmas do acabado imperativo	31
2.1.2. Os paradigmas do acabado assertivo	31
2.1.3. Os paradigmas do acabado hipotético	32
2.2. Os paradigmas do inacabado	32
2.2.1. Os paradigmas do inacabado hortativo	33
2.2.2. Os paradigmas do inacabado assertivo	33
2.2.3. Os paradigmas do inacabado habitual	34
2.2.4. Os paradigmas do inacabado progressivo	35
3. Morfologia das combinações	37
3.1. Os morfemas extensionais	37
3.2. Acidentes fonéticos	38
3.3. Ordem dos sufixos extensionais	40

4. As formas nominais	41
5. Afixo relativo	42
6. Morfemas homófonos	44
Síntese do capítulo	45
CAPÍTULO II: O ACABADO: COMBINAÇÃO E VALORES	47
0. Introdução	47
1. Os valores do acabado imperativo	47
1.1. {-Ø} ‘presente’	48
1.2. {-tɛ} ‘dêitico’	51
1.3. {-ʊ} ‘inacusativo’ e {-ʊ} ‘concluso’	54
1.4. {-ɪ} ‘ergativo’ e {-ɪ} ‘inconcluso’	58
2. Os valores do acabado assertivo	60
2.1. {-Ø} ‘presente’	61
2.2. {-gɛ} ‘mudança de estado	80
2.3. {-yɔ} ‘passado remoto’	87
2.4. {-tɛ} ‘dêitico’	92
2.5. {-ʊ} ‘concluso’	103
3. Os valores do hipotético	119
3.1. {-Ø} ‘presente’	120
3.2. {-yɔ} ‘passado remoto’	120
Síntese do capítulo	121
CAPÍTULO III: O INACABADO: COMBINAÇÃO E VALORES	123
0. Introdução	123
1. Os valores do inacabado hortativo	123
1.1. Os valores do inacabado hortativo afirmativo	123
1.2. Os valores do inacabado hortativo negativo	126
1.2.1. {-Ø} ‘presente’	126
1.2.2. {-tɛ} ‘dêitico’	130
1.2.3. {-ʊ} ‘concluso’	132
1.2.4. {-ɪ} ‘ergativo’ e {-ɪ} ‘inconcluso’	133
2. Os valores do inacabado assertivo	134
2.1. {-Ø} ‘presente’	134
2.2. {-gɛ} ‘mudança de estado	148

2.3. {-yɔ} ‘passado remoto’	153
2.4. {-tɛ} ‘dêitico’	156
2.5. {-ʊ} ‘concluso’	160
2.6. {-ɪ} ‘inconcluso’	162
2.7. {bə-} ‘futuro’	166
3. Os valores do inacabado habitual	168
3.1. Os valores do inacabado habitual simples	168
3.1.1. {-Ø} ‘presente’	168
3.1.2. {-gɛ} ‘mudança de estado	176
3.1.3. {-yɔ} ‘passado remoto’	178
3.1.4. {-tɛ} ‘dêitico’	184
3.1.5. {-ʊ} ‘concluso’	187
3.2. Os valores do habitual inexorável	188
3.2.1. {-Ø} ‘presente’	188
3.2.2. {-gɛ} ‘mudança de estado	199
3.2.3. {-yɔ} ‘passado remoto’	201
3.2.4. {-tɛ} ‘dêitico’	205
3.2.5. {-ʊ} ‘inacusativo’ e {-ʊ} ‘concluso’	207
4. Os valores do progressivo	208
4.1. {-Ø} ‘presente’	208
4.2. {-gɛ} ‘mudança de estado	211
4.3. {-tɛ} ‘dêitico’	212
4.4. {-ʊ} ‘concluso’	216
4.5. {-ɪ} ‘inconcluso’	217
Síntese do capítulo	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
BIBLIOGRAFIA	225
Bibliografía sobre o balanta	233
ANEXOS	236
Quadros do texto	236
Documento relativo à ortografia balanta	249

LISTA DE ABREVIACÕES

AC – acabado
ADJ - adjetivo
AF– afirmativo
ANAF/FOC – anafórico/foco
AUS – ausente
CLAS – classificador ou classe nominal
CON – conectivo
CONC – conclusivo
COP – cópula
DEF – marcador de definitude
DEIT – dêitico (adestivo, intenção, direção, lugar)
DEM – demonstrativo
DIST – distante
ERG – ergativo
EXP – sujeito expletivo
FAL – falante
FUT – futuro
HAB – habitual
HIP – hipotético
IMP.P – imperativo plural
IMP – impessoal
INAC – inacabado
INACC – inacusativo
INC – inconclusivo
INCL – inclusivo
IND – sujeito indeterminado
INEX – inexorável
INF – infinitivo/finito
INT – intensificador

LOC – locativo (instrumento (ablativo))
ME – mudança de estado
NEG – negação
NOM – nominalizador
OBJ – objeto
OUV – ouvinte
PART.PAS – particípio passado
PAS.REM – passado remoto
P – plural
POS – possessivo
PRES – presente
PROX – próximo
QU- – pergunta sim/não (valor de verdade)
REC – recíproco
REIT – reiterativo
REF – reflexivo
REL – relator (genitivo) e sufixo relativo
S – singular
SUJ – sujeito
V – verbo

RESUMO

Este trabalho analisa os valores dos morfemas de tempo e de modalidade da língua balanta. O balanta é uma língua falada entre Casamansa, sul do Senegal, e o rio Geba, norte de Guiné-Bissau. A língua balanta pertence à família Atlântica do tronco Nigero-Congolês, que possui como línguas mais faladas: fula, uolofe (wolof), diola, serer, temne. A língua balanta se encontra no braço do norte, no grupo denominado Bak, juntamente com o diola, o manjaco, o mancanha e o papel. O paradigma verbal do balanta apresenta os seguintes morfemas de tempo e de modalidade: {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {be-} ‘futuro’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’, e {-ɪ} ‘inconcluso’, os quatro últimos são usados para expressar a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional ou ao valor de verdade do enunciado, ou em relação ao ouvinte a quem o enunciado se destina. O morfema {-Ø} ‘presente’, de acordo com o paradigma verbal e o tipo de verbo, apresenta valores como presente e passado no acabado; presente ou futuro no inacabado; os morfemas de modalidade, de acordo com o paradigma verbal e o tipo de verbo, apresentam valores como mudança de estado e interrupção da ação, fechamento da ação no tempo e certeza ou não fechamento da ação e incerteza.

ABSTRACT

The focus on this paper is to show the values of the tenses and the modality morphemes in the Balanta language. The Balanta is a language spoken between Casamance, South of Senegal, and Geba River, north of Guinea-Bissau. The Balanta is an Atlantic language of the Niger-Congo branch, of which Ffulde, Wolof, Diola, Serer, Temne are among the most spoken. The Balanta is located in the north branch, in the group called Bak, together with Diola, Mandyak, Mankanya and Papel. The verbal paradigm of Balanta presents the following tenses and modality morphemes: {-Ø} 'present', {-yɔ} 'remote past', {be-} 'future', {-gɛ} 'change of stage', {-tɛ} 'deictic', {-ʊ} 'conclusive', {-ɪ} 'inconclusive', the last four morphemes are used to express the attitude of the speaker in relation to the propositional content or in relation to the truth of the statement, or in relation to the listener. The morpheme {-Ø} 'present', in accordance with the verbal paradigm and the kind of verb, present values such as present and past in the perfective, present or future in the imperfective; the modality morphemes, in accordance with the verbal paradigm and the kind of verb, present values such as change of stage and interruption action, closing action in the time and certitude, no action closing and incertitude.

RESUMÉ

Cette thèse présente une analyse des morphèmes de temps et de modalité en balante. Le balante est une langue du groupe atlantique (sous-groupe bak) parlée au sud-ouest du Sénégal et à Guinée-Bissau. Le paradigme verbal du balante présente les morphèmes de temps et de modalité suivants : {-Ø} 'présent', {-yɔ} 'passé éloigné', {be-} 'futur' {-gɛ} 'changement d'état', {-tɛ} 'déictique', {-ɔ} 'conclusif', {-ɪ} 'inconclusif', les quatre derniers sont utilisés pour indiquer l'attitude du locuteur par rapport au contenu de la proposition, à la valeur de vérité de l'énoncé, ou par rapport à son interlocuteur. Le morphème {-Ø} 'présent', selon le paradigme verbal et le type de verbe, présentent des valeurs de présent ou passé dans l'accompli; présent ou futur dans l'inaccompli; les morphèmes de modalité, selon le paradigme verbal et le type de verbe, présentent des valeurs de changement d'état et l'interruption du procès, l'achèvement du procès dans le temps et certitude ou le non-achèvement du procès et incertitude.

INTRODUÇÃO

1. A língua balanta e seus falantes

O balanta é uma língua falada entre Casamansa, sul do Senegal, e o rio Geba, norte de Guiné-Bissau (cf. Wilson, 1989: 88). A língua balanta pertence à família Atlântica do tronco Nigero-Congolês, que possui como línguas mais faladas: fula, uolofe (wolof), diola, serer, temne. A língua balanta se encontra no braço do norte, no grupo denominado Bak, juntamente com o diola, o manjaco, o mancanha e o papel (cf. Wilson, 1989).

O balanta-ganja recebe vários nomes: fjaa, balant, balante, balanda, ballante, belante, bulanda, brassa, alante, fraase; apresenta 2 dialetos: fganja (ganja) e fjaalib (blip). Os falantes do balanta-ganja são bilíngües em mandinga; seu povo tem uma população de 106.350 no Senegal (conforme censo de 2002. *In*: Gordon, 2005). Ao lado do balanta-ganja que apresenta esses dois dialetos se encontra o balanta-kentohe da Guiné-Bissau, considerada uma língua distinta do balanta-ganja. As diversas denominações que recebem os balantas e a língua balanta foram dadas ora pelos portugueses, ora pelos próprios balantas, ora pelos mandingas (c.p. Jean-Louis Rougé).

Os falantes balantas que me auxiliaram neste trabalho são do sexo masculino, todos têm curso superior e se encontravam em Dacar-Senegal, envolvidos em algum trabalho na Direção de Alfabetização e de Línguas Nacionais (Direction de l'Alphabétisation et des Langues Nationales – DALN), com a política, com os estudos ou com algum projeto relacionado ao povo balanta. Todos se preocupam com a preservação da língua, com a diáspora balanta, com a falta de emprego dos jovens balantas recém-formados na Universidade de Dacar e são assíduos no vilarejo balanta. Além dos dados coletados com eles, alguns dados são retirados do programa de rádio em balanta na 'ndef leng FM 93.4'.

Como várias línguas no mundo, o balanta é uma língua ameaçada de extinção, sufocada por outras línguas majoritárias à sua volta. No Senegal, as línguas mais influentes são o uolofe (wolof) em Dacar, o fula na região do Kolda, e o diola em Ziguinchor; destaca-se, também, a influência da língua francesa no país. Na região do Kolda, onde se encontra o território balanta, a língua balanta tem sido substituída, pelos mais jovens, pela língua

mandinga. A presença dessas línguas majoritárias e uma política lingüística ainda incipiente tornam as demais línguas vulneráveis ao desaparecimento.

2. Os trabalhos anteriores

Há poucas obras sobre a língua balanta, Biaye (2003/2004, 2004/2005), Canu (1965), Doneux (1975b, 1984), Fudeman (1999, 2001, 2004), Leprince (1907), N'diaye-Corréard (1961, 1969, 1970, 1973, s/d), Sapir (1971), Souza (1946) e Wilson (1961a). Uma lista completa dessas obras se encontra na bibliografia deste trabalho.

Estas obras podem ser divididas em dois tipos: obras que apresentam uma lista de palavras em balanta, às vezes, com uma transcrição baseada na ortografia do francês ou do português, e obras que descrevem algum(ns) aspecto(s) da língua. No primeiro grupo, encontram-se Canu (1965), N'Diaye-Corréard (1961), Souza (1946); no segundo grupo, encontram-se Biaye (2003/2004, 2004/2005), Doneux (1975b, 1984), Fudeman (1999, 2001, 2004), N'Diaye-Corréard (1969, 1970, 1973, s/d), Sapir (1971), Wilson (1961a). Este último grupo pode ser subdividido em estudos comparatistas e estudos sincrônicos: os estudos comparatistas compreendem Doneux (1968, 1975b, 1984) e Sapir (1971), sendo que Doneux (1984) é uma reconstrução do balanta a partir de seus 'dialetos', visando postular uma ortografia oficial para a língua; os estudos sincrônicos compreendem Biaye (2003/2004, 2004/2005), Fudeman (1999, 2001, 2004), N'Diaye-Corréard (1969, 1970, 1973, s/d) e Wilson (1961a). Dentre os estudos sincrônicos, Biaye (2003/2004) trata da fonologia; Biaye (2004/2005), Fudeman (2004) e N'Diaye-Corréard (1969) tratam da morfologia, mais especificamente do sistema pronominal, dos adjetivos e da classificação nominal, respectivamente; Fudeman (1999, 2001), N'Diaye-Corréard (1970, s/d) e Wilson (1961a) tratam da gramática em geral, incluindo a sintaxe; a única obra dedicada, exclusivamente, à organização do sistema verbal da língua é a de N'Diaye-Corréard (1973).

Doneux (1968), em *Les systèmes phonologiques des langues de Casamance*, trata dos sistemas fonológicos de várias línguas de Casamansa, incluindo o sistema fonológico da língua balanta. Doneux (1968) descreve somente os sistemas consonantal e vocálico do balanta, deixando, para estudos posteriores, o sistema tonal e aspectos da morfologia e da sintaxe. N'Diaye-Corréard (1970), em *Etudes fca ou balante (dialecto Ganja)*, descreve a fonologia da língua, a morfologia dos nomes, que agrupa em classes, e faz alguns apontamentos sobre o verbo.

Um dos trabalhos sobre o balanta que busca mostrar a organização do sistema verbal desta língua é o de N'Diaye-Corréard (1973). Este trabalho divide o sistema verbal do balanta em quatro modos: o infinitivo, marcado com {-aʔ} ou {-naʔ}; o injuntivo, marcado com {-Ø} e {-na}; o indicativo, dividido em dois aspectos {Ø-} 'acabado' e {n-} 'inacabado'; e o hipotético, marcado com {s-}, que compõem o paradigma do afirmativo.

Todas as formas do afirmativo apresentam sua contraparte negativa, exceto o infinitivo: o injuntivo, marcado com {bag}; o indicativo, no acabado, marcado com o {alongamento do índice de pessoa + alongamento da primeira consoante do verbo} e, no inacabado, marcado com o {índice de pessoa + ggə-}; o hipotético, marcado com {índice de pessoa + gɛ}.

Um problema recorrente nestes trabalhos é a utilização de diferentes designações para determinados morfemas, às vezes, sem justificá-las, tais como, o uso dos termos 'adestivo, intencional, direcional' para o morfema que indica *dêixis* na língua, cuja forma é {-tɛ}, e que tem o valor determinado pelo verbo com o qual se combina; em todas as designações se verifica o valor de *dêixis* deste morfema, como na definição de 'adestivo': este morfema indica que 'a ação faz o movimento para o lugar do discurso'; o trabalho de N'Diaye-Corréard (1973), por exemplo, utiliza 'não-objetivo' para os sufixos {-i} e {-u}, mas não especifica se o termo diz respeito à presença *versus* ausência de complemento verbal, algo da sintaxe, ou se diz respeito a critérios subjetivos, algo do discurso; o que dificulta a compreensão dos trabalhos e a possibilidade de cotejá-los melhor.

3. O método de trabalho utilizado

A preparação para o trabalho de campo envolveu a elaboração de três tipos de fichas: o primeiro, baseado nos trabalhos sobre o balanta, visava verificar a existência ou não de determinadas formas no balanta-ganja; o segundo, baseado nos modelos de fichas de Robert (2004), trazia um exemplo com o verbo a ser estudado dentro do paradigma verbal, visando obter o contexto em que este ocorre, o comentário do falante e a comparação com algum outro paradigma, ou com algum outro verbo no mesmo paradigma ou em um paradigma distinto; o terceiro, também, baseado em Robert (2004), foram de fichas vazias com a finalidade de obter dados espontâneos da língua. Além disso, coletamos algumas narrativas, provérbios e contos.

De uma maneira geral, o quadro teórico utilizado é o funcionalismo e a lingüística descritiva. A investigação sobre a morfologia do verbo em balanta se pauta pelos dados da

língua e, a partir desses, à medida que se fizer necessário, apelar-se-á a diferentes quadros teóricos, mantendo como recurso freqüente a teoria da enunciação descrita nos trabalhos de Culioli (1990, 1995) e Caron (2000), como faz Robert (1991) para o uolofe (wolof). Para Culioli (*apud* Robert, 1991), o sentido de um enunciado se constrói por diferentes tipos de relacionamentos que constituem as operações predicativas e vão determinar os termos a fim de construir o sentido e o valor referencial do enunciado. Esses relacionamentos construtores de determinações intervêm em três níveis: no nível nocional, no nível predicativo e no nível enunciativo; cada nível tem suas especificidades, mas, fundamentalmente, tem-se sempre uma operação de relacionamento que fornece a um termo um valor referencial que ele não tem inicialmente; esta operação fundamental, Culioli a chama de localização (*repérage*) é ela que vai permitir esta dinâmica na construção de sentidos que articula os diferentes níveis. A operação de localização é sempre construída entre dois termos, em que um é o localizador (*repère*) e o outro o localizado (*repéré*); os termos podem, portanto, remeter aos lexemas, às relações predicativas ou aos pontos de ancoragem enunciativos. Essa concepção de enunciação permite analisar os diferentes valores de emprego dos morfemas que adquirem, portanto, o seu sentido no enunciado.

Para a elaboração deste trabalho, adota-se a metodologia descrita por Robert (1991, 2004). A utilização desse método de trabalho e dos recursos da teoria da enunciação para a análise do sistema verbal do balanta é a primeira tentativa de análise que parte dos contextos e dos valores de emprego dos verbos nesta língua. O uso desta metodologia na descrição do balanta torna possível o uso de designações mais precisas e justificáveis para as glosas; detecta e explica os contextos em que um mesmo morfema apresenta valores distintos, principalmente com relação aos morfemas de tempo e de modalidade {-Ø} ‘presente’, {-yo} ‘passado remoto’, {be-} ‘futuro’, {-ge} ‘mudança de estado’, {-te} ‘dêitico’, {-v} ‘concluso’ e {-i} ‘inconcluso’, foco deste trabalho. Desses morfemas, por exemplo, {-Ø} ‘presente’ mantém o seu valor de tempo em todos os paradigmas, oscilando entre presente e passado e entre presente e futuro, conforme o aspecto e o tipo de verbo.

No decorrer do trabalho será mantida a tradução livre em francês, em geral nos dada pelo falante do balanta, sem corrigir os eventuais erros ou desvios em relação ao francês padrão, além da tradução em português, que se justifica pelo fato de os dados terem sido coletados naquela língua e, somente depois, ter-se feito uma tradução para o português. Com relação aos nomes usados para o balanta, quando nas resenhas, será mantido o nome que o autor utilizou, seja fca, ja, balanta-ganja ou outro.

4. Observações preliminares sobre as estruturas do balanta

4.1. Fonologia e ortografia

O balanta já tem elaborada a sua ortografia (cf. Ministère de l'Education. <Décret n° 2005-979 relatif à l'orthographe et la séparation des mots en balant>. République du Sénégal, Dakar: 21 octobre 2005), mas optamos por utilizar, no decorrer deste trabalho, uma transcrição com os seguintes caracteres:

Quadro 1: Os fonemas do balanta: consoantes

p			t	c	k	
b			d	j	g	
m			n	ɲ	ŋ	
			r			
	f	θ	s			h
			l			
w			y			
ɸ						

Quadro 2: Os fonemas do balanta: vogais

i	ii			u	uu
ɪ	ɪɪ			ʊ	ʊʊ
e	ee			o	oo
ɛ	ɛɛ	ə		ɔ	ɔɔ
		a	aa		

A diferença do quadro das consoantes e das vogais com relação à ortografia da língua está no fato de que a ortografia não representa as plosivas surdas [p], [c], [k], devido ao número reduzido desses sons na língua, optando por representá-las por sua contraparte sonora, respectivamente; não representa, também, o [ə]; e distingue as vogais [+ tensas] das [- tensas], utilizando o diacrítico ['] sobre as vogais [+ tensas]. Embora não estejam representadas no quadro, existem as pré-nasalisadas: [mb], [nt], [nd], [ɲj], [ŋg].

A opção de não se utilizar os símbolos ortográficos nos parece viável, principalmente, pelo fato de que, em um primeiro momento, seria necessário apresentar para cada dado uma quarta linha reservada à ortografia, e não utilizá-la diretamente. Outras razões são o fato de alguns símbolos serem difíceis de representar, como, por exemplo, o símbolo para /θ/, aproximadamente como $\mathbb{T}$; e o fato de a não existência de [p], [c], [k] implicar a duplicação da consoante sonora, bb, jj, gg para representá-las.

4.2. A classificação nominal e as alternâncias consonânticas

A respeito dos classificadores nominais, embora possamos nos pautar pelos trabalhos de Sapir (1971) e de N'Diaye-Corréard (1969, 1970), Doneux (1984), Fudeman (1999) e Biaye (2004/2005), os problemas de alternância consonantal persistem no contato entre consoantes em posição inicial no nome, exigindo, para uma melhor compreensão, a representação da estrutura subjacente do nome, por esta razão não se representará o número da classe, mas se utilizará o termo ‘classificador’. O morfema zero não será representado nos exemplos, visando não sobrecarregar a glosa e, conseqüentemente, o texto.

4.3. A questão dos tons

Decide-se, ainda, a respeito da fonologia, especificamente com relação ao tom, não representá-lo. Alguns autores assinalam uma relação entre esquemas tonais e modo, mas a distinção dentro do sintagma verbal pode ser feita com os elementos segmentais sem se recorrer aos esquemas tonais, porque a língua apresenta morfemas segmentais específicos para tempo, modo, aspecto, número, pessoa, polaridade e modalidade. Em alguns trabalhos é difícil depreender algum esquema tonal, porque, às vezes, marca-se o tom; às vezes, não; às vezes, ele é marcado diferentemente. Ouvidos acostumados ao tom não depreenderam tom quando lhes apresentamos os dados. Em suma, o sistema tonal, se existe, não foi suficientemente analisado e, para nós, claramente o tom em balanta não é lexical e, se há tom, este é gramatical.

O que se observa com relação a esse fato em balanta é que os trabalhos mais antigos quase sempre assinalam com um diacrítico, aparentemente, o grau de abertura, ou o tom sobre as vogais, mas os trabalhos mais recentes deixam de apontá-los, culminando com o trabalho de Biaye (2003-2004, 2004-2005) que apresenta uma análise do balanta em termos de acento

ou intensidade, e não de altura. Dos trabalhos que apresentam algum esquema tonal, temos Wilson (1961a) para o kəntɔhe da Guiné-Bissau e N'Diaye-Corréard (1973) para o fca.

Doneux (1984: 23) faz alguns comentários importantes sobre o tom em balanta. Inicialmente, segundo o autor, não é preciso marcar os tons em balanta, salvo raras exceções, como, por exemplo, para diferenciar, o morfema de '1P' e de '2P', cuja forma de '2P' é {bàa}; segundo, não se pode analisar o balanta em termos de acento, porque não há uma posição dentro da palavra que determine se há ou não uma altura; terceiro, o balanta é uma língua com colocação tonal obrigatória sobre os elementos morfológicos ou sintaticamente definidos; assim, quarto, por exemplo, é preciso definir regras, tais como: se uma palavra é um verbo (ou um verbativo (morfema verbal)) e este é o centro do sintagma verbal, ele porta obrigatoriamente um tom alto; por fim, este estudo resta fazer.

A respeito do tom, o que há em comum nesses estudos é que quase todos os autores que tratam do sistema pronominal marcam o tom somente na '2P', como se verifica no quadro:

Quadro 3: As formas pronominais do plural segundo Wilson (1961a), Doneux (1984) e Fudeman (1999)

	Wilson (1961a)	Doneux (1984)	Fudeman (1999)
1P	bɔ́-	ba(h)	báa-
2P	bà-	bàa	bàa
3P	bɔ̀-	bá	bi

5. O plano da obra

A respeito da organização deste trabalho, vale ressaltar que a teoria será trazida para o texto no contexto em que se fizer necessária, ou seja, no decorrer da discussão sobre as questões da língua; o mesmo se fará com relação às obras de referência sobre o balanta. Não se reserva, portanto, um capítulo para explicar a teoria ou revisar as obras existentes sobre o balanta. Inicialmente, apresenta-se a morfologia do verbo e como esta se organiza em uma perspectiva puramente formal e, em seguida, faz-se uma abordagem contextualizada de cada paradigma, sendo que, para cada um dos paradigmas, será reservado um capítulo. Este trabalho apresenta, então, as seguintes divisões: Introdução, capítulo I: A morfologia do

verbo, capítulo II: O acabado, capítulo III: O inacabado, seguem-se as Considerações finais e a Bibliografia.

O objetivo geral do presente estudo é descrever e explicar a estrutura do verbo em balanta-ganja. O trabalho consiste especificamente na abordagem dos morfemas de tempo e de modalidade afixados ao verbo: {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’ que podem apresentar valores distintos, conforme o paradigma verbal em que se encontram e o tipo de verbo com o qual se combinam:

Quadro 4: Os morfemas de tempo e de modalidade

tempo	modalidade
{-Ø} ‘presente’	{-gɛ} ‘mudança de estado’
{-yɔ} ‘passado remoto’	{-tɛ} ‘dêitico’
{be-} ‘futuro’	{-ʊ} ‘concluso’
	{-ɪ} ‘inconcluso’

Entendemos por modalidade uma modificação introduzida pelo falante no nível da predicação, como resultado das condições postas à sua realização e da relação entre os elementos envolvidos na produção do enunciado: falante, ouvinte, espaço, tempo, discurso anterior e universo de referência (cf. Mateus *et al*, 1989). O balanta utiliza alguns dos morfemas, enumerados no quadro (4), para a expressar a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional ou ao valor de verdade do enunciado, ou em relação ao ouvinte a quem o enunciado se destina.

Cabe esclarecer algumas designações que usamos para os morfemas com valor de tempo e de modalidade. O termo ‘mudança de estado’ para o morfema {-gɛ} indica um processo iniciado, mas não concluído, porque a ação foi abortada durante o processo devido a algum incidente/impedimento e se difere do termo inconcluso. Esse morfema indica também ‘anterioridade’ em relação a um evento no passado. O termo ‘concluso’ para o morfema {-ʊ} indica que um processo chegou a seu termo. Este morfema pode indicar ‘certeza’, ‘confirmação’, ‘resultado’, conforme o contexto. O termo inconcluso para o morfema {-ɪ} indica que uma ação se encontra em processo ou não chegou a termo ou indica que a ação ainda não se iniciou. Os termos ‘concluso’ e ‘inconcluso’ não são sinônimos de ‘acabado’ e ‘inacabado’, assemelham-se a ‘têlico’ e ‘atêlico’, aparentemente indicam se a ação tem um

ponto terminal claro ou não. O termo ‘futuro’, especificamente com {bə-} ‘futuro’, indica a ação de atingir um processo esperado, um tipo de processo conclusivo que ocorre após uma série de outros processos. A tradução de N’Diaye-Corréard (1973) para este morfema é ‘e depois’ e a glosa do falante ‘enfim, finalmente’. Com verbos discretos, {bə-} ‘futuro’, aparentemente um ‘futuro certo’, se opõe ao ‘inacabado assertivo presente’, cujo valor é ‘futuro’ para este tipo de verbo, um ‘futuro próximo’, opondo ‘recorte’ *versus* ‘continuidade’ do evento no ‘futuro’. O termo ‘dêítico’ para o morfema {-tə} não se enquadra dentro da categoria de modalidade, mas é difícil determinar para este morfema um rótulo mais adequado, porque o seu valor de modalidade decorre de seu emprego como um ‘dêítico’ na língua. Há outros termos próximos que poderiam se aplicar a este morfema, mas estes também não expressam diretamente modalidade, como, por exemplo, ‘adestivo’ do inglês *adessive*; alativo, ‘ilativo’ e ‘elativo’ do inglês *allative*, *illative* e *elative*; todos expressam ‘movimento’. Doneux (1984) utilizou para este morfema o termo *adestive* do francês.

Os valores destes morfemas decorrem da diferença entre os paradigmas de aspecto, acabado ou inacabado, e dos tipos de verbos: discretos, compactos ou densos com os quais os morfemas se encontram associados.

O termo acabado designa que o processo já se encontra localizado previamente no tempo antes do momento da enunciação (T_0), isto é, a ação já se encontra concluída; isso se verifica claramente no ‘acabado assertivo presente’, o que nos mostra que o sistema verbal em balanta é aspecto-temporal e não estritamente aspectual; e o termo inacabado designa que um processo não está concluído ou se encontra em curso no momento da enunciação.

A classificação discreto, compacto e denso para os verbos advém da classificação massivo e contável para os substantivos (cf. Culioli, 1976: 37, 94). Para a classificação dos verbos, acrescenta-se a classe dos verbos densos, já previsível na classificação dos substantivos em massivo e contável, como, por exemplo, ‘brancura’ (massivo), ‘galinha’ (contável), ‘manteiga’ (denso), este último substantivo se torna descontínuo se acrescido de quantificação, tal como ‘1kg de manteiga’ (c.p. Stéphane Robert).. Culioli acrescentou a categoria ‘denso’ à classificação tradicional dos nomes massivos, denominados por ele ‘compactos’, e contáveis, desdobrada por ele em ‘discretos’ e ‘densos’; em seguida, ele transferiu esta classificação dos nomes aos tipos de processos em seu artigo com Dennis Paillard (cf. Culioli e Paillard, 1987). A divisão na categoria dos verbos se pauta, principalmente, na característica dos verbos compactos, que não podem ser recortados no tempo, isto é, não se pode delimitar o início e o fim do processo, porque a ação é fechada em si mesma; já, com os verbos discretos, é possível distinguir etapas entre os momentos do

processo até a sua estabilização, isto é, podemos delimitar etapas dentro do processo ou ao menos seu início e fim; os verbos densos apresentam característica de um ou de outro conjunto, um verbo inicialmente compacto quando acrescido de algum complemento se torna descontínuo, apresentando característica de um verbo discreto. Com relação ao conjunto dos verbos discretos, estes podem ser divididos em agentivos e não-agentivos por selecionarem um sujeito agente do processo ou não; com relação ao conjunto dos verbos compactos, estes podem ser divididos em graduáveis e não graduáveis, por indicarem uma qualidade ou uma localização (cf. Robert, 1991: 303/8). Essa tipologia nos auxilia a determinar com clareza os valores que os morfemas enumerados no quadro (4) adquirem quando combinados a um ou a outro tipo de verbo em balanta. Neste trabalho, utiliza-se como critério para determinar se um verbo é compacto ou discreto a sua combinação no acabado com o morfema {-Ø} ‘presente’: se esta combinação resulta em um valor de ‘passado’, o verbo é discreto; se esta combinação resulta em um valor de ‘presente’, o verbo é compacto; se ora a combinação resulta em ‘passado’ ou em ‘presente’, o verbo é denso.

Os verbos a serem investigados em balanta são:

{baay} ‘jogar, brincar’, {baaybaay} ‘tocar’, {bin(tɛ)} ‘vir’, {dɪɪs} ‘continuar’, {fɔd} ‘bater’, {gaθ} ‘chegar’, {gɔb} ‘cair, derrubar’, {hab} ‘matar’, {lɔɔd} ‘morrer’, {lɔt} ‘cozinhar’, {luf} ‘insultar, provocar’, {luw} ‘latir’, {lus} ‘crescer’, {mas} ‘jogar futebol’, {num(tɛ)} ‘trazer, carregar, levar’, {rɪɪj} ‘chorar’, {rɛf} ‘ventar’, {saag} ‘pedir’, {siig} ‘beber’, {siim} ‘ouvir’, {sɔl} ‘secar’, {sɔsɔl} ‘secar (fazer secar)’, {sɔɔg} ‘chamar’, {tub} ‘chover’, {tum(le)} ‘vestir-se’, {wom(tɛ)} ‘comer’, {wun} ‘oferecer’, {naa} ‘dar’, {yal} ‘começar’, {yaant} ‘sair’, {yant} ‘vir’, {yaat} ‘entrar’, {yeen(de)} ‘casar-se’, {yizi} ‘deixar’, {yob(de)} ‘andar’, {yoon} ‘esperar, aguardar’, {yozi} ‘cortar’, {bonj(e)} ‘ser/estar bonita’, {saage} ‘ser/estar doente’, {bo} ‘ser/estar cansado’, {lep} ‘ser/estar pesado’, {fuun(tɛ)} ‘amar, querer, desejar’, {saant} ‘falar’, {tɔ} ‘ir’, {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’, {faw} ‘pregar/bater, aconselhar’, {jojoole} ‘ser/estar frio, fazer frio, esfriar, fazer esfriar’, {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, {noom} ‘ter coragem, confiar, ousar’, {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ e {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, superar-se, crescer, ser/estar maior/mais velho, ter mais’.

CAPÍTULO I

MORFOLOGIA DO VERBO

0. Introdução

Este capítulo apresenta a morfologia do verbo em balanta. Inicialmente, faz-se a apresentação dos morfemas que são imprescindíveis ao sintagma verbal e, em seguida, faz-se a apresentação de outros morfemas que, quando presentes, modificam em algum aspecto o sentido do verbo, denominados pela tradição africanista de afixos extensionais. Enfim, apresentaremos as formas nominais do verbo, o afixo relativo e os morfemas homófonos. Para a primeira parte deste estudo, utiliza-se o verbo {det(a)} ‘correr, fugir’ em todos os paradigmas possíveis do afirmativo.

O sistema verbal do balanta é aspecto-temporal. Contrapõem-se, dentro do sistema, os paradigmas do acabado e do inacabado com relação à forma. A forma de base do sistema é o acabado assertivo presente, marcado por {Ø}. É difícil determinar com precisão a ordem dos afixos no sintagma verbal, porque alguns morfemas, embora se encontrem numa relação de substituição um é prefixal e o outro sufixal e porque a língua parece combinar morfemas de um e de outro paradigma para formar um terceiro. No primeiro caso uma forma descontínua como {ngi... ...-mɔ} ‘habitual inexorável’ se encontra numa relação de substituição com {ngi} ‘habitual’; no segundo caso, a língua combina {gi} ‘cópula’ comum ao hortativo com {a} ‘locativo’ e uma forma verbo-nominal para formar o paradigma do progressivo. Face disso, podemos depreender uma ordem relativamente comum, mesmo que alguns afixos não se sigam ou não se combinem: (ÍNDICE DO SUJEITO) + (NEGAÇÃO) + MODO/ASPECTO + (TEMPO) + RADICAL VERBAL + (EXTENSÕES) + (MODO/ASPECTO) + (MODALIDADE) + TEMPO:

Quadro 5: A combinação dos morfemas de modo/aspecto

paradigma	modo/aspecto		modo/aspecto
assertivo	{Ø-} ‘acabado’		
hipotético	{Ø-} ‘acabado’		{-mɔ} ‘hipotético’
imperativo singular	{Ø-} ‘acabado’		
imperativo plural	{Ø-} ‘acabado’		{-na} ‘imperativo plural’
assertivo	{n-} ‘inacabado’		
habitual	{n-} ‘inacabado’	{gi} ‘cópula’	
habitual inexorável	{n-} ‘inacabado’	{gi} ‘cópula’	{-mɔ}
progressivo		{gi} ‘cópula’	
hortativo		{gi} ‘cópula’	
hortativo negativo	{n-} ‘inacabado’	{bag} ‘hortativo negativo’	

Exemplo: {a-ngi dɛt-mɔ} ‘ele tem o hábito de correr’

índice de pessoa	modo/aspecto	radical verbal	modo/aspecto	tempo
{a-} ‘3S.suj’	{ngi} ‘hab’	{dɛt} ‘correr’	{{-mɔ}} ‘inex’	{-Ø} ‘pres’

Os morfemas descritos entre parênteses não estão presentes em todos os paradigmas, por exemplo, o índice de pessoa sujeito em balanta, face a um sintagma nominal pleno, seja um nome ou um pronome livre, não é realizado; o morfema de tempo que aparece na terceira posição {bɔ-} marca o ‘futuro’, dispensando a marca de tempo que aparece ao final do sintagma; a marca modo/aspecto após o radical verbal é característica do imperativo e do habitual inexorável; os demais morfemas que aparecem após o verbo são de tempo e de modalidade: {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêítico’, {-ʊ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’. A organização estrutural em tempo, modo e aspecto nem sempre recobre a ordem dos afixos como aparecem no sintagma.

Alguns dos morfemas de modo/aspecto são partículas e não afixos, como, por exemplo, {ngi} ‘habitual’ e {gi} ‘progressivo’; atraindo para si afixos que, normalmente, seriam anexados ao verbo, o que pressupõe um acento fonológico próprio, que faltaria às

demais formas, como o {n-} ‘inacabado’, por exemplo. A forma {ngi} ‘habitual’, aparentemente, é composta por {n-} ‘inacabado’ + {gi} ‘cópula’, que, em sua forma negativa, sofre um processo de alternância vocálica para {nge} ‘habitual negativo’. A forma do ‘habitual’ não será segmentada na glosa, embora contenha dois morfemas, consideraremos o valor da forma como um todo.

Cabe ressaltar que as designações dadas aos paradigmas verbais e aos afixos buscam organizar o estudo para que se obtenha uma análise mais consistente do sistema verbal da língua balanta, levando em conta a advertência de Welmers (1973) de que muitas vezes os rótulos da tradição greco-latina não são adequados aos fenômenos linguísticos que encontramos em outras línguas.

1. O sistema pronominal

Os pronomes sujeito em balanta se dividem em formas livres e presas ou índice do sujeito; e as primeiras, ainda, sofrem um tipo de subdivisão em formas simples e enfáticas; a ‘3S.suj’ apresenta duas formas ‘presente’ ou ‘ausente’ e as ‘3suj’ não apresentam diferença de gênero:

Quadro 6: Os pronomes sujeitos

		livres		índice do sujeito	
		simples	enfáticas	afirmativo	negativo
1S	acabado	ji	jima	n-	nn-
	inacabado			i-	
2S		hu	huma	u-	uu-
3S	presente	hi	hima	a-	aa-
	ausente	hidi	hidima		
1P	exclusivo	baan	baanma, baanba	bâ-	bâa-
	inclusivo	bâana		bâa-... -na	bâana
2P		bâa	bâaba	bâ-	bâa-
3P		bi	baama	bə- ~ bæ- ~ bi-	bəə- ~ bæə- ~ bii-

Além das diferenças referidas acima, diferenciam-se as formas presas em afirmativas e negativas, devido a um tipo de negação feita com o alongamento da primeira vogal do prefixo, representada por {VV-} ‘não’; as formas para a ‘1S.suj’, {n-} ‘acabado’ e {i-} ‘inacabado’; e as formas para a ‘1P.suj’ entre pronome exclusivo e inclusivo (questão não referida em estudos anteriores).

A forma presa da ‘1P’ é {bâa...-na} é descontínua no afirmativo. O problema que se coloca com relação a esta aparente descontinuidade do morfema de ‘1P.suj’, descrito por N’Diaye-Corréard (1970) se deve ao fato de, em alguns contextos, esta forma se assemelhar a um modo indicativo, mas, em outros contextos, é clara a sua interpretação como um tipo de injuntivo, mais especificamente um imperativo. Esta mesma forma, tida por N’Diaye-Corréard (1970) como ‘1P.suj’, é tratada por Wilson (1961a) como um imperativo, em que, segundo ele, o imperativo singular se caracteriza pela ausência total de marcas e que o imperativo plural tem um sufixo {-na}.

Nós descrevemos as formas {bâa...-na} e {bâana} ‘1P.suj.incl’ como a junção de {bâa} ‘1P.suj’ e {-na} ‘2S.obj’, que resulta na interpretação de inclusividade deste pronome. É com relação à forma descontínua, característica do morfema preso, que ocorre a ambigüidade entre as formas homófonas {-na} ‘2S.obj’ e {-na} ‘imperativo plural’, que resulta na ambigüidade entre os paradigmas do acabado assertivo e do acabado imperativo.

O balanta utiliza alguns pronomes do quadro (6), como marcadores de indeterminação do sujeito e como expletivos. Do conjunto {bə-} ‘3P.suj’ e {u-} ‘2S.suj’ são usadas como marcadores de índice de indeterminação do sujeito e {a-} ‘3S.suj’ como pronome expletivo. Com relação aos expletivos, quando a forma é livre, o balanta utiliza um sintagma nominal pleno cognato ao verbo, o que leva a ‘diferentes’ expletivos na língua. Verbos de fenômeno sem mudança de estado, como {tub} ‘chover’ e {rɛf} ‘ventar’, apresentam um nome cognato ao verbo na posição sujeito e verbos de fenômeno com mudança de estado, como {jojoole} ‘esfriar’, têm a posição sujeito preenchida por {wil} ‘coisa’ ou por um ‘advérbio de tempo’.

Há uma estreita relação entre os pronomes sujeitos em balanta e o verbo. A marca de sujeito no verbo é imprescindível em orações negativas, mas, em orações afirmativas, podem ou não serem realizadas: se o sujeito figura na proposição por meio de um sintagma nominal pleno ou um pronome livre, a marca de sujeito não se realiza no verbo, mas, se não há um sintagma nominal pleno ou o um pronome livre na proposição, a marca de sujeito no verbo se torna obrigatória, este fenômeno é observado por N’Diaye-Corréard (1970) e analisado por Gomes (2002).

Além dos pronomes arrolados em (6), podemos utilizar em balanta a concordância por meio do sistema de classe (cf. Wilson, 1961a, N'Diaye-Corréard, 1969, 1970 e Fudeman, 1999). E, para a concordância no adjetivo, temos {a-} ou {u-} (cf. Fudeman (1999 e 2004).

Nos estudos sobre o balanta, além da descrição dos pronomes sujeitos, encontramos, também, a descrição dos pronomes objetos diretos e possessivos (cf. Wilson (1961a: 146), N'Diaye-Corréard (1970 : 108), Doneux (1984: 66), Fudeman (1999: 71) e Biaye (2004/2005: 25/6), mas os objetos indiretos não são representados por nenhum dos autores referenciados acima. Com relação aos pronomes objetos indiretos, verificamos que as formas dos pronomes objetos indiretos plural coincidem com as formas dos pronomes possessivos plural:

Quadro 7: Os pronomes objetos e possessivos

		direto	indireto	possessivo
singular	1	-ni	-da	-da
	2	-na	-de	-de, dima, mina
	3	-ma	-ni	-ni, nima
plural	1	-bânɲ	-ban	-baɲ
	2	-ba	-baa	-baa
	3	-bà	-ba	diimba

2. Os morfemas de tempo, modalidade, modo, aspecto e negação

Os morfemas de aspecto em balanta são {Ø-} ‘acabado’ e {n-} ‘inacabado’; os morfemas de tempo são {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {bə-} ‘futuro’; os morfemas de modalidade são {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’, {-ɪ} ‘inconcluso’ e, além dessas formas, há outras que se combinam para formar os paradigmas verbais da língua, destacando-se {gi} ‘cópula’ e {-mɔ} ‘hipotético’.

O imperativo e o hipotético são paradigmas do acabado, o hortativo, o habitual e o progressivo são paradigmas do inacabado e o assertivo se declina no acabado e no inacabado.

Dos paradigmas acima, {gi} ‘cópula’ compõe os paradigmas do habitual, do hortativo e do progressivo, além de construções atributivas. Não é necessário diferenciá-lo no habitual, porque aparece antecedido de {n-} ‘inacabado’, mas é necessário, diferenciá-lo nos demais contextos. A diferença entre {gi} com valor de ‘cópula’, com valor de ‘progressivo’ e com o

valor de ‘hortativo’ é feita pelo contexto: antes de um adjetivo; antes de um radical verbo-nominal, ligado por {a} ‘locativo’; ou antes de um radical verbo-nominal, ligado diretamente.

Quadro 8: Os afixos verbais do balanta

modo	aspecto	tempo e modalidade
assertivo: {Ø}	acabado: {Ø-}	presente: {-Ø}
hipotético {-mɔ}	inacabado: {n-}	passado remoto: {-yɔ}
imperativo: {Ø} ‘singular’ / {-na} ‘plural’	habitual: {ngi} ‘inacabado-cópula’	futuro: {bə-}
hortativo: {gi} ‘cópula’	habitual inexorável: {ngi... ...-mɔ}	mudança de estado: {-ge}
hortativo negativo: {bag}	progressivo: {gi + a + ...-e} ‘cópula-locativo-nominalizador’	dêitico: {-tɛ}
		concluso: {-ʊ}
		inconcluso: {-ɪ}

A negação em balanta não é analisada neste trabalho, mas contrapomos alguma frase afirmativa à sua contraparte negativa quando necessário. Representamos no quadro somente os morfemas que utilizamos neste trabalho, cientes de que talvez outros existam:

Quadro 9: A negação em balanta

acabado	inacabado
{VV-} ‘não’	{bag} ‘não (hortativo)’
{VV-ti} ‘não’	{VV-ti} ‘não’
{ta} ‘ainda não’	{tiŋa} ‘não mais’
{VV-tta} ‘não mais’	{nge} ‘não (habitual)’

A negação {VV-} ‘não’ tem obrigatoriamente o índice de sujeito explícito porque envolve o alongamento da vogal do prefixo sujeito. A negação {VV-ti} ‘não’ parece ocorrer nos paradigmas do acabado e do inacabado. No paradigma do acabado aparece no acabado assertivo negando o habitual simples (cf. 89, cap. III); no paradigma do inacabado aparece no inacabado assertivo negando o habitual inexorável (cf. 87, cap. III).

2.1. Os paradigmas do acabado

Em termos formais, o acabado em balanta se caracteriza pela ausência de prefixo no sintagma verbal; em termos semânticos, o termo acabado, é empregado neste trabalho, numa tradução direta do francês *accompli*, para designar que o processo já se encontra localizado previamente no tempo antes do momento da enunciação, isto é, a ação já se encontra concluída, o que implica um valor passado para os verbos discretos, porque se distingue com esses verbos os momentos do processo até à sua estabilização e um valor de presente com os verbos compactos, porque esses não são recortáveis no tempo.

2.1.1. Os paradigmas do acabado imperativo

O acabado imperativo tem sua forma completamente desprovida de afixos no singular e, no plural, combina-se com o sufixo {-na} para formar o acabado imperativo segunda pessoa do plural e o acabado imperativo primeira pessoa do plural, sendo que o segundo difere do primeiro por ter preenchida a posição sujeito:

Quadro 10: Os paradigmas do acabado imperativo

segunda singular	segunda plural	primeira plural
Ø + V + Ø	Ø + V + {-na} + Ø	Suj + Ø + V + -na + Ø
det	det-na	ba-det-na
correr	correr-imp.p	1P-correr-imp.p
‘corra; <i>cours</i> ’	‘corram; <i>courez</i> ’	‘corramos; <i>courons</i> ’

2.1.2. Os paradigmas do acabado assertivo

Neste paradigma os índices de pessoa são obrigatórios, salvo em presença de um sintagma nominal ou pronome pleno.

O acabado assertivo se combina com os morfemas de tempo: {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, e com os morfemas de modalidade {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’ e {-v} ‘concluso’:

Quadro 11: Os paradigmas do acabado assertivo

	tempo		modalidade		
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêítico	concluso
	Suj + Ø + V + -Ø	Suj + Ø + V + -yɔ	Suj + Ø + V + -gɛ	Suj + Ø + V + -tɛ	Suj + Ø + V + -ʊ
1S	n-dɛt	n-dɛt-yɔ	n-dɛt-gɛ	n-dɛt-tɛ	n-dɛt-ʊ
2S	u-dɛt	u-dɛt-yɔ	u-dɛt-gɛ	u-dɛt-tɛ	u-dɛt-ʊ
3S	a-dɛt	a-dɛt-yɔ	a-dɛt-gɛ	a-dɛt-tɛ	a-dɛt-ʊ
1P	bâ-dɛt	bâ-dɛt-yɔ	bâ-dɛt-gɛ	bâ-dɛt-tɛ	bâ-dɛt-ʊ
2P	ba-dɛt	ba-dɛt-yɔ	ba-dɛt-gɛ	ba-dɛt-tɛ	ba-dɛt-ʊ
3P	bə-dɛt	bə-dɛt-yɔ	bə-dɛt-gɛ	bə-dɛt-tɛ	bə-dɛt-ʊ

2.1.3. Os paradigmas do acabado hipotético

O modo hipotético é marcado pelo sufixo {-mɔ}. Este paradigma se combina com {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’:

Quadro 12: Os paradigmas do acabado hipotético

	presente	passado remoto
	Suj + Ø + V + -mɔ + -Ø	Suj + Ø + V + -mɔ + -yɔ
1S	n-dɛt-mɔ	n-dɛt-yɔ-mɔ
2S	u-dɛt-mɔ	u-dɛt-yɔ-mɔ
3S	a-dɛt-mɔ	a-dɛt-yɔ-mɔ
1P	bâ-dɛt-mɔ	bâ-dɛt-yɔ-mɔ
2P	ba-dɛt-mɔ	ba-dɛt-yɔ-mɔ
3P	bə-dɛt-mɔ	bə-dɛt-yɔ-mɔ

2.2. Os paradigmas do inacabado

Em termos formais, o inacabado em balanta se constrói com o prefixo {n-} ‘inacabado’ e, em termos semânticos, o termo inacabado é empregado neste trabalho, numa tradução direta do francês *inaccompli*, para designar que um processo não está concluído ou

se encontra em curso, servindo, por exemplo, para explicar o habitual, o progressivo e o futuro. Numa definição dentro da terminologia da teoria da enunciação, segundo Robert (1991: 260), o inacabado indica que, em um momento T, o processo p foi desencadeado, orientado para o seu fechamento, mas o fechamento do processo não foi ainda atingido.

2.2.1. Os paradigmas do inacabado hortativo

O hortativo se compõe de dois paradigmas: o afirmativo, composto por {gi} ‘cópula’ + radical verbo-nominal; e, o negativo, composto por {n-} ‘inacabado’ e a partícula {bag} ‘hortativo negativo’. Somente o segundo recebe a marca de inacabado, o primeiro se caracteriza pela presença de {gi} ‘cópula’ comum a outros paradigmas do inacabado, o habitual e o progressivo:

Quadro 13: Os paradigmas do inacabado hortativo

	afirmativo	negativo
	Suj + gi + VN	Suj + n- + bag + V
1S	i-gi dēt-a	i-n-bag dēt
2S	u-gi dēt-a	u-n-bag dēt
3S	a-gi dēt-a	a-n-bag dēt
1P	bâ-gi dēt-a	bâ-n-bag dēt
2P	ba-gi dēt-a	ba-n-bag dēt
3P	bə-gi dēt-a	bə-n-bag dēt

2.2.2. Os paradigmas do inacabado assertivo

O inacabado assertivo se combina com os morfemas de tempo: {-Ø} ‘presente’, {-yo} ‘passado remoto’, {-bə} ‘futuro’, e com os morfemas de modalidade: {-gε} ‘mudança de estado’, {-tε} ‘dêitico’, {-v} ‘concluso’, {-I} ‘inconcluso’:

Quadro 14: Os paradigmas do inacabado assertivo

	tempo			modalidade			
	presente	passado remoto	futuro	mudança de estado	dêítico	concluso	inconcluso
	Suj + n- + V + Ø	Suj + n- + V + -yɔ	Suj + n- + bə- + V + Ø	Suj + n- + V + -gɛ	Suj + n- + V + -tɛ	Suj + n- + V + -ʊ	Suj + n- + V + -ɪ
1S	i-n-dɛt	i-n-dɛt-yɔ	i-n-bə-dɛt	i-n-dɛt-gɛ	i-n-dɛt-tɛ	i-n-dɛt-ʊ	i-n-dɛt-ɪ
2S	u-n-dɛt	u-n-dɛt-yɔ	u-n-bə-dɛt	u-n-dɛt-gɛ	u-n-dɛt-tɛ	u-n-dɛt-ʊ	u-n-dɛt-ɪ
3S	a-n-dɛt	a-n-dɛt-yɔ	a-n-bə-dɛt	a-n-dɛt-gɛ	a-n-dɛt-tɛ	a-n-dɛt-ʊ	a-n-dɛt-ɪ
1P	bâ-n-dɛt	bâ-n-dɛt-yɔ	bâ-n-bə-dɛt	bâ-n-dɛt-gɛ	bâ-n-dɛt-tɛ	bâ-n-dɛt-ʊ	bâ-n-dɛt-ɪ
2P	ba-n-dɛt	ba-n-dɛt-yɔ	ba-n-bə-dɛt	bâ-n-dɛt-gɛ	ba-n-dɛt-tɛ	ba-n-dɛt-ʊ	ba-n-dɛt-ɪ
3P	bə-n-dɛt	bə-n-dɛt-yɔ	bə-n-bə-dɛt	bə-n-dɛt-gɛ	bə-n-dɛt-tɛ	bə-n-dɛt-ʊ	bə-n-dɛt-ɪ

2.2.3. Os paradigmas do inacabado habitual

O inacabado habitual é formado com o morfema {ngi}. Esta forma sozinha caracteriza o habitual simples e, quando acrescida de {-mɔ}, caracteriza o inacabado habitual inexorável, resultando na forma {ngi... ...-mɔ}. Semanticamente, ambos possuem um traço [+ persistivo], que indica no habitual simples ‘frequência’ e no habitual inexorável ‘imutabilidade’.

O inacabado habitual simples se combina com os morfemas de tempo: {-Ø} ‘presente’ e {-yɔ} ‘passado remoto’, e com os morfemas de modalidade: {-gɛ} ‘mudança de estado’ e {-tɛ} ‘dêítico’.

Quadro 15: Os paradigmas do inacabado habitual simples

	tempo		modalidade	
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêitico
	Suj + ngi + V + - Ø + -Ø	Suj + ngi + V + -Ø + -yɔ	Suj + ngi + V + -Ø + -gɛ	Suj + ngi + V + -Ø + -tɛ
1S	i-ngi det	i-ngi det-yɔ	i-ngi det-gɛ	i-ngi det-tɛ
2S	u-ngi det	u-ngi det-yɔ	u-ngi det-gɛ	u-ngi det-tɛ
3S	a-ngi det	a-ngi det-yɔ	a-ngi det-gɛ	a-ngi det-tɛ
1P	bâ-ngi det	bâ-ngi det-yɔ	bâ-ngi det-gɛ	bâ-ngi det-tɛ
2P	bà-ngi det	bà-ngi det-yɔ	bà-ngi det-gɛ	bà-ngi det-tɛ
3P	bə-ngi det	bə-ngi det-yɔ	bə-ngi det-gɛ	bə-ngi det-tɛ

O inacabado habitual inexorável se diferencia do inacabado habitual simples, devido ao acréscimo de {-mɔ} após o radical verbal numa sequência descontínua {ngi... ...-mɔ}. Esse paradigma se combina com os morfemas de tempo: {-Ø} ‘presente’ e {-yɔ} ‘passado remoto’, e com os morfemas de modalidade: {-gɛ} ‘mudança de estado’ e {-tɛ} ‘dêitico’:

Quadro 16: Os paradigmas do inacabado habitual inexorável

	tempo		modalidade	
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêitico
	Suj + ngi + V + - mɔ + Ø	Suj + ngi + V + -mɔ + -yɔ	Suj + ngi + V + -mɔ + -gɛ	Suj + ngi + V + -mɔ + -tɛ
1S	i-ngi det-mɔ	i-ngi det-mɔ-yɔ	i-ngi det-mɔ-gɛ	i-ngi det-mɔ-tɛ
2S	u-ngi det-mɔ	u-ngi det-mɔ-yɔ	u-ngi det-mɔ-gɛ	u-ngi det-mɔ-tɛ
3S	a-ngi det-mɔ	a-ngi det-mɔ-yɔ	a-ngi det-mɔ-gɛ	a-ngi det-mɔ-tɛ
1P	bâ-ngi det-mɔ	bâ-ngi det-mɔ-yɔ	bâ-ngi det-mɔ-gɛ	bâ-ngi det-mɔ-tɛ
2P	bà-ngi det-mɔ	bà-ngi det-mɔ-yɔ	bà-ngi det-mɔ-gɛ	bà-ngi det-mɔ-tɛ
3P	bə-ngi det-mɔ	bə-ngi det-mɔ-yɔ	bə-ngi det-mɔ-gɛ	bə-ngi det-mɔ-tɛ

2.2.4. Os paradigmas do inacabado progressivo

O sintagma verbal do progressivo é complexo, compõe-se de duas partes: (i) a que contém a cópula; e, uma segunda, (ii) que contém o radical verbo-nominal, ligados pelo

morfema {a} ‘locativo’. A primeira parte se compõe do índice de pessoa e da cópula; a segunda se compõe do classificador nominal + verbo + nominalizador. Às vezes, o morfema de classe não é visível, devido a algum processo morfofonológico; às vezes, aparentemente, o {-e} ‘nominalizador’ não se realiza ou não existe ou é substituído pela forma do ‘infinitivo’. Este último caso se verifica no paradigma abaixo.

Quadro 17: A estrutura do inacabado progressivo

	auxiliar	locativo	radical verbo-nominal		
	índice de pessoa + cópula		classificador nominal	verbo	nominalizador
1S	i-gi	a		dɛt	-a
2S	u-gi	a		dɛt	-a
3S	a-gi	a		dɛt	-a
1P	bâ-gi	a		dɛt	-a
2P	ba-gi	a		dɛt	-a
3P	bə-gi	a		dɛt	-a

Neste paradigma, os morfemas de tempo e de modalidade {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’ se associam ao auxiliar para formar os paradigmas do inacabado progressivo.

Quadro 18: Os paradigmas do inacabado progressivo

	tempo		modalidade			
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêitico	concluso	inconcluso
	Suj + gi + - Ø + loc + VN	Suj + gi + yɔ + loc + VN	Suj + gi + gɛ + loc + VN	Suj + gi + tɛ + loc + VN	Suj + gi + ʊ + loc + VN	Suj + gi + ɪ + loc + VN
1S	i-gi a dɛt-a	i-gi-yɔ a dɛt-a	i-gi-gɛ a dɛt-a	i-gi-tɛ a dɛt-a	i-gi-(d)ʊ a dɛt-a	i-gi-(d)ɪ a dɛt-a
2S	u-gi a dɛt-a	u-gi-yɔ a dɛt-a	u-gi-gɛ a dɛt-a	u-gi-tɛ a dɛt-a	u-gi-(d)ʊ a dɛt-a	u-gi-(d)ɪ a dɛt-a
3S	a-gi a dɛt-a	a-gi-yɔ a dɛt-a	a-gi-gɛ a dɛt-a	a-gi-tɛ a dɛt-a	a-gi-(d)ʊ a dɛt-a	a-gi-(d)ɪ a dɛt-a
1P	bâ-gi a dɛt-a	bâ-gi-yɔ a dɛt-a	bâ-gi-gɛ a dɛt-a	bâ-gi-tɛ a dɛt-a	bâ-gi-(d)ʊ a dɛt-a	bâ-gi-(d)ɪ a dɛt-a
2P	ba-gi a dɛt-a	ba-gi-yɔ a dɛt-a	ba-gi-gɛ a dɛt-a	ba-gi-tɛ a dɛt-a	ba-gi-(d)ʊ a dɛt-a	ba-gi-(d)ɪ a dɛt-a
3P	bə-gi a dɛt-a	bə-gi-yɔ a dɛt-a	bə-gi-gɛ a dɛt-a	bə-gi-tɛ a dɛt-a	bə-gi-(d)ʊ a dɛt-a	bə-gi-(d)ɪ a dɛt-a

3. Morfologia das combinações

3.1. Os morfemas extensionais

Segundo Childs (1987), o termo extensão verbal é utilizado na tradição banta para designar um morfema atado a um radical do verbo, que modifica o sentido do verbo. Os significados das extensões verbais assinaladas pelo autor, incluindo as encontradas em fula e em quissi (kisi) são dos seguintes tipos: reversivo: fechar *versus* abrir; associativo: ir em companhia ou fazer junto; distantivo: sentar lá; benefactivo: fazer algo para alguém; freqüentativo: fazer freqüentemente; diretivo: movimento para; potencial: poder fazer, ser possível; estativo: ser feito (*por alguém). Para o balanta, Wilson (1961a), N'Diaye-Corréard (1970), N'Diaye-Corréard (1973), Doneux (1975b), Doneux (1984) e Fudeman (1999) apresentam alguns dos morfemas extensionais nesta língua.

Como foi afirmado na introdução, um dos problemas que se encontra com relação aos trabalhos em balanta é a existência de rótulos distintos para um mesmo morfema e a existência de rótulos sem justificativa, junta-se a isso a existência de formas distintas para um mesmo sentido. Embora não trataremos dos sufixos extensionais em profundidade, procuramos enumerar as extensões verbais encontradas em nosso estudo e as combinações apresentadas entre elas.

As extensões encontradas foram $\{-(n)d\epsilon\}$ ‘recíproco’, $\{-de\}$ ‘reiterativo’ e $\{-le\}$ ‘reflexivo’ que aparecem combinadas com os morfemas de modalidade $\{-t\epsilon\}$ ‘dêitico (adestivo, direção, lugar)’ e $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’. Algumas das combinações encontradas foram $\{-(n)d\epsilon\}$ ‘recíproco’ + $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’, $\{-de\}$ ‘reiterativo’ + $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’, $\{-t\epsilon\}$ ‘dêitico’ + $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’, $\{-le\}$ ‘reflexivo’ + $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’, $\{-t\epsilon\}$ ‘dêitico’ + $\{-le\}$ ‘reflexivo’, $\{-(n)d\epsilon\}$ ‘recíproco’ + $\{-t\epsilon\}$ ‘dêitico’.

Quadro 19: Extensões verbais

$\{-(n)d\epsilon\}$	recíproco
$\{-de\}$	reiterativo
$\{-le\}$	reflexivo

3.2. Acidentes fonéticos

Destacamos somente os pontos relevantes destas combinações para o nosso trabalho, como, por exemplo, a combinação $\{-(n)d\epsilon\}$ ‘recíproco’ + $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’. Esta combinação pode gerar uma forma superficial $[d\upsilon]$ como se verifica no dado abaixo, que se assemelha à combinação $\{-de\}$ ‘reiterativo’ + $\{-\upsilon\}$ ‘concluso’, devido, em um primeiro momento à elisão da nasal em $\{-(n)d\epsilon\}$ ‘recíproco’ e, em seguida, à elisão da vogal em $\{-de\}$ ‘reiterativo’: $\{-(n)d(\epsilon)\}$ ‘recíproco’ e $\{-d(e)\}$ ‘reiterativo/ênfase’; esse processo de elisão, que resulta na forma $[d]$, pode confundir estes morfemas com a consoante epentética que aparece na junção da raiz verbal terminada em vogal + sufixo iniciado com vogal:

(1)

(a)

Fenda ŋgi Moussa yizi-dε-ʊ [yizidʊ]

Fenda e Moussa separar-se-rec-conc

‘Fenda e Moussa se separaram; *Fenda et Moussa se sont séparés*’

(b)

bə-saant-de-ʊ fja [bəsaantdʊ fja]

3P.suj-falar-reit-conc clas.fja

‘eles falam fja (=eles são obrigados a falar fja); *ils parlent fja (=ils sont obligés à parler fja)*’

(c)

umawi gi-(d)-ʊ gi-lɔɔd-e na Fatou [umawi gidʊ gilɔɔde na Fatou]

assim cop-(d)-conc clas-morte-nom rel Fatou

‘assim, foi a morte de Fatou; *ainsi, Fatou est morte*’

A combinação {-tε} ‘dêítico’ + {-ʊ} ‘concluso’ não se confunde com as combinações discutidas acima, porque {-tε} ‘dêítico’ pode perder a vogal {-t(ε)}, mas não sofre sonorização, mantendo-se, assim, o contraste entre oclusivas /t/ e /d/ na língua.

Segundo Fudeman (1999), o balanta apresenta um morfema, cuja forma é {-lu}, que ela denomina de ‘destransitivador’. Para nós, esta forma é o resultado da junção de dois morfemas {-le} ‘reflexivo’ + {-ʊ} ‘inacusativo’:

(2)

(a)

u-gi-tε-le-ʊ [ugitɪlu]

2S.suj-cop-deit-ref-inacc

‘você existe; *tu existe*’

(b)

bi-tuli ma nag-le-ʋ [nagulu]

clas-corpo det misturar-ref-inacc

‘o corpo se mistura (=eu não me sinto bem); *le corp se mélange (=je ne suis pas bien)*’

A combinação {-tɛ} ‘dêítico’ + {-le} ‘reflexivo’ pode apresentar esta ordem ou uma ordem distinta: {-le} ‘reflexivo’ + {-tɛ} ‘dêítico’:

(3)

(a)

a-yizi-tɛ-le b-sin ma

3S.suj-deixar-deit-ref clas-rue det

‘ele deixou a rua (por si mesmo); *il a laissé la rue (par lui-même)*’

(b)

a-fula ma tum-le-tɛ b-wil

clas-menina det vestir-ref-deit clas-roupa

‘a moça se vestiu; *la fille s’est habillée*’

(c)

bə-θag-dɛ-tɛ

3P.suj-pegar-rec-deit

‘eles são ligados; *ils se sont liés*’

Assim, a relação de substituição entre ‘recíproco’ e ‘reflexivo’ é clara na ordem {-le} ‘reflexivo’ + {-tɛ} ‘dêítico’ e {-(n)dɛ} ‘recíproco’ + {-tɛ} ‘dêítico’ por ocuparem a mesma posição. E {-tɛ} ‘dêítico’ parece ocupar sempre a primeira posição em relação ao verbo, exceto nos casos de verbos ‘reflexivos’ ou ‘recíprocos’ por natureza.

3.3. Ordem dos sufixos extensionais

A partir das combinações verificadas até agora, podemos depreender a seguinte ordem entre os sufixos extensionais e os morfemas de modalidade:

Quadro 20: A ordem dos sufixos extensionais e dos morfemas de modalidade

dêítico e reiterativo	recíproco e reflexivo	concluso e inconcluso
{-te}	{-(n)de}	{-u}
{-de}	{-le}	{-i}

4. As formas nominais

As formas nominais ocorrem em perífrases verbais e, especialmente, na formação dos paradigmas do hortativo e do progressivo.

O balanta apresenta três formas nominais: uma infinitiva, cujo morfema é {-a} ~ {-na}; uma gerundiva, cujo morfema é {-e}; e uma participial, cujo morfema é {-θ}. A forma {-e} parece recobrir um número maior de valores, pelo fato de se encontrar anexada, também, a adjetivos. Estas formas se encontram em perífrases verbais com {janga} ‘dever’, {mada} ‘poder’, {to} ‘ir’, {yal} ‘começar’, encontramos uma ou outra forma nominalizante. Com relação às formas infinitiva e gerundiva, há verbos que apresentam as duas formas, como, por exemplo, {tub} ‘chover’, {tuba} e {tube}, respectivamente, sem alterar os sentidos do verbo; há verbos que apresentam as duas formas, como, por exemplo, {hab} ‘matar’, {haba} e {habe}, respectivamente, mas podem ter o sentido do verbo alterado para ‘matar’ e ‘matar-se/suicidar-se; há verbos que não apresentam a forma gerundiva, como, {gi} ‘cópula’, mas possuem a forma infinitiva {gia} ~ {gaa} ‘cópula’; há verbos cujas formas coincidem, como, por exemplo, {deta} ‘correr, fugir’. As formas que ocorrem com {yal} ‘começar’, em geral são mais complexas, como, por exemplo, {gihabe} ‘matar’ e {ginsiig} ‘beber’ ou mais simples, como, por exemplo, {gi} ‘cópula’.

Quadro 21: As formas nominais do balanta

{-a} ~ {-na}	infinitivo
{-e}	gerúndio
{-θ}	particípio

A forma participial ou {-θ} ‘particípio passivo’ se encontra em balanta num tipo de construção, denominada por Watters (2000) de passiva não-agentiva, que ocorre com objeto ‘inanimado’, estas construções em balanta podem ou não apresentar ‘cópula’, aparentemente diferenciando passiva não estativa de passiva estativa:

(4)

(a)

tiw ma gi u-lɔt-ʊ-θ [tiw ma guulotuθ]

carne det cop adj-cozinhar-conc-part.pas

‘a carne foi cozida; *la viande est cuite*’

(b)

tiw u-todn-a-θ

carne adj-enviar-nom-part.pas

‘a carne enviada; *la viande envoyée*’

5. Afixo relativo

Um dos conectivos presos ao verbo em balanta é {-n} ~ {-ni}, que indica, dentro da proposição a dependência de um sintagma nominal. Estas formas apresentam a seguinte distribuição:

Regra 1: Distribuição complementar do afixo relativo

A forma {-n} ‘relativa’ se encontra principalmente nos contextos em que se tem o paradigma do progressivo, devido ao fato de, nesse contexto, a forma verbo-nominal ser terminada em vogal, neste caso, o morfema {-e} ‘nominalizador’; após os morfemas de modalidade {-tɛ} ‘dêítico (adestivo, direção, lugar)’ e {-ɪ} ‘inconcluso’, que finalizam o verbo por vogal:

(5)

(a)

wi b̃a-saag-ni ?

clas.o que 2P.suj-pedir-rel

‘o que é que vocês pediram?’; *qu’est-ce que vous avez demandé?*

(b)

a-gi a b-saag-e-n wede [agi a bsaagin]

3S.suj-cop loc clas-pedir-nom-rel clas.água

‘é ele que está pedindo água (=é ele que está em pedido de água); *c’est lui qui est en train de demander de l’eau*’

(6)

(a)

a-fula ma gɔb-tɛ-n be bali ma

clas-menina det derrubar-deit-rel clas.dem.pas.aus.fal clas.balafon det

‘a moça que derrubou aquele balafon; *la fille qui a fait tomber ce balafon là*’

(b)

bə-yaa-ma wi gi-tɛ-n [bəyaama gitin]

3P.suj-dizer-3S.obj clas.o que cop-deit-rel

‘perguntaram-lhe: o que é que está acontecendo; *ils lui ont demandé: qu’est-ce qu’il arrive?*’

(7)

bi-ɲaŋ ma saag-i-n wede [biɲaŋ ma saagin]

clas-pessoa det pedir-inc-rel clas.água

‘as pessoas que pediram água; *les personnes qui ont demandé (de) l’eau*’

Esta forma tem dois papéis, segundo o contexto em que aparece: se, em interrogativas qu-, o seu valor é de clivagem (cf. 8); se em outros contextos, o seu valor é de ‘relativa’ (cf. 9):

(8)

(a)

hila wom-tɛ-ni? [wonteni]

clas.quem comer-deit-rel

‘quem é que (já) comeu?; *qui est-ce qui a déjà mangé?*’

(b)

wi bà-saag-ni ?

clas.o que 2P.suj-pedir-rel

‘o que é que vocês pediram?; *qu’est-ce que vous avez demandé?*’

(9)

ŋmaangu ma a-fula ma wom-ni

clas.manga det clas-menina det comer-rel

‘a manga que a moça comeu; *la mangue que la fille a mangée*’

6. Morfemas homófonos

O balanta apresenta alguns morfemas homófonos que aparecem em uma mesma posição sintática anexados ao verbo: {-ɔ} ‘concluso’ e {-ɔ} ‘inacusativo’, {-ɪ} ‘inconcluso’ e {-ɪ} ‘ergativo’, {-tɛ} ‘dêitico’ e {-tɛ} ‘adjunto adverbial’.

Quadro 22: Morfemas homófonos

{-ɔ} ‘concluso’	{-ɔ} ‘inacusativo’
{-ɪ} ‘inconcluso’	{-ɪ} ‘ergativo’
{-tɛ} ‘dêitico’	{-tɛ} ‘adjunto adverbial’

No nível morfossintático, {-ɔ} ‘inacusativo’ e {-ɪ} ‘ergativo’ indicam que o verbo sofreu redução de valência. No primeiro caso, o verbo perde seu argumento externo e a posição sujeito é preenchida pelo argumento interno; no segundo caso, o verbo perde seu argumento interno e na posição sujeito permanece o seu argumento externo. Essas perdas se dão principalmente no paradigma do imperativo e a língua diferencia, na classe dos verbos intransitivos, inacusativos e ergativos por meio desses morfemas.

Ao lado desses morfemas figuram {-tɛ} ‘adjunto adverbial’ e {-tɛ} ‘dêítico’. Pelo fato de {-tɛ} ‘adjunto adverbial’ representar um adjunto, termo acessório e não um termo essencial da frase, ele não necessariamente substitui algum termo na frase, podendo ser acrescentado à frase ainda que esta contenha todos os seus argumentos. Se podemos propor homofonia entre {-ɔ} ‘concluso’ e {-ɔ} ‘inacusativo’, {-ɪ} ‘inconcluso’ e {-ɪ} ‘ergativo’, temos dificuldade em propor homofonia entre {-tɛ} ‘adjunto adverbial’ e {-tɛ} ‘dêítico’, porque, neste caso, função e valor se recobrem. Por isso, na glosa, não faremos diferença entre a função morfossintática e a função sintático-semântica deste morfema, ele será denominado ‘dêítico’ apenas.

Encontramos para o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ valores delimitativo, como ‘dentro de um grupo específico’, ‘somente’; adestivo, como ‘na minha opinião’, ‘para mim’; locativo, como ‘aqui’; quantitativo, como ‘um pouco mais’, ‘um pouco maior’. Este valor quantitativo aparece com verbos compactos e com adjetivos, como {ɲoom} ‘ter coragem, confiar, ousar’, {fuɯŋ(tɛ)} ‘amar, querer, desejar’, {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, superar-se, crescer, ser/estar maior/mais velho, ter mais’ e com o adjetivo {ndaŋ} ‘grande’ em construções atributivas com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’.

Este morfema acrescenta aos verbos compactos e adjetivos o traço descontínuo, tornando possível, por exemplo, que estes verbos e adjetivos ocorram no progressivo em balanta. Assim, o progressivo com este grupo apresenta sempre {-tɛ} ‘dêítico’, exceto quando há na frase um outro advérbio, como {nduulu} ‘pequeno’, por exemplo, delimitando o verbo (cf. 133d, cap. III). Se esta condição não é satisfeita, temos uma relação de supletivismo sitático, em que a noção do progressivo é expressa no paradigma do inacabado assertivo presente com {gi} ‘cópula’ como se dá com {bonje} ‘ser/estar bonita’ (cf. 34b e 127a, cap. III). Este morfema possibilita também que verbos compactos, como {fuɯŋ(tɛ)} ‘amar, querer, desejar’ e {lep} ‘ser/estar pesado’, ocorram no imperativo com uma leitura de hortativo (cf. 7 e 8. cap. II).

Há implicações em cadeia quando {-tɛ} ‘dêítico’ é acrescentado à frase, ao acrescentar o traço descontínuo ao verbo, cria-se a possibilidade de este se comportar como um verbo discreto no acabado assertivo presente, em que {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘passado’, dando-nos a impressão que {-tɛ} é um morfema de ‘passado’, como abordaram N’Diaye-Corréard (1970) e Fudeman (1999).

O morfema {-ɪ} ‘ergativo’ parece fazer algo semelhante com o verbo {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’ no imperativo: ao reduzir a valência do verbo, transformando-o em intransitivo ergativo, indiretamente lhe acrescenta o traço descontínuo, o

que leva ‘ser/estar bravo’, emprego compacto do verbo, a ‘irar-se, ficar bravo’, emprego discreto do verbo (cf. 37d, cap. II).

Observamos a sobreposição dos níveis morfossintático e sintático-semântico em muitos contextos, o que torna mais complexa a análise do sistema verbal do balanta.

Síntese do capítulo

O objetivo geral deste capítulo foi tratar da morfologia do verbo, especialmente determinar as formas de cada morfema e seus valores. Essa análise é necessária para o bom desenrolar dos próximos capítulos, nos quais trabalharemos os paradigmas verbais em seus contextos, visando a determinar o valor de cada paradigma.

CAPÍTULO II

O ACABADO: COMBINAÇÃO E VALORES

0. Introdução

O paradigma do acabado subdivide-se em imperativo, assertivo e hipotético. Os valores de cada paradigma estão associados aos tipos de verbos, discreto, compacto ou denso, e aos tipos de afixos de tempo e de modalidade.

1. Os valores do acabado imperativo

Este paradigma é comum aos verbos discretos e aos verbos densos, em seu valor [-estativo] ou discreto; ocorre, também, com verbos compactos, com algumas restrições; este paradigma se combina com o morfema de tempo: {-Ø} ‘presente’ e com os morfemas de modalidade {-te} ‘dêitico’, {-v} ‘concluso’ e {-i} ‘inconcluso’.

1.1. {-Ø} ‘presente’

O acabado imperativo se combina com {-Ø} ‘presente’ que, com verbos discretos, compactos ou densos, expressa uma ordem no ‘presente’.

(1)

(a)

yizi-ma [iɣma]
deixar-3S.obj
‘largue-o; *laisse-le*’

(b)

yizi b-sin ma
deixar clas-caminho det
‘deixe o caminho ; *laisse la voie*’

(c)

yizi-dε-na [yidina]

deixar-rec-imp.p

‘separem-se; *laissez-vous*’

(d)

yizi-na [yina]

deixar-imp.p

‘lancem (alguma coisa); *jetez (quelque chose)*’

Das frases em (1), as duas primeiras se encontram no ‘imperativo 2 singular’ e as últimas no ‘imperativo 2 plural’: (1b) pode ser utilizada como advertência devido a um problema de comportamento ou espaço; (1c) é utilizada para separar crianças que estão batendo um no outro; (1d) é usada para derrubar algum objeto em conjunto.

Dos verbos densos em balanta, verificamos {yɔɔf} ‘ser/estar maior/mais velho, ultrapassar, exceder’. Este verbo apresenta sentidos diversos, conforme o contexto, como ‘ser/estar maior/mais velho, ultrapassar, exceder’. Este verbo sofre restrições com relação ao paradigma do imperativo; em alguns de seus sentidos, é possível tê-lo flexionado neste paradigma; em outros, não. Nos sentidos em que se dá a flexão no imperativo o verbo é [-estativo], isto é, está empregado em seu valor discreto.

(2)

(a)

yɔɔf-na-ma

fʊʊda [yɔɔfnaba fʊʊda]

ser/estar maior-2S.obj-3S.obj clas.tamanho

‘coloque-se em posição mais alta que ele; *mets-toi en position plus élevée que lui*’

(b)

u-n-bag-ma

yccf

fɯɯda

2S.suj-inac-hort.neg-3S.obj ser/estar maior clas.tamanho

‘(que) você não se estique mais que ele; *(que) tu ne le dépasses pas en taille*’

(c)

yɔɔf-ra-tɛ-na-ma [yɔɔfratenaba]

ser/estar maior-int-deit-2S.obj-3S.obj

‘tenha (muito) mais que ele (=tenha mais bens); *aie (plus) que lui*’

As frases (2b) e (2a) são usados no mesmo contexto, a diferença consiste em que (2b) é a negação de (2a): ao tirar as medidas de duas crianças para saber qual delas é a maior, no primeiro caso, uma se estica mais que a outra, então lhe é pedido que ‘não se estique mais que a outra (=desça um pouco)’; no segundo caso, uma fica encolhida, então lhe é pedido que ‘se estique um pouco mais que a outra’. Em (2c), há o acréscimo de {-tɛ} ‘dêítico’, que, aparentemente, substitui o complemento do verbo (cf. 46). No caso de (2a) e (2c), a forma {-na} não é marca de ‘imperativo plural’, mas ‘2 singular objeto’, verificada no contexto e na tradução do falante; e {-ma} ‘3 singular objeto’ apresenta alternância para [-ba] após segmento nasal¹.

Em outros contextos com este verbo, a língua se vale de um processo comum em balanta, o chamado fenômeno de supletivismo, seja lexical ou sintático, em que não podendo uma forma ocorrer naquele paradigma, a língua, automaticamente, a substitui. O supletivismo lexical se verifica no contexto abaixo:

(3)

diis-na-ma [diisnaba]

continuar-2S.obj-3S.obj

‘ultrapasse-o; *dépasse-le*’

Neste caso, tem-se uma corrida e, nesta competição, as pessoas que a assistem podem dizer ao segundo colocado {diis-na-ma} ‘ultrapasse-o’.

A respeito deste verbo, tem-se o seguinte comentário do falante: ‘{yɔɔf} funciona com {fʊʊda} ‘tamanho’, {ligira} ‘gordo’, {ɾɛze} ‘ano’’. Observamos que este verbo pede complemento, porque é um verbo comparativo e esses complementos indicam ‘volume’, ‘quantidade’ ou ‘idade’, tipos de adjetivos, que o classificam mais como um verbo de ‘estado’; ele não funciona como um verbo de ação com o sentido puro de ‘ultrapassar’. A

¹ {-ma} ‘3S.obj’ aparentemente sofre um processo de dissimilação após segmento nasal, levando esta forma a se assemelhar às formas do plural, mas o seu valor de ‘3S.obj’ é claro na tradução e no contexto em que se produz o enunciado.

presença ou não do complemento define o sentido do verbo, caso se tenha um tipo de complemento como {ndaani} ‘muito’, o sentido do verbo é ‘ser/estar mais velho’; caso não se tenha nenhum desses complementos, o verbo tem o sentido em (2c) ‘ter/possuir mais’; todos esses sentidos serão construídos na relação verbo-complemento. Ao lado deste verbo, temos, {lan} ‘ser/estar igual/idêntico’, um tipo de equativo.

O supletivismo sintático se verifica nos dados abaixo, em que se utiliza {yɔɔf} ‘ser/estar maior/mais velho, ultrapassar, exceder’ para expressar um hortativo, em uma construção perifrástica com {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’ no sentido de ‘agradar-se’:

(4)

(a)

wil raa-ni hu n-ba-yɔɔf [wil raani hu nabayɔɔf]
 clas.coisa agradar-se-1S.obj 2S.suj inac-1P.obj-ser/estar maior
 ‘o que me agrada é que você seja maior que nós; *la chose qui me plaît c’est que tu sois plus grand que nous*’

(b)

wil raa-ni i-n-na-yɔɔf [wil raani inayɔɔf]
 clas.coisa agradar-se-1S.obj 1S.suj-inac-2S.obj-ser/estar maior
 ‘o que me agrada é que eu seja maior que você; *la chose qui me plaît c’est que je sois plus grand que toi*’

Esses dados apresentam o que poderíamos chamar de supletivismo sintático, em que a língua não utiliza o paradigma do imperativo, mas o do inacabado. Nestes dados, temos uma construção perifrástica com {raa} ‘agradar’, no acabado, e o verbo {yɔɔf} ‘ser/estar maior/mais velho, ultrapassar, exceder’, no inacabado, para expressar ‘desejo’.

O que verificamos é que {yɔɔf} ‘ser/estar maior/mais velho, ultrapassar, exceder’ é possível no paradigma do imperativo em seu emprego como verbo discreto (cf. 2a e 2b); como verbo compacto, temos o supletivismo sintático (cf. 4).

A combinação com {-Ø} ‘presente’ no imperativo apresenta valor de ‘presente’ com os verbos discretos, compactos e densos.

1.2. {-tɛ} ‘dêítico’

Com verbos discretos, o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ apresenta alguns subvalores específicos, conforme o verbo. Este valor para a forma {-tɛ} nos aponta para a existência de um único paradigma de tempo, a saber, o acabado imperativo presente.

Com {yizi} ‘deixar’, o subvalor de {-tɛ} ‘dêítico’ pode ser de ‘lugar’:

(5)

yizi-tɛ bɔɔto ma
deixar-deit cesto det
‘deixe o cesto (aqui); *laisse le panier (là)*’

Em outro contexto, com este mesmo verbo, o subvalor de {-tɛ} ‘dêítico’ é o que foi denominado por Doneux (1984) de ‘adestivo’. Este último subvalor se encontra especialmente com verbos de movimento, como, por exemplo, com {num} ‘trazer, carregar, levar’:

(6)

(a)

num-tɛ-ni gi-saamti [numteni gisaamti]
trazer-deit-1S.obj clas-sapato
‘traga(-me) os sapatos; *apporte(-moi) les chaussures*’

(b)

num-tɛ bɔɔto na Mamadou
trazer-deit cesto de Mamadou
‘traga o cesto de Mamadou (para mim); *apporte le panier de Mamadou (pour moi)*’

O morfema {-tɛ} ‘dêítico’, embora mais recorrente com verbos discretos, especialmente verbos de movimento, aparece com verbos compactos no imperativo, como, por exemplo, com o verbo {fuun} ‘amar, querer, desejar’, intercambiável em outros paradigmas com {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’ no sentido de ‘agradar-se. Temos em balanta: {raa} ‘agradar’; {raa} ‘educar’ e {raa} ‘ser/estar bravo, irar-se’. Nos sentidos ‘educar’ e ‘irar-se’, {raa} pode ser acrescido de {-i} ‘ergativo’. A forma {raa} ‘agradar’ não ocorre no paradigma do imperativo, sendo substituída por {fuun} ‘amar, querer,

desejar’; tem a forma finita em {raa} em perífrases com {jaanga} ‘dever’, {mada} ‘poder’, {tɔ} ‘ir’ e a forma verbo-nominal {graa} em perífrase com {yal} ‘começar’. A forma {raa} ‘educar’ ocorre no imperativo; tem a forma finita em {raana} em perífrases com {janga} ‘dever’, {mada} ‘poder’, {tɔ} ‘ir’ e a forma verbo-nominal {ginraay} ‘educar’ e {giraale} ‘educar-se’. A forma {raa} ‘ser/estar bravo, irar-se’ ocorre no imperativo; tem a forma finita em {raay}, em perífrases com {jaanga} ‘dever’, {mada} ‘poder’, {tɔ} ‘ir’ e a forma verbo-nominal {giraay}.

(7)

(a)

raa	raa-na	a-n-bag raa
raa-tɛ	raa-na-tɛ	a-n-bag-tɛ raa
educar(-deit)	educar-imp.p(-deit)	3S.suj-inac-hort.neg(-deit) educar
‘eduque, <i>élève</i> ’	‘eduquem; <i>élevez</i> ’	‘(que) ele não eduque, (<i>qu</i>) <i>il n’élève pas</i> ’

(b)

raa	mbuuta	‘eduque a criança; <i>élève l’enfant</i> ’
educar	clas.criança	
raa-ɪ [raay]		‘eduque; <i>élève</i> ’
educar-inc		
raa-ɪ [raay]		‘fique bravo; <i>fâche-toi</i> ’
irar-se-erg		
fuuŋ-tɛ	mbuuta	‘ame a criança; <i>aime l’enfant</i> ’
amar-deit	clas.enfant	

(c)

bɛ-fuuŋ-na-tɛ mbuuta
 3P.suj.ind-amar-imp.p-deit clas.criança
 ‘é preciso amar as crianças; *il faut aimer les enfants*’

O verbo compacto {fuuŋ} ‘amar, querer, desejar’, intercambiável em diversos paradigmas com {raa} ‘educar, agradecer-se, ser/estar bravo, irar-se’, coocorre com o sufixo {-tɛ} ‘dêitico’. O valor de {-tɛ} ‘dêitico’ com os verbos compactos é quantitativo ‘um pouco

mais’, o que acrescenta ao verbo o traço ‘descontínuo’, tornando possível sua ocorrência no paradigma do imperativo, como se verifica com {fuuj} ‘amar, querer, desejar’ e com o verbo {lep} ‘ser/estar pesado’:

(8)

lep-te-ma

ser/estar pesado-deit-3S.obj

kaatɔ a-yɔɔf-na ndaani

porque 3S.suj-ser/estar maior-2S.obj muito

‘é preciso torná-lo pesado porque ele é mais velho que você; *il faut le rendre lourd, parce qu’il est plus âgé que toi*’

Esta frase é um conselho balanta, segundo o qual ‘deve-se respeitar os mais velhos’. As marcas de ‘3S’ que aparecem na frase, seja na posição sujeito seja na posição objeto, são anafóricas, referindo-se aos ‘mais velhos’.

Os verbos densos são usados no paradigma do imperativo em seu valor [- estativo] e se combinam com {-te} ‘dêitico’. O verbo {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ no sentido de ‘chamar’ passa a ter o mesmo valor que {sɔɔg} ‘chamar’, verbo tipicamente discreto. A diferença entre {tuug} ‘chamar, ter por nome, nomear’ e {tuug} ‘chamar’ consiste no número de argumentos: o primeiro valor apresenta dois argumentos internos, sendo um {-ma} ‘3s.obj’ ou {-le} ‘reflexivo’ e, o outro, um substantivo próprio, ao passo que, em seu segundo valor, o verbo apresenta apenas um argumento interno.

Este verbo em seu emprego discreto ocorre no imperativo e pode se combinar com {-te} ‘dêitico’:

(9)

tuug	tuug-na	tuug-te	tuug-na-te
chamar	chamar-imp.p	chamar-deit	chamar-imp.p-deit
‘chame; <i>appelle</i> ’	‘chamem; <i>appelez</i> ’	‘chame; <i>appelle</i> ’	‘chamem; <i>appelez</i> ’

Ao comentar este quadro, o falante disse que as formas sem {-te} ‘dêitico’ são usadas quando a ação deve ser realizada imediatamente, pode-se fazer a combinação com {wabo} ‘já’ ou com {wabo wabo} ‘rapidamente’; enquanto que nas formas com {-te} ‘dêitico’, a ação

pode ser desenvolvida depois; ela, ainda, não começou e pode-se usar a frase abaixo com {tɔ} ‘ir’ com o mesmo valor:

(10)

(a)

tɔ n-tuug Mamadou
ir inac-chamar Mamadou
‘vá chamar Mamadou; *vas appeler Mamadou*’

(b)

tuug-na-tɛ ɲmbuuta ma
chamar-imp.p-deit clas.criança det
‘chamem as crianças; *appelez les enfants*’

O que observamos nos exemplos com {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ e no comentário do falante é que a noção de ‘futuro’ criada pela presença de {-tɛ} se deve ao valor de ‘dêitico’ deste morfema, que imprime à frase a noção de ‘deslocamento’, implícito no subvalor que Wilson (1961a) e N’Diaye-Corréard (1970) chamaram de ‘direção’.

O morfema {-tɛ} ‘dêitico’ ocorre principalmente quando o verbo não tem explícito um adjunto adverbial, isso é claro com os verbos de movimento em balanta. Este morfema funciona de forma semelhante a {-ɔ} ‘inacusativo’ e {-ɪ} ‘ergativo’, preencher um argumento do verbo que se encontra ausente e nós o encontramos principalmente no acabado imperativo e no inacabado hortativo.

Neste paradigma, {-tɛ} ‘dêitico’ com verbos discretos, especialmente verbos de movimento, representa apenas um adjunto adverbial; com verbos compactos, este morfema quantifica o verbo, atribuindo-lhe o traço ‘descontínuo’.

1.3. {-ɔ} ‘inacusativo’ e {-ɔ} ‘concluso’

Com os verbos discretos, como {gɔb} ‘cair, derrubar’, é difícil determinar se temos {-ɔ} ‘inacusativo’ ou {-ɔ} ‘concluso’. Aparentemente, a primeira possibilidade é viável, porque determina para o verbo uma diferença em termos de valência verbal, um valor morfossintático. Apesar disso, somos tentados a analisar este morfema como {-ɔ} ‘concluso’, porque atribui ao verbo um traço de telicidade ao verbo, a ação apresenta um ponto terminal

claro previsto no neste morfema: {-ṽ} ‘concluso’ pode simplesmente atribuir ao verbo telicidade ou algum outro valor como ‘confirmação’, ‘certeza’.

(11)

gɔb-ṽ	‘caia; <i>tombe</i> ’
cair-conc	
gɔb-ṽ-na	‘caiam; <i>tombez</i> ’
cair-conc-imp.p	
gɔb-na [gɔbəna]	‘derrubem; <i>faites tomber</i> ’
derrubar-imp.p	
gɔb-na-te [gɔbənate]	‘derrubem (aqui); <i>faites tomber (là)</i> ’
derrubar-imp.p-deit	

Com os dados abaixo, a presença desta forma não implica nenhuma alternância de valência, o que nos leva a interpretá-la como um outro morfema, neste caso, {-ṽ} ‘concluso’:

(12)

(a)

lend-ṽ bi-yɔɔf-na
 calar-se-conc 3P.suj-ser/estar maior-2S.obj
 ‘fique quieto, eles são maiores que você; *tais-toi, ils sont plus grands que toi*’

(b)

lɔɔd-ṽ a bi-yooŋ
 morrer-conc loc clas-esperar
 ‘ela morreu de esperar; *elle est meurt d’attendre*’

A frase (12b) pode ser dita em relação às mulheres que ficam no Senegal à espera de seus futuros maridos ou maridos que estão no exterior, a expressão indica que a espera é demasiadamente grande. Segundo o falante, é uma expressão que serve a todo momento e não apresenta um sujeito, sendo lida na ‘3S.suj’ como ‘morreu de esperar’ ou na ‘1S.suj’ como ‘morri de esperar’ com o sentido de ‘esperei muito’.

O morfema {-ʊ} ‘concluso’ aparece, também, com {saant} ‘falar’ no imperativo com a leitura ‘fale, já estamos prontos’ (cf. 13b):

(13)

(a)

saant bâ-sible-na
falar 1P.suj-ouvir-2S.obj
‘fale, nós te ouvimos; *parle, nous t’entendons*’

(b)

saant-ʊ bâ-sible-ʊ-na [saantʊ bâsibluna]
falar-conc 1P.suj-ouvir-conc-2S.obj
‘fale, nós te ouvimos; *parle, nous t’entendons*’

A contraposição entre os morfemas, {-tɛ} ‘dêítico’ e {-ʊ} ‘inacusativo’, aparece nos dados abaixo, com o verbo discreto {lot} ‘cozinhar’ e com o verbo denso {poom} ‘ter coragem, confiar, ousar’:

(14)

(a)

jadin bæ-bin-tɛ, lot-na-tɛ
antes de/que 3P.suj-vir-deit cozinhar-imp.p-deit
‘antes que eles venham, façam comida; *avant qu’ils arrivent, faites la cuisine*’

(b)

lot-ʊ, jadin bà-bin-tɛ
cozinhar-conc antes de/que 2P.suj-vir-deit
‘faça a comida, antes de virem; *fais la cuisine, avant que vous veniez*’

As duas últimas frases se caracterizam pela presença de {-tɛ} ‘dêítico’ com o subvalor de ‘adestivo’ no verbo de movimento {bin} ‘vir’; em ambas a ordem é a mesma ‘façam/faça a comida’; mas, diferem-se pela presença da marca {-tɛ} ‘dêítico’ e de {-ʊ} ‘concluso’ sobre o verbo {lot} ‘cozinhar’. As duas frases apresentam os seguintes contextos: ao enunciar a primeira frase, o falante está *in situ*, isto é, em sua casa, à espera de visitas, e ele

dá uma ordem para que a comida seja feita antes que os visitantes cheguem, isso faz com que {-tɛ} ‘dêítico’, neste contexto, apresente o sub-valor de ‘lugar’, mais especificamente ‘aqui’; enquanto que, na segunda frase, o locutor não se encontra *in situ*, isto é, onde a comida deverá ser preparada, e dá a ordem a alguém para que faça a comida antes de sair, com seus amigos, para a casa dele (falante), por exemplo.

(15)

(a)

ɲoom-na
ter-coragem-imp.p
‘tenham coragem; *ayez du courage*’

(b)

ɲoom-na-tɛ
ter-coragem-imp.p-deit
‘tenham coragem; *ayez du courage*’

(c)

ɲoom-ʊ
ter-coragem-conc
‘tenha coragem; *aies du courage*’

O comentário do falante, com relação aos dados com {ɲoom} ‘ter-coragem, confiar, ousar’, mostra claramente o valor de {-tɛ} como ‘dêítico’, mais especificamente como ‘adestivo’: a forma sem {-tɛ} ‘dêítico’ é usada para exortar: ‘(não tenham medo), tenha coragem!’; salvo que {ɲoom-na-tɛ} por causa do {-tɛ} apresenta uma diferença espacial entre falante e ouvinte, descrita como ‘vocês estão longe e vocês precisam ir a algum lugar, então quem habita onde é o destino de vocês pode lhes dizer {ɲoom-tɛ bin} [=ɲoomtɛ pin] ‘tenha coragem de vir’.

1.4. {-i} ‘ergativo’ e {-i} ‘inconcluso’

Temos dois dados, em que um verbo discreto se combina com o morfema {-i} ‘ergativo’.

No primeiro caso, temos um verbo de movimento do conjunto de {yant} ‘vir’, {bin} ‘vir’, {yaant} ‘sair’, {yaat} ‘entrar’, {gaθ} ‘chegar’, que possuem sua forma, quase sempre, acompanhada de {-te} ‘dêítico’:

(16)

(a)

yaant	yaant-na [yaantəna]	a-n-bag yaant
yaant-te [yaantite]	yaant-na-te [yaantənate]	a-n-bag-te yaant [anbagtɪ yaant]
sair(-deit)	sair-imp.p(-deit)	3s.suj-inac-hort.neg(-deit) sair
‘saia; <i>sors</i> ’	‘saíam; <i>sortez</i> ’	‘(que) ele não saia; (<i>qu</i>) <i>il ne sorte pas</i> ’

(b)

yaat	yaat-te [yaatite]
entrar	entrar-deit
‘entre; <i>entre</i> ’	‘entre (aqui); <i>entre (ici)</i> ’

O que, aparentemente, acontece com {gəb} ‘cair, derrubar’ em sua combinação com {-ɔ} ‘inacusativo’, caracterizando uma diferença em termos de valência verbal, acontece com {yant} ‘vir’ e com {yoŋ} ‘esperar, aguardar’ quando acrescidos de {-i} ‘ergativo’:

(17)

yant-i [yantey]

vir-erg

‘deixe (=deixe pra lá); *laisse*’

(18)

(a)

yooŋ-ni	yooŋ-na-ni
esperar-1S.obj	esperar-imp.p-1S.obj
‘espere-me; <i>attends-moi</i> ’	‘esperem-me; <i>attendez-moi</i> ’

(b)

yooŋ-i

esperar-erg

‘espere (=dê tempo ao tempo); *attends*’

O verbo {yant} ‘vir’ quando acrescido de {-i} ‘ergativo’ apresenta um outro sentido e, embora o falante não dê uma tradução diferente para {yooŋ} ‘esperar, aguardar’, a presença de {-i} ‘ergativo’ tem uma leitura em português, tal qual ‘dê tempo ao tempo’, apontando para a existência de um sujeito agente e não de um sujeito paciente como no caso de {-v} ‘inacusativo’. Não podemos afirmar com segurança que, nestes dados, {-i} verdadeiramente tem valor morfossintático, observamos apenas que a presença de {-i} aponta para a ausência do argumento interno e para a existência de um argumento externo, não representado no imperativo.

Já, com o verbo discreto {tɔ} ‘ir’ e com o verbo compacto {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, temos o morfema {-i} ‘inconcluso’:

(19)

(a)

tɔ-i [tey]

ir-inc

‘va; *vas*’

(b)

tɔ saag wede

ir pedir clas.água

‘va pedir água; *vas demander de l’eau*’

(20)

(a)

miira-ɪ bi-bas [miiray bibas]
 pensar-inc clas-camponês
 ‘pense no camponês; *pense au paysan*’

(b)

miira b-luθi mina
 penser clas-amanhã 2S.pos
 ‘pense no teu futuro; *pense à ton avenir*’

Os morfemas {-ɔ} ‘inacusativo’ e {-ɪ} ‘ergativo’ desempenham funções na interface morfossintática e os morfemas {-ɔ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’ desempenham funções na interface sintático-semântica; o morfema {-te} ‘dêitico’ desempenha função em ambos os níveis. No primeiro nível {-te} ‘dêitico’ funciona como um tipo de adjunto adverbial, {-ɔ} ‘inacusativo’ marca verbos com sujeito paciente e {-ɪ} ‘ergativo’ marca verbos com sujeito agente; no segundo nível {-te} ‘dêitico’ atribui a verbos compactos o traço ‘descontínuo’, podendo, neste paradigma, ter uma leitura de ‘não urgência’ ao cumprimento de uma ordem; {-ɔ} ‘concluso’ tem uma leitura de ‘intransigência’ ao cumprimento de uma ordem e {-ɪ} ‘inconcluso’ abre um precedente para que a ordem não seja cumprida.

Quadro 23: Os valores sintático-semântico de {-te} ‘dêitico’, {-ɔ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’

{-te} ‘dêitico’	não urgência
{-ɔ} ‘concluso’	intransigência
{-ɪ} ‘inconcluso’	possibilidade

2. Os valores do acabado assertivo

O paradigma do acabado assertivo, diferentemente do paradigma do imperativo, combina-se com um número maior de morfemas de tempo e com os mesmos morfemas de modalidade: {-∅} ‘presente’ e {-yo} ‘passado remoto’, {-ge} ‘mudança de estado’, {-te} ‘dêitico’ e {-ɔ} ‘concluso’.

2.1. {-Ø} ‘presente’

O que verificamos com relação ao sufixo {-Ø} ‘presente’ com verbos discretos no acabado assertivo é que este dá a este paradigma, preferencialmente, o valor de ‘passado’, como se verifica na pergunta em (21) com suas possíveis respostas²:

(21)

(a)

_ a-fɔd-na ga ?
 3S.suj-bater-2S.obj qu-
 ‘_ ele te bateu?; _ *est-ce qu’il t’a frappé?*’

(b)

_ ε, a-fɔd-ni
 sim, 3S.suj-bater-1S.obj
 ‘_ sim, ele me bateu; _ *oui, il m’a frappé*’

(c)

_ hani, aa-fɔd-ni
 não, 3S.suj.neg-bater-1S.obj
 ‘_ não, ele não me bateu; _ *non, il ne m’a pas frappé*’

Após a refeição:

(22)

u-lɔt konja
 2S.suj-cozinhar clas.bom
 ‘você cozinhou bem (=a comida estava boa); *tu as bien cuisiné (=le repas était bon)*’

² A negação {VV} ‘não’ em balanta costuma desencadear o alongamento da primeira consoante do radical verbal, representado pela repetição da consoante.

O morfema {-Ø} ‘presente’ na sua combinação com os verbos discretos no paradigma do acabado assertivo tem o valor exato de ‘a ação acaba de’, podendo-se utilizar em seu lugar uma construção perifrástica com o verbo {sow} ‘terminar, acabar de’:

(23)

(a)

a-yizi b-sin ma
3S.suj-deixar clas-caminho det
‘ele deixou a rua; *il a laissé (quitté) la rue*’

(b)

a-sow yizi b-sin ma
3S.suj-acabar de deixar clas-caminho det
‘ele acabou de deixar a rua; *il vient de laisser (quitter) la route*’

O valor de ‘passado’ dado a este paradigma aparece na relação entre as duas frases abaixo em que, embora tenham o mesmo valor, uma tem um verbo discreto, e, por isso, remete ao ‘passado’ e a outra tem um verbo compacto, e, por isso, remete ao ‘presente’:

(24)

(a)

bâ-yizi-na b-sin ma [bâayina bsin ma]
1P.suj-deixar-2S.obj clas-caminho det
‘nós (com você) deixamos a rua (=nós (com você) pegamos o caminho errado); *nous (avec toi) avons laissé la rue (=nous (avec toi) avons pris le chemin incorrect)*’

(b)

bâana yyizi b-sin ma
1P.suj.neg.2S.obj neg.deixar clas-caminho det
‘nós (com você) não deixamos o caminho (=nós (com você) escolhemos o caminho certo); *nous (avec toi) n’avons pas laissé la route (=nous (avec toi) avons choisi le chemin correct)*’

(c)

bâana joole b-sin ma

1P.suj.2S.obj ser/estar-bem clas-caminho det

‘nós (com você) pegamos o caminho certo (=nós (com você) escolhemos o caminho certo); *nous (avec toi) avons la bonne route* (=nous (avec toi) avons choisi le chemin correct)’

As três frases pertencem ao mesmo contexto: estamos na estrada e há uma bifurcação, se pegamos o caminho errado, temos a primeira frase ‘nós deixamos o caminho certo (=nós pegamos o caminho errado)’; se pegamos o caminho certo, temos as outras frases: ‘nós não deixamos o caminho (=nós escolhemos o caminho certo)’ e ‘nós pegamos o caminho certo (=nós escolhemos o caminho certo)’; ambas para se referir a ‘nós escolhemos a rota certa’. Verificamos que a mudança de verbo discreto para compacto implica uma leitura de ‘presente’.

Este valor de ‘passado’ é encontrado para a maioria dos verbos de ação em balanta, mas não para todos. Os verbos discretos, como {luw} ‘latir’ na sua combinação com {-Ø} ‘presente’, por exemplo, às vezes, diferenciam-se dos demais do grupo, tendo uma leitura de ‘presente’, mais especificamente de ‘verdade geral’.

Em (25), temos esta combinação com {-Ø} ‘presente’ com valor de ‘passado’, conforme os demais verbos acima:

(25)

(a)

_ biti ma luw a-fula ma ga?

clas.cachorro det latir clas-moça det qu-

‘_ o cachorro latiu para a moça?’; _ *est-ce que le chien a aboyé à la fille?*’

(b)

_ a-luw

3S.suj-latir

‘_ ele latiu; _ *il a aboyé*’

Em (26), o valor de ‘passado’ como é esperado não ocorre, prevalece o valor de {-Ø} ‘presente’. Nos dados abaixo, observamos a contraposição fonológica entre as formas {luw} ‘latir’, {lɔw} ‘recusar’, {low} ‘tostar, torrar’ e a contraposição com relação ao valor de tempo do morfema {-Ø} ‘presente’ entre o verbo {luw} ‘latir’ e os demais:

(26)

(a)

biti ma luw
 clas.cachorro det latir
 ‘o cachorro late; *le chien aboie*’

(b)

a-low na a-luw [alɔw maaluw]
 3S.suj-recusar rel 3S.suj-latir
 ‘o cachorro se recusou a latir; *(le chien) a refusé d’aboyer*’

(c)

a-fula ma low b-sɔ
 clas-menina det tostar clas-amendoin
 ‘a moça torrou o amendoim; *la fille a grillé les cacahuètes*’

O valor de ‘presente’ para verbo {luw} ‘latir’ remete a um ‘habitual’, como se verifica na relação entre esses paradigmas abaixo:

(27)

(a)

_ hila luw-ni ?
 clas.quem latir-rel
 ‘_ quem é que late?, _ ele vai latir? ; _ *qui-est-ce que aboie?* _ *est-ce que il va aboyer?*’

(b)

_ biti ma n-luw ga?
 clas.cachorro inac-latir qu-
 ‘_ o cahorro vai latir? ; _ *est-ce que le chien va aboyer?*’

(c)

_ biti ma hi luw
 clas.cachorro clas.anaf/foc latir
 ‘_ CACHORRO late; _ *c’est LE CHIEN qui aboie*’

(27c) responde tanto a primeira pergunta (27a) no acabado quanto à segunda (27b) no inacabado. (27a) apresenta dois contextos: um que corresponde a um valor geral em relação à ‘quem late?, quem mia?, etc.’ e um segundo, cujo valor é o mesmo para (27b), tem-se um cachorrinho e alguém pergunta se ele vai latir. A resposta em (27c) para ambas as perguntas aparece no acabado e com sujeito focalizado por meio da forma {hi}, composta de [classificador + anafórico], que em determinados contextos, como neste caso, desempenha a função de ‘focalizador’. A vogal, marca de anafórico/foco, não se altera, mas a consoante inicial que marca ‘classe nominal’ se altera, devido a razões de concordância. Nesta frases, temos uma leitura tal como ‘quem late é cahorro’ e ‘(é claro/é lógico que) o cachorro vai latir’.

Este tipo de pergunta pode ser feita com o inacabado habitual inexorável:

(28)

(a)

_ biti ngi luw-mo ga?
 clas.cachorro hab latir-inex qu-
 ‘_ o cachorro late?; _ *est-ce que le chien aboie?*’

(b)

_ g-biti ma bi-nduba n-luw
 clas-cachorro det clas-todo inac-latir
 ‘_ todos os cahorros latem; _ *tous les chiens aboient*’

Além da questão relacionada ao verbo {luw} ‘latir’, há um outro contexto em que o valor de ‘passado’ não ocorre com os demais verbos. Esse segundo caso se deve à estreita relação entre o ‘acabado assertivo primeira plural inclusivo’ e o ‘acabado imperativo primeira plural’, neste contexto, o morfema {-Ø} ‘presente’ dá a um e ao outro paradigma valores distintos:

(29)

(a)

bâ-yooŋ-ma

1P.suj-esperar-3S.obj

‘nós o esperamos; *nous l’avons attendu*’

(b)

bâ-yooŋ-na njuu ma

1P.suj-esperar-imp.p clas.primeiras horas da noite det

‘esperemos até o anoitecer (=nós vamos esperar até o anoitecer); *attendons jusqu’au soir*
(=*nous allons attendre jusqu’au soir*)’

(c)

bâana jjanga-na yooŋ

1P.suj.neg.2S.suj dever-2S.obj/imp esperar

‘nós (com você) não devemos te esperar/não devemos esperar; *nous (avec toi) ne devons pas t’attendre/ne devons pas attendre*’

(d)

bâ-janga-na yooŋ-na [bâjangana yooŋa]

1P.suj-dever-2S.obj esperar-2S.obj

‘nós (com você) devemos te esperar; *nous (avec toi) devons t’attendre*’

Nestes dados, temos, na primeira frase, uma leitura de ‘passado’ com o morfema {-Ø} ‘presente’, comum aos verbos de ação no acabado assertivo, mas esta leitura pode-se alterar, quando se trata da ‘1P.suj’, para uma leitura de ‘presente’. A frase (29c) nega as frases (29b) e (29d). Para negar a frase (29b), se faz necessário um ‘imperativo plural’; logo, {-na} em {janga-na}, tem a leitura de ‘imperativo plural’; para negar a frase (29d), se faz necessário um

acabado assertivo; neste caso, {-na} em {jaanga-na} tem a leitura de ‘2S.obj’ que compõe com {bâ-} ‘1P.suj’ a ‘1P.suj.incl’. A dificuldade de interpretação que se dá nestes dados e percorre outros dados na língua se deve ao problema de homofonia entre {-na} ‘imperativo plural’; {...-na} ‘2S.obj’, segunda parte do morfema sujeito da primeira pessoa do plural inclusivo {bâ-... -na} ‘1p.suj.incl’, cuja forma presa é descontínua.

Nas frases abaixo, tem-se, novamente, a leitura de ‘passado’ do morfema {-Ø} ‘presente’:

(30)

(a)

bâana yyooŋ
 1P.suj.neg.2S.obj esperar
 ‘nós não te esperamos; *nous ne t’avons pas attendu*’

(b)

bâa-yyooŋ-na [bâayyooŋa]
 1P.suj.neg-esperar-2S.obj
 ‘nós não te esperamos; *nous ne t’avons pas attendu*’

(c)

bâ-yooŋ-na-ʈ [bâyooŋʈ]
 1P.suj-esperar-2S.obj-conc
 ‘nós te esperamos; *nous t’avons attendu*’

As duas primeiras frases negam a última, todas no passado. Nesses dados, {-na} ‘2S.obj’ não compõe com {bâ-} ‘1P.suj’ {bâ-... -na} ‘1p.suj.incl’; e, também, {-na} não marca o ‘imperativo plural’.

Com os verbos compactos, em construções epítéticas, diferentemente dos verbos discretos, o morfema {-Ø} ‘presente’ apresenta valor de ‘presente’, como se verifica com {saage} ‘ser/estar doente’:

(31)

a-saar wane bima b-bθa-ni a-saage-ma
 3S.suj(.exp)-sentir piedade quando clas-ver-1S.obj 3S.suj-ser/estar doente-3S.obj
 ‘quando eu o vi doente, um calafrio percorreu meu corpo; *quand je l’ai vu malade, un frisson a parcouru mon cœur*’

Com verbos densos, o valor do morfema {-Ø} ‘presente’ se alterna entre ‘passado’ e ‘presente’. Com o verbo {poom} ‘ter-coragem, confiar, ousar’, este morfema, preferencialmente, tem o valor de ‘presente’, mas este valor costuma se alternar com o ‘passado’ em contextos específicos, relacionados ao momento da enunciação e à negação com {V-ta} ‘ainda não’:

(32)

(a)

a-poom hab hiθe
 3S.suj-ter-coragem matar clas.animal
 ‘ele tem coragem de matar o animal; *il a le courage de tuer l’animal*’

(b)

bâana ɲpoom
 1P.suj.neg.2S.obj ter-coragem
 ‘nós (com você) não temos coragem; *nous (avec toi) n’avons pas de courage*’

(c)

João ɲgi Pedro bii-tta ɲoom
 João e Pedro 3P.suj-neg ter-coragem
 ‘João e Pedro não têm mais coragem; *João et Pedro n’ont plus de courage*’

(d)

aa-tta gole
 3S.suj-neg ter-medo
 ‘ele não tem mais medo; *il n’a plus peur*’

(33)

(a)

bâ-ɲoom-na-de

IP.suj-ter-coragem-2S.obj-reit

‘nós (com você) tivemos coragem; *nous (avec toi) avons eu du courage*’

(b)

João ɲgi Pedro bi-ta ɲoom

João e Pedro 3P.suj-neg ter-coragem

‘João e Pedro ainda não tiveram coragem; *João et Pedro n’ont pas encore eu du courage*’

O contexto em que é enunciada a frase (33a) faz com que a frase tenha o valor de ‘passado’: depois de fazer alguma coisa malvada, um dos participantes do grupo diz: {bâ-ɲoom-na-de} ‘nós tivemos coragem (=nós arriscamos muito)’. Além do contexto em que o enunciado é produzido, a negação, em balanta, muitas vezes, define o valor do morfema de tempo, como se verifica na relação entre as frases (32b) com {VV} ‘não’, (32c) e (32d) com {VV-tta} ‘não mais’, em relação à frase (33b) com {V-ta} ‘ainda não’, nesta, o morfema {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘passado’.

Com o verbo denso {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ em seu emprego discreto, {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘passado’:

(34)

(a)

g-jila bɔ

gi

bâ-θag-bɔ

clas-boi clas.dem.pres.prox.fal clas.anaf/foc 1P.suj-pegar-clas.dem.pres.prox.fal

‘ESSES BOIS, nós os pegamos; *CES BŒUFS, nous leurs prenons*’

(b)

a-θag yaa a-yaant

3S.suj-decidir que 3S.suj-sortir

‘ele decidiu partir; *il a décidé de sortir*’

(c)

bə-θag-dε-tε

3P.suj-ser/estar ligado-rec-deit

‘eles são ligados; *ils se sont liés*’

Este verbo, significando ‘decidir, pensar’, figura ao lado de outro em balanta, numa relação de supletivismo, em que uma forma não podendo ocorrer em determinado contexto é substituída por outra. Isso se dá na sua relação com o verbo denso {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, e o fenômeno de supletivismo se dá num contexto de negação específico: com {VV-tta} ‘não mais’, a língua utiliza {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’, mas, nas demais negações, a língua utiliza {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, este é o único contexto em que esses dois verbos têm o mesmo sentido ‘pensar’.

(35)

(a)

a-fula ma aa-miira a-θasu ma

clas-menina det 3S.suj.neg-pensar clas-menino det

‘a moça não pensa no rapaz; *la fille ne pense pas au garçon*’

(b)

a-fula ma a-ta miira a-θasu ma

clas-menina det 3S.suj.neg pensar clas-menino det

‘a moça não pensa no rapaz; *la fille ne pense pas au garçon*’

(c)

a-fula ma aa-tta θag-ʋ a-θasu ma

clas-menina det 3S.suj.neg pensar-conc clas-menino det

‘a moça não pensa mais no rapaz; *la fille ne pense plus au garçon*’

(d)

a-fula ma a-ti miira a-θasu ma

clas-menina det 3S.suj.neg pensar clas-menino det

‘a moça não vai pensar no rapaz; *la fille ne va pas penser au garçon*’

(e)

a-fula ma a-tiña miira a-θasu ma

clas-menina det 3S.suj-neg pensar clas-menino det

‘(doravante), a moça não vai mais pensar no rapaz; (*desormais*), *la fille ne va plus penser au garçon*’

Temos acima algumas das negações em balanta, as três primeiras são do acabado e as demais do inacabado. Observamos que (35b) que funciona com os verbos de ação com o sentido de {V-ta} ‘ainda não’, com {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ este sentido é perdido, ainda que o verbo se encontre no acabado. O comentário do falante ressalta bem isso ‘ela pensou, mas, agora, ela não pensa’. Em (35c), a negação {VV-tta} ‘não mais’ é feita com o verbo {θag} ‘pegar, decidir, ser/estar ligado’ para o ‘passado’, mas o sentido é ‘presente’; o outro {VV-tta} ‘não mais’, em (35e), é feito com o verbo {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ e se encontra no inacabado. A diferença entre as duas últimas é que, em (35d), a decisão é tomada no passado e, em (35e) ela acaba de decidir, então ‘(doravante), a moça não vai mais pensar no rapaz’.

Embora questões relativas à negação não sejam o foco do trabalho, essas frases negativas evidenciam as diferenças de sentido entre {miir(a)} ‘pensar’ e {θag} ‘pensar (concluso)’.

Se nesse contexto o verbo denso {{θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ substitui o verbo compacto {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’; em outro contexto, parece ser {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ o substituído:

(36)

(a)

a-miira-te

3S.suj-pensar-deit

‘ele vai pensar; *il va penser*’

(b)

a-miir-tε-θ

b-tɔ [amiirtɔ bɔ]

3S.suj-pensar-deit-conc

clas-ir

‘ele decidiu ir; *il a décidé d’aller*’

Em (36), temos {miir(a)} ‘pensar/achar’ e {miir-tɛ-ʊ} ‘decidir’. {miir(a)} ‘pensar/achar’ tem a forma finita {miirana} em perífrases com {janga} ‘dever’, {mada} ‘poder’ e {tɔ} ‘ir’, e a forma {ginmiira} em perífrase com {yal} ‘começar’; {miir-tɛ-ʊ} ‘decidir’ tem a forma finita {miirta} em perífrases com {janga} ‘dever’, {mada} ‘poder’, {tɔ} ‘ir’ e {yal} ‘começar’; e apresenta a forma ‘reflexiva’ {miirtile} ‘decidir-se’. Mesmo com essas diferenças, parece-nos difícil decidir se as duas formas em questão são as mesmas, sendo a segunda acrescida dos morfemas {-tɛ} ‘dêitico’ e {-ʊ} ‘concluso’, que resulta em {miir-tɛ-ʊ}; ou diferentes, sendo a segunda {miirt}, acrescida de {-ʊ} ‘concluso’, {miirt-ʊ}. Se a primeira análise for correta {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ é um verbo denso; se a segunda for a correta {miir(a)} ‘pensar/achar’ é um verbo compacto e {miirt-ʊ} ‘decidir’, um verbo discreto.

Em (36), encontramos {-tɛ} ‘deitico’. Em (36a), {-tɛ} ‘dêitico’ tem um valor quantitativo ‘um pouco mais’, que se encontra na pergunta: ‘quem você viu ontem?’ Por não se lembrar, um dos ouvintes diz: {a-miira-tɛ} ‘ele vai pensar (um pouco mais)’. Esse mesmo valor é encontrado em (36b), neste caso, {-tɛ} ‘deitico’ atribui a {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ o traço ‘descontínuo’; assim, quando acrescido de {-ʊ} ‘concluso’, o verbo no acabado assertivo presente, ganha nuance de ‘passado’ como um verbo discreto: ‘ele (já) pensou (=ele decidiu).

O que apreendemos desses dados é que o balanta apresenta duas formas para um sentido como ‘pensar’ empregadas em contextos específicos: {miir(a)} ‘pensar’; {θag} ‘pensar (concluso)’; e duas formas para um sentido como ‘decidir’: {θag} e {miir-tɛ-ʊ}.

O morfema {-Ø} ‘presente’ tem valores distintos com o verbo denso {raa} ‘educar, agradar-se, ‘ser/estar bravo, irar-se’:

(37)

(a)

a-raa ndaani mbuuta ma
 3S.suj-educar muito clas.criança det
 ‘ele educou bem a criança; *il a bien éduqué l’enfant*’

(b)

mbuuta raa-ma ndaani
 clas.criança agradecer-se-3S.obj muito
 ‘ele se agrada da criança; *l’enfant lui plaît*’

(c)

a-raa ndaani
 3S.suj-ser/estar bravo muito
 ‘ele está muito bravo; *il est trop fâché*’

(d)

a-raa ndaani ngi mbuuta ma
 3S.suj-ser/estar bravo muito com/e clas.criança det
 ‘ele está muito bravo com a criança; *il est trop fâché avec/contre l’enfant*’

A respeito dos dados, cabe notar que, em seu emprego como verbo discreto com o sentido de ‘educar’, o morfema {-Ø} ‘presente’ apresenta o valor de ‘passado’; ao passo que, em seu emprego como verbo compacto com os sentidos de ‘agradar-se, ser/estar bravo’, este mesmo morfema apresenta o valor de ‘presente’.

O verbo {jojoole} ‘esfriar, fazer esfriar, ser/estar frio, fazer frio’, também, em seu emprego como verbo discreto, apresenta na combinação com o morfema {-Ø} ‘presente’ valor de ‘passado’; enquanto em seu sentido como verbo compacto apresenta valor ‘presente’:

(38)

(a)

n-jojoole wede
 1S.suj.ac-ser/estar frio clas.água
 ‘eu esfriei água; *j’ai refroidi l’eau*’

(b)

mɔ jojoole
 hoje ser/estar frio
 ‘hoje está frio; *aujourd’hui, il fait froid*’

(c)

wil jojoole
 clas.coisa ser/estar frio
 ‘está frio; *il fait froid*’

(d)

mɔ jojoole gi-ndaani
 hoje ser/estar frio clas-muito
 ‘hoje (em relação a ontem) está muito frio; *aujourd’hui, il fait très froid (par rapport à hier)*’

(e)

wil jojoole gi-ndaani
 clas.coisa ser/estar frio clas-muito
 ‘(hoje em relação a ontem), está muito frio; (*aujourd’hui par rapport à hier*), *il fait trop froid*’

(f)

wil jojoole ndaani mɔ
 clas.coisa ser/estar frio muito hoje
 ‘hoje (em relação a ontem), está frio; *aujourd’hui (par rapport à hier), il fait trop froid*’

(g)

fili ma jojoole-de
 clas.ambiente det ser/estar frio-reit
 ‘estou com muito frio; *j’ai très froid*’

O emprego discreto do verbo denso {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’, no sentido de ‘chamar’, difere sintaticamente do seu emprego compacto, no sentido de ‘chamar-se/ter por nome’. Neste último sentido, a posição sujeito deve ser preenchida por {bə-} ‘3P.suj(.ind)’ e a posição objeto por {-ma} ‘3S.obj’, acrescido do substantivo próprio; nos demais casos, o sentido é ambíguo ‘chamar, chamar-se’:

(39)

(a)

bə-tuug-ma Samba

3P.suj(.ind)-chamar-3S.obj Samba

‘chamam-no Samba (=seu nome é Samba); *ils l’appellent Samba(=son nom est Samba)*’

(b)

a-tuug-ma Samba

3S.suj-chamar-3S.obj Samba

‘ele o chama Samba, ele se chama Samba; *il l’appelle Samba, Il s’appelle Samba*’

(c)

a-fula ma tuug-le Fatou

clas-menina det chamar-ref Fatou

‘a menina se chamou Fatou (=ela deu a si mesma o nome de Fatou); *la fille s’est appelée fatou (=elle s’est donné le nom de Fatou)*’

(d)

a-fula ma tuug-ma

clas-menina det chamar-3s.obj

‘a moça o chama; *la fille l’appelle*’

(40)

bima bə-tuug-ma-tɛ-n Samba [bima bətuɡmatɪn Samba]

quando 3P.suj-chamar-3S.obj-deit-rel Samba

mawi a-iθu

nesse instante 3S.suj-adoecer

‘quando a gente lhe deu o nome de Samba; nesse instante, ele caiu doente; *lorsqu’on l’a appelé Samba, il est tombé malade*’

O verbo {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ tem sempre valor de ‘presente em sua combinação com {-Ø} ‘presente’, ainda que em seu emprego como verbo discreto (cf. 39d). o seu valor de ‘passado’ nesta combinação advém, aparentemente, da

presença de {-le} ‘reflexivo’ e de {-tɛ} ‘dêítico’, este último atribui ao verbo compacto o traço descontínuo, tornando possível a leitura de ‘passado’ (cf. 39c e 40).

Com o mesmo sentido de {tuug} ‘chamar’, o balanta tem o verbo discreto {sɔɔg} ‘chamar’:

(41)

bâa-ssɔɔg faama ma
 IP.suj.neg-chamar clas.pai 3S.pos
 ‘nós não chamamos seu pai; *nous n’avons pas appelé son père*’

Aparentemente, a contraposição de sentidos de {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ como compacto e discreto se restringe à ‘chamar-se/ter por nome’ e ‘nomear’; enquanto que a contraposição do sentido ‘chamar’ se dá entre verbo denso {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ e o verbo discreto {sɔɔg} ‘chamar’ (cf. 39d e 41).

Alguns verbos apresentam um comportamento distinto dos demais em sua combinação com {-Ø} ‘presente’: {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ e {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’.

Com o verbo {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, em seu valor compacto, como ‘cópula’, o morfema {-Ø} ‘presente’ apresenta valor de ‘presente’ mesmo em face da negação {V-ta} ‘ainda não’:

(42)

(a)

n-gi ɲgi hima
 1S.suj.ac-cop com/e 3S
 ‘eu estou com ele; *je suis avec lui*’

(b)

n-gi ɲgi jojoole
 1S.suj.ac-cop com/e frio
 ‘eu estou com frio; *j’ai froid*’

(c)

wil gi u-joole
 clas.coisa cop adj-frio
 ‘está frio; *il fait froid*’

(d)

f-fili ma gi f-joole
 clas-ambiente det cop clas-frio
 ‘o ambiente é tranqüilo; *le milieu est tranquille*’

(43)

(a)

a-ta gi a-ndaŋ
 3S.suj-neg cop adj-grande
 ‘ele ainda não está alto; *il n’est pas encore grand*’

(b)

aa-gi-tɛ joole [aakiti joole]
 3S.suj. neg-cop-deit clas.frio
 ‘ele não tem a consciência tranqüila; *il n’a pas la conscience tranquille*’

(c)

a-gi-tɛ juwe [akiti juwe]
 3S.suj-cop-deit clas.quente
 ‘ele tem a consciência quente (=ele não tem a consciência tranqüila); *il a la conscience chaude* (=il n’a pas la conscience tranquille)’

Como vimos anteriormente, a negação {V-ta} ‘ainda não’ altera o valor de {-Ø} ‘presente’ para ‘passado’ com o verbo denso {joom} ‘ter-coragem, confiar, ousar’ (cf. 32 acima), mas esta negação não altera este valor com {gi} ‘cópula’, em seu emprego compacto: {gi} ‘cópula’ tem valor ‘presente’, seja com {V-ta} ‘ainda não’ ou {VV} ‘não’, que aparece nas frases com sentido conotativo.

O verbo denso {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ apresenta algumas restrições: (i) quando acrescido do morfema {-Ø} ‘presente’ não apresenta uma leitura de ‘passado’, esperada em seu emprego discreto, salvo se a frase for acrescida de

algum advérbio de tempo; (ii) não ocorre no paradigma do imperativo, sendo substituído por {diis} ‘continuar’, que, no contexto, tem o sentido de ‘ultrapassar’; (iii) em um tipo de construção específico, assemelha-se simplesmente ao elemento comparativo [do que]; (iv) em alguns contextos, ele é intercambiável com verbos de estado; (v) não tem modificado o seu valor de ‘presente’ para o morfema {-Ø} ‘presente’ mesmo em face de {V-ta} ‘ainda não’.

Com o verbo {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ persiste a leitura de ‘presente’ do morfema {-Ø} ‘presente’; para uma leitura de ‘passado’ se faz necessário o acréscimo do advérbio de tempo:

(44)

(a)

ni yɔɔf Mamadou
1S.suj ser/estar maior Mamadou
‘eu sou mais velho que Mamadou; *je suis plus âgé que Mamadou*’

(b)

psɔ a-yɔɔf-na
clas.hier 3S.suj-ser/estar maior-2S.obj
‘ontem, ele foi (era) mais velho (maior) que você; *hier, il a été (était) plus âgé (plus grand) que toi*’

Este verbo se assemelha ao elemento comparativo [do que] na construção abaixo no sentido de ‘preferir’:

(45)

(a)

a-wom-te tiw a-yɔɔf seɛ
3S.suj-comer-deit clas.carne 3S.suj-ser/estar maior clas.peixe
‘ele comeu mais carne que peixe; *il a mangé plus de viande que de poisson*’

(b)

a-fuun-tɛ suufi yɔɔf sɛle
 3S.suj-amar-deit clas.arroz ser/estar maior clas.peixe
 ‘ele prefere arroz a peixe; *il préfère le riz au poisson*’

Este verbo é intercambiável com o verbo denso {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, em seu emprego compacto como ‘cópula’, e com verbos de estado {laŋ} ‘ser/estar igual/idêntico’:

(46)

(a)

bâanma yɔɔf-ndɛ sembe
 1P.suj.enf ser/estar maior-rec clas.força
 ‘(entre nós) NÓS não temos a mesma força (que vocês têm); (*entre nous*) NOUS n’avons pas la même force (que vous avez)’

(b)

bâ-gi-na sembe wɔda
 1P.suj-cop-2S.obj clas.força clas.um
 ‘(entre nós) nós (com você) temos a mesma força (que vocês têm); (*entre nous*) nous (avec toi) avons la même force (que vous avez)’

(c)

bâ-laŋ-na
 1P.suj-ter a mesma idade-2S.obj
 ‘(entre nós) nós (com você) temos a mesma idade (que vocês têm); (*entre nous*) nous (avec toi) avons le même âge (que vous avez)’

Essas frases podem ser enunciadas no seguinte contexto: há um grupo de dez pessoas, divididas cinco a cinco, alguém de um dos sub-grupos pode dizer uma dessas frases, comparando-os.

O único contexto que {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ acrescido de {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘passado’ é como ‘causativo’, tipo de construção que torna o verbo descontínuo:

(47)

a-yɔɔfyɔɔf-na

3s.suj-ser/estar maior.ser/estar maior-2s.obj

‘ele (leite) te fez crescer; *il (lait) t’a fait grandir*’

E, assim como {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ não têm modificado o seu valor de ‘presente’ para o morfema {-Ø} ‘presente’ mesmo em face de {V-ta} ‘ainda não’:

(48)

hi-ta yɔɔf Mamadou

3s.suj-neg ser/estar maior Mamadou

‘ele ainda não é maior que Mamadou (até agora); *il n’est pas encore plus grand que Mamadou (jusqu’à présent)*’

Os motivos arrolados acima classificam {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ como um verbo compacto.

2.2. {-gɛ} ‘mudança de estado’

A combinação dos verbos discretos com {-gɛ} ‘mudança de estado’ no acabado assertivo apresenta o valor de ‘passado com mudança de estado’, devido a sua combinação com o morfema {-Ø} ‘presente’, com valor de ‘passado’ para esse conjunto de verbos, e o seu valor de modalidade de ‘mudança de estado’:

(49)

(a)

a-fula ma yal-gɛ f-lɔt-e

clas-menina det começar-me clas.cozinhar-nom

‘a moça começou a cozinhar; *la fille a commencé à faire la cuisine*’

(b)

a-fula ma yal f-lot-e
 clas-menina det começar clas.cozinhar-nom
 ‘a moça começou a cozinhar; *la fille a commencé à faire la cuisine*’

(c)

a-fula ma yal-gε-yo f-lot-e
 clas-menina det começar-me-pas.rem clas.cozinhar-nom
 ‘a moça começou a cozinhar; *la fille a commencé à faire la cuisine*’

As frases acima apresentam a combinação entre {-Ø} ‘presente’ e {-gε} ‘mudança de estado’ e entre {-gε} ‘mudança de estado’ e {-yo} ‘passado remoto’. A diferença entre as três frases é descrita pelo falante do seguinte modo: em (49a), ‘a menina é pequena e ela começa a aprender a cozinhar’ ou ‘a moça acaba de começar a cozinhar (ela nunca cozinhou antes)’; em (49b), ‘ela já cozinha e, neste momento, ela começou a fazer a comida’; em (49c), ‘ela começou a cozinhar, mas ela parou de cozinhar’. O que podemos depreender desses dados é que (49a) pressupõe uma ação jamais feita que se principia, logo, uma ‘mudança de estado’; (49b) uma ação já feita (uma ou alguma vezes) que se principia, logo, um ‘passado’ simplesmente; (49c) uma ação que se iniciou, mas que foi interrompida, daí a utilização dos dois sufixos concomitantemente, um indicando o ‘passado remoto’ e o outro ‘interrupção da ação’, {-yo} ‘passado remoto’ e {-gε} a ‘interrupção da ação’, tempo e modalidade, repectivamente. O valor de ‘interrupção da ação’ já se encontra implícito no valor de {-gε} ‘mudança de estado’ e se sobressai em alguns contextos: neste caso, a combinação {-Ø} ‘presente’ e {-gε} ‘mudança de estado’, manteve o valor primário de {-gε} ‘mudança de estado’ e a combinação {-gε} ‘mudança de estado’ e {-yo} ‘passado remoto’ fez sobressair o valor secundário de {-gε} de ‘interrupção da ação’.

Há uma aparente sobreposição de valores entre {-Ø} ‘presente’ com verbos discretos, e {-gε} ‘mudança de estado’, se não nos atentarmos para o contexto, o que, certamente, levou Fudeman (1999) a interpretar {-gε} como morfema de ‘passado’:

(50)

(a)

a-yizi b-sin ma
 3S.suj-deixar clas-caminho det
 ‘ele deixou a rua; *il a laissé/quitté la rue*’

(b)

a-yizi-ge b-sin ma
 3S.suj-deixar-me clas-caminho det
 ‘ele deixou a rua; *il a laissé la rue*’

(c)

a-sow yizi b-sin ma
 3S.suj-acabar de deixar clas-caminho det
 ‘ele acaba de deixar a rua; *il vient juste de laisser la rue*’

Embora as traduções para as frases com {yizi} ‘deixar’ coincidam, há pequenas nuances entre elas. Para a primeira frase, ‘ele deixou a rua definitivamente’, e, para a segunda frase, ‘ele deixou a rua, mais ele retornou’. E, ainda, sobre a primeira, tem-se que ação acaba de ser concluída, podendo ser parafraseada pela terceira forma com o verbo {sow} ‘terminar, acabar de’. Essa nuances mostram que a presença de {-ge} ‘mudança de estado’ implica que as conseqüências do fechamento da ação não são mais válidas no momento da enunciação, mas que a ênfase se encontra sobre a mudança de estado: X, mas agora não-X ou não-X, mas agora X.

O valor de {-ge} ‘mudança de estado’ se verifica com o {sol} ‘secar’, um verbo de mudança de estado:

(51)

leey sol-ge gwil ma
 clas.sol secar-me clas.roupa det
 ‘o sol secou a roupa; *le soleil a séché le linge*’

Esta frase é enunciada no seguinte contexto ‘chovia e o sol apareceu’, isto é, na frase não é somente o explícito ‘o sol secou a roupa’, mas o implícito ‘o aparecimento do sol após a chuva possibilitou a secagem da roupa’.

Com alguns verbos, o valor de {-ge} ‘mudança de estado’ é menos perceptível, devido a características do verbo, aparentando indicar apenas ‘anterioridade’. Isso se dá no dado abaixo com o verbo {yoon} ‘esperar, aguardar’, em que {-ge} ‘mudança de estado’ indica ‘uma ação situada em relação a um evento passado’ :

(52)

(a)

bâ-yoon-ge

1P.suj-esperar-me

‘nós esperávamos; *nous attendions*’

(b)

bâ-yoon-na [bâyoonena]

1P.suj-esperar-imp.p

‘esperemos; *attendons*’

As frases (52) relacionam o acabado assertivo e o acabado imperativo. Segundo o falante, a primeira frase está relacionada ao seguinte contexto: havia alguém que tinha o hábito de faltar às reuniões e segue-se o seguinte comentário: ‘sempre, nos encontros, ele não vinha, nós esperávamos’. A segunda frase no acabado imperativo é no ‘presente’: ‘esperemos, (talvez, ele chegue)’.

Com os verbos discretos predomina o valor de {-ge} ‘mudança de estado’ como ‘mudança de estado’ com nuances de ‘interrupção da ação’ e de ‘anterioridade’.

O valor de {-ge} ‘mudança de estado’ implica no acabado uma leitura de ‘passado’ para o morfema {-Ø} ‘presente’. Isso faz com que ao coocorrer com verbos compactos, em que {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’, {-ge} ‘mudança de estado’ implique a presença de {-te} ‘dêitico’ que atribui ao verbo compacto o traço descontínuo, o que se verifica nos dados com o verbo compacto {fuun} ‘amar, querer, desejar’:

(54)

bâ-jojoole-ge wede
 1P.suj-ser/estar frio-me clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(55)

(a)

bə-tuug-ma-ge Samba
 3P.suj(.ind)-chamar-3S.obj-me Samba
 ‘eles lhe deram o nome de Samba; *ils l’ont appelé Samba*’

(b)

bâ-tuug-ma-ge
 1P.suj-chamar-3S.obj-me
 ‘nós o chamamos; *nous l’avons appelé*’

(56)

(a)

ɲima yɔɔf-ge Mamadou
 1S.suj.enf ser/estar maior-me Mamadou
 ‘(2 anos antes) EU era maior que Mamadou (agora, ele me ultrapassou); (2 *ans avant*)
j’étais plus grand que Mamadou (maintenant, il m’a dépassé)’

(b)

a-yɔɔf-ni-ge b-sirɛ [ayɔɔfinge bsirɛ]
 3S.suj-ser/estar maior-1S.obj-me clas-inteligência
 ‘ele era mais inteligente que eu (mas, agora, ...); *il était plus intelligent que moi (mais, maintenant, ...)*’

(57)

ndi bama yɔɔf-gɛ (Mamadou)

se 3P.suj.enf ser/star maior-me (Mamadou)

bi-mada g-yaant-gɛ

3P.suj-poder clas-sair-me

‘se ELES fossem maiores (que Mamadou), eles poderiam sair; *si EUX (ILS) étaient plus grands (que Mamadou), ils pourraient sortir*’

(58)

(a)

bi-ɲaŋ gi-gɛ bi-ɲaŋ ɲo

clas-pessoa cop-me clas-pessoa traditional

‘as pessoas eram tradicionais; *les gens étaient traditionnels*’

(b) [fndel ma gɔb bale ma kaatu fkige fndaŋ]

f-ndel ma gɔb bale ma kaatu f-gi-gɛ f-ndaŋ

clas-vento det derrubar clas-casa det porque clas-cop-me clas-grande

‘o vento derrubou a casa, porque era forte; *le vent a fait tomber la maison parce qu’il était fort*’

(c) [fndel ma fkige fndaŋ wetiŋga fgɔb bale ma]

f-ndel ma f-gi-gɛ f-ndaŋ wetiŋga f-gɔb bale ma

clas-vento det clas-cop-me clas-grande por isso derrubar clas-casa det

‘o vento estava forte, por isso ele derrubou a casa; *le vent était fort c’est pourquoi il a fait tomber la maison*’

(d)

Fenda gi-gɛ a-fula Zan

Fenda cop-me clas-menina Zane

‘Fenda era de Zane; *Fenda était de Zane*’

Com o verbo denso {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’, observamos que a combinação com o sufixo de tempo {-gɛ} ‘mudança de estado’ é possível somente em

seu emprego discreto com os sentidos de ‘chamar, nomear (dar um nome)’; isso faz com que o sentido da frase se torne ‘eles lhe deram o nome de Samba’ e não ‘chamam-no Samba (=seu nome é Samba)’.

Em todas as frases acima, encontramos {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, como ‘cópula’ se combinando com {-gɛ} ‘mudança de estado’. (58a) apresenta a seguinte a tradução dada pelo falante da língua como ‘as pessoas eram de outra época (=arraigados à cultura)’. (58b) e (58c) são idênticas, diferindo em termos de ordem e de conectivo. Em (58d), {gi} tem o sentido de ‘ser proveniente de; pertencer’. Esta frase se encontra em um conto balanta e fala da proveniência da personagem ‘a aldeia balanta onde ela havia morado’ e não ‘onde ela nasceu’. Aparentemente, seja no contexto descritivo do conto ou fora deste, {-gɛ} tem o valor de ‘mudança de estado’.

2.3. {-yɔ} ‘passado remoto’

Com verbos discretos, {-yɔ} ‘passado remoto’ apresenta o valor de ‘passado remoto’. No conjunto de dados abaixo, este morfema aparece com o verbo {wom} ‘comer’. E o comentário feito pelo falante a respeito do dado com o morfema {-gɛ} ‘mudança de estado’ é o mesmo feito para o dado com este morfema, em ambos não significa que a ação jamais se desenvolveu antes:

(59)

(a)

bâana	wom	maalu ma
IP.suj-neg-2S.obj	comer	clas.arroz det

‘nós (com você) não comemos (o) arroz; *nous (avec toi) n’avons pas mangé de riz*’

(b)

bâana	wom-gɛ	maalu ma
IP.suj-neg-2S.obj	comer-me	clas.arroz det

‘nós (com você) não tínhamos comido arroz; *nous (avec toi) n’avions pas mangé de riz*’

(c)

bâana wom-tɛ-yɔ maalu ma
 IP.suj-neg-2S.obj comer-deit-pas.rem clas.arroz det
 ‘nós (com você) não tínhamos comido (o) arroz; *nous (avec toi) n’avions pas mangé de riz*’

(d)

bâana wom-gɛ-yɔ maalu ma
 IP.suj-neg-2S.obj comer-me-pas.rem clas.arroz det
 ‘nós (com você) não comíamos (o) arroz; *nous (avec toi) ne mangions pas de riz*’

A única diferença existente entre as frases (59b) e (59c) se deve ao fato que à frase (59c) acrescenta-se ‘há muito tempo atrás’, o que daria numa tradução mais acurada ‘(fazia muito tempo que) nós não comíamos (o) arroz’. A diferença entre (59c) de (59d) se deve ao fato de que em (59c) a ação já se processou uma ou algumas vezes no passado, aparentemente esta quantificação do processo se deve a {-tɛ} ‘dêítico’, foi interrompida e voltou a se processar; ao passo que em (59d) a ação jamais se processou no passado, é a primeira vez que esta ocorre.

Na narrativa da criação do mundo, o verbo {beges} ‘criar’ combina-se com {-Ø} ‘presente’, com uma leitura de ‘presente’, que possibilita uma enumeração de ações; ou combina-se com {-yɔ} ‘passado remoto’, com uma leitura de ‘passado remoto’:

(60)

(a)

biente-de-n Hala ma beges f-ruma [bientɪdm Hala ma beges fruma]
 no princípio-reit-rel Deus det criar clas-terra
 ‘no princípio, Deus cria a terra; *au début, Dieu crée la terre*’

(b)

a biente ma Hala ma beges-yɔ f-ruma
 loc primeiro det Deus det criar-pas.rem clas-terra
 ‘primeiro, Deus criou a terra; *d’abord, Dieu créa la terre*’

A diferença entre {-yɔ} ‘passado remoto’ e {-gɛ} ‘mudança de estado’ aparece na contraposição entre os dados abaixo, em que ocorre a perífrase de {tɔ} ‘vir’ e {bin} ‘vir’, a flexão de {tɔ} ‘vir’ aponta para o fechamento da ação e a de {bin} ‘vir’ para o tempo com a combinação {-Ø} ‘presente’ e {-gɛ} ‘mudança de estado’ no primeiro dado e com a presença de {-yɔ} ‘passado remoto’ no segundo:

(61)

(a)

bi-tɔ-ʊ bin-gɛ [bitow bingɛ]
 3P.suj-ir-conc vir-me
 ‘eles acabam de partir; *ils viennent de partir*’

(b)

bi-tɔ-ʊ bin-yɔ [bitow binyɔ]
 3P.suj-ir-conc vir-pas.rem
 ‘eles partiram (há muito tempo atrás); *ils sont partis (depuis long temps)*’

Com os verbos compactos, {-yɔ} ‘passado remoto’ e a combinação {-Ø} ‘presente’ e {-gɛ} ‘mudança de estado’ são intercambiáveis na tradução, mas tem-se a diferença em termos de tempo entre as frases, {-yɔ} ‘passado remoto’ e {-Ø} ‘presente’ e de modalidade com {-gɛ} ‘mudança de estado’:

(62)

(a)

a-fula ma gole-yɔ [afula ma golyo]
 clas-menina det ter-medo-pas.rem
 ‘a moça tinha medo; *la fille avait peur*’

(b)

a-fula ma gole-gɛ
 clas-menina det ter-medo-pas.rec
 ‘a moça tinha medo; *la fille avait peur*’

O verbo denso {jojoole} ‘esfriar, fazer esfriar, ser/estar frio, fazer frio’ em seu emprego discreto aparece flexionado com {-yɔ} ‘passado remoto’ com o valor de ‘passado remoto’:

(63)

(a)

bâ-jojoole wede
 1P.suj-ser/estar frio clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(b)

bâ-jojoole-ge wede
 1P.suj-ser/estar frio-me clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(c)

bâ-jojoole-yɔ wede
 1P.suj-ser/estar frio-pas.rem clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(d)

bâ-sow jojoole wede
 1P.suj-acabar de ser/estar frio clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

Os dados abaixo com o morfema {-yɔ} ‘passado remoto’ aparecem em narrativas históricas de guerras balantas.

(64)

(a)

bi-gi-yɔ bi-laante bi-wɔda bi-gi ma ɲoom
 3P.suj-cop-pas.rem clas.homem clas-um 3P.suj-cop por isso ter-coragem
 ‘eles eram como um só homem que tiveram coragem; *ils étaient comme un seul homme qui a eu du courage*’

(b)

bi-gi-yɔ bi-laante bi-wɔda bi-gi ma ɲoom suum
 3P.suj-cop-pas.rem clas-homem clas-um 3P.suj-cop por isso ter-coragem lutar
 ‘eles eram como um só homem que ousa lutar; *ils étaient comme un seul homme qui ose se battre*’

Devido ao período muito distante dos fatos, utiliza-se o morfema {-yɔ} ‘passado remoto’, que neste contexto, parece não intercambiável com {-Ø} ‘presente’.

Em (65) temos a utilização combinada de {-yɔ} ‘passado remoto’ e {-gɛ} ‘mudança de estado’ com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’:

(65)

ndi aa-gɛ saage-yɔ [ndi aage saageyɔ]
 se 3S.suj.neg-me-cop ser/estar doente-pas.rem
 a-n-gi-yɔ a-ndaŋ
 3S.suj-inac-cop-pas.rem adj-grande
 ‘se ele não ficasse doente, ele seria grande; *s’il n’avait pas été malade, il allait être grand*’

(66)

ndi bâ-gi-yo a bale woda [ndi bâgyo a bale]

se 1P.suj-cop-pas.rem loc clas.casa clas.um

bâ-mada-ge yaaθ-e gi-mande ma gi-nduba

1P.suj-poder-me trabalhar-nom clas-noite det clas-todo

‘se nós estivéssemos juntos em casa, nós poderíamos trabalhar a noite toda; *si nous étions ensemble à la maison, nous pourrions travailler toute la nuit*’

A frase (65) pressupõe ‘mudança de estado’, ‘se ele não ficasse doente, ele seria grande’. A primeira oração se encontra no acabado, enquanto a segunda no inacabado, o que faz com que a primeira anteceda a segunda ou que a segunda pressuponha a primeira. A diferença entre as duas marca-se, também, com relação ao tempo, a primeira porta não somente {-ge} ‘mudança de estado’, mas {-yo} ‘passado remoto’, o que reforça a anterioridade no ‘passado’ da primeira oração em relação à segunda, mantendo a distribuição entre o valor de modalidade para {-ge} e o valor temporal para {-yo}.

A frase (66) foi enunciada porque eu estava apressada para terminar o trabalho de coleta de dados, então o falante disse: {ndi bâ-gi-yo a bale woda, bâ-mada-ge yaaθ-e gi-mande ma gi-nduba} ‘se nós estivéssemos juntos em casa, nós poderíamos trabalhar a noite toda’. A anterioridade de uma oração em relação à outra em uma frase é indicada por {-yo} ‘passado remoto’: {-yo} ‘passado remoto’ indica que a oração que o contém é anterior à segunda ou que a segunda a pressupõe.

2.4. {-te} ‘dêitico’

Em alguns contextos é difícil determinar com clareza a função de {-te} ‘dêitico’. Neste caso, é necessário atentarmos para o tipo de verbo, porque o valor ‘dêitico’, às vezes, atribui ao verbo o traço descontínuo; outras vezes, não. Com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ em seu emprego como ‘cópula’, {-te} ‘dêitico’ atribui este traço ao verbo, tornando possível a este verbo uma leitura de ‘passado’ em sua combinação com {-Ø} ‘presente’; enquanto que com o verbo denso {yocf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’, isso não ocorre, tem-se apenas a qualificação da ação.

(67)

(a)

a-bin a-yɔɔf-na

3S.suj-vir 3S.suj.ser/estar-maior-2S.obj

‘ele se põe a te superar; *il se met à te dépasser*’

(b)

a-yɔɔf-ra-tɛ-na

f-limbere

3S.suj-ser/estar maior-int.deit-2S.obj clas-laranja

‘ele ainda tem mais laranja que você; *il a encore plus d’oranges que toi*’

Durante a colheita de laranja, alguém quer colher mais que o outro, então começa a fazer o trabalho mais rápido que o outro, que até o momento é o melhor; então os outros o avisam: {a-bin a-yɔɔf-na} ‘ele se mete a te superar’ e {a-yɔɔf-ra-tɛ-na f-limbere} ‘ele ainda tem mais laranja que você’, no sentido ‘ele vai colher mais do que você’.

Tanto em seu emprego [+ estativo] nos dados acima, quanto em seu emprego como verbo discreto ou [- estativo], {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ se combina com {-tɛ} ‘dêítico’:

(68)

(a)

a-yɔɔf-tɛ

3S.suj-ser/estar maior-deit

‘ele cresceu (de uma só vez); *il a grandi (en une seule fois)*’

(b)

a-yɔɔf-ge

3S.suj-ser/estar maior-me

‘ele crescia (por etapas); *il grandissait (par étape)*’

(c)

a-yɔɔf-tɛ-yɔ

3S.suj-ser/estar maior-deit-pas.rem

‘ele cresceu (de uma só vez há muito tempo atrás); *il a grandi (en une seule fois, il y beaucoup de temps)*’

(d)

a-yɔɔf-gɛ-yɔ

3S.suj-ser/estar maior-me-pas.rem

‘ele crescia (por etapas há muito tempo atrás)’; *il grandissait (par étape, il y a beaucoup de temps)*’

Embora as frases se encontrem na ‘3S.suj’, o contexto com {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ é sempre comparativo, daí a ilustração apresenta duas crianças. A primeira frase se ilustra do seguinte modo: existem duas crianças do mesmo tamanho, que param de crescer e eles jamais recomençam a crescer. A segunda ocorre num contexto como: existem duas crianças com o mesmo tamanho por um tempo elas podem parar de crescer, mas depois recomeçam. A terceira envolve o que foi descrito para a primeira acrescido de {-yɔ} ‘há muito tempo atrás’; e a quarta envolve o que foi descrito para a segunda acrescido de {-yɔ} ‘há muito tempo atrás’. O falante faz a diferença entre {yɔɔf-tɛ-yɔ} ‘crescer de uma só vez (há muito tempo atrás)’ e {yɔɔf-gɛ-yɔ} ‘crescer por etapas (há muito tempo atrás)’, a ação, segundo ele, neste último caso, durou duas ou três vezes, o que se verifica na tradução do falante é o valor quantificativo de {-tɛ} ‘dêitico’, traduzido por ‘crescer de uma só vez’ e o valor de ‘interrupção da ação’, traduzido por ‘crescer por etapas’, {-gɛ} ‘mudança de estado’ divide a ação em diversas etapas, a ação sofre pequenas interrupções.

O verbo denso {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ em sua combinação com {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’ e o seu valor de ‘passado’ é construído a partir da combinação com {-tɛ} ‘dêitico’, que quantifica este verbo compacto, tornando possível a leitura de ‘passado’:

(69)

(a)

a-gi a-saage
 3S.suj-cop adj-doente
 ‘ele está doente; *il est malade*’

(b)

a-gi-tɛ a-saage
 3S.suj-cop-deit adj-doente
 ‘ele estava doente; *il était malade*’

(70)

(a)

a-fula gi-tɛ-le-ʊ a f-tedi Bijar [afula gitulu a ftedi Bijar]
 3S.suj-menina cop-deit-ref-inacc loc clas-aldeia Bijar
 ‘(era uma vez), uma moça da aldeia de Bijar; (*Il était une fois*),...*une fille du village de Bijar*’

(b)

f-leey f-gi-tɛ-le-ʊ [fleey fkitulu]
 clas-dia clas-cop-deit-ref-inacc
 ‘um dia; *un jour*’

(71)

a-gi-tɛ a-ndaŋ jande bâ-num-ma-tɛ [bânumate]
 3S.suj-cop-deit adj-grande antes 1P.suj-trazer-3S.obj-deit
 ‘ela (já) era grande quando nós o acolhemos; *il était grand quand nous l’amenions*’

O tipo de frase em (70) com {gi} em seu emprego impessoal é comum no contexto do conto. A frase em (71) apresenta é produzida no contexto segundo o qual alguém é acolhido em uma família quando ele já é grande (=ele já era grande quando se tornou alguém da família). Em todos os contextos com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, como ‘cópula’, o valor quantitativo de {-tɛ}

‘dêítico’ leva a uma leitura de {-Ø} ‘presente’ como ‘passado’, tal como ocorre com os verbos discretos.

Em alguns casos, somente o contexto da enunciação pode nos mostrar qual a função de {-tɛ} ‘dêítico’:

(72)

(a)

gmbuuta ma bə-gi-tɛ-ni bə-ndaŋ [ŋmbuuta ma bəgitɛni bəndaŋ]
 clas.criança det 3P.suj-cop-deit-1S.obj clas-grande
 ‘(na minha opinião), as crianças, elas estão grandes (para mim); (*à mon avis*), *les enfants, ils sont grands (pour moi)*’

(b)

bə-yaa-ma wi gi-tɛ-n [bəyaama wi gitɛn]
 3P.suj-dizer-3S.obl clas.o quê cop-deit-rel
 ‘perguntaram-lhe: _o que é que está acontecendo; *ils lui ont demandé: _qu’est-ce qui se passe?*’

Com relação a (72a) é interessante notar que, na tradução, o falante enfatiza o valor de {-tɛ} ‘dêítico’ como ‘adestivo’. Isso aparece na expressão ‘na minha opinião’ e ainda traduz o clítico de primeira pessoa objeto existente na frase ‘para mim’.

A frase (72b) se encontra em um conto. No conto, as pessoas invejosas decidiram fazer uma festa para uma bela moça. Os pais, desconfiados de que algum mal poderia acontecer à filha, não permitem que ela vá; mas ela desobedece e vai à festa, escondida de seus pais. Lá, ela come algo envenenado e, em seguida, vai para casa passando mal; em casa, seus pais lhe perguntam: ‘_o que está acontecendo?’ e, em seguida, ela morre.

O que podemos depreender desses dois últimos dados em relação aos demais é que {-tɛ} ‘dêítico’ com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ pode ou não desencadear uma leitura de ‘passado’ no acabado assertivo.

Em seu emprego como ‘suceder, acontecer’, {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ aparece seguido de {-ʊ} ‘concluso’ que desencadeia a leitura de {-Ø} ‘presente’ como ‘passado’:

(73)

umawi gi-(d)-ϕ gi-lood-e na Fatou [umawi gidϕ giloodi na Fatou]
 ainsi cop-(d)-conc clas-morte-nom rel Fatou
 ‘assim, morreu Fatou (=assim, foi a morte de Fatou); *ainsi, Fatou est morte*’

Esta frase é o fechamento de um conto já referido acima, em que a personagem principal, após desobedecer aos pais, morre.

O verbo denso {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ tem associado a cada estrutura um sentido:

Quadro 24: As estruturas e os valores de {gi}

sentido	estrutura
{gi} ‘cópula ser/estar’	[gi+adjetivo]
{gi} ‘estar (locativo)’	[gi+{locativo}]
{gi} ‘estar, ter’	[gi+sintagma preposicional]; [gi+adjetivo]; [gi+nome]
{gi} ‘suceder, acontecer’	[gi+sujeito extraposto]
{gi} ‘descender, pertencer, habitar’	[gi+nome]
{gi} ‘ter, haver, existir’	[gi+dêitico+reflexivo+inacusativo]

Os morfemas {-ϕ} ‘concluso’ e {-tɛ} ‘dêitico’ parecem atribuir a alguns verbos um traço [- estativo] que os leva a se aproximarem de verbos discretos. Podemos exemplificar esse fato com {gi} ‘cópula’, em que a forma [+ compacto, + estativo] se torna [+ compacto, - estativo] ou [- compacto, - estativo]:

Quadro 25: O papel dos morfemas {-tɛ} ‘dêitico’ e {-ϕ} ‘concluso’ com {gi} ‘cópula’

[+ compacto, + estativo]	[+ compacto, - estativo]	[- compacto, - estativo]
{-∅} ‘presente’	{-tɛ} ‘dêitico’	{-ϕ} ‘concluso’
{gi} ‘cópula ser/estar’	{gi} ‘ter/haver/existir’	{gi} ‘suceder, acontecer’

Esse mesmo processo que se dá com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ ocorre com os verbos {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ e {fuun} ‘amar, querer, desejar’.

Como já referido na seção 2.1. com relação a {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ se, este verbo se combina com {-tɛ} ‘dêítico’:

(74)

(a)

n-miira fafa baŋ [mmiira fafa baŋ]

1S.suj.ac-pensar pai 1P.pos

‘eu pensava no meu pai (e teu pai); *je pensais à mon père (et ton père)*’

(b)

u-miira wi? [umiiray?]

2S.suj-pensar clas.o quê?

‘você pensa em quê?; *tu penses à quoi?*’

(c)

a-miira-tɛ

3S.suj-pensar-deit

‘ele vai pensar; *il va penser*’

(d)

a-miir-tɛ-ʊ b-tɔ [amiirtʊ bɔ]

3S.suj-pensar-deit-conc clas-ir

‘ele decidiu partir; *il a décidé d’aller*’

(e)

bâ-n-bag miir-tɛ-ʊ b-tɔ [bânbag miirtʊ bɔ]

1p.suj-inac-hort.neg pensar-deit-conc clas-ir

‘(que) nós não pensemos em partir; *(que) nous ne pensons pas à partir*’

Em (74b), alguém está sentado com a mão sobre o queixo e o olhar ausente, então alguém lhe pergunta: {u-miira wi?} ‘você pensa em quê?’ (cf. 74b); (74a) é uma possível

(76)

(a)

u-raa-ni n-saant-e ŋgi huma [uraani nsaanti ŋgi huma]

2S.suj.(imp)-agradar-1S.obj inac-falar-nom com/e 2S

‘o que me agradaria é falar com você (=eu gostaria de falar com você); *ce qui me plairait ce serait de parler avec toi* (=je voulais (voudrais) parler avec toi (tout de suite))’

(b)

n-fuunj-te n-saant-e ŋgi huma [ŋfuunjte nsaanti ŋgi huma]

1S.suj.ac-amar-deit inac-falar-nom com/e 2S

‘o que me agradaria é falar com você (=eu gostaria de falar com você); *ce qui me plairait, ce serait de parler avec toi* (=je voulais (voudrais) parler avec toi (tout de suite))’

(77)

n-fuunj-tɛ f-yeen-dɛ

1S.suj.ac-amar-deit clas-casar-se-rec

‘eu quero me casar (com você); *je veux t’épouser*’

Os conjuntos de frases (75) e (76) são formas de abordar uma pessoa, caso haja algum problema a discutir: o primeiro conjunto indica o momento exato da enunciação, portanto ‘presente’, implícito o ‘agora’; o segundo conjunto pressupõe uma diferença temporal, uma leitura de ‘futuro (próximo)’, representada pelo segundo verbo no inacabado. Em (77), este verbo se encontra na expressão de pedido de casamento. Podemos utilizar o verbo {raa} ‘agradar-se’ ou o verbo {fuunj} ‘amar, querer, desejar’ para isto. Neste caso, {-tɛ} ‘dêitico’ atribui ao verbo o traço descontínuo, necessário ao paradigma do acabado, mas sem maior alteração no valor deste verbo compacto, e {-Ø} ‘presente’ mantém o seu valor de ‘presente’.

Embora sempre presente, a forma {-tɛ} não compõe o verbo, porque não se mantém no infinitivo, cuja forma é {fuunja} com {janga} ‘dever’, {mada} ‘poder’ e {tɔ} ‘ir’ e cuja forma verbo-nominal é {gifuunja} com {yal} ‘começar’ e não se mantém em alguns contextos de negação.

Nos dados que se seguem, discutimos os casos em que {-tɛ} ‘dêitico’ não apresenta as nuances descritas anteriormente, comportando-se como um simples adjunto adverbial.

Neste paradigma com verbos discretos, este morfema apresenta subvalores específicos, conforme o verbo, ‘adestivo’, ‘direção’, ‘lugar’. Este último aparece, por exemplo, com os verbos {gɔb} ‘cair, derrubar’ e {yeɛŋdɛ} ‘casar-se’:

(78)

(a)

a-laante ma gɔb-tɛ b-ta ma
 clas-homem det derrubar-deit clas.árvore det
 ‘o homem derrubou a árvore (aqui); *l’homme a fait tomber l’arbre (là)*’

(b)

a-laante ma gɔb-tɛ [alaante ma gobite]
 clas-homem det cair-deit
 ‘o homem caiu (aqui); *l’homme est tombé (là)*’

(c)

a-laante ma gɔb-yɔ bali ma
 clas-homem det derrubar-pas.rem clas.balafon det
 ‘o homem derrubou o balafon; *l’homme a fait tomber le balafon*’

(d)

a-laante ma gɔb-yɔ
 clas-homem det cair-pas.rem
 ‘o homem caiu; *l’homme est tombé*’

(e)

bi-ɲaŋ ma yeɛŋ-dɛ-tɛ a viere [biɲaŋ ma yeɛŋdite a viere]
 clas-pessoas det casar-se-rec-deit loc parentesco
 ‘as pessoas se casam por parentesco (aqui); *les gens se marient par parenté (là)*’

Este morfema aparece compondo com o verbo {wom} ‘manger’ o sentido figurado em algumas frases:

(79)

(a)

bi-ɲaɲ ma wom-dɛ-tɛ [womdite]

clas-pessoa det comer-rec-deit

‘eles comem; *ils mangent*’

(b)

bə-wom-na-tɛ

3P.suj-comer-2S.obj-deit

‘eles te enganaram; *ils t’ont roulé (argent)*’

A expressão (79a) é usada no jogo de dama ou no jogo de xadrez e a expressão, seguinte, equivalente a essa, é usada no seguinte contexto: alguém vai comprar alguma coisa, ele sabe de antemão o preço, mas quando retorna para casa, alguém confere o dinheiro que restou e verifica que a pessoa foi enganada; então ele diz: ‘você foi enganado no troco’: {bə-wom-na-tɛ} ‘eles te enganaram’.

O verbo denso {ɲoom} ‘ter-coragem, confiar, ousar’ se combina com o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ no contexto em que o morfema {-Ø} ‘presente’ indica ‘passado’:

(80)

(a)

bi-ɲoom-dɛ-tɛ [biɲoomdite]

3P.suj-ter-coragem-rec-deit

‘eles tiveram coragem um no outro (para vir); *ils ont eu du courage l’un et/par rapport à l’autre (pour venir)*’

(b)

bi-ɲoom-dɛ-ʊ [biɲoomdu]

3P.suj-ter-coragem-rec-conc

‘eles tiveram coragem um no outro; *ils ont eu courage l’un et/par rapport à l’autre*’

Estas duas frases estão relacionadas a um conto balanta: o galo e o rato precisavam fazer uma viagem juntos, mas o rato olhou a crista do galo e pensou que ele tivesse fogo sobre a cabeça e poderia queimá-lo. Então, o galo permitiu que o rato lhe tocasse a crista e, assim, o

rato percebeu que ali havia somente pele; então, acontece a viagem. Quando eles chegam ao destino, as pessoas podem dizer (80a) ou (80b): a primeira somente constata que eles confiaram um no outro para fazer a viagem juntos; a segunda, refere-se à confiança adquirida.

2.5. {-ʊ} ‘concluso’

Com os verbos discretos o morfema {-ʊ} ‘concluso’ apresenta o valor de ‘concluso’. As frases que se seguem são retiradas de uma narrativa sobre a compra de um calçado {agagin gi-saanti ma} ‘a busca pelo calçado’. Nesta narrativa, observamos que as frases iniciais portam {-∅} ‘presente’ com valor de ‘passado’, mas as duas primeiras apresentam os verbos flexionados com {-ʊ} ‘concluso’ e a frase seguinte somente {-∅} ‘presente’:

(81)

janafe, bâ-tʊ-ʊ Colobane [janafe, bâatow Colobane];
 sábado, 1P.suj-ir-conc Colobane
 bâ-yaaθ-ʊ Colobane
 1P.suj-trabalhar-conc Colobane
 bima bâa-yeb-ni g-yaaθ-e ma,
 quando 1P.suj-parar-rel clas-trabalho-nom det
 ‘sábado, nós fomos à Colobane; nós trabalhamos em Colobane; depois que nós paramos o trabalho...; *samedi, nous sommes allés à Colobane; nous avons travaillé à Colobane; après que nous avons arrêté le travail...*’

O morfema {-ʊ} ‘concluso’ indica que a ação foi finalizada. Assim, estipula-se uma diferença entre ações passadas concluídas e ações passadas, a partir das quais será conduzida a narrativa.

O valor de ‘concluso’ da forma {-ʊ} se verifica na relação entre uma pergunta e a resposta dada a esta pergunta e, nesse contexto o valor deste morfema tem a nuance de ‘confirmação (sim, é verdade)’:

(82)

(a)

_ naani ma yobde ga?

clas.bebê det andar qu-

‘_ O bebê começou a andar?; _ *est-ce que le bébé a commencé à marcher?*’

(b)

_ a-yobde-ʋ [ayobdʋ]

3S.suj-andar-conc

‘_ ele andou; - *il a marché*’

(83)

(a)

_ bi-lɔɔd ga?

3P.suj-morrer qu-

‘_ eles morreram?; _ *ils sont morts?*’

(b)

_ bi-lɔɔd-ʋ

3P.suj-morrer-conc

‘_ eles morreram; _ *ils sont morts*’

(84)

(a)

_ f-ndel ma rɛf ndaani ga?

clas-vento det ventar muito qu-

‘_ ventou? _ *ça a (beaucoup) soufflé?*’

(b)

_ f-ndel ma rɛf-ʋ (ndaani)

clas-vento det ventar-conc (muito)

‘_ ventou; _ *ça a soufflé*’

O dado em (85) mostra a diferença entre os morfemas {-tɛ} ‘dêítico’ e {-ʊ} ‘concluso’ com o verbo {lɔd} ‘morrer’:

(85)

(a)

a-lɔd-tɛ a psin ma
 3S.suj-morrer-deit loc clas-caminho det
 ‘ele morreu no caminho; *il est mort sur le chemin*’

(b)

a-lɔd-ʊ a g-gisle g-ndaŋ
 3S.suj-morrer-conc loc clas-sala clas-grande
 ‘ele morreu no hospital; *il est mort à l’hôpital*’

Nestes dados, contrapõem-se as formas {-tɛ} ‘dêítico’ e {-ʊ} ‘passado concluso’ no seguinte contexto: as duas formas são ditas pelo médico à família do falecido: se o paciente morreu antes de dar entrada no hospital e lá o médico constata que este chegou morto ao hospital, temos a primeira sentença; se o paciente chega com vida ao hospital, mas lá vem a falecer, o médico utiliza a segunda sentença. A utilização de uma ou de outra sentença aponta para o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ com subvalor de ‘adestivo’ e para {-ʊ} ‘concluso’ como ‘confirmação’.

Este morfema aparece nos dados abaixo combinando-se com o verbo {mees(e)} ‘sentar-se’:

(86)

(a)

hidi meese-tɛ ando
 3S.suj.aus sentar-se-deit loc.aqui
 ‘ele se senta aqui (=ele está sentado aqui); *il s’assied ici (=il est assis ici)*’

(b)

hidi meese-ge ando
 3S.suj.aus sentar-se-me loc.aqui
 ‘ele se senta aqui (=ele retorna); *il s’assied ici* (=il revient à sa place)’

(c)

hidi meese-te-ge ando
 3S.suj.aus sentar-se-deit-me loc.aqui
 ‘ele se senta aqui; *il s’assied ici*’

(87)

(a)

hima meese-te-yo ando
 3S.suj.enf sentar-se-deit-pas.rem aqui
 ‘ele se sentava aqui; *il s’asseyait ici*’

(b)

hima meese-ʊ ando [hima meesʊ ando]
 3S.suj.enf sentar-conc aqui
 ‘ele se sentou aqui; *il s’est assis ici*’

A principal diferença entre as frases em (86) e (87) está relacionada ao pronome sujeito de ‘3S.suj’, presente *versus* ausente. As diferenças entre as frases em (86) se deve aos seguintes contextos: (86a) é dada como resposta a alguém que chega à procura de Mamadou em um recinto cheio de gente: ‘onde é que Mamadou está?’. (86a) inclui as seguintes informações: ‘ele se sentou aqui (e ele ainda está aqui)’. (86b) é dita a alguém que procura um lugar para se sentar, e tenta se sentar em um lugar que, naquele momento, encontra-se vazio, mas onde, antes, Mamadou estivera sentado e teve que sair para resolver algum problema, mas é certo que ele voltará; então é como se a pessoa que guarda o lugar dissesse: ‘ele se senta aqui (=ele retorna)’. (86c), diferentemente de (86b), apresenta a possibilidade de que Mamadou não retornará ao seu lugar ‘quem estava sentado aqui, e que saiu, a gente vai chamá-lo e ele pode voltar’.

Quanto à forma, (86a) em relação a (86b) se caracteriza pela presença de {-te} ‘dêitico’ *versus* a presença de {-ge} ‘mudança de estado’; em relação a (86a) e (86c), (86a) se

caracteriza pela ausência de {-gɛ} ‘mudança de estado’, ambas apresentam {-tɛ} ‘dêítico’; (86b) e (86c) se caracteriza pela ausência *versus* a presença de {-tɛ} ‘dêítico’, ambas apresentam {-gɛ} ‘mudança de estado’.

Temos, assim, os valores de {-gɛ} ‘mudança de estado’ apontando para a ‘interrupção da ação’ e de {-tɛ} ‘dêítico’ como ‘adestivo’, tal qual ‘na minha opinião, para mim’. Todas as frases em (86) portam {-Ø} ‘presente’ que, com verbos discretos no acabado, tem valor de ‘passado’, isso se verifica no comentário do falante.

Em (87b), temos {-ʊ} ‘concluso’ combinado com {-Ø} ‘presente’, que aponta para o fato de que Mamadou não retornará, o que leva a frase para o ‘passado’.

O morfema {-ʊ} ‘concluso’ pode se combinar com o morfema {-de} ‘reiteração/ênfase’ e, neste contexto, tem-se a nuance de ‘certeza’ para este morfema. Temos esta combinação com {wom} ‘comer’, por exemplo:

(88)

(a)

a-wom-ʊ maalu ma
3S.suj-comer-conc clas.arroz det
‘ele (já) comeu (o) arroz; *il a (déjà) mangé du riz*’

(b)

_ bə-wom-de-ʊ maalu ma ga? [bəwomdʊ maaalu ga?]
3P.suj-comer-reit-conc clas.arroz det qu-
‘_ eles vão comer (o) arroz; *_ ils vont manger du riz?*’

(c)

_ bə-wom-de-ʊ suufi ma [bəwomdʊ suufi ma]
3P.suj-comer-reit-conc clas.comida det
‘_ eles vão comer a comida; *_ ils vont manger le repas*’

As frases (88b) e (88c) possuem o seguinte contexto: a pessoa preparou a comida e tem-se somente aquilo para comer ; logo as pessoas são obrigadas a comer o que há. Nesse contexto, o morfema {-ʊ} ‘concluso’ combinado com {-Ø} ‘presente’ comumente, teria uma leitura de ‘passado’; mas, na tradução, aparece uma idéia de tempo ‘futuro (próximo)’

acompanhado de ‘certeza’, o que faz com que os valores do morfema {-de} ‘reiteração/ênfase’ aproxime o acabado assertivo do inacabado assertivo.

O que {-tɛ} ‘dêitico’ faz com as construções atributivas, compostas de {gi} ‘cópula’ + adjetivo, atribuindo-lhes o traço descontínuo e tornando possível ao morfema {-Ø} ‘presente’ uma leitura de ‘passado’; o morfema {-ʊ} ‘concluso’ o faz com verbos compactos, em construções epítéticas, ao ser anexado ao verbo, este morfema torna possível a leitura de ‘passado’:

(89)

(a)

a-fula u-bonje
clas-menina adj-ser/estar bonita
‘a moça é bonita; *la fille est belle*’

(b)

a-fula ma gi a-bonje
clas-menina cop adj-bonita
‘a moça é bonita; *la fille est belle*’

(c)

a-fula bonj-ʊ
clas-menina ser/estar bonita-conc
‘a moça era bonita; *la fille était belle*’

(d)

n-saant-tɛ fleey ma nduba n-bo-ʊ [nsaantɛ fleey ma nduba nbow]
1S.suj.ac-falar-deit clas.dia det todo 1S.suj.ac-ser/estar cansado-conc
‘eu falei o dia todo, eu estou cansado; *j’ai parlé toute la journée, je suis fatigué*’

Em balanta, como se verifica com {bonje} ‘ser/estar-bonita’, tem-se uma construção epítética ou atributiva para o ‘presente’ (cf. 89a e 89b) e para o passado. No passado, se a construção é epítética recebe sufixo {-ʊ} ‘concluso’, se a construção é atributiva recebe sufixo {-tɛ} ‘dêitico’. O efeito resultante da anexação de {-ʊ} ‘concluso’ a (89c) não parece afetar todos os verbos, como se verifica com verbo {bo} ‘ser/estar cansado’ em (89d), talvez

isso se explique pelo fato de a oração que contém este verbo estar coordenada a uma oração no ‘passado’ que contém {saant} ‘falar’, que, como veremos, é um verbo compacto, ao qual {tɛ} ‘dêitico’ atribui o traço descontínuo.

Como já discutido na seção 2.4. com os dados (74), {tɛ} ‘dêitico’ e {-ʊ} ‘concluso’ podem se combinar para alterar a classificação do verbo de compacto para discreto e, conseqüentemente, o tempo da frase. Isso se verifica, por exemplo, com o verbo {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’.

A língua permuta {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ e {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ em alguns contextos e esta possibilidade de substituição está associada à combinação dos morfemas {tɛ} ‘dêitico’ e {-ʊ} ‘concluso’.

(90)

(a)

a-θag yaa a-yaant
3S.suj-decidir que 3S.suj-sair
‘ele decidiu sair; *il a décidé de sortir*’

(b)

a-fula ma aa-tta θag-ʊ a-θasu ma
clas-menina det 3S.suj-neg pensar-conc clas-menino det
‘a moça não pensa mais no rapaz; *la fille ne pense plus au garçon*’

(c)

a-miir-tɛ-ʊ b-tɔ [amiirtʊ btɔ]
3S.suj-pensar-deit-conc clas-ir
‘ele decidiu partir; *il a décidé d’y aller*’

(d)

bâ-n-bag miir-tɛ-ʊ b-tɔ [bânbag miirtʊ btɔ]
1P.suj-inac-hort.neg pensar-deit-conc clas-ir
‘(que) não pensemos em partir; *(que) nous ne pensons pas partir*’

Não discutiremos as frase (90b) e (90d), devido so contexto marcado da negação que comumente altera a sintaxe da frase. O papel de {-ʊ} ‘concluso’ associado a {-tɛ} ‘dêitico’

com {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ é mudar do sentido ‘pensar (=refletir)’ para o sentido ‘acabar de pensar (=tomar uma decisão)’; e, neste caso, ele se equipara a {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’. O morfema {-te} ‘dêitico’ atribui ao verbo o traço descontinuo e {-v} ‘concluso’ dá a {-Ø} ‘presente’ o valor de ‘passado’.

Quadro 26: A relação entre os verbos {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ e {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’

[+ compacto + estativo]	[+ compacto - estativo]	[- compacto - estativo]
{θag} ‘ser/estar ligado’	{θag-v} ‘pensar com reflexão (=refletir)’	{θag} ‘pegar, decidir’
	{miir(a)} ‘pensar (=refletir)’	{miir-te-v} ‘acabar de pensar (=tomar uma decisão)’

O verbo denso {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, superar-se, crescer, ser/estar maior/mais velho, ter mais’, cujo comportamento é fortemente compacto, aparece acrescido de {-v} ‘concluso’ em seu emprego compacto e discreto. No primeiro caso, {-Ø} ‘presente’ não tem alterado o seu valor para ‘passado’, mas, no segundo caso, {-v} ‘concluso’ altera o valor de {-Ø} ‘presente’ para ‘passado’:

(91)

(a)

u-yɔɔf-v

2S.suj-ser/estar maior-conc

‘você é alto; *tu es grand*’

(b)

u-yɔɔf-le-v [uyɔɔflv]

2S.suj-ser/estar grande-ref-conc

‘você ultrapassa; *tu dépasses*’

Sobre (91b), o falante faz o seguinte comentário, referindo-se a {-le} ‘reflexivo’, este tipo de sufixo só ocorre na ‘2S’, com o acabado, de onde o sentido de ‘ultrapassar’. Numa tradução mais livre para o português, tem-se ‘você se supera!; você consegue!’.

O verbo {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ se combina com {-ʊ} ‘concluso’ em seu emprego discreto com o valor de ‘chamar’ e de ‘nomear’:

(92)

(a)

a-tuug-ʊ Samba
 3S.suj-chamar-conc Samba
 ‘ele chamou Samba; *il a appelé Samba*’

(b)

bâ-tuug-ma-de-ʊ Samba
 1P.suj-chamar-se-3S.obj-reit-conc Samba
 ‘(apesar da recusa) nós o chamamos Samba; (=malgré le refus) *nous l’avons appelé Samba*’

No segundo dado, a tradução dada pelo falante da língua é no ‘passado’, tal como ‘nós o chamamos Samba’, mas o contexto aponta para uma tradução no ‘presente’ ou no ‘futuro’: eles estão escolhendo um nome para a criança e ‘apesar da recusa, nós vamos lhe dar o nome de Samba (está decidido)’. Neste contexto, a forma {-de} ‘reiteração/ênfase’ é utilizada para terminar uma polêmica e o valor de {-ʊ} ‘concluso’ é aproximadamente de ‘certeza’, como se dá com os dados em (88).

Com os verbos {tɔ} ‘ir’ e {saant} ‘falar’, a presença de {-ʊ} ‘concluso’ desencadeia a leitura de ‘passado’ para o morfema {-Ø} ‘presente’. Esses verbos em sua combinação com {-Ø} ‘presente’ apresentam valor de ‘presente’.

O verbo discreto {tɔ} ‘ir’ se combina com {-ʊ} ‘concluso’ em construções perifrásticas ou não:

(93)

(a)

a-tɔ-ʊ gi-luuθ-a [atow giluuθa]
 3S.suj-ir-conc clas-viajar-inf
 ‘ele viajou; *il a voyagé*’

(b)

a-tɔ gi-luuθ-a
 3S.suj-ir clas-viajar-inf
 ‘ele vai viajar; *il va voyager*’

(c)

bi-tɔ
 3P.suj-ir
 ‘eles vão; *ils vont*’

(d)

bi-to-ʊ [bitow]
 3P.suj-ir-conc
 ‘eles foram; *ils sont allés*’

Com o verbo {saant} ‘falar’ temos a seguinte distribuição: {-Ø} ‘presente’, {-ʊ} ‘concluso’, {-ge} ‘mudança de estado’. Esses dois últimos desencadeiam uma leitura de ‘passado’.

O verbo discreto {saant} ‘falar’ quando combinado com {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’; e se assemelha a um ‘hortativo’, quando o pronome ‘3S.suj’ pode ser interpretado como um expletivo no paradigma do acabado assertivo:

(94)

(a)

a-saant ŋgi g-lɔ
 3S.suj(.exp)-falar com/e clas-ouvido
 ‘pense com os ouvidos (=pense antes de falar); *pense avec les oreilles (=pense avant de parler)*’

(b)

a-saant g-lɔ
 3S.suj-falar clas-ouvido
 ‘ele cochicha; *il chuchote*’

(c)

bə-saant f-ja
 3P.suj-falar clas-ja
 ‘eles falam fja; *ils parlent fja*’

(95)

João ŋgi Pedro bi-ta saant f-ja
 João e Pedro 3P.suj-neg falar clas-ja
 ‘João e Pedro ainda não falam fja; *João et Pedro ne parlent pas encore fja*’

Todas as frases em (94) são no ‘presente’, a última, por exemplo, pode ser acrescida de {wabo} ‘agora’: {bə-saant f-ja wabo} ‘agora, eles falam fja’. No contexto da {V-ta} ‘ainda não’, em (95), {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’. Para uma leitura de ‘passado’, este verbo pode sofrer o acréscimo de {-ʊ} ‘concluso’ ou {-gɛ} ‘mudança de estado’.

O morfema {-ʊ} ‘concluso’ desencadeia a leitura de ‘passado’, como se verifica nos dados abaixo, mas este morfema pode indicar ‘confirmação’ e ‘certeza’ em outros contextos:

(96)

(a)

a-saant-ʊ f-ja
 3S.suj-falar-conc clas-fja
 ‘ele falou fja; *il a parlé fja*’

(b)

a-saant-ʊ ŋgi g-lɔ
 3S.suj-falar-conc com/e clas-ouvido
 ‘ela falou consigo mesma; *elle a parlé avec elle-même*’

A frase (96b) se encontra dentro de um conto balanta, a ‘3S’ se refere a uma personagem feminina, e tem o sentido de ‘ela falou com o espírito’. Nos contextos abaixo, a leitura de ‘passado’ de {-ʊ} não ocorre na combinação com {-le} ‘reflexivo’ e ganha destaque o valor de ‘confirmação’ deste morfema:

(97)

(a)

ba-saant-le-ʊ f-ja [basaantulu fja]

1P.suj-falar-ref-conc clas-ja

‘nós falamos fja; *nous parlons fja*’

(b)

wi saant-le-ʊ a-ma-n-tele [wi saantulu amantele]

clas.anaf falar-ref-conc 3S.suj-3S.obj-inac-obedecer

‘isso foi decidido em comum acordo, ele não o cumpre; *ç’a été décidé pour tous, il n’obéit pas à ça*’

A primeira frase é utilizada para repreender alguém que desrespeitou a regra de falar fja, parafraseada como ‘nós tomamos esta decisão, nós somos convencidos juntos, em comum acordo, mas você desrespeitou a regra’ ou usando a segunda frase equivalente em balanta: {wi saant-le-ʊ, a-ma-n-tele} ‘isso foi decidido em comum acordo, ele não o cumpre’.

Já em sua combinação com {-de} ‘reiteração/ênfase’, tem-se uma idéia de tempo ‘futuro (próximo)’ acompanhado de ‘certeza’, como encontramos em (88) e (92):

(98)

(a)

bi-jaŋ ma saant-de-te f-ja [biŋaŋ ma saantdite]

clas.pessoa det falar-reit-deit clas-ja

‘as pessoas falam fja; *les gens parlent fja*’

(b)

bə-saant-de-ʊ f-ja [bəsaantdʊ fja]

3p.suj-falar-reit-conc clas-fja

‘eles falam fja (=eles são brigados a falar fja); *ils parlent fja* (=ils sont obligés de parler fja)’

A frase (98a) traz uma tradução, tal qual ‘eles falam em balanta por todo o mundo’ é como se o balanta fosse uma língua de domínio global ou geral, apontando para o valor de {-te} ‘dêítico’. Em (98b), o contexto aponta para o valor de ‘certeza’, porque ‘há somente o

balanta para se comunicar, não há como falar em outra língua, então eles são obrigados a falar balanta; portanto, eles vão falar balanta’. Este valor de ‘certeza’, que aparece com o verbo {saant} ‘falar’, acompanha outros verbos também sem a presença de {-de} ‘reiteração/ênfase’ (cf. 88 e 92).

O que verificamos com {saant} ‘falar’ no acabado assertivo é que com este verbo {-ʊ} ‘concluso’ e {-gɛ} ‘mudança de estado’ desencadeiam o ‘passado’, isto é, levam o morfema {-Ø} ‘presente’ a adquirir o valor de ‘passado’, como se dá com os verbos discretos, aparentemente atribuindo a {saant} ‘falar’ o traço descontínuo; já com {-tɛ} ‘dêitico’, isso pode ou não acontecer.

(99)

bə-saant-gɛ f-ja
 3P.suj-parler-me clas-fja
 ‘eles tinham falado fja; *ils avaient parlé fja*’

(100)

(a)

bâana saant f-ja
 1P.suj-neg-2S.obj falar clas-ja
 ‘nós (com você) não falamos fja; *nous (avec toi) ne parlons pas fja*’

(b)

bâana-tɛ saant f-ja
 1P.suj.neg.2S.obj-deit falar clas-ja
 ‘nós (com você) não falamos fja; *nous (avec toi) n’avons pas parlé fja*’

(c)

n-saant-tɛ fleey ma nduba n-bo-ʊ [nsaante fley ma nduba nbow]
 1S.suj.ac-falar-deit clas.dia det todo 1S.suj.ac-ser/estar cansado-conc
 ‘eu falei o dia todo, eu estou cansado; *j’ai parlé toute la journée, je suis fatigué*’

O que se verifica com relação a (100c) é que, aparentemente, na ausência do complemento, {-tɛ} ‘dêitico’ atribui o traço descontínuo a {saant} ‘falar’, o que torna possível a leitura de ‘passado’; ou simplesmente uma especificidade das orações coordenadas: marcar

o tempo de uma oração em relação à outra, assim {-tɛ} ‘dêítico’ + {-Ø} ‘presente’ expressa ‘anterioridade’ em relação a {-ʊ} ‘concluso’ + {-Ø} ‘presente’ (cf. 98a); ou ambos.

Com o verbo discreto {siim} ‘ouvir’, o valor do acabado assertivo, seja com {-Ø} ‘presente’ ou combinado com {-ʊ} ‘concluso’ é o mesmo, em termos de tempo; mas a diferença entre as formas reporta a uma questão de modalidade, neste caso, com valor de ‘certeza’:

(101)

(a)

a-siim b-saant-ma [asiim bsaantema]
 3S.suj-ouvir clas-falar-3S.obj
 ‘ele ouviu o que eu lhe disse; *il a entendu ce que je lui ai dit*’

(b)

a-siim-ʊ b-saant-ma [asiimʊ bsaantema]
 3S.suj-ouvir-conc clas-falar-3S.obj
 ‘ele ouviu (muito bem) o que eu lhe disse; *il a (très bien) entendu ce que je lui ai dit*’

No primeiro caso, a forma é neutra e se restringe a expressar tempo; enquanto que, no segundo caso, a forma expressa ‘certeza’. Isso é claro pelo contexto: a criança está brincando e a mãe lhe diz: vá retirar tuas roupas, ela desobedece e continua a brincar; então a mãe lhe bate; alguém que está vendo o que se passa pergunta à mãe: por que você fez isso? Então, tem-se a segunda frase {a-siim-ʊ b-saant-ma} ‘ele ouviu (muito bem) o que eu lhe disse’.

Ao lado de {-ʊ} ‘concluso’, temos a forma homófona {-ʊ} ‘inacusativo’. Assim como se dá com {-tɛ} ‘dêítico’, é difícil determinar para este morfema onde começa sua função morfossintática e onde ela termina e onde começa sua função sintático-semântica e onde ela termina, ambas parecem se recobrir em alguns contextos. Isso nos leva a pensar que estamos lidando com um único morfema com nuances diferentes devido ao contexto e que esses níveis de descrição da língua interagem um com o outro ou, em último caso, que {-ʊ} ‘inacusativo’ não existe.

A diferença entre esses dois morfemas é clara quando se trata do verbo {gɔb} ‘cair, derrubar’; mas não é clara, quando se trata do verbo {sɔl} ‘secar’. A princípio, poderíamos dizer que o morfema {-ʊ} ‘inacusativo’ ocorre com os verbos {sɔl} ‘secar’ e {gɔb} ‘cair’, o

morfema {-ʊ} ‘concluso’ ocorre com {sɔsɔl} ‘secar (fazer secar)’ e {gɔb} ‘derrubar’ no paradigma do acabado assertivo.

Os dados em (102) nos levam a pensar que com verbos como {sɔl} ‘secar’ que podem apresentar dois argumentos, agente e paciente; ou apenas um, paciente, temos a combinação com o morfema {-ʊ} ‘inacusativo’, quando a posição sujeito é preenchida pelo argumento interno, isto é, o paciente, caracterizando uma diferença de valência verbal:

(102)

(a)

leey sɔl gwil ma
 clas.sol secar clas.roupa det
 ‘o sol secou a roupa; *le soleil a séché le linge*’

(b)

gwil ma sɔl-ʊ
 clas-roupa det secar-conc
 ‘a roupa (já) secou; *le linge a (dèjà) séché*’

(c)

gwil ma gi a-sɔl-ʊ [gwil ma gasɔlʊ]
 clas.roupa det clas.anaf/foc 3S.suj-secar-conc
 ‘A ROUPA (já) secou; *LE LINGE est (dèjà) séché*’

Por outro lado, na tradução e no comentário do falante é claro o fechamento da ação em (102b) e (102c), representado pelo advérbio ‘já’: ‘a moça lavou a roupa e a roupa (já) secou’, o que nos leva a pensar que o morfema presente é {-ʊ} ‘concluso’ e não {-ʊ} ‘inacusativo’. Em (102c), o sujeito se encontra focalizado, devido à presença do morfema {gi} ‘classificador + anafórico/foco’ posposto ao substantivo.

O verbo {sɔsɔl} ‘secar (fazer secar)’ se combina com o morfema {-ʊ} ‘concluso’, que tem o valor de ‘confirmação’:

(103)

(a)

_ a-fula ma sɔsɔl gwil ma ga? [afula ma sɔsɔl gwili ma]

clas-menina det secar clas.roupa det qu-

‘_ a moça secou a roupa?; _ *est-ce que la fille a fait sécher le linge?*’

(b)

_ a-sɔsɔl-ʊ gwil ma

3S.suj-secar-conc clas.roupa det

‘_ ela secou a roupa; _ *elle a séché le linge*’

Devido a isso, propomos que temos com {sɔsɔl} ‘secar (fazer secar)’ e com {sɔl} ‘secar’ apenas o morfema {-ʊ} ‘concluso’ e que a diferença de valência se faz por meio do ‘causativo’, realizado na língua por meio da reduplicação.

Da mesma maneira, o verbo {gɔb} ‘cair, derrubar’ no acabado assertivo parece se combinar com {-ʊ} ‘concluso’ e {-ʊ} ‘inacusativo’ (cf. 104b):

(104)

(a)

a-laante ma gɔb bali ma

clas.homem det derrubar clas.balafon det

‘o homem derrubou o balafon; *l’homme a fait tomber le balafon*’

(b)

a-laante ma gɔb-ʊ

clas.homem det cair-conc

‘o homem caiu; *l’homme est tombé*’

(105)

(a)

a-fula ma gɔb ɓale ma

clas-menina det derrubar clas.casa det

‘a moça derrubou a casa; *la fille a fait tomber la maison*’

(b)

a-fula ma gɔb-ɔ bale ma
 clas-menina det derrubar-conc clas.casa det
 ‘a moça derrubou a casa; *la fille a fait tomber la maison*’

A diferença entre as duas últimas frases pode ser parafraseada por construções com os auxiliares {yal} ‘começar’ e {sow} ‘terminar, acabar de’, em que a forma terminada por {-Ø} ‘presente’ e a forma terminada por {-ɔ} ‘concluso’ se aproximam em termos de valores da frase com {yal} ‘começar’ e da frase com {sow} ‘terminar, acabar de’, respectivamente; apontando para o valor de {-ɔ} como ‘concluso’.

(106)

(a)

a-fula ma yal gɔb bale ma
 clas-menina det começar derrubar clas.casa det
 ‘a moça começou a derrubar a casa; *la fille a commencé à faire tomber la maison*’

(b)

a-fula ma sow gɔb bale ma
 clas-menina acabar de derrubar clas.casa det
 ‘a moça acabou de derrubar a casa; *la fille a fini de faire tomber la maison*’

Os dados com {sɔl} ‘secar’, {sɔsɔl} ‘secar (fazer secar)’ e {gɔb} ‘cair, derrubar’ discutidos nesta seção mostram a dificuldade em se determinar se temos dois morfemas {-ɔ} ‘concluso’ e {-ɔ} ‘inacusativo’ ou apenas um morfema, a saber, {-ɔ} ‘concluso’. Se o morfema que denominamos {-ɔ} ‘concluso’ se assemelha a ‘télico’, traço que acompanha verbos como ‘cair’, ‘deitar’, nesses dados, temos {-ɔ} ‘concluso’ e não o que aparenta ser {-ɔ} ‘inacusativo’.

3. Os valores do hipotético

Este paradigma, em nossos dados, combina-se com os seguinte morfemas de tempo : {-Ø} ‘presente’ e {-yɔ} ‘passado remoto’.

3.1. {-Ø} ‘presente’

Ao combinar-se com {-Ø} ‘presente’, o hipotético tem valor de ‘presente’, seja com verbos discretos, compactos ou densos:

(107)

(a)

a-biθa-mə wede a-saag
 3S.suj-ver-hip clas.água 3S.suj-pedir
 ‘se ele vê água, ele pede; *s’il voit l’eau, il demande*’

(b)

a-siig-mə nduulu a-ti-lus
 3S.suj-beber-hip pequeno 3S.suj-neg-crescer
 ‘se eles bebem pouco, eles não crescem; *s’ils boivent peu, ils ne grandissent pas*’

(108)

bi-yɔɔf-mə mbuuta ma bi-ma-dɔg
 3P.suj-ser/estar maior-hip clas.criança det 3P.suj-3S.obj-enganar
 ‘se eles são maiores que as crianças, eles as enganam; *s’ils sont plus grands que les enfants, ils les trompent*’

(109)

a-saant-mə f-ja bə-ma-θo
 3S.suj-falar-hip clas-ja 3P.suj-3S.obj-rir
 ‘se ele fala fja, eles riem dele; *s’il parle fja, ils rient de lui*’

3.2. {-yɔ} ‘passado remoto’

Ao se combinar com {-yɔ} ‘passado remoto’, o hipotético tem valor de ‘passado (remoto)’. Além do valor de ‘passado (remoto)’, este morfema indica anterioridade de um evento em relação ao outro:

(110)

a-wom-yɔ-mɔ

a-siig

3S.suj-comer-pas.rem-hip 3S.suj.beber

‘se ele comia, ele bebia; *s’il mangeait, il buvait* (= à chaque fois qu’il mangeait, il buvait)’

Síntese do capítulo

O objetivo deste capítulo foi verificar a combinação dos morfemas de tempo e de modalidade {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ɔ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’ com verbos discretos, compactos densos no paradigma do acabado. Os quadros não apresentam os morfemas do nível morfossintático, {-ɔ} ‘inacusativo’ e {-ɪ} ‘ergativo’, salvo se estes atribuíram indiretamente o traço descontínuo a algum verbo e os espaços em branco nos quadros indicam que não dispomos de dados em que um determinado tipo de verbo se combina com um morfema específico.

O paradigma do acabado imperativo apresenta combinações com os morfemas {-Ø} ‘presente’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ɔ} ‘concluso’, {-ɪ} ‘inconcluso’ e {-ɪ} ‘ergativo’. Com os verbos compactos, os morfemas {-tɛ} ‘dêitico’ e {-ɪ} ‘ergativo’ atribuem ao verbo o traço descontínuo, tornando possível a sua ocorrência no paradigma do imperativo, isso se dá, por exemplo, com {fuun(tɛ)} ‘amar, querer, desejar’ e com {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, em que {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo’ se transforma em {raa-ɪ} ‘irar-se, ficar bravo’ e, com este valor, ocorre no imperativo. O morfema {-ɔ} ‘concluso’ parece indicar a telicidade do verbo {gɔb} ‘cair’.

Quadro 27: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no imperativo

morfema	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	‘presente’	
{-tɛ} ‘dêitico’	não urgência	descontinuidade
{-ɔ} ‘concluso’	telicidade, urgência	
{-ɪ} ‘inconcluso’	probabilidade	
{-ɪ} ‘ergativo’		descontinuidade

O paradigma do acabado assertivo se combina com {-Ø} ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’ e {-ɔ} ‘concluso’. Com relação a este

paradigma, é importante assinalar que os verbos {saant} ‘falar’ e {tɔ} ‘ir’ são compactos em balanta. Ambos têm em sua combinação com {-Ø} ‘presente’, neste paradigma, o valor de ‘presente’, necessitando do traço de descontinuidade de {-tɛ} ‘dêitico’ ou de {-ʊ} ‘concluso’, no caso de {saant} ‘falar’, e de {-ʊ} ‘concluso’, no caso de {tɔ} ‘ir’, para obterem o valor de ‘passado’ em sua combinação com {-Ø} ‘presente’. Observa-se, ainda, a distribuição complementar entre {-tɛ} ‘dêitico’ e {-ʊ} ‘concluso’ na atribuição do traço descontínuo em construções adjetivas: {-tɛ} ‘dêitico’ ocorre em construções atributivas e {-ʊ} ‘concluso’ em construções epítéticas. Constatamos que {-ʊ} ‘inacusativo’ talvez não exista, tem-se com os verbos {sɔl} ‘secar’ e {gɔb} ‘cair’ a indicação de telicidade do verbo, expressa pelo morfema {-ʊ} ‘concluso’. O morfema {-ʊ} ‘concluso’ sempre tem o valor de ‘certeza’ em face de {-de} ‘reiteração/ênfase’.

Quadro 28: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no assertivo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	‘passado’	‘presente’
{-yɔ} ‘passado remoto’	‘passado remoto’	‘passado remoto’
{-gɛ} ‘mudança de estado’	‘mudança de estado’	‘mudança de estado’
{-tɛ} ‘dêitico’	‘dêitico (adjunto adverbial)’	‘descontinuidade’
{-ʊ} ‘concluso’	‘telicidade, confirmação, certeza’	‘descontinuidade’

O acabado hipotético se combina com {-Ø} ‘presente’ e {-yɔ} ‘passado remoto’ com verbos discretos e compactos:

Quadro 29: Os valores dos morfemas de tempo no hipotético

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	

CAPÍTULO III

O INACABADO:

COMBINAÇÃO E VALORES

0. Introdução

A análise dos valores do inacabado segue a proposta de análise estrutural do capítulo I. este paradigma se subdivide em hortativo, afirmativo e negativo; assertivo; habitual, habitual simples e habitual inexorável; e progressivo. Os valores de cada paradigma estão associados ao tipo de verbo, discreto, compacto ou denso, e ao tipo de afixo de tempo e modalidade.

1. Os valores do inacabado hortativo

O hortativo se divide em inacabado imperativo afirmativo ou inacabado hortativo afirmativo e inacabado imperativo negativo ou inacabado hortativo negativo ou proibitivo. Todos esses seriam nomes prováveis para esses paradigmas, que, doravante, serão denominados hortativo afirmativo e hortativo negativo, respectivamente.

1.1. Os valores do inacabado hortativo afirmativo

O hortativo afirmativo aparece nos dados combinado somente com o morfema {-Ø} ‘presente’. Com os verbos discretos, este morfema apresenta o valor de ‘presente’:

(1)

(a)

mo ba-gi-na b-wom maalu ma

agora 1P.suj-cop-2S.obj clas-comer clas.arroz det

‘agora, nós (com você) vamos comer (o) arroz; *maintenant, nous (avec toi) allons manger du riz*’

(b)

mo bin-tɛ bwom maalu ma
 agora vir-deit clas-comer clas.arroz det
 ‘agora, venha comer arroz; *maintenant, viens manger du riz*’

(1a) no inacabado hortativo é um convite para comer arroz, esta frase é equivalente a (1b) no acabado imperativo.

Os verbos compactos parecem sofrer restrição de ocorrência no paradigma do hortativo afirmativo presente, aparentemente, porque um verbo compacto no acabado imperativo presente é equivalente, em termos de valor, ao inacabado hortativo presente, o que, aparentemente, dispensa a ocorrência deste conjunto de verbos neste paradigma. Isso se verifica, por exemplo, no dado com {lep} ‘ser/estar pesado’ no paradigma do acabado imperativo (cf. 8, cap. II, renumerado 2):

(2)

lep-tɛ-ma
 ser/estar pesado-deit-3S.obj
 kaatɔ a-yɔɔf-na ndaani
 porque 3S.suj-ser/estar maior-2S.obj muito
 ‘é preciso torná-lo pesado porque ele é mais velho que você; *il faut le rendre lourd, parce qu’il est plus âgé que toi*’

Apesar de supormos que haja algum tipo de restrição de ocorrência de verbos compactos no paradigma do acabado hortativo, o verbo compacto {fuun} ‘amar, querer, desejar’ ocorre na contraparte negativa deste paradigma, o que nos leva a pensar na possibilidade de haver exceções com relação a esta proposta.

Dos verbos densos, ocorre, neste paradigma, {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, em seu emprego discreto, no sentido de ‘educar’; e {jojoole} ‘ser/estar frio, fazer frio, esfriar, fazer esfriar’, em sua forma verbo-nominal, que se apresenta reduzida, assemelhando-se à forma do adjetivo e do substantivo, na expressão utilizada na saudação balanta:

(3)

g-fɔd-e mbuuta gi ba-raa-ma
 clas-bater-nom clas.criança cop clas-eduquer-3S.obj
 ‘bater na criança, educa-a; *frapper l’enfant l’éduque*’

(4)

(a)

bâ-gi-na bi-joole ga?
 1P.suj-cop-2S.obj clas-ser/estar frio qu-
 ‘nós (com você) estamos bem? (=como vai?); *est-ce que nous (avec toi) sommes bien?*
 (=comment vas-tu?)’

(b)

bâ-gi-na bi-joole
 1P.suj-cop-2S.obj clas-ser/estar frio
 ‘nós (com você) estamos bem (=eu estou bem); *nous (avec toi) sommes bien (=je vais bien)*’

Em (3) tem-se a leitura ‘é preciso bater na criança para educá-la’. A estrutura do inacabado hortativo afirmativo na primeira plural se assemelha ao acabado imperativo primeira plural, exceto pela presença da ‘cópula’, seguida de uma forma verbo-nominal. Assemelha-se ao inacabado progressivo, exceto com relação à presença de {a} ‘locativo’ entre {gi} ‘progressivo’ e a forma verbo-nominal. A pergunta em (4) pode ser feita no acabado assertivo também:

(4’)

bâ-joole-na ga?
 1P.suj-ser/estar frio-2S.obj qu-
 ‘nós (com você) estamos bem? (=como vai?); *est-ce que nous (avec toi) sommes bien?*
 (=comment vas-tu?)’

Com base nesses dados, observamos que {-Ø} ‘presente’ tem o valor de ‘presente’.

1.2. Os valores do inacabado hortativo negativo

O hortativo negativo implica sempre uma advertência ou recomendação e pode ser usado ainda que a pessoa a quem se refere jamais tenha feito aquela ação. Este paradigma se combina com {-Ø} ‘presente’.

1.2.1. {-Ø} ‘presente’

Os verbos discretos combinados com {-Ø} ‘presente’ no paradigma do hortativo negativo têm o valor de ‘presente’; jamais têm o valor de ‘passado’; e não ocorrem com verbos de fenômeno:

(5)

(a)

bi-n-bag rɪɪj
 3P.suj-inac-hort.neg chorar
 ‘(que) elas não chorem; (qu’)ils ne pleurent pas’

(b)

u-n-bag yeeŋ-dɛ
 2S.suj-inac-hort.neg casar-se-rec
 ‘(que) você não se case; (que) tu ne te maries pas’

A frase com {rɪɪj} ‘chorar’ é enunciada no contexto em que as crianças estão brincando, então a mãe lhes diz: ‘(podem brincar), mas não chorem’; a frase com {yeeŋdɛ} ‘casar-se’ é usada quando alguém já está combinado em casamento e se interessa por outra pessoa, então é uma forma de lhe dizer que ela está proibida de se casar com esta pessoa.

Com o sentido de recomendação, aparentemente, este paradigma equivale à negação do inacabado {VV-tiŋa} ‘não mais’, cuja contraparte é {VV-tta} ‘não mais’ no acabado (cf. 35c, cap. II):

(6)

(a)

a-n-bag lot maalu ma

3S.suj-inac-hort.neg cozinhar clas.arroz det

‘(que) ela não cozinhe (mais) arroz; (*qu’*) *elle ne cuise (plus) le riz*’

(b)

a-fula ma aa-tiṇa miira a-ṭasu ma

clas-menina det 3S.suj-neg pensar clas-rapaz det

‘(doravante), a moça não vai mais pensar no rapaz; (*désormais*), *la fille ne va plus penser au garçon*’

Com relação ao tempo verbal não cabe ao inacabado uma leitura de passado, como se verifica nos dados abaixo com {num} ‘trazer, carregar, levar’:

(7)

(a)

mɔ num-na-te

hoje trazer-imp.p-deit

‘traga(-me) hoje; *apporte(-le moi) aujourd’hui*’

(b)

mɔ i-n-bag num

hoje 1S.suj-inac-hort.neg trazer

‘(que) eu não traga hoje; (*que*) *je n’apporte pas aujourd’hui*’

(c)

mɔ u-n-bag num

hoje 2S.suj-inac-hort.neg trazer

‘(que) você não traga hoje; (*que*) *tu n’apportes pas aujourd’hui*’

(d)

b-luθi u-n-bag num
 clas-amanhã 2S.suj-inac-hort.neg trazer
 ‘(que) você não traga amanhã; *(que) tu n’ apportes pas demain*’

(e)

*p-sɔ u-n-bag num
 clas-ontem 2S.suj-inac-hort.neg trazer
 ‘*(que) você não trouxesse ontem; **(que) tu n’aies pas apporté hier*’

(f)

p-sɔ a-num-tɛ
 clas-ontem 3S.suj-trazer-deit
 ‘ontem, ele trouxe; *hier, il a apporté*’

Como se verifica nos dados, ao acabado assertivo com {-Ø} ‘presente’, acompanhado de {mɔ} ‘hoje’ ou de {psɔ} ‘ontem’, cabe somente uma leitura de ‘passado’; mas ao inacabado não cabe esta leitura, ainda que acompanhado de {psɔ} ‘ontem’.

No conjunto dos verbos discretos, os verbos de fenômeno não ocorrem no paradigma do hortativo. Isso implica que com {ref} ‘ventar, abanar’, na ‘3S.suj’, a leitura nunca se refere a {f-ndel ma} ‘o vento’, mas se referirá sempre a um sujeito [+ animado], o mesmo se dá com {sɔl} ‘secar’:

(8)

(a)

a-fula ma a-n-bag ref jwɔle [afula ma aambag ref jwɔle]
 clas-menina det 3S.suj-inac-hort.neg ventar clas.fogo
 ‘(que) a moça não abane o fogo; *(que) la fille ne souffle pas sur le feu*’

(b)

sɔl	sɔl-na	a-n-bag sɔl
sɔl-tɛ	sɔl-na-tɛ	a-n-bag sɔl-tɛ
secar(-deit)	secar-imp.p(-deit)	3S.suj-inac-hort.neg secar(-deit)
‘seque; <i>fasses</i> <i>sécher</i> ’	‘sequem; <i>fassent</i> <i>sécher</i> ’	‘(que) ele não seque; <i>(qu’il ne fasse pas sécher</i> ’

Os verbos densos que coocorrem neste paradigma estão empregados como discretos. Isso ocorre com os verbos {jojoole} ‘fazer frio, ser/estar frio, esfriar, fazer esfriar’, {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, {yɔɔf} ‘ser/estar maior/mais velho, ter mais, ultrapassar, exceder, superar-se, crescer’. Com estes verbos, {-Ø} ‘presente’ apresenta o valor de ‘presente’:

(9)

a-fula ma a-n-bag jojoole wede
 clas-menina det 3S.suj-inac-hort.neg esfriar clas.água
 ‘(que) a moça não esfrie água; *(que) la fille ne refroidisse pas l’eau*’

(10)

(a)

u-n-bag yɔɔf Mamadou
 2S.suj-inac-hort.neg ser/estar maior Mamadou
 ‘(que) você não ultrapasse Mamadou; *(que) tu ne dépasses pas Mamadou*’

(b)

u-n-bag-ma yɔɔf fʊʊda [umbagima yɔɔf fʊʊda]
 2S.suj-inac-hort.neg-3S.obj ser/estar maior tamanho
 ‘(que) você não se estique mais que ele; *(que) tu ne le dépasses pas en taille*’

A frase (10b) apresenta o seguinte contexto: ao fazer a medida de duas crianças para saber quem é maior, um se estica mais que o outro, então quem está tirando as medidas diz: ‘não se estique mais que ele (=é preciso se encolher um pouco para tirar a medida)’. Este

mesmo dado se encontra no capítulo anterior e apresenta sua paráfrase no acabado imperativo (cf. 2, cap. II).

1.2.2. {-tɛ} ‘dêítico’

Os verbos discretos se combinam com o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ no paradigma do hortativo negativo, com subvalores de ‘lugar’ e ‘adestivo’:

(11)

(a)

u-n-bag yooŋ
2S.suj-inac-hort.neg esperar
‘(que) você não me espere; *(que) tu ne m’attendes pas*’

(b)

u-n-bag-tɛ yooŋ
2S.suj-inac-hort.neg-deit esperar
‘(que) você não me espere; *(que) tu ne m’attendes pas*’

O falante explica que a diferença entre as duas frases acima é que em (11a) o enunciador e o interlocutor estão juntos, o enunciador diz que ele parta, mas não lhe dá alguma informação sobre si mesmo: ‘não me espere, (vá)’; enquanto que em (11b) eles estão juntos também, e, ao utilizar {-tɛ} ‘dêítico’, o enunciador diz que ele não tem a intenção de ir ao encontro que eles fixaram em um outro lugar, como, por exemplo, ‘não me espere em sua casa’.

Em um outro dado com {baay} ‘brincar’ o valor de ‘dêítico’ se mantém, mas o subvalor se altera para ‘adestivo’:

(12)

a-n-bag-tɛ baay a baja
3S.suj-inac-hort.neg-deit brincar loc ser/estar limpo
‘ela não pode brincar porque está limpo; *il ne peut pas s’amuser parce qu’il est propre*’

Neste contexto, a mãe, após lavar e vestir a criança, deixa-a aos cuidados de alguém e recomenda: ‘ela não pode brincar para não se sujar’.

Nos dados acima, {-tɛ} ‘dêitico’ tem a função de adjunto adverbial (cf. também 8b). Este morfema aparece combinado com o verbo compacto {fuɯŋ} ‘amar, querer, desejar’ em substituição ao verbo denso {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, no sentido de ‘agradar-se. Neste caso, aparentemente, a função de {-tɛ} ‘dêitico’ é atribuir a este verbo o traço descontínuo, possibilitando-o ocorrer no paradigma do hortativo (cf. também 16c):

(13)

(a)

a-n-bag-tɛ fuɯŋ so u-bin-tɛ
 3S.suj-inac-hort.neg-deit amar para 2S.suj-vir-deit
 ‘(que) ele não queira que você venha; (*qu*)’*il ne veut pas que tu viennes*’

(b)

*a-n-bag-tɛ raa so u-bin-tɛ
 3S.suj-inac-hort.neg-deit agradar-se para 2S.suj-vir-deit
 ‘*(que) ele não se agrada que você venha; **qu’il ne plaise pas que tu viennes*’

A estreita relação entre o morfema {-tɛ} ‘dêitico’ e o verbo {fuɯŋ} ‘amar, querer, desejar’ aparece também no acabado assertivo, em que a frase sem {-tɛ} ‘dêitico’ é agramatical:

(14)

* a-fula ma aa-fuɯŋ so u-bin-tɛ
 clas-menina det 3S.suj.neg-amar para 2S.suj-vir-deit
 ‘*a moça não quis que você viesse’; **la fille n’a pas voulu que tu viennes*’

Os verbos densos se combinam com {-tɛ} ‘dêitico’ no paradigma do hortativo negativo e mantém-se a regra do emprego discreto do verbo:

(15)

u-n-bag jojoolo-te wede
 2S.suj-inac-hort.neg ser/estar frio-deit clas.água
 ‘(que) você não esfrie (a) água; *(que) tu ne refroidisses pss l’eau*’

Temos um só paradigma o inacabado hortativo negativo presente que apresenta uma combinação com {-te} ‘dêitico’.

1.2.3. {-ʊ} ‘concluso’

Novamente, como exemplo, aparece, neste contexto, o verbo {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ que têm o seu sentido alterado de ‘pensar’ para ‘decidir’, se no acabado; mas, se no inacabado, não:

(16)

(a)

a-miira-te
 3S.suj-pensar-deit
 ‘ele vai pensar; *il va penser*’

(b)

a-miir-te-ʊ b-to [amiirtu b-to]
 3S.suj-pensar-pas.ind-conc clas-ir
 ‘ele decidiu partir; *il a décidé d’(y) aller*’

(c)

bâ-n-bag miir-te-ʊ b-to [bâmbag miirtu bto]
 1P.suj-inac-hort.neg penser-deit-conc clas-ir
 ‘(que) nós não pensemos em partir; *(que) nous ne pensons pas partir*’

Como já discutido no capítulo II, em (16a), embora {-te} ‘dêitico’ acrescente a frase a interpretação ‘ele vai pensar (um pouco mais)’, devido ao contexto da pergunta, o verbo mantém o mesmo sentido. Esse sentido é alterado em (16b) com o acréscimo de {-ʊ} ‘concluso’ à frase, cujo sentido é ‘ele já pensou (=ele decidiu)’. Junta-se no acabado o traço

descontínuo de {-tɛ} ‘dêítico’ atribuído ao verbo e o valor ‘concluso’ de {-ʊ} ‘concluso’, que leva o valor de {-Ø} ‘presente’ para o ‘passado’. No hortativo, esta combinação ocorre, mas o valor de {-Ø} ‘presente’ não é alterado, cria-se somente o valor de ‘intransigência’, encontrado no acabado imperativo acrescido de {-ʊ} ‘concluso’.

1.2.4. {-ɪ} ‘ergativo’ e {-ɪ} ‘inconcluso’

Nos quadros abaixo, encontramos os morfema {-ɪ} ‘ergativo’ e {-ɪ} ‘inconcluso’. O morfema {-ɪ} ‘ergativo’ transforma {raa} ‘ser/estar bravo’ a {raa} ‘irar-se, ficar bravo’, ao fazer isso, atribui ao verbo o traço descontínuo que torna possível a sua ocorrência no paradigma do acabado imperativo e do inacabado hortativo.

(17)

(a)

raa	mbuuta	‘eduque a criança; <i>élève l’enfant</i> ’
educar	clas.criança	
raa-ɪ [raay]		‘eduque; <i>élève</i> ’
educar-inc		
raa-ɪ [raay]		‘fique bravo; <i>fâche-toi</i> ’
irar-se-erg		

(b)

a-n-bag raa-ɪ [ambag raay]
 3S.suj-inac-hort.neg irar-se-erg
 ‘(que) ele não se irrite; (*qu’il ne se fâche pas*)’

Os dois hortativos se combinam com {-Ø} ‘presente’, cujo valor, neste paradigma, é ‘presente’. O hortativo negativo se combina com {-tɛ} ‘dêítico’, atribuindo a verbos compactos o traço descontínuo, com {-ʊ} ‘concluso’ com valor de ‘intransigência’. Em outro caso é {-ɪ} ‘ergativo’ que atribui o traço descontínuo ao verbo e não dispomos de outros dados para saber se {-ɪ} ‘inconcluso’ ocorre neste paradigma.

2. Os valores do inacabado assertivo

Este paradigma se combina com os seguintes morfemas de tempo de modalidade: {- $\emptyset$ } ‘presente’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {bə-} ‘futuro’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘futuro’.

2.1. {- $\emptyset$ } ‘presente’

Os verbos discretos, combinados com {- $\emptyset$ } ‘presente’, neste paradigma, apresentam, preferencialmente, o valor de ‘futuro’, mas podem apresentar o valor de ‘presente’ sendo que, no primeiro caso, o inacabado assertivo presente, é intercambiável com o inacabado habitual; e, no segundo, com o inacabado assertivo futuro:

(18)

(a)

a-n-fɔd-ni

3S.suj-inac-bater-1S.obj

‘ele vai me bater (é certo); *il va me frapper (c’est sûr)*’

(b)

teŋgum i-n-fɔd-na

cuidado, 1S.suj-inac-bater-2S.obj

‘cuidado, eu vou te bater; *fais attention, je vais te frapper*’

(c)

a-n-hab jila

3S.suj-inac-matar clas.boi

‘ele matará o boi (=eles está prestes a matar o boi); *il va tuer le bœuf (=il est sur le point de tuer le boeuf)*’

(d)

i-n-saant f-ja
 1S.suj-inac-falar clas-ja
 ‘eu falarei em fja; *je parlerai fja*’

Neste dado com {fɔd} ‘bater’, o falante diz que a leitura de ‘futuro’ apresenta um traço de ‘certeza’ e, também, uma leitura de ‘presente’ é possível. Esse traço de ‘certeza’ aparece fortemente no comentário do falante a respeito do dado com {hab} ‘matar’: ‘ele está prestes a matar o boi’. O verbo {saant} ‘falar’, neste paradigma, comporta-se como os demais verbos discretos, diferentemente do que se dá no paradigma do acabado; em (18d), a frase é enunciada em uma reunião: alguém chega à reunião e percebe que todos fazem seus discursos em uma outra língua, então ele diz: ‘(todos podem falar como quiserem), mas eu falarei em fja’. Segundo o falante, esta frase se difere da frase com o ‘auxiliar’ {tɔ} ‘ir’, porque a pessoa determinou antes da reunião que ela ia falar em fja e ela se preparou para isso.

O valor de ‘futuro’ deste paradigma é claro, porque este é compatível com o advérbio de tempo {bluθi} ‘amanhã’; com perífrases verbais com {tɔ} ‘ir’, com algumas restrições; e com o paradigma do inacabado assertivo futuro:

(19)

b-luθi a-n-num-tɛ
 clas-demain 3S.suj-inac-trazer-deit
 ‘amanhã, ele trará ...; *demain; il apportera ...*’

(20)

(a)

a-n-yizi b-sin ma
 3S.suj-inac-deixar clas-rua det
 ‘ele deixará a rua; *il laissera/quittera la rue*’

(b)

a-n-tɔ yizi b-sin ma
 3S.suj-inac-ir deixar clas-rua det
 ‘ele vai deixar a rua; *il va laisser/quitter la rue*’

As duas frases em (20) diferem, pois, na primeira, a pessoa já começou a deixar a rua; enquanto, na segunda, a pessoa ainda não começou a deixar a rua³.

Podemos utilizar uma construção perifrástica com {tɔ} ‘ir’ equivalente ao inacabado assertivo com {-Ø} ‘presente’, mas estas construções apresentam pequenas nuances em termos de sentido. Por outro lado, há restrição com relação à coocorrência da construção perifrástica com {tɔ} ‘ir’ com determinados verbos, isso se observa com {rɛf} ‘ventar’ em um contexto de previsão meteorológica:

(21)

(a)

b-luɛi, f-ndel ma n-rɛf ndaani
 clas-amanhã clas-vento det inac-ventar muito
 ‘amanhã, vai ventar muito; *demain, ça va souffler beaucoup*’

(b)

* f-ndel ma tɔ rɛf (ndaani)
 clas-vento det ir ventar (muito)
 ‘*vai ventar; **il va venter*’

(c)

* f-ndel ma n-tɔ rɛf (ndaani)
 clas-vento det inac-ir ventar (muito)
 ‘*vai ventar; **il va venter*’

³ Essa diferença entre as frases em (20) aponta para o fato de que, aparentemente, {tɔ} ‘ir’ (e outros ‘auxiliares’), em balanta, ainda mantenham o valor de verbos ‘seriais’, porque, diferentemente de {ngi} ‘habitual’, por exemplo, (i) não hospeda o pronome objeto; (ii) não coocorre com todos os verbos; (iii) somente com alguns verbos, nós podemos interpretá-lo como um verdadeiro auxiliar. Isso afirmamos com relação à cadeia de gramaticalização dos auxiliares, porque, segundo esta cadeia, para que um verbo, neste caso {tɔ} ‘ir’, seja um verdadeiro auxiliar, precisaríamos observar os quatro seguintes parâmetros: dessemantização: a perda do conteúdo lexical; descategorialização: a perda do comportamento gramatical associado ao conteúdo lexical; cliticização: a perda da independência morfosintática de palavra livre; erosão: a perda de substância fonológica, segundo o processo de gramaticalização: verbo > serial > auxiliar (cf. Heine, 1993).

(d)

a-yaa f-ndel ma gi ndaani b-luθi
 3S.suj-dizer clas-vento det cop muito clas-amanhã
 ‘ele disse que vai ventar muito amanhã; *il a dit qu’il va venter beaucoup demain*’

Este paradigma é intercambiável com o paradigma do inacabado assertivo futuro nas frases abaixo usadas para dizer ao menino por ocasião da circuncisão que ele será circuncidado:

(22)

(a)

a-n-yozi-na [aɲona]
 3S.suj-inac-cortar-2S.obj
 ‘ele vai te cortar; *il va te couper*’

(b)

a-n-yozi-na jif [aɲona jif]
 3S.suj-inac-cortar-2S.obj clas.mão
 ‘ele vai te cortar o dedo; *il va te couper le doigt*’

(c)

a-n-bi-yozi-na
 3S.suj-inac-fut-cortar-2S.obj
 ‘ele te cortará; *il te coupera*’

Com o valor de ‘presente’, este paradigma é equivalente a um habitual, já existente ou que se inicia a partir de agora, por exemplo, com {baaybaay} ‘tocar’, com {siig} ‘beber’ e com {tumble} ‘vestir-se’:

(23)

(a)

a-n-siig a-ndaŋ
 3S.suj-inac-beber adj-grande
 ‘ele bebe muito; *il boit beaucoup*’

(24)

(a)

bi-n-baaybaay bali ma
 3P.suj-inac-tocar clas.balafon det
 ‘eles tocam o balafon; *ils jouent du balafon*’

(c)

bi-ŋgi baaybaay-mo bali ma
 3P.suj-hab tocar-inex clas.balafon det
 ‘eles têm o hábito de tocar o balafon; *ils ont l’habitude de jouer du balafon*’

(25)

(a)

a-n-tum-le mduduge bwoda [antumli mduduge bwoda]
 3S.suj-inac-vestir-ref clas.camisa clas.um
 ‘ele se veste com a mesma camisa (sempre); *il porte la même chemise (toujours)*’

(b)

a-ŋgi tum-le-mo mduduge bwoda [aŋgi tulimɔ mduduge bwoda]
 3s.suj-hab vestir-ref-inex clas.camisa clas.um
 ‘ele se veste com a mesma camisa (sempre); *il porte la même chemise (toujours)*’

Em (23), a equivalência entre o inacabado assertivo e o inacabado habitual aparece na ‘expressão usada para dizer que alguém tem o hábito de beber sempre’. A tradução dada pelo falante para (24) é ‘eles têm o hábito de tocar o balafon desde hoje até o futuro’, que difere da frase no habitual com relação ao tempo, início e fim do processo: ‘eles têm o hábito de tocar o

balafon desde o passado até hoje’. O que faz com que as frases em (24) e (25) sejam intercambiáveis, observadas as diferenças entre o inacabado assertivo e o inacabado habitual.

A oscilação entre ‘futuro’, não marcado neste paradigma, e ‘presente’ é definida no contexto, como se verifica no dado abaixo:

(26)

aa-nge sol(-mo) gwil ma
 3S.suj.neg-hab.neg secar(-inex) clas.roupa det
 bari f-ndel n-sol gi
 mas clas-vento inac-secar clas.anaf/foc
 ‘ele (o sol) não seca a roupa, mas o vento a seca; *il (le soleil) ne fait pas sécher le linge, mais le vent le fait*’

O valor de inacabado assertivo presente se encontra na tradução, mas devido ao contexto, esta frase se assemelha mais a um habitual: a frase diz respeito ao inverno quando o sol é menos forte e depende-se do vento para a secagem das roupas: ‘(nesta época), o sol não seca a roupa, mas o vento sim’.

Em período composto, encontramos a combinação de orações no acabado assertivo e no inacabado assertivo:

(27)

bima bâ-siig-ni wede ma
 quando 1P.suj-beber-rel clas.água det
 mma bi-gaθ-ʊ
 para/e/depois 3P.suj-chegar-conc
 ‘quando nós bebíamos água, eles chegaram; *quand nous buvions de l’eau, ils sont arrivés*’

(28)

bima bâ-n-siig-ɪ wede ma
 quando 1P.suj-inac-beber-inc clas.água det
 mma bi-gaθ-ʊ
 para/e/depois 3P.suj-chegar-conc

‘quando nós estavámos bebendo água, eles chegaram; *quand nous buvions de l’eau, ils sont arrivés* (= *quand nous étions en train de boire de l’eau, ils sont arrivés*)’

Estas frases apresentam diferenças em termos de simultaneidade. Em todas as proposições, a tradução dada pelo falante indica simultaneidade entre a primeira e a segunda oração, mas (27) e (28) diferem em que, em (27), a primeira oração se encontra no acabado assertivo presente, e, em (28), a primeira oração se encontra no inacabado assertivo presente, acrescido de {ɪ-} ‘inconcluso’, o que leva a diferenças em termos de a ‘ação já se processava a algum tempo’ e a ‘ação começa a se processar’. Aparentemente, a melhor tradução para (27) seria ‘quando nós bebíamos água, eles chegaram’ e para (28) ‘quando nós estamos bebendo água, eles chegam’, porque a presença de {ɪ-} ‘inconcluso’ aponta para o fato de que a ação ainda se processa. Acrescenta-se a isso, as diferenças, em termos de simultaneidade entre as orações que compõem a proposição em (27) e as orações que compõem a proposição em (28), ambas podem ser acrescidas de {p-sɔ} ‘ontem’, mas a relação que se segue entre elas dentro da proposição é diferente: em (27), as duas frases estão no passado, mas a primeira é anterior em relação à segunda; enquanto que, em (28), as duas estão passado, mas a relação entre elas é quase simultânea, o que levou o falante a apresentar para (28) uma tradução no ‘progressivo’.

Faltam-nos dados com verbos compactos neste paradigma, isso se deve à grande concentração de verbos densos em balanta, o que faz com que, aparentemente, reduza-se o número de verbos compactos e ao jogo entre construções epítéticas e atributivas na língua. Durante a coleta de dados, esperávamos que o verbo escolhido fosse compacto, mas a maior parte tinha, também, emprego como discreto, portanto um verbo denso. Além disso, os verbos compactos ora se realizam sem cópula, o que os caracteriza como verbos; ora se realizam com cópula, o que os descaracteriza como verbos e os torna simples adjetivos. Assim o número de verbos compactos se reduziu a {saage} ‘ser/estar doente’, {bonje} ‘ser/estar bonita’, {gole} ‘ter-medo’, {lep} ‘ser/estar pesado’, {beg} ‘faltar ar’, {gap} ‘ser/estar prestes à’, {bo} ‘ser/estar cansado’ e {fuun} ‘amar, querer, desejar’, que, na maioria das vezes, foram empregados com a cópula.

A combinação de um verbo denso com {-Ø} ‘presente’ apresenta o valor de ‘futuro’ como se dá com os verbos discretos, mas, também, o valor de ‘presente’, sendo, às vezes, parafraseado pelo progressivo.

Com {ɲoom} ‘ter coragem, confiar, ousar’, em seu emprego compacto, {-Ø} ‘presente’ apresenta o valor de ‘futuro’ e expressa um desejo, tal qual ‘a partir de agora, eu quero ter coragem’:

(29)

i-n-ɲoom

1S.suj-inac-ter-coragem

‘eu terei coragem; *j’aurai le courage*’

O verbo {faw} ‘pregar/bater, aconselhar’ se combina com {-Ø} ‘presente’, em seu emprego compacto e discreto, com o valor de ‘presente’:

(30)

(a)

bi-n-faw-ma g-lɔ

3P.suj-inac-bater-3S.obj clas-ouvido

‘eles lhe batem nos ouvidos (eles lhe aconselham); *ils lui tapent les oreilles (ils lui donnent des conseils)*’

(b)

a-gi a faw-ma g-lɔ

3S.suj-cop loc bater-3S.obj clas-ouvido

‘ele está lhe batendo nos ouvidos (ele o aconselha); *il est en train de lui taper les oreilles (il est e train de le conseiller)*’

(31)

(a)

_ wi n-diga bɔ? [_ wi ndiga ba?]

clas.que inac-fazer-barulho clas.dem.pres.prox.fal

‘_ que barulho é esse?; _ *qu’est-ce que ce bruit?*’

(b)

_ bi-n-faw k-suur

3P.suj-inac-bater clas-coisa pontiaguda

‘_ eles batem algo pontiagudo; _ *ils tapent quelque chose de pointu*’

Os dados em (30) e (31) apresentam o verbo denso {faw} ‘pregar/bater, aconselhar’ em seus empregos compacto e discreto, respectivamente. Em (30), os dados se referem ao casamento balanta, em que uma das últimas etapas consiste em levar a noiva à casa do marido. Chegando lá, todas as pessoas mais velhas aconselham o casal, então os demais que se encontram fora dizem: ‘eles estão lhe batendo nas orelhas (=eles estão lhe dando conselhos)’. Em (31), alguém escuta um barulho e pergunta ‘que barulho é esse?’ Nos dois casos, a combinação do inacabado assertivo com {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’. Estas frases (30) e (31) possuem um contexto específico, em que a ação está se desenvolvendo naquele momento e todas são passíveis de serem parafraseadas no progressivo presente.

Com o verbo {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, mantém-se um leitura de ‘presente’ para o morfema {-Ø} ‘presente’:

(32)

(a)

wil i-n-raa-ni so u-bin-tɛ [wilinrani so ubintɛ]

clas.suj(.imp) 1S.suj-inac-agradar-se-1S.obj para 2S.suj-vir-deit

‘o que me agrada é que você venha (=eu quero que você venha); *la chose qui me plaît c’est que tu viennes* (=je veux que tu viennes)’

(b)

i-n-fuuŋ-tɛ so u-bin-tɛ

1S.suj-inac-amar-deit para 2S.suj-vir-deit

‘eu quero que você venha; *je veux que tu viennes*’

(c)

wil i-n-raa-ni so i-n-wus b-sũ
 clas.suj(.imp) 1S.suj-inac-agradar-se-1S.obj para 1S.suj-inac-comprar clas-amendoim
 ‘o que me agrada é comprar amendoim (=eu quero comprar amendoim); *la chose qui me plaît c’est acheter des cacahuètes* (=je voudrais acheter des cacahuètes)’

Neste paradigma tanto {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’, bem como {fuun} ‘amar, querer, desejar’ ocorrem. As expressões em balanta para pedir ou comprar alguma coisa apresentam esses dois verbos com valores como ‘eu gostaria’, por exemplo.

Outro verbo denso é {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ que, mesmo no acabado, não apresenta uma leitura de fechamento da ação e nem de passado, exceto quando acrescido de {psɔ} ‘ontem’, por exemplo. A leitura de ‘presente’ que persiste no acabado assertivo persiste, também, no inacabado assertivo, sendo necessário para uma leitura de futuro o uso de uma construção com {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’:

(33)

(a)

hu n-yɔɔf-ba [hu ɲɔɔfba]
 2S.suj inac-ser/estar maior-1P.obj
 ‘você é mais velho (maior) que nós; *tu es plus âgé (plus grand) que nous*’

(b)

wil raa-ni i-n-na-yɔɔf [wil raani inayɔɔf]
 clas.suj(.ind) agradar-se-1S.obj 1S.suj-inacc-2S.obj-ser/estar maior
 ‘o que me agrada é ser maior que você (=eu quero ser maior que você); *la chose que me plaît c’est que je sois plus grand que toi* (=je veux être plus grand que toi)’

(c)

wil raa-ni hidima n-ni-yɔɔf [wil raani hidima naniyɔɔf]

clas.suj(.ind) agradecer-se-1S.suj 3S.suj.aus.enf inac-1S.obj-ser/estar maior

‘o que me agrada é que ELE seja maior que eu (=eu quero que ELE seja maior que eu);

la chose que me plaît, c’est qu’IL soit plus grand que moi (=je veux qui il soit plus grand que moi)’

Os verbos que se seguem apresentam neste paradigma o valor ora de ‘futuro’ ora de ‘presente’. Como ocorre no paradigma do acabado, neste paradigma {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, também, apresenta valores distintos em sua combinação com o morfema {-Ø} ‘presente’. Em sua combinação com a forma verbo-nominal {bonje} ‘ser/estar bonita’, o seu valor é ‘presente (progressivo)’, substituindo o paradigma do inacabado progressivo. Com o adjetivo {ndaŋ} ‘grande’, que pressupõe mudança de estado, o valor é de ‘futuro’:

(34)

(a)

hima gi a-bonja

3S.suj.enf cop adj-bonito

‘ELA é bonita; *ELLE est jolie*’

(b)

hima n-gi a-bonje

3S.suj.enf inac-cop adj-bonito

‘ELA está ficando bonita (=a moça está se arrumando); *ELLE est en train de devenir jolie*’

(35)

(a)

bâ-gi-na bi-ndaŋ

IP.suj-cop-2P.obj clas-grande

‘nós (com você) nos tornamos grandes; *nous (avec toi) sommes devenus grands*’

(b)

bâ-n-gi-na bi-ndaŋ

IP.suj-inac-cop-2S.obj clas-grande

‘nós (com você) nos tornaremos grandes; *nous (avec toi) deviendrons grands*’

Com o verbo {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ em seu emprego compacto, o morfema {-Ø} ‘presente’ indica ‘futuro’ ou ‘presente’, devido a um jogo entre este verbo e {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’:

(36)

(a)

a-miira a-yaant

3S.suj-pensar 3S.suj-sair

‘ele pensa em sair (já); *il pense à sortir (déjà)*’

(b)

a-θag yaa a-yaant

3S.suj-decidir que 3S.suj-sair

‘ele decidiu sair (e saiu); *il a décidé de sortir (et il est sorti)*’

(c)

a-miira a-θag yaa a-n-yaant

3S.suj-pensar 3S.suj-decidir que 3S.suj-inacc-sair

‘ele pensou, ele decidiu que ele ia sair (mas ele não pode sair); *il a pensé, il a décidé qu’il allait sortir (mais il ne peut pas sortir)*’

(d)

a-θag yaa a-n-yaant-i

3S.suj-inac-decidir que 3S.suj-inac-sortir-inc

‘ele decidiu sair (futuramente); *il a décidé de sortir (ultérieurement)*’

(e)

a-n-miira a-n-yaant [ammiira anyaant]
 3S.suj-inac-pensar 3S.suj-inac-sair
 ‘ele vai pensar em sair (já); *il va penser à sortir (déjà)*’

(f)

a-n-miira yaa a-n-yaant-ɪ [ammiira]
 3S.suj-inac-pensar que 3S.suj-inac-sair-inc
 ‘ele pensa em sair (futuramente); *il pense à sortir (ultérieurement)*’

O que observamos é que no acabado, {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, combinado com {-Ø} ‘presente’, pode ter o valor de ‘presente’ ou de ‘passado’, em coordenada com {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ ou, como discutido no capítulo II, acrescido de {-tɛ} ‘dêítico’ + {-ɔ} ‘concluso’; e que no ‘inacabado’, este verbo pode ter o valor de ‘presente’ ou ‘futuro’. Nas quatro primeiras frases, o verbo se encontra no acabado: em (36a) {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ tem o valor de ‘presente’ em relação a (36b) {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ com valor de ‘passado’; mas, em (36c), em uma oração coordenada justaposta, ambos têm o mesmo valor de ‘passado’, aparentemente, exceto, neste contexto e acrescido de {-tɛ} ‘dêítico’ + {-ɔ} ‘concluso’, {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ teria o valor de ‘passado’. Nas duas últimas frases, o verbo se encontra no ‘inacabado’: em (36e), {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ tem o valor de ‘futuro’ em relação a (36f) com o valor de ‘presente’ com o mesmo verbo. Neste conjunto de dados, a língua emprega dois tipos de estruturas: uma que se assemelha à serialização verbal, que implica o encadeamento dos verbos com o mesmo sujeito, mesmo aspecto e mesmo tempo; e um outro que é uma subordinação, que não implica os mesmos valores aos verbos. E {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ se assemelha ora a verbo compacto, ora a verbo discreto, em sua combinação com {-Ø} ‘presente’ no inacabado: ‘presente’/‘futuro’, respectivamente.

O valor de ‘presente’ que {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ apresenta no inacabado pode ter uma leitura de ‘presente (progressivo)’, como se verifica na paráfrase com o progressivo:

(37)

(a)

wil u-miira-bɔ?
 clas.coisa 2S.suj-pensar-clas.dem.pres.prox.fal
 ‘você pensa em quê?; *tu penses à quoi?*’

(b)

a-gi a gi-miira fafa baŋ
 3S.suj-prog loc clas-pensar clas.pai 1P.pos
 ‘eu estou pensando em meu pai; *je suis en train de penser à mon père*’

(c)

fafa baŋ hehi i-n-miira-bɔ
 clas.pai 1P.pos clas.anaf 1S.suj-inac-pensar-clas.dem.pres.prox.fal
 ‘em meu pai, eu estou pensando; *à mon père, je suis en train de penser*’

(d)

n-miira fafa baŋ [mmiira fafa baŋ]
 1S.suj.ac-pensar clas.pai 1P.pos
 ‘eu pensava no meu pai; *je pensais à mon père*’

O mesmo se dá com o verbo {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’, o morfema {-Ø} ‘presente’ tem o valor ‘presente’ na estrutura canônica da ‘apresentação’:

(38)

(a)

haala bi-n-tuug-na?
 clas.como 3S.suj(.ind)-inac-chamar-2S.obj
 ‘como você se chama? (=como eles te chamam); *comment est-ce que tu t’appelles?*
 (=comment est-ce qu’ils t’appellent?)’

(b)

f-tuug fiinda Cleonice

clas-nome clas.1S.pos Cleonice

‘eu me chamo Cleonice (=meu nome é Cleonice); *je m’appelle Cleonice (=mon nom est Cleonice)*’

(c)

bə-n-tuug-ma Samba

3P.suj(.ind)-inac-chamar-3S.obj Samba

‘chamam-no Samba (=seu nome é Samba), ele vai se chamar Samba; *il s’appelle Samba, il va s’appeler Samba*’

(d)

a-n-tuug-ma Samba

3S.suj-inac-chamar-3S.obj Samba

‘ele se chamará Samba; *il s’appelera samba*’

Observa-se que no contexto da apresentação, o valor que o morfema {-Ø} ‘presente’ dá a este paradigma é ‘presente’. Fora deste contexto, a leitura é ambígua.

2.2. {-gε} ‘mudança de estado’

A função de {-gε} ‘mudança de estado’ no acabado assertivo é indicar o ‘mudança de estado’ e ‘anterioridade de um evento no passado’, mais especificamente ‘passado com mudança de estado’; no paradigma do inacabado assertivo ressalta o seu valor de modalidade: indicar que uma ação em processo foi abortada. Assim, quase sempre se tem para esta combinação uma tradução com o verbo ‘dever’ no pretérito imperfeito.

(39)

(a)

a-n-gəb bali ma

3S.suj-inac-derrubar clas-balafon det

‘ele derrubará o balafon; *il fera tomber le balafon*’

(41)

i-n-saag-gε wede,
 1S.suj-inac-pedir-me clas.água
 bari ii-bbi-saag
 mas 1S.suj.neg-clas.anaf/foc-pedir
 ‘eu ia pedir água, mas eu não a pedi; *‘j’allais demander l’eau, mais je ne l’ai pas demandé*’

Na proposição abaixo, os dois verbos aparecem combinados com {-gε} ‘mudança de estado:

(42)

(a)

ndi u-saant-ni-gε i-n-tum-le-gε [ndi usaantiŋgε intumlegε]
 se 2S.suj-falar-1S.obj-me 1S.suj-inac-vestir-ref-me
 ‘se você me tivesse dito, eu teria me vestido; *si tu m’avais dit, je me serais habillée*’

(b)

ndi i-n-gaθ-te-gε, a-n-yaant-gε ŋgi sembe
 se 1S.suj-chegar-deit-me 3S.suj-inac-sair-me com/e clas.força
 ‘se eu estivesse lá, ele ia sair à força (=se eu chego lá, ele ia sair à força); *si j’avais été là (mais je n’étais pas là), il serait sorti de force*’

Em (42a), alguém chega e chama o outro para sair sem tê-lo avisado antes, então a resposta é ‘se você me tivesse dito, eu ia me vestir’. A primeira frase em relação à segunda aparece no acabado, o que a torna, em relação ao tempo, anterior à segunda. Neste dado, {-ni} ‘1S.obj’ entre duas consoantes {u-saant-ni-gε} sofre alteração fonológica [u-saant-in-gε] e, finalmente, [u-saant-iŋ-gε]. Em (42b), a idéia de simultaneidade das ações é presente pelo fato de ambas se encontrarem no inacabado: simultaneidade, marcada pelo mesmo aspecto nas duas orações, é a ‘interrupção da ação’ marcada por {-gε} ‘mudança de estado’.

Com os verbos compactos, este morfema tem ocorrência privilegiada com a expressão {gap} ‘ser/estar prestes a/quase’:

(44)

wil i-n-raa-ni-gɛ so u-bin-tɛ-gɛ
 clas.suj(.imp) 1S.suj-inac-agradar-se-1S.obj-me para 2S.suj-vir-deit-me
 ‘o que me agradaria é que você tivesse vindo (=eu queria que você viesse); *la chose qui m’aurait plu c’est que tu sois venu/ viennes (=j’ai voulu que tu sois venu)’*

(45)

(a)

a-n-yɔɔf-ni-gɛ b-sirɛ [aɲɔɔfɪŋɛ bsirɛ]
 3S.suj-inac-ser/estar maior-1S.obj-me clas-inteligência (para trabalhos manuais)
 ‘ele devia ser mais inteligente que eu; *il devait être plus intelligent que moi*’

(b)

a-yɔɔf-ni-gɛ b-sirɛ [ayɔɔfɪŋɛ bsirɛ]
 3S.suj-ser/estar maior-1S.obj-me clas-inteligência (para trabalhos manuais)
 ‘ele era mais inteligente que eu (mas agora...); *il était plus intelligent que moi (mais maintenant...)*’

(c)

a-yɔɔf-ni b-sirɛ [ayɔɔfɪni bsirɛ]
 3S.suj-ser/estar maior-1S.obj clas-inteligência (para trabalhos manuais)
 ‘ele devia ser mais inteligente que eu; *il devait être plus intelligent que moi*’

A frase (44) serve como um lamento, porque o ouvinte não pode comparecer à festa: ‘eu quis que você viesse, (mas você não pode vir)’; isso equivale à ‘você devia ter vindo’. A diferença entre o valor de modalidade de {-gɛ} ‘mudança de estado’ em relação ao seu valor temporal se observa entre (45a) e (45b), respectivamente; e o ‘acabado assertivo’ com {-Ø} ‘presente’ (cf. 45c) se assemelha ao inacabado assertivo com {-gɛ} ‘mudança de estado’ (cf. 45a), diferindo em que o acabado assertivo presente não se relaciona com nenhuma outra ação, que implicaria interrupção da ação.

(48)

(a)

b-luoi, f-ndel ma n-ref ndaani
 clas-amanhã clas-vento det inac-ventar muito
 ‘amanhã, vai ventar muito; demain, *ça va beaucoup souffler*’

(b)

f-ndel ma n-ref-yɔ ndaani
 clas-vento det inac-ventar-pas.rem muito
 ‘ventava muito; *il ventait beaucoup*’

(49)

a-n-saant-yɔ f-ja
 3S.suj-inac-falar-pas.rem clas-ja
 ‘ele falou fja; *il a parlé fja*’

Temos verificado que, aparentemente, não se pode fazer previsão meteorológica com verbos de fenômeno com {sujeito cognato} ao verbo; o verbo {sɔl} ‘secar’ implica um valor semelhante ao habitual; {ref} ‘ventar’, combinado com {-Ø} ‘presente’ não tem valor ‘futuro’, como os demais verbos discretos neste paradigma, salvo se este se combine com o advérbio de tempo {b-luoi} ‘amanhã’, este verbo não se combina com o auxiliar {tɔ} ‘ir’, e é utilizado no contexto de previsão meteorológica, salvo se a responsabilidade do enunciado é delegada a um suposto enunciadador na oração principal seguida de uma oração subordinada com {gi} ‘cópula’ (cf. 21d). Isso se deve ao traço ‘persistivo’ desses verbos que, mesmo em sua ocorrência em outro paradigma que não o ‘habitual (inexorável)’, mantém este traço. Temos a possibilidade de expressar esse traço por meio do ‘habitual (inexorável)’, mas há verbos que carregam este traço, como, por exemplo, os verbos compactos que expressam atributo e, do conjunto dos verbos discretos, alguns verbos de fenômeno, como, por exemplo, {ref} ‘ventar’, e verbos como {luw} ‘latir’. Todos apresentam algum traço inerente e, portanto, imutável.

Essa característica persiste no paradigma do inacabado assertivo em sua combinação com {-yɔ} ‘passado remoto’, em que (48b), em relação a (48a), sem o advérbio de tempo {b-luoi} ‘amanhã’, obrigatoriamente tem uma leitura de tempo ‘passado remoto’ para o morfema {-yɔ} ‘passado remoto’, tal como no acabado assertivo.

O mesmo problema se dá com {saant} ‘falar’ que, embora mantenha o valor modal, que o falante deixa antever na tradução ‘ele devia falar fja (mas, nesta época lá, alguma coisa o impediu de falar esta língua)’, o valor temporal de {-yɔ} ‘passado remoto’ nos remete ao acabado assertivo passado remoto (cf. 49). Aparentemente, o traço persistivo que acompanha {ref} ‘ventar’, por exemplo, acompanha, também, {saant} ‘falar’, que, como vimos, no acabado assertivo presente tem valor de ‘presente’, diferentemente dos demais verbos discretos neste paradigma que têm valor de ‘passado’, sendo necessário o acréscimo de {-ɔ} ‘concluso’ para que se tenha o valor de ‘passado’.

A aparente sobreposição entre {-ge} ‘mudança de estado’ e {-yɔ} ‘passado remoto’ persiste no inacabado com os verbos compactos se não acrescentamos à tradução ‘naquela época lá’. Isso se verifica, por exemplo, com {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ e {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’:

(50)

(a)

i-n-miira-yɔ	njani	wi	ndima [imiirayɔ njani windima]
1S.suj.inac-pensar-pas.rem	como	clas.anaf/foc	2S.pos.det
‘eu ia pensar como você; <i>j’allais penser comme toi</i> ’			

(51)

ndi aa-ge	saage-yɔ [ndi aa-ge saage-yɔ]
se 3S.suj.neg-me	ser/estar doente-pas.ind
a-n-gi-yɔ	a-ndaŋ
3S.suj.inac-cop-pas.rem	adj-grande
‘se ele não ficasse doente, ele seria grande; <i>s’il n’ n’avait pas été malade, il allait être grand</i> ’	

Em (50), alguém precisava comprar arroz e não tinha dinheiro, então a pessoa vendeu seu relógio e, ao contar o fato a alguém, este lhe diz ‘em seu lugar, eu faria a mesma coisa’. A frase (51) pressupõe um impedimento, ‘se ele não ficasse doente, ele seria grande’. Nesta proposição, {-yɔ} ‘passado remoto’ aparece nas duas orações. Na primeira combina-se com {-ge} ‘mudança de estado’ no acabado para expressar tempo e modalidade de um em relação ao outro: {-yɔ} ‘passado remoto’ expressa o valor temporal e {-ge} ‘mudança de estado’ o valor de modalidade da oração. Na segunda, {-yɔ} ‘passado remoto’ mantém o seu valor temporal

que em sua combinação com o inacabado ganha nuance de ‘interrupção da ação’. A anterioridade de um evento em relação ao outro é expressa na relação entre o acabado na primeira oração e o inacabado na segunda oração.

Se a tradução não contém ‘naquela época lá’ para expressar {-yɔ} ‘passado remoto’, a aparente sobreposição {-ge} ‘mudança de estado’ e {-yɔ} ‘passado remoto’ persiste também com os verbos densos em seu emprego discreto, como, por exemplo, com {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’:

(52)

(a)

a-n-tuug-ma-yo Samba

3S.suj-inac-chamar-3S.obj-pas.rem Samba

‘ele devia chamá-lo de Samba/ele devia se chamar Samba; *il devait l’appeler Samba/il devait s’appeler Samba*’

(b)

ni ŋgi-ma tuug-yo

1S.suj hab-3S.obj chamar-pas.rem

'eu o chamei (=é claro que eu o chamei); *je l'appelais* (=c'est sûr que j'appelais)'

Em (52), (52a) tem o sentido de ‘nomear’ e (52b) o sentido de ‘chamar’; em ambos os casos, o verbo é [- estativo], isto é, discreto, em relação aos seus outros sentidos. Em (52a) a combinação de {-yɔ} ‘passado remoto’ com o inacabado indica ‘interrupção da ação’ que desaparece no paradigma do habitual em (52b)..

Da relação entre os morfemas {-ge} ‘mudança de estado’ e {-yo} ‘passado remoto’, neste paradigma, depreendemos que a diferença entre ambos é reduzida se não atentarmos para a tradução ‘naquela época lá’ de {-yo} ‘passado remoto’.

2.4. {-tɛ} ‘dêitico’

Como assinalado no capítulo anterior, no paradigma do acabado, a combinação de {-tɛ} ‘dêitico’ com verbos discretos apresenta o valor de ‘dêitico’, como um simples adjunto adverbial; com verbos compactos, {-tɛ} ‘dêitico’ atribui indiretamente ao verbo o traço

descontínuo, possibilitando a sua ocorrência no paradigma do acabado e, às vezes, o valor de ‘passado’ de {-Ø} ‘presente’. Aparentemente, o mesmo ocorre no paradigma do inacabado.

O valor de {-te} ‘dêítico’ como um simples adjunto adverbial se verifica com os verbos discreto {hab} ‘matar’, {tum(le)} ‘vestir-se’, {bin} ‘vir’ e com o verbo denso {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ em seu emprego discreto, em que a combinação com {-te} ‘dêítico’, neste paradigma, não altera o valor do verbo e nem tampouco o valor de ‘futuro’ de {-Ø} ‘presente’.

(53)

(a)

n-hab-te	jila	leey	juwe
1S.suj.ac-matar-deit	clas.boi	clas.sol	quente
‘eu matei um boi ao meio-dia; <i>j'ai tué un boeuf à midi</i> ’			

(b)

i-n-hab-te	jila	leey	juwe
1S.suj.inac-matar-deit	clas.boi	clas.sol	quente
‘eu matarei um boi ao meio-dia; <i>je tuerai un boeuf à midi</i> ’			

No contexto da caçada, a primeira frase ilustra que ‘eu já matei um animal’; e a segunda que isto ainda não aconteceu ‘eu ainda não matei um animal’. Prevalece o valor de {-Ø} ‘presente’ como ‘passado’, no acabado, e o valor de {-Ø} ‘presente’ como ‘futuro’, no inacabado, o morfema {-te} ‘dêítico’ em ambas é um simples adjunto adverbial.

(54)

(a)

i-n-tum-le-te	mduduge [intumlite mduduge]
1S.suj-inac-vestir-ref-deit	clas.camisa
‘eu vou vestir a camisa; <i>je vais mettre la chemise</i> ’	

(b)

i-gi a gi-tum-le-tɛ mduduge
 1S.suj-cop loc clas-vestir-ref-deit clas.camisa
 ‘eu estou vestindo a camisa; *je suis en train de mettre la chemise*’

Em (54a), duas pessoas estão juntas e uma sugere um passeio, então a outra se levanta e vai vestir a camisa; em (54b), {i-gi a gi-tum-le-tɛ} ou {i-gi-tɛ a gi-tum-le}, alguém chega e bate à porta, a pessoa que se encontra dentro da casa diz: ‘eu estou me vestindo’. Neses dois dados, {-tɛ} ‘dêitico’ é um simples adjunto adverbial.

(55)

(a)

a-n-bin-tɛ-gɛ, bari labraŋ ma aa-lent
 3S.suj-inac-vir-deit-me mas avião det 3S.suj.neg-voar
 ‘ele ia vir, mas o avião não decolou; *il allait venir, mais l’avion n’a pas décollé*’

(b)

a-n-sɔɔg-tɛ-gɛ faama ma
 3S.suj-inac-chamar-deit-me clas.pai 3S.pos
 ‘ele devia chamar o seu pai; *il devait appeler son père*’

Em (55b), o valor de {-tɛ} ‘dêitico’ aparece no comentário do falante, como, por exemplo, ‘onde eu me encontro, eu vou chamar o seu pai’.

O mesmo ocorre nos dados com {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’:

(56)

(a)

i-n-tuug-ma-tɛ
 1S.suj-inac-chamar-3s.obj-deit
 ‘eu vou chamá-lo; *je vais l’appeler*’

(b)

n-tuug-ma-tɛ leey juwe
 1S.suj.ac-chamar-3S.obj-deit clas-sol clas. quente
 ‘eu o chamo ao meio-dia; *je l’appelle à midi*’

Em (56a), com {tuug} ‘chamar-se, ter por nome, nomear’, o valor que se apresenta na frase é o da combinação do inacabado assertivo com {-Ø} ‘presente’, cujo valor é ‘futuro’ com verbos discretos.

Como vimos no capítulo II, o verbo {tɔ} ‘ir’ em sua combinação com {-Ø} ‘presente’ no acabado assertivo tem valor de ‘presente’ e o valor de ‘passado’ é adquirido por meio de {-ɔ} ‘concluso’. Este verbo aparece combinado com o morfema {-tɛ} ‘dêitico’ no paradigma do inacabado e mantém o valor de {-Ø} ‘presente’ neste paradigma. O valor de {-tɛ} ‘dêitico’ é de um simples adjunto adverbial, cujo sentido aparentemente é ‘a caminho de’ e isso faz com que o verbo tenha uma tradução no progressivo porque implica que ‘a ação se encontra em processo’:

(57)

(a)

_ gilo u-n-tɔ-tɛ?
 clas. onde 2S.suj-inac-ir-deit
 ‘_ onde é que você está indo; _ *où-est-ce que tu vas?*’

(b)

_ i-n-tɔ-tɛ Colobane
 1s.suj-inac-ir-deit Colobane
 ‘_ eu estou indo à Colobane; _ *je vais à Colobane*’

Em (57), eu estou a caminho do bairro que se chama Colobane e me encontro com alguém que me pergunta: ‘onde você está indo?’ e eu respondo ‘eu estou indo à Colobane’, {-tɛ} ‘dêitico’ implica que ‘ação se encontra em processo’: ‘eu estou a caminho de Colobane’.

O morfema {-tɛ} ‘dêitico’ se combina com o verbo compacto {fuun(tɛ)} ‘amar, querer, desejar’ persiste, neste paradigma, mas, aparentemente, não interfere no grau de descontinuidade do verbo:

(58)

(a)

wil n-raa-ni so u-bin-tɛ
 clas.suj(.imp) inac-agradar-se-1S.obj para 2S.suj-vir-deit
 ‘o que me agrada é que você venha (=eu quero que você venha); *la chose qui me plaît*
c’est que tu viennes (=je veux que tu viennes)’

(b)

i-n-fuuŋ-tɛ so u-bin-tɛ
 1S.suj-inac-amar-deit para 2S.suj-vir-deit
 ‘eu quero que você venha; *je veux que tu viennes’*

Com o verbo compacto {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, neste paradigma, {-tɛ} ‘dêítico’ também não interfere no grau de descontinuidade do verbo, parece apenas situar o evento no tempo ‘já/desde aquele momento’, que aparece no contexto, em que ‘eu tenho um trabalho escolar a fazer, eu penso sobre isso, mas eu não consigo começá-lo’.

(59)

(a)

i-n-miira-tɛ [imiirate]
 1S.suj.inac-pensar-deit
 ‘eu já estou pensando; *je pense (= réfléchis) d’abord’*

2.5. {-ʊ} ‘concluso’

Não dispomos de muitos dados, em que se dá a combinação do paradigma do inacabado assertivo com {-ʊ} ‘concluso’. O dado de que dispomos é manipulado e serve para fazer um tipo de deboche em um contexto de brincadeira ou em algum outro contexto:

(60)

(a)

a-n-tɔ sɔɔg-ʊ faama ma
 3S.suj-inac-ir chamar-conc clas.pai 3S.pos
 ‘ele vai chamar seu pai (=o pai dele); *il va appeler son père*’

(b)

faama ma hi a-n-tɔ sɔɔg-ʊ-bɔ
 clas.pai 3S.pos clas.anaf/foc 3S.suj-inac-ir chamar-conc-clas.dem.pres.prox.fal
 ‘SEU PAI , ele vai chamá-lo; *SON PERE, il va l’appeler*’

(c)

faama ma hi a-n-sɔɔg-ʊ-bɔ
 clas.pai 3S.pos clas.anaf/foc 3S.suj-inac-chamar-conc-clas.dem.pres.prox.fal
 ‘SEU PAI, ele vai chamá-lo; *son père, il va l’appeler*’

(d)

a-gi a gi-sɔɔg-e faama ma [a-ga gisɔɔge faama ma]
 3S.suj-cop loc clas-chamar-nom clas.pai 3S.pos
 ‘ele está chamando o seu pai; *il est en train d’appeler son père*’

(e)

faama ma hi a-sɔɔg-ʊ-bɔ
 clas.pai 3S.pos clas.anaf/foc 3S.suj-chamar-conc-clas.dem.pres.prox.fal
 ‘SEU PAI, ele o chamou; *SON PERE, il l’a appelé*’

O objeto em (60b), (60c) e (60e) se encontra focalizado: deslocado para o início da frase e seguido do pronome anafórico, que serve para focalizar sujeito e objeto em balanta; e, ao mesmo tempo, topicalizado, porque é retomado em sua posição de origem por um pronome demonstrativo correferente. Todas essas frases se referem a um contexto idealizado: vários meninos estão brincando e há entre eles um que, em face de algum problema, grita pelo pai, e os demais tem o hábito de debochar dele por causa disso: (60a) corresponde a uma forma mais neutra ‘ele vai chamar o seu pai (é certo)’; em (60a) e (60b), ‘ele ainda não chamou o pai’; (60c) e (60d) são equivalentes, ele já gritou pelo pai ou ele foi em busca do pai, a ação já

está se desenvolvendo, então ‘a gente se prepara para correr’; em (60e) a ação já foi concluída e é como se os meninos dissessem um ao outro ‘é melhor correr’. Nas frases (60a), (60b) e (60c), {-ʊ} ‘concluso’, em sua combinação com o inacabado assertivo, indica ‘certeza’; ao passo que, em (60e), em sua combinação com o acabado assertivo, indica ‘confirmação’.

Em seu emprego como verbo discreto, o verbo {jojoole} ‘ser/estar frio, fazer frio, esfriar, fazer esfriar’ se combina com {-ʊ} ‘concluso’ com uma leitura de ‘certeza’:

(61)

(a)

a-n-jojoole-ʊ wede [anjoolow wede]
 3S.suj-inac-ser/estar frio-conc clas.água
 ‘ele esfriará água; *il refroidira l’eau*’

(b)

a-n-tɔ jojoole wede
 3S.suj-inac-ir ser/estar frio clas.água
 ‘ele vai esfriar (a) água; *il va refroidir l’eau*’

O falante faz uma comparação entre esses dados. Segundo ele, a diferença entre ambos é com relação ao tempo: a primeira oração pode ser acompanhada de {wabo wabo} ‘logo logo’; e a segunda oração, não, porque é um futuro mais distante. Assim, aparentemente, a noção que acompanha {-ʊ} ‘concluso’ no paradigma do inacabado assertivo com verbos densos é também de ‘certeza’, que faz com que o morfema {-Ø} ‘presente’ adquira uma nuance de ‘futuro (imediato)’, ou de ‘urgência/intransigência’ como se dá no paradigma do acabado imperativo.

2.6. {-ɪ} ‘inconcluso’

A combinação de {-ɪ} ‘inconcluso’ com o inacabado assertivo apresenta o valor de ‘inconcluso’:

(62)

(a)

bâ-tɔ-na

1P.suj-ir-2S.obj

‘nós (com você) vamos (=a gente parte já); *nous (avec toi) (y) allons (=on part tout de suite)*’

(b)

bâ-n-tɔ-na

1P.suj-inac-ir-2S.obj

‘nós (com você) vamos (=a gente parte um pouco depois); *nous (avec toi) (y) allons (=on part un peu après)*’

(c)

bâ-n-tɔ-ɪ [bântey]

1P.suj-inac-ir-inc

‘nós vamos (=a gente parte futuramente); *nous (y) allons (=on part ultérieurement)*’

O falante da língua descreve a diferença entre as frases em (62) como, em (62a), ‘a gente parte já’; em (62b), ‘a gente parte um pouco depois’; em (62c), ‘a gente parte futuramente’. É o valor de ‘inconcluso’ ou de ‘incerteza’ de {-ɪ} ‘inconcluso’ que cria em (62c) a idéia de um ‘futuro mais distante’, dando-nos a impressão de que há metricidade no ‘futuro’: {n-} ‘inacabado’ + {-ɔ} ‘concluso’, futuro imediato; {n-} ‘inacabado’ + {-Ø} ‘presente’, futuro próximo; {n-} ‘inacabado’ + {-ɪ} ‘inconcluso’, futuro distante.

(63)

mma bâ-yaa bâ-n-wus-ɪ gi-saamti na Cleonice

e 1P.suj-dizer 1P.suj-inac-comprar-inc clas-sapato rel Cleonice

yɔɔ, wɛ bâ-tɔ nini gi-saamti ma

depois clas.dem.pas.dist.loc 1P.suj-ir olhar clas.sapato det

‘(...) e nós dissemos: nós vamos comprar o sapato da Cleonice, depois, lá, nós fomos olhar os sapatos...; (...) *et nous disons: nous allons acheter les chaussures de Cleonice, puis, là-bas, nous allons regarder les chaussures ...*’

Na frase (63), retirada de uma narrativa, ocorre a combinação do inacabado assertivo com {-I} ‘inconcluso’, em que apresenta a disposição de comprar o calçado, mas ainda não começou a sua busca. Aparentemente, este morfema dá ao inacabado o valor de ‘inconcluso’, ‘incerteza’, ‘probabilidade’, tal como o faz no paradigma do acabado imperativo.

A combinação deste morfema no inacabado assertivo parece equivaler à outra construção com {janga} ‘dever’, devido a uma paráfrase que nos foi dada pelo falante:

(64)

(a)

bi-nɔŋ ma bi-nduba n-saag-ɪ f-jif na Fenda
 clas-pessoas det clas-toda inac-pedir-inc clas-mão rel Fenda
 ‘todas as pessoas pedem a mão de Fenda; *tous les gens demandent la main de Fenda*’

(b)

bi-nɔŋ ma bi-nduba janga saag-e f-jif na Fenda
 clas-pessoa det clas-todo dever pedir-nom clas-mão rel Fenda
 ‘todas as pessoas devem pedir a mão de Fenda; *tous les gens doivent demander la main de Fenda*’

Esta noção de ‘inconcluso’, ‘incerteza’, ‘probabilidade’ que é dada pelo morfema {-I} ‘inconcluso’ ao inacabado assertivo é clara quando, após a retirada da frase (64a) de dentro do conto e dada a outro falante, este último a traduz como ‘todas as pessoas vão pedir a mão de Fenda’, e não como esta se encontra dentro do conto, cujo valor é ‘presente’; além disso este falante a parafraseia com {janga} ‘dever’ em (64b).

Com {tub} ‘chover’, o falante traduz a diferença entre a primeira frase com relação às demais em termos de ‘generalização’:

(65)

(a)

Haala n-tub-ɪ
 clas.Deus inac-chover-inc
 ‘vai chover; *il va pleuvoir*’

(b)

Haala n-tə tub-a
 clas.Deus inac-ir chover-inf
 ‘vai chover; *il va pleuvoir*’

(c)

Haala n-tə tub
 clas.Deus inac-ir chover
 ‘vai chover; *il va pleuvoir*’

O conjunto de frases em (65) têm a mesma tradução, mas diferem com relação ao contexto. Segundo o falante, (65a) é uma ‘generalização’, isto é, pode ou não chover; (65b) eu olho o céu e há sinais de chuva, a chuva está vindo, então eu faço uma constatação; (65c) há roupas estendidas fora de casa, então ‘corra, vai chover’. Com relação à (65b) e (65c), nós temos, na primeira uma só oração, composta de [auxiliar + verbo no infinitivo]; e, na segunda, nós temos duas orações [verbo] + [verbo], que se diferem em termos de leitura: ‘vai chover’ e ‘corra, chove’.

O verbo compacto {beg} ‘faltar ar’ aparece combinado com {-I} ‘inconcluso’, contrapondo-se nos dados abaixo com o acabado assertivo:

(66)

(a)

a-n-beg-I [ambegɪ]
 3S.suj-inac-faltar ar-inc
 ‘ele está com falta de ar; *il lui manque de l’air*’

(b)

a-beg-ʊ [abegʊ]
 3S.suj-faltar ar-conc
 ‘ele teve falta de ar; *il lui a manqué de l’air*’

Nestes dados, a frase (66a) no inacabado assertivo apresenta o valor de ‘presente’ para o morfema {-Ø} ‘presente’ ainda que o verbo se encontre seguido de {-I} ‘inconcluso’, o que, com verbos discretos, daria a impressão de um ‘futuro (distante)’, devido ao valor de

‘incerteza’ ou de ‘probabilidade’ deste morfema; mas, com o este verbo, indica que a ‘ação não foi concluída’, o que é feito por {-ʊ} ‘concluso’ no acabado assertivo..

2.7. {bə-} ‘futuro’

A combinação do inacabado assertivo com o morfema {bə-} ‘futuro’ expressa claramente o ‘futuro’, o que N’Diaye-Corréard (1970) denominou de ‘posteridade’, traduzido muitas vezes por ‘e depois’ e o falante o traduz por ‘enfim, finalmente’.

Com os verbos discretos, a frase com este morfema aparece em meio ao conjunto de dados que o falante utiliza para diferenciar a marcação de tempo em balanta:

(67)

(a)

a-gi a gi-riij-e
3S.suj-prog loc clas-chorar-nom
‘ele está chorando (=ele está em choro); *il est en train de pleurer*’

(b)

a-riij-ʊ
3S.suj-chorar-conc
‘ele chorou; *il a pleuré*’

(c)

a-n-riij
3S.suj-inac-chorar
‘ele chora; *il pleure*’

(d)

a-n-bə-riij-a [ambiriija]
3s.suj-inac-fut-chorar-inf
‘ele chorará; *il pleurera*’

(b)

i-n-bi-tə Kolda

1S.suj-inac-fut-ir Kolda

‘eu terei que ir à Kolda; *je devrai aller à Kolda*’

O falante coloca como equivalentes a construção com {bə-} ‘futuro’ e a construção com o auxiliar {tə} ‘ir’ em (68), ambos no inacabado; em (69), contrapõe-se ‘passado’ à ‘futuro’ expresso pelo inacabado assertivo futuro.

3. Os valores do inacabado habitual

O inacabado habitual se subdivide em habitual simples e habitual inexorável. Há verbos que aparecem preferencialmente no habitual inexorável, tais como {ləd} ‘morrer’, {luw} ‘latir’, {ref} ‘ventar’, {ruj} ‘chorar’; {yobde} ‘andar’; outros que, às vezes, não são aceitáveis, neste paradigma, como {tub} ‘chover’; os demais podem ocorrer em um ou noutro paradigma, mas, aparentemente, sem nenhuma diferença de sentido entre um e outro paradigma, o que torna difícil a comparação entre ambos em termos de sentido, podemos compará-los em termos de forma.

3.1. Os valores do inacabado habitual simples

O paradigma do habitual simples se combina com {-Ø} ‘presente’, {-v} ‘concluso’, {-ge} ‘mudança de estado’, {-yɔ} ‘passado remoto’ e {-tə} ‘dêitico’.

3.1.1. {-Ø} ‘presente’

Com os verbos discretos, a combinação do habitual simples com {-Ø} ‘presente’ apresenta o valor de ‘presente’; e, com alguns verbos, como {fɔd} ‘bater’, {hab} ‘matar’, {gɔb} ‘cair, derrubar’, {saag} ‘pedir’, aparentemente, a utilização do habitual simples ou do habitual inexorável não apresenta nenhuma diferença de valor no afirmativo:

(70)

(a)

bi-ngi saag wede
 3P.suj-hab pedir clas.água
 ‘eles têm o hábito de pedir água; *ils ont l’habitude de demander de l’eau*’

(b)

bi-ngi saag-mɔ wede
 3p.suj-hab pedir-inex clas.água
 ‘eles têm o hábito de pedir água; *ils ont l’habitude de demander de l’eau*’

(c)

aa-nge saag wede
 3S.suj.neg-hab.neg pedir clas.água
 ‘ele não tem o hábito de pedir água; *il n’a pas l’habitude de demander de l’eau*’

(d)

aa-nge saag-mɔ wede
 3S.suj.neg-hab.neg pedir-inex clas.água
 ‘ele não tem o hábito de pedir água (nunca); *il n’a pas l’habitude de demander de l’eau (jamais)*’

O habitual tem a contraparte afirmativa e negativa, na qual ocorre a abertura da vogal. É neste contexto que se deixa antever a diferença entre o habitual simples e o habitual inexorável, em que a tradução com este último apresenta a negação ‘nunca’ para os verbos que ocorrem no habitual simples afirmativo.

(71)

(a)

bə-ngi hab jila
 3P.suj-hab matar clas.boi
 ‘eles têm o hábito de matar um boi (=a cada festa, eles matam um boi); *ils ont l’habitude de tuer un boeuf (=à chaque fête, ils tuent un boeuf)*’

(b)

bə-fula ŋgi hab-mə a nire [bəfula ŋgi habəmə a nire]
 clas-menina hab matar-inex loc dançar
 ‘a moça tem o hábito de dançar; *la fille a l’habitude de danser*’

(c)

bə-fula ŋgi hab a nire
 clas-menina com/e matar loc dançar
 ‘a moça dançou com toda sua força (=a moça dançou pra valer); *la fille a dansé de toutes ses forces*’

Esse conjunto de dados é interessante pelo fato de deixar claro o sentido do habitual de ‘periodicidade’, seja com o habitual simples, seja com o habitual inexorável com verbos que podem ocorrer nos dois paradigmas. Por outro lado, apresenta-nos um problema, devido à possibilidade de homofonia que se dá entre: {n + gi} ‘inacabado’ + ‘cópula’, {ŋgi} ‘habitual’, que resulta em [ŋgi], idêntico a {ŋgi} ‘com/e’.

Se para os verbos {fɔd} ‘bater’, {hab} ‘matar’, {gɔb} ‘cair, derrubar’, {saag} ‘pedir’, aparentemente, a utilização do habitual simples ou do habitual inexorável não apresenta nenhuma diferença de valor no afirmativo; para {yizi} ‘deixar’, sim, devido ao tipo de complemento do verbo, há a preferência do falante pelo habitual inexorável:

(72)

(a)

bi-ŋgi yizi b-sin ma
 3P.suj-hab deixar clas-rua det
 ‘eles têm o hábito de deixar a rua; *ils ont l’habitude de laisser/quitte la rue*’

(b)

aa-ŋge yizi b-sin ma
 3S.suj.neg-hab.neg deixar clas-rua det
 ‘ele não tem o hábito de deixar a rua; *il n’a pas l’habitude de laisser/quitte la rue*’

(c)

aa-nge yizi-mɔ b-sin ma
 3S.suj.neg-hab.neg deixar-inex clas-rua det
 ‘ele não tem o hábito de deixar a rua (nunca); *il n’a pas l’habitude de laisser/quitte la rue (jamais)*’

Segundo o falante a forma mais utilizada em (72) é com {ngi... ...-mɔ} ‘habitual inexorável’, seja para o habitual afirmativo seja para o habitual negativo.

(73)

a-luθi ma u-nduba, bi-ɲaŋ ma yobde fili ma f-nduba,
 clas-manhã det adj-todo clas-pessoa det andar clas.ambiente det clas.todo
 bari, njuu ma, uu-nge siim hal diga
 mas à tarde det 2S.suj.neg-hab.neg ouvir clas.pessoa barulho
 ‘todas as manhãs, as pessoas andam pra lá e pra cá, mas, à tarde, você não escuta barulho de gente; *tous les matins, les personnes marchent partout, mais, l’après-midi, tu n’entends pas un bruit de personne*’

Esta proposição descreve o movimento da Direção de Alfabetização, onde costumávamos trabalhar. Lá, de manhã, todos se movimentam muito, mas à tarde, tudo se acalma.

Alguns provérbios em balanta utilizam o habitual simples presente, nos dados abaixo é utilizado a forma negativa deste paradigma:

(74)

(a)

b-ta bii-nge jiinja a g-raye
 clas-árvore 3p.suj.neg-hab.neg subir loc clas-galho
 ‘não se sobe numa árvore pelo galho; *on ne monte pas sur un arbre par sa branche*’

(b)

bɔɔto u-sole nge mada jete
 clas.saco adj-vazio hab.neg poder ser/estar em pé
 ‘saco vazio não para em pé; *le sac vide ne se maintient jamais debout*’

O primeiro provérbio significa que ‘quando se procura algo têm-se pistas a seguir’; o segundo o mesmo sentido de seu equivalente em português.

Os verbos densos {tuug} ‘chamar, chamar-se, ter por nome, nomear’ e {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, em seu emprego como ‘cópula’, com o sentido de ‘estar’, combinam-se com {-Ø} ‘presente’ no paradigma do habitual simples com o valor de ‘presente’:

(75)

aa-nge	tuug-le	Samba,
3S.suj.neg-hab.neg	chamar-ref	Samba
Mamadou	a-ngi	tuug-mɔ
Mamadou	3S.suj-hab	chamar-inex

‘ele não se chama Samba, é Mamadou que ele se chama; *il ne s’appelle pas Samba, c’est Mamadou qu’il s’appelle*’

(76)

f-tuug fili ma	aa-gi	Samba,
clas-nome clas.3S.pos det	3S.suj.neg-cop	Samba
f-tuug fili ma	gi	Mamadou
clas-nome clas.3S.pos det	cop	Mamadou

‘seu nome não é Samba, seu nome é Mamadou; *son nom n’est pas Samba, son nom est Mamadou*’

As duas proposições são usadas para corrigir alguém que ao nomear outro utiliza um nome que não é o verdadeiro nome da pessoa: para este tipo de correção, podemos usar o habitual ou a ‘cópula’ no ‘acabado assertivo’. Pode-se utilizar, também, o mesmo verbo no inacabado assertivo presente:

(77)

(a)

bə-ngi-ma tuug Samba
 3P.suj-hab-3S.obj chamar Samba
 ‘chamam-no Samba (=seu nome é Samba); *il s’appelle Samba*’

(b)

bə-n-tuug-ma Samba
 3P.suj-inac-chamar-3S.obj Samba
 ‘chamam-no Samba (=seu nome é Samba); *il s’appelle Samba*’

(c)

a-tə-ma tuug Samba
 3P.suj-ir-3S.obj chamar Samba
 ‘ele vai se chamar Samba; *il va s’appeler Samba*’

O habitual simples é equivalente ao inacabado assertivo presente, porque {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ nesta estrutura na ‘3P.suj’ sempre tem o valor de ‘presente’. Esta substituição se torna impossível caso o inacabado assertivo presente tenha valor de ‘futuro’, equivalendo então à perífrase com {tə} ‘ir’. Assim, (77b) e (77c) é utilizado no contexto quando uma criança ainda não nasceu para decidir qual o nome lhe dar; mas após o nascimento usa-se o habitual simples presente ou acabado assertivo presente com valor de ‘presente’.

Com o verbo {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ o mesmo processo de substituição é possível:

(78)

(a)

wede ngi gi-mə jojoole
 clas.água hab cop-inex frio
 ‘a água está (sempre) fria; *l’eau est (toujours) froide*’

(b)

waato-waati wede ma gi u-joole
 cada vez clas.água det cop adj-frio
 ‘toda vez a água está fria; *chaque fois l’eau est froide*’

(c)

a-fula ma ngi gi-mo ngi jojoole
 clas-moça det hab cop-inex com/e frio
 ‘a moça está (sempre) com frio; *la fille a (toujours) froid*’

(d)

a-fula ma ngi gi ngi jojoole
 clas-moça det hab cop com/e frio
 ‘a moça está com frio; *la fille a froid*’

Convém observar nesses dados que o habitual inexorável presente equivale ao acabado assertivo presente com {gi} ‘cópula’ com o acréscimo de {waato-waati} ‘toda vez’ e que a língua diferencia os dois ‘habitual’. O falante comenta que ‘(78a) e (78b) podem ser ditas sobre a mesma circunstância. Por exemplo, ao falar do rio, alguém pode dizer que a água do rio é sempre fria’. Com relação a (78c) e (78d), ‘(78c) é usada quando não há uma circunstância que provoca o frio enquanto que (78d) é usada quando há uma circunstância, tal qual quando não se tem sol, ‘a moça sente frio’.

Estes valores podem ser melhor esclarecidos com o uso de paradigmas negativos, a contraparte negativa do habitual simples, por exemplo de (78d), é o acabado assertivo presente negativo com {VV} ‘não’ acompanhado de {-mo} ‘hoje’, cujo valor é ‘passado’; e, a contraparte negativa do habitual inexorável, como, por exemplo, (78a) e (78d), é o habitual simples negativo, como se verifica em (79b) e (79c), respectivamente:

(79)

(a)

a-fula ma ngi jojoole wede
 clas-menina det hab ser/estar frio clas.água
 ‘a moça esfria a água; *la fille refroidit l’eau*’

(b)

a-fula ma aa-jojoole wede mɔ
 clas-menina det 3S.suj.neg-ser/estar frio clas.água hoje
 ‘a moça não esfriou a água hoje; *la fille n’a pas refroidi l’eau aujourd’hui*’

(c)

aa-ŋgɛ ɲoom
 3S.suj.neg-hab.neg ter-coragem
 ‘ele não tem coragem (nunca); *il n’a pas de courage (jamais)*’

(d)

aa-ɲoom
 3S.suj.neg-ter-coragem
 ‘ele não tem coragem; *il n’a pas de courage*’

Em (78c), o medo é persistente e, em (78d) é circunstancial, como, por exemplo ‘por causa de um barulho, a pessoa tem medo’.

Com {raa} ‘educar, agradecer-se, ser/estar bravo, irar-se’, o emprego de {ŋgi... ...-mɔ} ‘habitual inexorável’ é facultativo em seu sentido ‘agradar-se’, [+ estativo], mas obrigatório no sentido de ‘irar-se’, [- estativo]:

(80)

(a)

wili ŋgi bɛ-raa(-mɔ) so u-bin-tɛ
 clas.suj(.imp) hab 3P.obj-agradar(-inex) para 2S.suj-vir-deit
 ‘o que lhes agrada é que você venha; *la chose qui leur plaît c’est que tu viennes*’

(b)

wili nge bɛ-raa(-mɔ) so u-bin-tɛ
 clas.suj(.imp) hab.neg 3P.obj-agradar(-inex) para 2S.suj-vir-deit
 ‘o que não lhes agrada é que você venha; *la chose qui ne leur plaît pas c’est que tu viennes*’

(c)

aa-ngɛ-tɛ fuuŋ so u-bin-tɛ
 3S.suj.neg-hab.neg-deit amar para 2S.suj-vir-deit
 ‘ele não quer que você venha; *il ne veut pas que tu viennes*’

(81)

a-ngɛ raa-i-mɔ ŋgi huma [aŋɛ raaymɔ ŋgi huma]
 3S.suj-hab.neg ser/estar bravo-erg-inex com/e 2S
 ‘ele não se irrita com você (nunca) ; *il ne se fâche pas avec toi (jamais)*’

Convém observar a respeito dos dados em (80) que partícula {ŋgi} ‘habitual’ atrai o pronome {bɛ-} ‘3P.obj’ para antes do verbo. Estas frase podem ser usadas no seguinte contexto: ‘alguém saiu de sua aldeia, depois de algum tempo ele encontra alguém que ainda mora em sua aldeia, que lhe dá informações sobre as pessoas que lá ficaram e que lhe pode dizer um ou outro desses enunciados.

3.1.2. {-gɛ} ‘mudança de estado’

A combinação do habitual simples com {-gɛ} ‘mudança de estado’ tem valor de ‘interrupção da ação’ com verbos discretos, compactos ou densos com características de uma ação que até então acontecia ou não, mas é suspensa ou começa a acontecer:

(82)

(a)

aa-ngɛ wom maalu ma
 3S.suj.neg-hab.neg comer clas.arroz det
 ‘ele não tem o hábito de comer arroz; *il n’a pas l’habitude de manger du riz*’

(b)

aa-nge wom-mə maalū ma
 3S.suj.neg-hab.neg comer-inex clas-arroz det

‘ele não tem o hábito de comer arroz (=ele nunca comeu (o) arroz durante toda sua vida); *il n’a pas l’habitude de manger du riz* (=il n’a jamais mangé de riz de toute sa vie)’

(c)

aa-nge-ge wom maalū ma
 3S.suj.neg-hab-me comer clas-arroz det

‘ele não tinha o hábito de comer arroz (=ele não comia (o) arroz); *il n’avait pas l’habitude de manger du riz* (=il ne mangeait pas de riz)’

O sentido com {wom} ‘comer’ indica um hábito perdido: ‘ele não tinha o hábito de comer arroz, mas, agora, ele come’. Com relação a esses dados, convém observar que o ‘habitual simples negativo presente’ apresenta o valor ‘não’; ao passo que o habitual inexorável negativo presente apresenta o valor ‘nunca’. Este habitual negativo presente em relação ao habitual simples negativo com ‘mudança de estado’ em (82c) implica ter ou não mudado de hábito, como colocado pelo falante: (82b) ‘até esse momento, a pessoa não mudou de hábito’, enquanto que (82c) ‘ela mudou de hábito’.

Com {jojoole} ‘ser/estar frio, fazer frio, esfriar, fazer esfriar’, a combinação com {-ge} ‘mudança de estado’ no paradigma do habitual simples, tem o valor de ‘mudança de estado’, devido a características do verbo:

(83)

(a)

bâ-jojoole wede
 1P.suj-ser/estar frio clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(b)

bâ-ngi jojoole-ge wede
 1P.suj-hab ser/estar frio-me clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(c)

bâ-jojoole-ge wede
 1P.suj-ser/estar frio-me clas.água
 ‘nós esfriamos água; *nous avons refroidi l’eau*’

(d)

bâ-sow jojoole wede
 1P.suj-acabar de ser/estar frio clas.água
 ‘nós acabamos de esfriar (a) água; *nous venons de refroidir l’eau*’

Neste conjunto de dados, em (83a) e (83c), no acabado assertivo, {-Ø} ‘presente’, têm valor de ‘passado’, ao passo que em (83b), no habitual não, o valor de {-Ø} ‘presente’ é ‘presente’, mas é alterado para ‘passado’, devido à semântica de ‘mudança de estado’ de {-ge} ‘mudança de estado’. Assim, neste conjunto, (83a), acabado assertivo presente se difere de (83b), inacabado habitual simples, no quesito ‘mudança de estado’; e (83b) e (81c) são equivalentes em termos de ‘passado’.

3.1.3. {-yɔ} ‘passado remoto’

A combinação do habitual simples com {-yɔ} ‘passado remoto’ apresenta valor ‘passado remoto’, mas se assemelha na tradução à forma com {-ge} ‘mudança de estado’ se não for acrescido da expressão ‘naquela época lá, antes’.

(84)

(a)

hu nge-ge tɔ Colobane
 2S.suj hab.neg-me ir Colobane
 ‘você não tem o hábito de ir a Colobane; *tu ne vas pas d’habitude à Colobane*’

(b)

hu nge-yo to Colobane

2S.suj hab.neg-pas.rem ir Colobane

‘(antes) você não tinha o hábito de ir a Colobane; (*avant*) *tu n’avais pas l’habitude d’aller à Colobane*’

(c)

hidi nge to

3S.suj.aus hab.neg aller

‘ele não tem o hábito de ir; *il n’a pas l’habitude d’ aller*’

O falante aponta como idênticas (84a) e (84b). Em (84a) ‘a pessoa não tem o hábito de ir à Colobane, mas ela está a caminho de Colobane’ enquanto em (84c) ‘ele não tem o hábito de ir à Colobane e ele não partiu para ir até lá’, o que evidencia o valor de {-ge} como ‘mudança de estado’.

Em resposta a um convite para beber ‘vinho de palma’, tem-se o uso do habitual simples negativo com {-yo} ‘passado remoto’, para ‘aceito, porque eu não bebia, mas agora bebo’:

(85)

(a)

_ u-fuun-te liza ga ?

2S.suj-amar-deit vinho de palma qu-

‘_ você aceita vinho de palmeira?; _ *tu acceptes du vin de palme?*’

(b)

_ liza raa-ni ga ? [lisi raani ga?]

vinho de palma agradar-se-2S.obj qu-

‘_ vinho de palma te agrada?; _ *est-ce que du vin de palme, ça te plaît?*’

Nesta combinação, como ocorre no acabado asertivo, o valor temporal da frase se mantém com {-yɔ} ‘passado remoto’, indicando ‘passado remoto’ e o valor de modalidade se mantém com {-gɛ} ‘mudança de estado’, indicando ‘interrupção da ação’. (86d) apresenta uma combinação rara e mais precisa que a outra, que, segundo o falante, somente os adultos podem dizer, e indica ‘absolutamente, nunca, de maneira alguma’.

O habitual simples negativo indica o oposto da negação com {VV-tta} ‘não mais’:

(87)

(a)

aa-nge baaybaay(-mɔ) bali ma
 3S.suj.neg-hab.neg tocar(-inex) clas.balafon det
 ‘ele não tem o hábito de tocar (o) balafon; *il n’a pas l’habitude de jouer du balafon*’

(b)

aa-nge-yɔ baaybaay(-mɔ) bali ma
 3S.suj.neg-hab.neg-pas.rem tocar(-inex) clas.balafon det
 ‘ele não tinha o hábito de tocar o balafon; *il n’avait pas l’habitude de jouer du balafon*’

(c)

aa-tta baaybaay bali ma
 3S.suj-neg tocar clas.balafon det
 ‘ele não toca mais (o) balafon; *il ne joue plus du balafon*’

(87a) tem o seguinte comentário ‘ele não tem o hábito de tocar o balafon desde o passado até o momento’; (87b) ‘ele não tinha o hábito de tocar o balafon desde o passado até o momento (=mas, agora, ele toca)’. A negação do habitual simples presente, em (87a) é o contrário da negação com {VV-tta} ‘não mais’, que aparece em (87c), que pode ser traduzida como ‘ele tinha o hábito e tocar o balafon até o momento, mas ele parou’, por conseguinte é idêntica aos habitual simples afirmativo passado com mudança de estado ou remoto..

O verbo {numale} ‘ser/estar apressado’ aparece combinado com {-Ø} ‘presente’ com valor de ‘presente’ e com {-yɔ} ‘passado remoto’ com valor de ‘passado remoto’:

(88)

(a)

ii-ngɛ numale a yobdɛ

1S.suj.neg-hab.neg ser/estar apressado loc andar

‘eu não tenho o hábito de andar rápido; *je n’ai pas l’habitude de marcher vite*’

(b)

ii-ngɛ-yɔ numale a yobdɛ

1S.suj.neg-hab.neg-pas.rem ser/estar apressado loc andar

‘(antes), eu não tinha o hábito de andar rápido; (*auparavant*), *je n’avais pas l’habitude de marcher vite*’

Existem duas pessoas já conhecidas uma da outra, uma entre elas andava lentamente, mas um dia elas estão juntas e uma se espanta por causa da outra que está andando rápido, então a que mudou de hábito diz (88b) ‘no início, eu andava lentamente, mas, agora, eu ando rápido’. Uma tradução mais literal seria ‘eu não tenho/tinha o hábito de ser apressado ao andar’.

Pode-se expressar esses mesmos valores com {VV-ti} ‘não’ no inacabado assertivo presente sem utilizar {numale} ‘ser/estar apressado’. Assim, tanto (88a) com {numale} ‘ser/estar apressado’, quanto (89a) com {VV-ti} ‘não’ negam (89b) no habitual inexorável:

(89)

(a)

i-n-ti yobdɛ u-ndaani [ɪɲiti yobdundaani]

1S.suj-inac-neg andar adj-muito

‘eu não tenho o hábito de andar rápido; *je n’ai pas l’habitude de marcher vite*’

(b)

i-ngi yobdɛ-mɔ nduulu

1S.suj-hab marcher-inex pequeno

‘eu tenho o hábito de andar lentamente; *j’ai l’habitude de marcher doucement*’

Em (89a), o inacabado assertivo presente é perfeitamente intercambiável com (88a) ‘eu não ando rápido’, demonstrando que em alguns contextos os paradigmas do habitual inexorável e do inacabado assertivo presente são intercambiáveis.

A combinação de um verbo denso com {-yɔ} ‘passado remoto’ mantém o valor de ‘passado remoto’:

(90)

(a)

u-ngi jojoole wede
2S.suj-hab ser/estar frio clas.água
‘você tem o hábito de esfriar (a) água (você esfria (a) água); *tu as l’habitude de refroidir l’eau (=tu refroidis l’eau)*’

(b)

ni ngi-yɔ jojoole wede
1S.suj hab-pas.rem ser/estar frio clas.água
‘eu tinha o hábito de esfriar (a) água (=eu esfriava (a) água); *j’avais l’habitude de refroidir l’eau (=je refroidissais l’eau)*’

(c)

hima ngi jojoole-mɔ wede
3S.suj.enf hab ser/estar frio-inex clas.água
‘ELE tem o hábito de esfriar (a) água (=ELE esfriou (a) água); *LUI il a l’habitude de refroidir l’eau (=LUI a refroidi l’eau)*’

Nesses dados, o habitual simples em (90a) e o habitual inexorável em (90c) têm o valor de ‘presente’, ambos ao se combinarem com {-Ø} ‘presente’, no seguinte contexto: há duas pessoas na mesma casa e chega uma terceira que aceita água, e, ao receber a água, sabedor de que seu interlocutor tem o hábito de ‘servir (a) água bem fria’, diz-lhe: (90a) ‘você tem o hábito de esfriar (a) água’; então o seu interlocutor lhe responde: (90b) e (90c) ‘não fui eu que o fiz agora, mas ELE (o outro). Neste contexto {-yɔ} ‘passado remoto’ tem o valor de ‘passado remoto’; e destaca-se, também, nestes dados, especificamente (90c), a preferência

do falante pelo {ŋgi... ...-mɔ} ‘habitual inexorável presente’, no contexto de correção ou reiteração.

O verbo {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ aparece no contexto em que alguém sempre se confundiu com o nome de uma pessoa, utilizando sempre para se referir a ela um outro nome, até que um dia alguém o corrige, então, ela diz: ‘eu tinha o hábito de chamá-lo de Samba, mas não é isso’:

(91)

ni	ngi-ma-yɔ	tuug	Samba
1S.suj	hab-3S.obj-pas.rem	chamar	Samba
ŋgi	aa-ti	abewi	
com/e	3S.suj-neg	isso	

‘eu o chamava Samba, e não é isso; *je l’appelais Samba, et ce n’est pas ça*’

3.1.3. {-tɛ} ‘dêítico’

O habitual simples se combina com {-tɛ} ‘dêítico’ e persiste a dificuldade em se determinar a função exata deste morfema.

(92)

a-ngi	wus-mɔ	gi-saamti,
3S.suj-hab	comprar-inex	clas-sapato
a-gi-tɛ	a	num a bale [agata num a bale]
3S.suj-prog-deit	loc	trazer loc clas.casa

‘ela compra um sapato e ela o traz para casa (=toda vez que ela compra um calçado, ela o leva para casa); *elle achète des chaussures, elle les apporte chez elle (=chaque fois, qu’elle achète des chaussures, elle les apporte chez elle)*’

(93)

aa-nge wus-mo gi-saamti,
 3S.suj.neg-hab.neg comprar-inex clas-sapato
 aa-nge-te num a bale [aŋgiti num a bale]
 3S.suj.neg-hab.neg-deit levar loc clas.casa

‘ela não compra (sempre) um sapato e o leva para casa (=nem toda vez que ela compra um calçado, ela o leva para casa); *elle n’achète pas toujours (= quelquefois) des chaussures, elle ne les apporte pas chez elle*’

(94)

ii-nge-te wus-mo-yo gi-saamti Colobane,
 1S.suj.neg-hab.neg-deit comprar-inex-pas.rem clas-sapato Colobane
 i-nge-te num-mo-yo gi-saamti a bale
 1S.suj.neg-hab.neg-deit trazer-inex-pas.rem clas-sapato loc clas-casa

‘eu não tinha o hábito de comprar um sapato em Colobane, eu não tinha o hábito de levá-lo para casa (=nem toda vez eu comprava um calçado em Colobane e nem toda vez eu o levava para casa); *je n’achetais pas toujours (= quelquefois) des chaussures à Colobane, je n’apportais pas toujours (= quelquefois) des chaussures chez moi*’

Em (92) e (93) é clara a interpretação de {-te} ‘dêítico’ como adjunto adverbial que ocorre com verbos de movimento, {-te} ‘dêítico’ está relacionado a {num(te)} ‘trazer, carregar, levar’. Em (94) o verbo {wus} ‘comprar’ aparece combinado com {-te} ‘dêítico’, aparentemente, {-te} ‘dêítico’ tem valor restritivo, mas isso pode ser decorrente da negação ou do paradigma do habitual simples negativo. Assim, não podemos dar uma interpretação precisa para {-te} ‘dêítico’, sabemos somente que ele não atribui ao verbo o traço descontínuo e tem função de adjunto adverbial.

Com os dados abaixo a função de {-te} ‘dêítico’ é de adjunto adverbial:

(95)

(a)

ni ngi-te-yo tum-le-mo mduduge ma
 1S.suj hab-deit-pas.rem vestir-ref-inex clas.camisa det

‘eu vesti a camisa (antes de chegar aqui); *j’ai porté la chemise (avant d’y arriver)*’

(b)

ni ngɛ-tɛ tum-le mduduge ma

1S.suj hab.neg-deit vestir-ref clas.camisa det

‘eu não vesti a camisa (antes de chegar aqui); *je n’ai pas porté la chemise (avant d’y arriver)*’

O que observamos com relação a (95) é que no habitual simples negativo o valor de {-Ø} ‘presente’ é ‘passado’, diferindo do habitual simples afirmativo.

O dado com o verbo {bin} ‘vir’ serve para explicar o valor de {-tɛ} ‘dêitico’:

(96)

i-ngi-yɔ miir a b-bin

1S.suj-hab-pas.rem pensar loc clas-vir

‘eu pensei em ir (=eu (sempre) pensei em vir (à França)); *j’ai (toujours) pensé à venir (en France)*’

Este dado explica a utilização ou não de {-tɛ} ‘dêitico’: nós não estamos na França, nós estamos no Senegal, então eu devo dizer ‘eu sempre pensei em ir (à França)’, o que caracteriza o fato de eu não estar na França é a ausência de {-tɛ} ‘dêitico’. Se estivéssemos na França, este sufixo seria obrigatório; se o acrescentássemos a esta frase, o sentido mudaria para ‘eu sempre pensei em vir (ao Senegal),, devido ao valor ‘dêitico’ deste morfema.

O verbo compacto {fuun} ‘amar, querer, desejar’ mantém sua combinação com {-tɛ} ‘dêitico’ neste paradigma e, aparentemente, {-tɛ} ‘dêitico’ atribui o traço descontínuo a este verbo:

(97)

ni ŋgi-tɛ fuun so u-bin-tɛ

clas.suj hab-deit amar para 2S.suj-vir-deit

‘eu gostaria que você viesse; *je voudrais que tu viennes*’

O verbo denso {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’ se realiza neste paradigma com o sentido de ‘ser/estar bravo, irar-se’. Segundo o falante, se {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo, irar-se’ ocorre no habitual, o único sentido é ‘ser/estar bravo, irar-

se’. Neste dado, é difícil determinar o sentido de {-tɛ} ‘dêítico’, pode ser que este morfema atribuía ao verbo o traço descontínuo, tornando possível a sua realização no paradigma do habitual:

(98)

ɲi	ŋgi-tɛ	raa-yɔ
1S.suj	hab-deit	ser/estar bravo-pas.rem

‘(inicialmente), eu estava bravo; (*auparavant*) *j’étais fâché*’

3.1.4. {-ʊ} ‘concluso’

A combinação do paradigma do habitual simples com {-ʊ} ‘concluso’ aparece num único dado:

(99)

(a)

a-ŋgi	yaant-ʊ	ndaani
3S.suj-hab	sair-conc	muito

‘ele sai muito; *il sort beaucoup*’

(b)

aa-nge	meese
3S.suj.neg-hab.neg	sentar-se

‘ele não fica jamais em casa; *il ne reste jamais sur place*’

(c)

a-nto hiinda	nge	yaant(-mɔ)	(bale ma)
clas-marido clas.1S.pos	hab.neg	sair-inex	(clas.casa det)

‘meu marido não sai (de casa); *mon mari ne sort pas (de la maison)*’

(99a) e (99b) são ditas no seguinte contexto: eu fui várias vezes à casa de alguém procurá-lo, mas todas às vezes ele não estava lá. Um dia, a pessoa que sempre ficava na casa me disse: ‘ele sai muito’; num outro dia, quando retornei, ela disse: ‘ele nunca está em casa’. A última frase é uma forma mais enfática que a primeira, embora a primeira já apresente {-ʊ}

‘concluso’ com valor de ‘concluso’, porque o habitual simples negativo apresenta o valor de ‘nunca’. (99c) é utilizado por uma mulher para descrever seu marido.

3.2. Os valores do habitual inexorável

Os verbos que ocorrem preferencialmente no paradigma do habitual inexorável são: {lɔd} ‘morrer’, {luw} ‘latir’, {rɛf} ‘ventar’, {rɪj} ‘chorar’; {yɔbdɛ} ‘andar’; outros apresentam alguma restrição, como {tub} ‘chover’.

Dentro deste paradigma é possível verificar subconjuntos de verbos ou combinações que demandam este paradigma no afirmativo: (i) um deles é o subconjunto de verbos, tais como {yɔbdɛ} ‘andar’, {lɔd} ‘morrer’, {rɪj} ‘chorar’ e {luw} ‘latir’ que se declinam neste paradigma quando acompanhados do índice de indeterminação do sujeito {bə-} ‘3P.suj(.ind)’; (ii) o subconjunto de verbos que pressupõe ambigüidade ao ocorrer com {bə-} ‘3P.suj(.ind)’, como {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’; (iii) o subconjunto dos verbos de fenômeno com sujeito expletivo, seja o sujeito cognato ao verbo ou {a-} ‘3S.suj(.expl)’; (iv) o subconjunto de verbo que em face do complemento não se declina neste paradigma, como {saant} ‘falar’; (v) conjunto de expressões que requerem este paradigma.

3.2.1. {-Ø} ‘presente’

A maioria dos verbos discretos podem ocorrer no habitual simples, mas a presença de um pronome indeterminado restringe a ocorrência de determinados verbos ao habitual inexorável, como, por exemplo, o verbo {yɔbdɛ} ‘andar’ e {lɔd} ‘morrer’:

(100)

(a)

bi-ngi yɔbdɛ-mɔ

3P.suj(.ind)-hab andar-inex

‘eles têm o hábito de andar (=desde o passado até hoje); *ils ont l’habitude de marcher*
(=*depuis le passé jusqu’à aujourd’hui*)’

(b)

a-ŋgɛ yobdɛ-mɔ [aŋgɛ yobodɛmɔ]

3S.suj-hab.neg andar-inex

‘ele nunca andou; *il n’a jamais marché*’

(c)

a-ŋgi-yɔ yobdɛ [aŋgiyɔ yobedɛ]

3s.suj-hab-pas.rem andar

ele andava; *il marchait*’

(d)

aa-tta yobdɛ [aatta yobedɛ]

3S.suj-neg andar

‘ele não anda mais; *il ne marche plus*’

(101)

(a)

bə-ŋgi lɔɔd-mɔ

3P.suj(.ind)-hab morrer-inex

‘eles morrem (=morre-se); *ils meurent (=on meurt)*’

(b)

a-laante ŋgi lɔɔd-mɔ

clas-homem hab morrer-inex

‘o homem morre (=todo homem é mortal); *l’homme meurt (=tout homme est mortel)*’

Com relação a (100), segundo o locutor, para dizer que alguém nunca andou, pode-se utilizar {ŋgi... ...-mɔ} ‘habitual inexorável’ ou não; para dizer que alguém andou antes, mas, agora, não anda mais, pode-se utilizar a forma afirmativa sem {ŋgi... ...-mɔ} ‘habitual inexorável’ ou a negação com {aa-tta} ‘não mais’.

O dado com {lɔɔd} ‘morrer’ aparece em um conjunto de dados em que ocorre {gɔb} ‘cair, derrubar’ e {saant} ‘falar’; o dado com o verbo {yobdɛ} ‘andar’ aparece em um conjunto de dados em que ocorre {baaybaay} ‘tocar’, {baay} ‘brincar’, todos flexionados na ‘3P.suj’. No momento da coleta de dados todas as frases com esses últimos verbos foram

aceitas fossem em um ou em outro habitual e seguidas do comentário de que eram idênticas, mas, ao tratar com {lɔd} ‘morrer’ e {yobdɛ} ‘andar’, a frase no habitual simples não foi aceita. Aparentemente, em todas as frases {bə-} ‘3P.suj’ é usada como pronome sujeito determinado e indeterminado; como determinado tem-se o habitual simples; como indeterminado tem-se o habitual inexorável; para {lɔd} ‘morrer’ e {yobdɛ} ‘andar’, tem-se somente o sujeito indeterminado. Parece haver uma relação estreita entre o índice de indeterminação do sujeito e o habitual inexorável com alguns verbos. O que ocorre com verbos cujo índice de indeterminação é {bə-} ‘3P.suj’, como {lɔd} ‘morrer’ e {yobdɛ} ‘andar’, parece ocorrer com verbos, cujo índice sujeito é {a-} ‘3S.suj’ como {raa} ‘educar, agradar-se, ser/estar bravo irar-se’, no sentido de ‘agradar-se’; {wil} ‘coisa’ com verbos que indicam processos relacionados à natureza, como {jojoole} ‘ser/estar frio, fazer frio, esfriar, fazer esfriar’ e também com verbos com sujeito expletivo, que apresentam {sujeito cognato ao verbo}, como o verbo de fenômeno {rɛf} ‘ventar’.

O uso do habitual inexorável é obrigatório no afirmativo, mas não no paradigma negativo, como se verifica com {luw} ‘latir’ e {ɾɪj} ‘chorar’ :

(102)

(a)

bi-ngi luw-mɔ

3P.suj(.ind)-hab latir-inex

‘eles (os cachorros) têm o hábito de latir (=eles (cachorros) latem); *ils (les chiens) ont l’habitude d’aboyer (=ils (chiens) aboient)*’

(b)

aa-nge luw-mɔ

3P.suj.neg- latir-inex

hab.neg

‘ele (o cachorro) não tem o hábito de latir (=ele não late desde pequeno); *Il (le chien) n’a pas l’habitude d’aboyer (=Il (le chien) n’aboye pas depuis qu’il est petit)*’

(c)

aa-nge luw

3P.suj.neg-hab.neg latir

‘ele (o cachorro) não tem o hábito de latir (=quando alguém entra, ele não late); *il (le chien) n’a pas l’habitude de aboyer* (=quand quelqu’un rentre, il (le chien) n’aboye pas)’

(103)

(a)

*bi-ngi rɪɪj

3P.suj-hab chorar

‘*eles têm o hábito de chorar; **ils ont l’habitude de pleurer*’

(b)

bi-ngi rɪɪj-mɔ

3P.suj(.ind)-hab chorar- inex

‘eles têm o hábito de chorar (=eles choram freqüentemente); *ils ont l’habitude de pleurer* (=ils pleurent (souvent))’

(c)

ɲmbuuta bi-ngi rɪɪj-mɔ

clas-criança 3P.suj-hab chorar-inex

‘as crianças, elas têm o hábito de chorar (as crianças, elas choram freqüentemente); *les enfants, ils ont l’habitude de pleurer* (=les enfants, ils pleurent souvent)’

(d)

aa-nge rɪɪj

3S.suj.neg-hab.neg chorar

‘ele não tem o hábito de chorar (=ele nunca chora); *il n’a pas l’habitude de pleurer* (=il ne pleure jamais)’

(e)

aa-nge rɪj-mɔ

3s.suj.neg-hab.neg chorar-inex

‘ele não tem o hábito de chorar (=ele nunca chora); *il n’a pas l’habitude de pleurer (=il ne pleure jamais)*’

(104)

ɲmbuuta ma nge rɪj,

clas.criança hab.neg chorar

ndə nna diimba yaant

se clas.mãe 3P.pos sair

‘as crianças não choram se suas mães saem; *les enfants ne pleurent pas, si leurs mères sortent*’

(105)

ɲmbuuta ma n-rɪj-ge,

clas.criança inac-chorar-pas.rec

ndə nna diimba ma yaant

se clas.mãe 3p.pos det sair

‘as crianças choram, se suas mães saem; *les enfants ne pleurent pas, si leurs mères sortent*’

Esse conjunto de dados mostra que a língua não utiliza o habitual simples afirmativo presente com {bə-} ‘3P.suj’; mas os ‘habitual’ são intercambiáveis no paradigma da negação; (104) e (105) mostram-nos a utilização do habitual e do inacabado assertivo presente como parafrástico, diferindo em que o habitual descreve uma ação que se inicia no passado e perdura no presente e o inacabado assertivo presente descreve uma ação que se inicia no presente e perdura no futuro.

O dado (106e) com o habitual inexorável negativo apresenta paráfrase com {gula} ‘lágrimas’ + {sow} ‘terminar, acabar de’ em sua forma negativa para definir alguém que não consegue chorar, e (106b) com o habitual inexorável afirmativo apresenta a paráfrase (106d):

(106)

(a)

u-ngi da gula ma sow
 2S.suj-hab 2S.pos lágrimas det acabar
 ‘tuas lágrimas acabaram; *tes larmes sont finies*’

(b)

a-laante ma n gula ma sow [alaante ma ŋgula ma sow]
 clas-homem rel lágrimas det acabar
 det
 ‘as lágrimas do homem acabaram; *les larmes de l’homme ont fini*’

(c)

a-n-gula ma sow
 3S.suj.inac-ter-lágrimas 3S.pos acabar
 ‘suas lágrimas acabaram; *ses larmes ont fini*’

(d)

aa-ggaad gula ma sow
 3S.suj.neg-ter lágrimas det acabar
 ‘suas lágrimas não se acabaram; *ses larmes n’ont pas fini*’

Com o verbo de fenômeno {ref} ‘ventar’, em que há um pronome (=nome) expletivo cognato ao verbo, a restrição de ocorrência do verbo ao paradigma do habitual inexorável permanece:

(107)

(a)

f-ndel ma ngi ref-mo
 clas-vento det hab ventar-inex
 ‘venta; *il vente*’

(b)

f-ndel ma ngi ref(-mɔ) b-ta ma

clas-vento det hab ventar-(inex) clas-árvore det

‘o vento tem o hábito de balançar a árvore (=o vento costuma balançar a árvore); *le vent a l’habitude de balancer l’arbre* (=le vent balance l’arbre)’

(c)

a-fula ma ngi ref-mɔ g-jwole

clas-menina det hab ventar-inex clas-fogo

‘a moça tem o hábito de abanar o fogo (=a moça abana o fogo); *la fille a l’habitude de souffler sur le feu* (=la fille souffle le feu)’

(d)

aa-nge ref joole

3S.suj(.expl).neg-hab.neg ventar frio

‘não costuma ventar frio; lit. *il ne vente pas froid* (= *il ne souffle pas de vent froid*)’

(e)

f-ndel gi ndaani Dakar

clas-vento cop muito Dacar

‘venta muito em Dacar; *il vente beaucoup à Dakar*’

Nos contextos do sujeito expletivo, no paradigma do afirmativo, o uso do habitual inexorável é obrigatório. Este tipo de restrição deixa de existir na negação e na presença de um complemento. Em outros contextos, para dizer ‘venta muito em Dacar’, o habitual, seja o habitual simples ou o habitual inexorável, não se aplica, mas o inacabado assertivo presente com {gi} ‘cópula’ (cf. 107e).

Com {tub} ‘chover’, usa-se o habitual inexorável, mas o valor que a ele se aplica é o valor de frequência dado aos verbos discretos no paradigma do habitual simples:

(108)

(a)

Haala ngi tub-mo

Deus hab chover-inex

‘chove (de tempo em tempo); *il pleut (de temps en temps)*’

(b)

Haala n-tub-i

Deus inac-chover-inc

‘vai chover; *il va pleuvoir*’

Ao comentar as frases acima, o falante disse, para (108c), ‘não chove todo o tempo, mas de tempos em tempos’; e, para (108b), ‘é uma generalização’, isto é pode ou não chover. Verbos de fenômeno que pressupõem mudança de estado, como {sɔl} ‘secar’, podem ocorrer no paradigma do habitual simples ou do habitual inexorável.

Um dos últimos contextos que implicam a utilização de {ngi... ...-mo} ‘habitual inexorável’ é para expressar hábitos constantes ou comuns, assim este morfema aparece combinado a alguns verbos, tais como {luf} ‘insultar’, {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’, {sɔl} ‘secar’:

(109)

(a)

mbuuta ngi luf-(n)dɛ-mo

clas.criança hab insultar-rec-inex

‘as crianças insultam umas às outras; *les enfants s’insultent les uns aux autres*’

(b)

hul ngi θag-le-ʊ-mo

clas.cabelo hab pegar-ref-inacc-inex

‘o cabelo é trançável; *les cheveux sont tressables (= les cheveux se tressent/peuvent se tresser)*’

(c)

bi-ngi sɔl-le-ʋ-mɔ
 3P.suj(.ind)-hab secar-ref-inacc-inex
 ‘isso é secável; *la chose est séchable*’

Esta última frase é produzida no seguinte contexto: não tem sol e a pessoa coloca o peixe para secar, então alguém lhe pergunta; por que você colocou o peixe lá? A resposta: ‘porque ele é secável’.

Utiliza-se, ainda, o habitual inexorável para descrever algo da tradição, embora os verbos apresentados aqui ocorram livremente no habitual simples afirmativo, tal como {lɔt} ‘cozinhar’, {baaybaay} ‘tocar’, {yeɛŋdɛ} ‘casar-se’ e {wom} ‘manger’:

(110)

(a)

bi-ngi baaybaay-mɔ bali ma
 3P.suj-hab tocar-inex clas.balafon det
 ‘eles têm o hábito de tocar o balafon (desde o passado até hoje); *ils ont l’habitude de jouer du balafon (depuis le passé jusqu’à aujourd’hui)*’

(b)

bi-n-baaybaay bali ma
 3P.suj-inac-tocar clas.balafon det
 ‘eles tocam o balafon (desde hoje até o futuro); *ils jouent du balafon (depuis aujourd’hui jusqu’au futur)*’

Nesse contexto o habitual não é intercambiável com o inacabado assertivo presente. Para descrever algo próximo da tradição com verbos de movimento, tais como {tɔ} ‘ir’ {bin} ‘vir’, o habitual inexorável se assemelha ao habitual simples com verbos discretos, ao indicar repetição, reiteração ou periodicidade:

(111)

(a)

bi-ɲaŋ ma bi-nduba tɔ-ʊ [biɲaŋ ma binduba tow]

clas-pessoa det clas-todo ir-conc

‘todas as pessoas foram; *toutes les personnes sont parties*’

(b)

bi-ɲaŋ ma bi-nduba ŋgi tɔ-mɔ

clas-pessoa det clas-todo hab ir-inex

‘todo mundo vai lá (=cada vez que há o evento, eu vou); *tout le monde va là-bas*
(=*chaque fois que ça arrive, j’y vais*)’

(c)

i-ŋgi-tɛ bin-mɔ

1S.suj-hab-deit vir-inex

‘eu venho de tempos em tempos; *je viens de temps en temps*’

(d)

waato waate i-ŋgi-tɛ bin-mɔ

cada vez 1S.suj-hab-deit vir-inex

‘eu venho todo tempo; *je viens tout le temps*’

As duas primeiras frases estão ligadas ao contexto da peregrinação católica que ocorre em Dacar durante o Pentecostes. Em (111b), segundo o falante, se alguém lhe pergunta se ele vai a esta peregrinação, ele responde ‘cada vez que há o evento, eu vou’. Em (111c) e (111d), o valor expresso por {waato waate} é intercambiável por outros advérbios de tempo, tais como {b-reso b-rese} ‘cada ano’, {f-leey f-leey} ‘cada dia’, {gi-mando gi-mande} ‘cada noite’.

O verbo compacto {gole} ‘ter-medo’ combinado com {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’ no paradigma do habitual inexorável:

(112)

(a)

ni ngi-mɔ-yɔ noom
 1S.suj hab-inex-pas.rem ter-coragem
 ‘eu tinha coragem; *j’avais le courage*’

(b)

ni ngi-tɛ noom-mɔ-yɔ
 1S.suj hab-deit ter-coragem-inex-pas.rem
 ‘eu tinha coragem; *j’avais le courage*’

(c)

ni ngi gole-mɔ [ni ngi golimɔ]
 1S.suj hab ter-medo-inex
 ‘eu tenho medo (freqüentemente); *j’ai peur (souvent)*’

As frases (112a) e (112b) têm a mesma tradução: ‘eu tinha coragem, agora, eu não tenho coragem’ ou ‘eu não tinha medo, agora, eu tenho medo’, que podem ser parafraseadas por (112c) ‘eu tenho medo freqüentemente’ no habitual inexorável presente.

Com os verbos densos, o habitual inexorável combinado com o morfema {-Ø} ‘presente’ apresenta o valor de ‘presente’:

(113)

(a)

a-ngi gi-mɔ-yɔ a-ndaŋ
 3S.suj-hab cop-inex-pas.rem adj-grande
 ‘ele era grande; *il était grand*’

(b)

aa-nge gi-mɔ a-ndaŋ
 1S.suj.neg-hab.neg cop-inex adj-grande
 ‘ele nunca cresce; *il n’est jamais grand*’

Nesse dado, com {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’, a frase (113b) é usada para se referir a alguém que sempre faz coisas infantis.

Com {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, o habitual inexorável combinado com {-Ø} ‘presente’ tem o valor de ‘presente’:

(114)

(a)

bi-ngi miira-mo
3P.suj-hab pensar-inex
‘eles pensam muito; *ils pensent beaucoup*’

(b)

bi-ngi miira-mo waato waate
3P.suj-hab pensar-inex todo tempo
‘eles pensam todo o tempo; *ils pensent tout le temps*’

(c)

a-ngi miira-mo ndaani g-yaaθa gele
3S.suj-hab pensar-inex muito trabalho clas.dem.pres.prox.ouv
‘ela pensa muito no seu trabalho; *elle pense beaucoup à son travail*’

No último dado, o falante se refere a mim, porque penso todo tempo em meu trabalho ‘ela só pensa em seu trabalho’, é interessante observar na tradução a necessidade do intensificado ‘muito’ para expressar o valor do habitual inexorável.

3.2.2. {-gε} ‘mudança de estado’

A combinação do ‘habitual inexorável’ com o sufixo {-gε} ‘mudança de estado’ apresenta o valor de ‘mudança de estado’:

(115)

(a)

bə-ngi saant-mə ndaani

3P.suj-hab falar-inex muito

‘eles têm o hábito de falar muito (=eles falam demais); *ils ont l’habitude de parler beaucoup* (=ils parlent beaucoup)’

(b)

bə-ngi saant f-ja

3P.suj-hab falar clas-ja

‘eles falam fja; *ils parlent fja*’

(c)

i-ngi saant-mə f-ja

1S.suj-hab falar-inex clas-ja

‘eu tenho o hábito de falar fja (=eu falo fja); *j’ai l’habitude de parler fja* (=je parle fja)’

(d)

aa-ngɛ-gɛ saant

3S.suj.neg-hab.neg-me falar

‘ele não tinha falado (=ele não falou até o momento; agora, ele fala); *il n’avait pas parlé* (=il n’a pas parlé jusqu’à ce moment; maintenant, il parle)’

(e)

aa-ngɛ saant-gɛ f-ja

3s.suj.neg-hab.neg falar-me clas-ja

‘ele não tinha o hábito de falar fja (=ele está tentando falar fja); *il n’avait pas l’habitude de parler fja* (=il essaye de parler fja)’

Para a frase (115e), o falante da língua faz o seguinte comentário: ‘ele não sabe fja, ele pode compreender a língua e agora, ele tentar falar’. O complemento existente na segunda frase faz diferença em termos de falar, como aptidão natural, e em termos de falar uma língua, como algo adquirido, este caso não implica o uso do habitual inexorável. Isso, também, observamos anteriormente com {ref} ‘ventar’, no paradigma do afirmativo que, em

face de um complemento, pode ocorrer fora do paradigma do habitual inexorável presente, ainda que na ‘3S.suj.exp’.

A combinação de um verbo denso com {-ge} ‘mudança de estado’ mantém o valor de ‘mudança de estado’:

(116)

(a)

aa-ngε-ge	miira-mɔ	a-bin-tε	Sénégal
3S.suj.neg-hab.neg-me	pensar-inex	3S.suj-vir-deit	Senegal

‘ela nunca pensou que viria ao Senegal; *elle n’a jamais pensé à venir au Sénégal*’

(b)

a-ngi-na-ge	yɔɔf-mɔ
3S.suj-hab-2S.obj-me	ser/estar maior-inex

‘ele tinha mais que você; *il avait plus que toi*’

Com relação ao dado com {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’, o falante complementa o sentido do seguinte modo: ‘ela nunca pensou, mas isso acontece’. O verbo {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ em (116b) apresenta o sentido de ‘ter mais’, quando este verbo não dispõe do complemento implica sempre ter mais em termos de riqueza, diferentemente do paradigma do acabado imperativo {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ não aparece seguido de {-tε} ‘dêítico’ (cf. 2, cap. II).

3.2.3. {-yɔ} ‘passado remoto’

A combinação dos verbos discretos com {-yɔ} ‘passado remoto’ no paradigma do habitual inexorável tem o valor de ‘passado remoto’:

(117)

(a)

a-ngi-yɔ	ref-mɔ
3S.suj-hab-pas.rem	ventar-inex

‘ventava; *il ventait*’

(b)

f-ndel ma ngi-yo ref-mo
 clas-vento det hab-pas.rem ventar-inex
 ‘ventava; *il ventait*’

(c)

f-ndel ma nge-yo ref ndaani
 clas-vent hab.neg-pas.rem ventar muito
 ‘não ventava muito; *il ne ventait pas beaucoup*’

(d)

f-ndel ma nge-yo ref a jogi ma
 clas-vento det hab.neg-pas.rem ventar loc clas.mar det
 ‘não venta sobre o mar (=não tinha vento sobre o mar); *il ne vente pas sur la mer (=il n’y avait pas de vent sur la mer)*’

(e)

f-ndel ma aa-ti n-ref ndaani
 clas-vento det 3S.suj-neg inac-ventar muito
 ‘não venta muito; *il ne vente pas beaucoup*’

(f)

* f-ndel ma nge-yo ref
 clas-vento det hab.neg-pas.rem ventar
 ‘*não ventava’; **il ne ventait pas*’

Neste conjunto de dados observamos que o afirmativo presente ocorre no paradigma do habitual inexorável com o {sujeito cognato ao verbo} ou com {a-} ‘3S.suj(.exp)’, que o negativo ocorre no habitual simples, seja presente ou passado, e que, no paradigma do habitual simples, o verbo {ref} ‘ventar’ demanda sempre um tipo de complemento como, por exemplo, o advérbio {ndaani} ‘muito’. As frases (117d) e (117e) estão inseridas no contexto da pescaria: (117d) é usada pelos pescadores para saber se eles podem ir ou não ao mar, quem chega do mar diz ‘não venta sobre o mar’ aos demais. Embora a frase apresente {-yo} ‘passado remoto’ com valor de ‘passado’, sofre uma tradução no presente, devido à diferença

entre o que foi visto e o tempo decorrido para chegar próximo à terra e dizer isso aos demais pescadores; a possibilidade de se dizer isso dessa maneira decorre da característica do habitual, de abarcar o passado até o presente, assim o valor de {-yɔ} ‘passado remoto’ parece enfraquecido neste contexto. Na frase (117e), temos a utilização do inacabado assertivo presente para convidar à pesca ‘se não ventava muito sobre o mar, vamos ao mar! (=não venta muito, vamos ao mar!)’.

Os dados (117) podem nos apontar dois fatos: ao habitual simples é imprescindível o complemento e há restrição do habitual inexorável negativo no contexto com {sujeito cognato ao verbo} ou com {a-} ‘3S.suj(.exp)’. Podemos aventar que isso se deve ao fato de que o vento é uma constante, o vento independe da vontade do homem, como se verifica em relação ao habitual inexorável afirmativo. Logo, não se tem a contraparte negativa no habitual inexorável, porque isso daria a leitura que contradiz completamente a afirmação, como ‘nunca venta’, daí a agramaticalidade de (117f).

Temos então um conjunto de verbos que ocorre no paradigma do habitual inexorável afirmativo, devido a um traço inerente, não mutável, mas que, devido a esses traço, não ocorre no paradigma do habitual inexorável negativo, porque isso implicaria uma contradição com relação a esse traço persistivo. Nesse conjunto, encontra-se também o verbo {saant} ‘falar’ que, embora ocorra no paradigma do habitual inexorável no afirmativo, ocorre no paradigma do habitual simples no negativo:

(118)

(a)

aa-ngɛ-gɛ	saant
3S.suj.neg-hab.neg-me	falar
‘ele não falava; <i>il ne parlait pas</i> ’	

(b)

aa-ngɛ-gɛ-yɔ	saant
3S.suj.neg-hab.neg-me-pas.rem	falar
‘ele não falava; <i>il ne parlait pas</i> ’	

(c)

ji ngi saant-mɔ-yɔ f-ja
 1S.suj hab falar-inex-pas.rem clas-ja
 ‘eu falei balanta; *j’ai parlé balante*’

(118a) significa ‘ele não falou até o momento, agora ele fala’, (118b) significa ‘ele não falou até o momento, durante muito tempo, agora ele fala’; (118c) significa que ‘a pessoa falou fja, mas ela ficou muito tempo distante, e ela perdeu o hábito de falar fja’.

Ao fazer a observação sobre o fato de que eu caminhava muito e rápido, eu contei ao falante que, de certo modo, isso era uma herança do meu pai, porque, quando criança eu caminhava muito com ele e rápido, porque ele caminhava rápido, e o relato ficou assim em balanta:

(119)

i-ngi yobde ndaani,
 1S.suj-hab andar muito
 wetiŋga, f-waati fɛ,
 porque clas-época clas.dem.pas.dist.fal
 fafam ngi-yɔ yobde ndaani
 clas.pai hab-pas.rem andar muito
 ‘eu ando rápido, porque naquela época meu pai andava rápido; *je marche vite, parce que, à cette époque là, mon père marchait vite*’

A combinação do ‘habitual inexorável’ com {-yɔ} ‘passado remoto’ no conjunto dos verbos densos apresenta o valor de ‘passado remoto’:

(120)

ji ngi-ma-tɛ tuug-mɔ-yɔ
 1S.suj hab-3S.obj-deit chamar-inex-pas.rem
 ‘eu (sempre) o chamei (=fui eu que o chamei antes); *je l’ai (toujours) appelé (=c’est moi qui l’ai appllé avant)*’

Este dado apresenta-se no seguinte contexto: uma pessoa mora com uma família com a qual toma suas refeições. Todos os dias uma das crianças a chama para almoçar e jantar. Um dia, a mãe pede ao grupo de crianças que vá chamá-la e outra, que não tem o costume de fazer isso, faz menção de ir, a criança que está acostumada fazer esta tarefa intervém dizendo: ‘sou eu que tenho o hábito de chamá-la’ ou ‘fui eu que a chamei antes’. Neste contexto, {tuug} ‘chamar, chamar-se/ter por nome, nomear’ está empregado como verbo discreto.

3.2.4. {-tɛ} ‘dêítico’

O verbo denso {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ em sua combinação com {-tɛ} ‘dêítico’ tem a função de ‘adjunto adverbial’ no paradigma do habitual inexorável:

(121)

(a)

aa-nge-tɛ	gi-mɔ	a-ndaŋ
1S.suj.neg-hab.neg-deit	cop-inex	adj-grande

‘ele nunca cresceu; *il n’a jamais grandi*’

(b)

aa-nge-yɔ	gi	a-ndaŋ
1S.suj.neg-hab.neg-pas.rem	cop-inex	adj-grande

‘ele nunca cresceu (antes); *il n’a jamais grandi (avant)*’

(122)

(a)

ni	ngi-mɔ-yɔ	gi	a-ndaŋ
1S.suj	hab-inex-pas.rem	cop	adj-grande

‘eu sempre era o maior (=eu sou maior desde muito tempo atrás); *j’ai (toujours) été plus grand (=je suis toujours plus grand depuis longtemps)*’

(b)

ni ngi-tɛ-mɔ-yɔ gi a-ndaŋ
 1S.suj hab-deit-inex-pas.rem cop adj-grande

‘eu sempre era o maior (=dentro de um grupo específico), sou eu que sou o maior desde muito tempo atrás; *j’ai (toujours) été plus grand (=dans un groupe spécifique), c’est moi qui suis le plus grand depuis longtemps*’

Em (121), as duas frases se encontram no passado, aparentemente, é a negação que acrescenta o traço descontínuo à combinação {gi} ‘cópula’ + {ndaŋ} ‘grande’ e não {-tɛ} ‘dêitico’ em (121a), neste paradigma, porque o mesmo não se dá na contraparte afirmativa em (122b). A diferença entre (121a) e (121b) consiste em que a primeira não implica mudança de estado, ao passo que a segunda sim: ‘ele nunca cresceu (corpulência ou espírito), mas, agora, ele mudou’.

Para o conjunto de frases em (122), o valor de passado é desempenhado por {-yɔ} ‘passado remoto’, mas o valor de ‘presente’ é possível, acrescido de ‘desde muito tempo atrás’. A diferença entre (122a) e (122b) está relacionada à presença de {-tɛ} ‘dêitico’ que implica que ‘(dentro de um grupo específico), sou eu que sou o maior’. A clivagem na tradução leva a pensar que se trata uma focalização do sujeito, mas, na língua a focalização se apresentaria do seguinte modo: com pronomes sujeito enfático, como {nima} ‘1S.suj.enf’ por exemplo, ou com o acréscimo do anafórico {hi} ‘clas.anaf/foc’ após o pronome. Verifique, também, o contexto de (123c), em que o morfema {-tɛ} ‘dêitico’ deu à frase no habitual inexorável um valor restritivo, tal qual ‘somente’ quando acompanhado de um advérbio.

(123)

(a)

bi-ngi-tɛ-yɔ luw-mɔ [bingitryɔ luwɔmɔ]
 3P.suj(.ind)-hab-deit-pas.rem latir-inex
 ‘eles (os cahorros) latiam; *ils (les chiens) aboyaient*’

(b)

biti ngi-tɛ luw gemande
 clas.cachorro hab-deit latir clas.noite
 ‘o cachorro late à noite; *le chien aboie la nuit*’

(c)

biti ngi-tɛ luw-mɔ gemande
 clas.cachorro hab-deit latir-inex clas.noite

‘o cachorro late (somente) à noite; *le chien aboie (seulement) la nuit*’

(124)

(a)

ɲi ngi-yɔ ɲɲj(-mɔ)
 1S.suj hab-pas.rem chorar(-inex)

‘eu não tinha o hábito de chorar (freqüentemente); *j’avais l’habitude de pleurer (souvent)*’

(b)

ɲi ngi-tɛ-yɔ ɲɲj-mɔ a b-sin [ɲi ɲgitɪyɔ ɲɲjmɔ a bsin]
 1S.suj hab-deit-pas.rem chorar-inex loc clas-aqui

‘eu tinha o hábito de chorar (ao vir) aqui; *j’avais l’habitude de pleurer (en venant) ici*’

Em (123), observamos que {luw} ‘latir’ no habitual inexorável acompanhado de um advérbio de tempo tem restringida a abrangência do evento ‘este apenas se dá à noite’. Segundo o falante, {-tɛ} ‘dêítico’ presente nas frases, se deve ao fato de o enunciador se encontrar no mesmo lugar que o cachorro de quem ele fala.

Observamos que o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ no paradigma do habitual inexorável tem a função de adjunto adverbial e o valor de tempo é dado por {-yɔ} ‘passado remoto’ (cf. 121a, 123b e 124b).

3.2.5. {-ɔ} ‘inacusativo’ e {-ɔ} ‘concluso’

Nos dados apresentados abaixo, aparentemente, temos em (125b) o morfema {-ɔ} ‘concluso’ que aparece no habitual inexorável com o valor de ‘certeza’, e, em (125c), o morfema {-ɔ} ‘inacusativo’:

(125)

(a)

g-yiθe ngi wom-(n)dε-mɔ

clas-animais hab comer-rec-inex

‘os animais comem uns aos outros; *les animaux se mangent les uns les autres*’

(b)

bi-ngi wom-(n)dε-ʊ-mɔ [bingi womdumɔ]

clas-hab comer-rec-conc-inex

‘eles se comem; *ils se mangent*’

(c)

wi ngi wom-le-ʊ-mɔ

clas.anaf/foc hab comer-ref-inacc-inex

‘isso é comível; *le chose est mangeable*’

4. Os valores do progressivo

O progressivo se combina com {-Ø} ‘presente’, {-gε} ‘mudança de estado’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-tε} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’.

4.1. {-Ø} ‘presente’

Com os verbos discretos, o paradigma do progressivo em sua combinação com {-Ø} ‘presente’, tem o valor de ‘presente’:

(126)

(a)

bâ-gi ngi fle n saant

1P.suj-cop com/e clas.assunto rel falar

‘nós temos um assunto importante a discutir; *nous avons un sujet important à discuter*’

(b)

bi-gi a g-mee giinda [biga gmee giinda]

3S.suj-cop loc clas-falar mal clas.1S.pos

‘eles estão falando mal de mim (=eles estão a falar mal de mim); *ils sont en train de parler mal de moi*’

(c)

bi-gi a saant-e gwili giinda

3S.suj-cop loc falar-nom clas.coisas clas.1S.pos

‘eles estão falando de coisas que me concernem (=eles estão a falar de coisas que me concernem); *ils sont en train de parler de choses qui me concernent*’

O que se encontra descrito acima acontece quando (126a) os adultos fecham a porta para discutir alguma coisa muito importante e as crianças são excluídas; e estas fazem conjecturas, tais como (126b) e (126c).

As construções epitéticas, característica dos verbos compactos, são substituídas por construções atributivas no paradigma do inacabado assertivo presente ou no paradigma do habitual simples presente, e a leitura característica do progressivo presente se faz no paradigma do inacabado assertivo presente:

(127)

(a)

hima n-gi a-bonje

3S.suj.enf inac-cop adj-bonito

‘ELA está ficando bonita (=ela está se arrumando); *ELLE est en train de s’embellir*’

(b)

bə-ngi gi bi-bonje

3P.suj-hab cop clas-bonito

‘eles são bonitos; *ils sont beaux*’

Os verbos densos aparecem combinados com {-Ø} ‘presente’ com valor de ‘presente’.

(128)

(a)

n-tə miira
 1S.suj.ac-ir pensar
 ‘eu vou pensar; *je vais réfléchir*’

(b)

i-n-tə miira-na
 1S.suj-inac-ir pensar-inf
 ‘eu vou pensar; *je vais réfléchir*’

(c)

i-gi a gi-miira [iga gimiira]
 1S.suj-cop loc clas-pensar
 ‘eu estou pensando (=eu estou a pensar); *je suis en train de penser/réfléchir*’

Os dados abaixo mostram a progressão temporal que se desloca do acabado assertivo presente, ao inacabado assertivo presente e ao progressivo. Com a finalidade de protelar uma decisão, pode-se seguir esta ordem nas respostas, quando for inquirido sobre o assunto: a primeira resposta pode ser com o auxiliar {tə} ‘ir’: {n-tə miira} ou {i-n-tə miira-na} ‘eu vou pensar’; mas, se for inquirido outra vez: {i-gi a gi-miira} ‘eu estou pensando’.

Com o verbo {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ e com {mada} ‘poder’, a construção no paradigma do progressivo requer o auxiliar {bin} ‘vir, pôr-se a’:

(129)

(a)

a-gi a bin yɔɔf-bə
 3S.suj-cop loc vir ser/estar maior-clas.dem.pres.proc.fal
 ‘ela (a planta) cresce mais que a outra (=ela está a crescer mais que a outra); *il (l’arbre) pousse plus que l’autre*’

(b)

hima gi-te a yɔɔf-a hat Mamadou
 3S.suj.enf cop-deit loc ser/estar maior-inf ainda Mamadou
 ‘ELE está ultrapassando Mamadou (=ele está a ultrapassar Mamadou); *LUI il est en train de dépasser mamadou*’

(c)

mbuuta ma gi a bin gi-mada hele
 clas.criança det cop loc vir clas-poder dem.pres.dist.fal
 ‘este menino domina os outros (=ele está a dominar os outros); *ce garçon domine les autres*’

Essas frases têm o seguinte contexto: em (129a), um dia, alguém que cuida de duas árvores que foram plantadas na mesma época e que são regadas da mesma maneira, dá-se conta de que uma das plantas cresce mais que a outra. Em (129b), duas crianças têm a mesma idade, mas um é maior que o outro; o menor alcança o maior e o ultrapassar em tamanho ‘ele não somente alcançou Mamadou, mas ele ainda o está ultrapassando’. Em (129c), várias crianças cresceram juntas; um dia, alguém observa que um deles está batendo nos outros, e diz: ‘este menino domina os outros’.

4.2. {-gɛ} ‘mudança de estado’

Os verbos discretos no progressivo combinados com {-gɛ} ‘mudança,de,estado’ têm o valor de ‘interrupção da ação’:

(130)

a-gi-te a fwun-e-ni maalu ma
 3S.suj-cop-deit loc clas.oferecer-nom-1S.obj clas.arroz det
 ‘ele está me dando (o) arroz (=ele está a me dar o arroz); *il est en train de m’offrir du riz*’

(131)

a-gi-gɛ a fwun-e-ni maalu ma,
 3S.suj-cop-me loc clas-oferecer-nom-1S.obj clas.arroz det
 bari bi-ɲaŋ gaaj
 mas clas-pessoa estar
 ‘ele estava me dando (o) arroz, mas as pessoas estavam lá (=ele estava a me dar o arroz,
 (...)); *il était en train de m’offrir du riz, mais les gens étaient là*’

4.3. {-tɛ} ‘dêitico’

O morfema {-tɛ} ‘dêitico’ atribui aos verbos compactos o traço descontínuo em construções atributivas no acabado assertivo e no paradigma do progressivo.

A particularidade no comportamento do verbo denso {gi} ‘cópula, estar (locativo), ter, acontecer, descender/pertencer/habitar, ter/haver/existir’ em sua combinação com {-tɛ} ‘dêitico’ se manifesta também no paradigma do progressivo. Neste paradigma {-tɛ} ‘dêitico’ atribui descontinuidade ao verbo e se destaca nesse contexto a impossibilidade de esta forma estar ausente:

(132)

(a)

* a-gi a gi a-ndaŋ
 3S.suj-cop loc cop adj-grande
 ‘*ele está crescendo; **il est en train de grandir*’

(b)

a-gi-tɛ a gi a-ndaŋ [agita gi andaŋ]
 3S.suj-cop-deit loc cop adj-grande
 ‘ele está crescendo (=ele está no ponto de crescer); *il est en train d’être/devenir grand*
 (=il est sur le point d’être grand (grandir))’

Uma frase como (130a) {a-gi a gi a-ndaŋ} que seguiria a regra de outras frases no progressivo não é possível, há uma pequena mudança que acrescenta {-tɛ} ‘dêitico’ à frase {a-gi-tɛ a gi a-ndaŋ}.

Outro verbo que apresenta a mesma característica {joom} ‘ter-coragem, confiar, ousar’:

(133)

(a)

* a-gi a gi-joom-a
 3S.suj-cop loc clas-ter-coragem-inf
 ‘*ele está adquirindo coragem; **il est en train d’avoir du courage*’

(b)

a-gi-te a gi-joom-a
 3S.suj-cop-deit loc clas-ter-coragem-inf
 ‘ele está adquirindo coragem; *il est en train d’avoir du courage*’

(c)

aa-tta gole
 3S.suj-neg ter-medo
 ‘ele não tem mais medo; *il n’a plus peur*’

(d)

a-gi a gi-joom-a nduulu
 3S.suj-cop loc clas-ter-coragem-inf pequeno
 ‘ele está adquirindo mais coragem; *il est en train d’avoir beaucoup de courage*’

(e)

a-yal joom
 3S.suj-começar ter-coragem
 ‘ele começou a ter coragem; *il a commencé à avoir du courage*’

O progressivo presente sem {-te} ‘dêítico’ com esses verbos que possuem em comum serem compactos é agramatical (cf. (132a) e (133a). Então, o falante da língua nos apontou várias possibilidades de expressar o progressivo: (133b) com {gi} ‘cópula’ + {-te} ‘dêítico’; (132c) com a negação {VV-tta} ‘não mais’ + {gole} ‘ter-medo’; (132d) {gi} ‘cópula’ + o advérbio {nduulu} ‘pequeno’ ou, numa relação de substituição, podemos usar {wabo}

‘agora’; ou, ainda, uma construção com o auxiliar {yal} ‘começar’. O que verificamos é que verbos compactos precisam do traço descontínuo para que ocorram no progressivo e a língua utiliza alguns recursos para que o verbo adquira este traço: (i) utiliza-se o auxiliar {bin} ‘vir, pôr-se a’ com o verbo {yɔɔf} ‘ultrapassar, exceder, ser/estar maior/mais velho’ (cf. 129, seção 4.1); (ii) utiliza-se {-tɛ} ‘dêitico’; (iii) utiliza-se um adjunto adverbial; (iv) utiliza-se o auxiliar {yal} ‘começar’; ou utiliza-se a negação {VV-tta} ‘não mais’ + um antônimo. Mas, de todas as construções, privilegia-se {-tɛ} ‘dêitico’.

O morfema {-tɛ} ‘dêitico’ com o valor de ‘descontinuidade’ é obrigatório ao paradigma do progressivo com verbos compactos. Com verbos densos [- estativo], como {jojoole} ‘ser/estar frio, fazer frio, esfriar, fazer esfriar’, este morfema não é imprescindível à construção:

(134)

(a)

a-gi a gin-jojoole wede [agi a ginjojoole wede]
 3S.suj-cop loc clas-ser/ estar frio clas.água
 ‘ele está esfriando (a) água (=ele está a esfriar água); *il est en train de refroidir l’eau*’

(b)

a-gi-tɛ a gin-jojoole wede [agita ginjojoole wede]
 3S.suj-cop-deit loc clas-ser/estar frio clas.água
 ‘ele está esfriando (a) água (=ele está a esfriar água); *il est en train de refroidir l’eau*’

Permanece a divisão entre verbos compactos e discretos, que reflete na exigência de que o progressivo presente no primeiro grupo se construa com {gi} ‘cópula’ + {-tɛ} ‘dêitico’; ao passo que os verbos que apresentam comportamento discretos admitem uma construção acompanhada ou não do sufixo {-tɛ} ‘dêitico’. Assim, a função de {-tɛ} ‘dêitico’ no primeiro grupo é atribuir ao verbo o traço descontínuo, possibilitando a sua realização no paradigma do progressivo; ao passo que a sua função no segundo grupo é de um adjunto adverbial.

Embora o verbo {ɾɪj} ‘chorar’ tenha o valor de ‘presente’ no acabado assertivo em sua combinação com {-Ø} ‘presente’, precisando ser acrescido de {-ɔ} ‘concluso’ no ‘passado’, o que o classifica como um verbo compacto, aparentemente há graus de descontinuidade entre esse tipo de verbo, porque {ɾɛf} ‘chover’, que apresenta as mesmas características no acabado

assertivo, precisa ser acrescido de {-tɛ} ‘dêítico’ ou de algum adjunto adverbial como {ɲoom} ‘ter-coragem, confiar, ousar’ em (133):

(135)

(a)

a-gi a gi-ɲɲj-e
3S.suj-cop loc clas-chorar-nom
‘ele está chorando (=ele está em choro); *il est en train de pleurer*’

(b)

a-gi-tɛ a gi-ɲɲj-e
3S.suj-cop-deit loc clas-chorar-nom
‘ele está chorando (=ele está em choro); *il est en train de pleurer*’

(136)

(a)

f-ndel ma gi-tɛ a g-rɛf nduulu [fndel ma gita gɛf]
clas-vento det cop-deit loc clas-ventar pequeno
‘o vento começa pouco a pouco; *le vent commence petit à petit*’

(b)

f-ndel ma yal rɛf nduulu
clas-vento det começar ventar pequeno
‘o vento começa pouco a pouco; *le vent commence petit à petit*’

Assim, como é comum parafrasear verbos discretos no acabado assertivo com o auxilair {sow} ‘terminar, acabar de’, há equivalência entre o progressivo e a construção com o auxiliar {yal} ‘começar’.

Com o verbo compacto {fuunɲ} ‘amar, querer, desejar’, {-tɛ} ‘dêítico’ atribui o traço descontínuo a este verbo; de todos o que apresenta um grau menor de descontinuidade:

(137)

a-gi-tɛ a gi-fuun ma b-baay ma
 3s.suj-cop-deit loc clas-amar con clas-brincar det
 ‘ele está querendo brincar (com seus amigos); *il a envie de jouer (avec ses amis)*’

Esta frase está relacionada ao seguinte contexto: tem-se um grupo de crianças brincando, mas uma delas fica um pouco ausente por causa da timidez, mas pouco a pouco ela começa a se aproximar e a brincar com os outros e quem a observa diz: ‘ela começa a ter coragem (ela se interessa por) para brincar’.

4.4. {-ʊ} ‘concluso’

Verbos discretos no paradigma do progressivo podem aparecer seguido de {-ʊ} ‘concluso’ com o valor de ‘concluso’:

(138)

(a)

a-gi-(d)ʊ a b-yizi b-sin ma [agidʊ a byizi bsin ma]
 3S.suj-cop-conc loc clas-deixar clas-rua det
 ‘ele está deixando a rua; *il est en train de laisser/quitte la rue*’

(b)

a-gi a b-yizi b-sin ma
 3S.suj-cop loc clas-deixar clas-rua det
 ‘ele está deixando a rua; *il est en train de laisser/quitte la rue*’

(c)

a-gi-(d)ʊ a p-tɔ
 3S.suj-cop-conc loc clas-ir
 ‘ele está indo; *il est en train de partir*’

(d)

a-gi a p-tɔ

3S.suj-cop loc clas-ir

‘ele está indo; *il est en train de partir*’

(e)

bâ-saant ŋgi hi, a-gi-(d)ʊ a p-tɔ

1P.suj-falar com/e 3S 3S.suj-cop-conc loc clas-ir

‘nós estávamos falando com ele e ele foi embora; *nous étions en train de parler avec lui et il est sorti*’

A demarcação do final do processo é expresso pelo falante do seguinte modo: as frases (138c) e (138d) servem para mostrar a progressão no tempo : {-ʊ} ‘concluso’ indica que a ação é mais passada em relação a {-Ø} ‘presente’. Aparentemente, no progressivo {-ʊ} ‘concluso’ cria a idéia de que em (138c) ‘ele já partiu, embora continue a partir’ e de que em (138d) ‘ele começa a partir’.

4.5. {-ɪ} ‘inconcluso’

A combinação com {-ɪ} ‘inconcluso’ apresenta o valor de ‘inconcluso’ na frase usada para se referir à chegada do temporal comum no Senegal quando começam as chuvas:

(139)

f-ndela gi-(d)ɪ a pin

clas-vento det prog-inc loc clas.vir

‘o vento está vindo; *le vent est en train de venir (=le vent vient)*’

Síntese do capítulo

O paradigma do inacabado é composto dos paradigmas do hortativo, assertivo, habitual e progressivo e todos eles são passíveis de se combinarem com os morfemas de tempo e de modalidade: {-Ø} ‘presente’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’, {-ɪ} ‘inconcluso’, excetuando {bə-} ‘futuro’ que ocorre somente no paradigma do inacabado assertivo. Mantém-se nos quadros abaixo espaços

em branco porque não dispomos da combinação de um determinado tipo de verbo com um morfema específico.

Os dois ‘hortativo’ se combinam com {-Ø} ‘presente’ e o hortativo negativo, além desse morfema, aparece combinado com {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’:

Quadro 30: Os valores dos morfemas de tempo e modalidade no hortativo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ} ‘concluso’	intransigência	

No assertivo, verificamos que, assim como no acabado assertivo, os verbos discretos se combinam com os morfemas {-Ø} ‘presente’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-yɔ} ‘passado remoto’, {-tɛ} ‘dêitico’, {-ʊ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’, acrescentando-se a este paradigma {bə-} ‘futuro’:

Quadro 31: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no assertivo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	futuro	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	interrupção da ação	interrupção da ação
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	passado remoto
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ} ‘concluso’	certeza	
{-ɪ} ‘inconcluso’	incerteza, probabilidade	inconcluso
{bə-} ‘futuro’	futuro	futuro

O comportamento dos verbos {rɛf} ‘ventar’, {saant} ‘falar’ {rɪj} ‘chorar’ os coloca como verbos compactos, assim como o verbo compacto {beg} ‘faltar ar’, em que {-Ø} ‘presente’ tem o valor ‘presente’, sendo necessário atentar para o contexto em que foi produzido o enunciado. A exceção é a construção com o verbo {gi} ‘cópula’ + o adjetivo {ndaŋ} ‘grande’ que, embora denso [+ estativo], {-Ø} ‘presente’ tem o valor ‘futuro’, devido ao traço de mudança de estado que acompanha o adjetivo.

O terceiro paradigma que compõe o inacabado é o habitual, que se subdivide em habitual simples e habitual inexorável. Entre os ‘habitual’, contrapõe-se uma diferença entre ‘circunstancial’ para o habitual simples e ‘persistivo’ para o habitual inexorável. No afirmativo, o habitual inexorável presente é intercambiável com a ‘cópula’ no acabado assertivo presente e o habitual simples com o inacabado assertivo presente; enquanto que, no paradigma negativo, o habitual simples é intercambiável com a negação {VV-} ‘não’ e o habitual inexorável é intercambiável com o habitual simples negativo, como se verifica no quadro abaixo:

Quadro 32: A relação entre os ‘habitual’ e a negação

afirmativo		negativo	
forma	valor	forma	valor
{ŋgi} habitual simples	cada vez	{VV-}	não
		{ŋge... ...-mɔ} habitual inexorável	nunca
{ŋgi... ...-mɔ} habitual inexorável	sempre	{VV-ŋge} habitual simples	não

As diferenças entre os dois paradigmas se encontram em alguns contextos. Na relação entre os paradigmas negativos: prefere-se o {VV-ŋge} ‘habitual simples negativo’, quando o verbo tem o traço [- estativo], e o {VV-ŋge... ...-mɔ} ‘habitual inexorável negativo’ quando o verbo tem o traço [+ estativo]. Há preferência pelo habitual inexorável (i) no contexto da correção, o que nos remete a um tipo de ênfase; (ii) no contexto de verdade geral: (a) com {bə-} ‘3P.suj.(ind)’ com os verbos {lɔd} ‘morrer’, {yɔbdɛ} ‘andar’, {luw} ‘latir’, {ɾɪj} ‘chorar’, {saant} ‘falar’; (c) no contexto de verdade geral com {sujeito cognato ao verbo} ou com {a-} ‘3S.suj.(exp)’ com {ref} ‘ventar’; (iii) com construções atributivas com {-le} ‘reflexivo’ + {-u} ‘inacusativo’; (iv) com os demais verbos, que ocorrem nos dois paradigmas, para expressar periodicidade ou frequência.

Essa distribuição aparentemente se pauta nas características dos dois ‘habitual’ e no traço do verbo:

Quadro 33: Os valores do habitual e os traços verbais

	habitual simples	habitual inexorável
[+ estativo]	circunstancial	persistivo
[- estativo]	frequência	frequência

No paradigma do habitual, os verbos se combinam com {-Ø} ‘presente’, {-v} ‘concluso’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-yɔ} ‘passado remoto’ e {-tɛ} ‘dêitico’:

Quadro 34: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no habitual simples

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	interrupção da ação	
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	passado remoto
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-v} ‘concluso’	concluso, certeza	

Quadro 35: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no habitual inexorável

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	mudança de estado	mudança de estado
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	passado remoto
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	adjunto adverbial
{-v} ‘concluso’	confirmação	

No paradigma do progressivo, temos a seguinte distribuição dos morfemas de tempo e de modalidade:

Quadro 36: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no progressivo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	interrupção da ação	
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-v} ‘concluso’	concluso	
{-ɪ} ‘inconcluso’	inconcluso	

Os quadros representam as recorrências e não as exceções, por isso alguns morfemas não têm o seu valor especificado em um ou outro paradigma, porque não dispusemos de

dados para isso ou porque este morfema tem um valor específico naquele paradigma ao se combinar com um verbo específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho descreveu os paradigmas verbais do balanta, a partir da metodologia proposta por Robert (1991, 2004), que consiste em situar os exemplos de cada paradigma dentro de um contexto, buscando determinar o valor de cada um deles.

A análise demonstrou que o sistema verbal em balanta é aspecto-temporal, dividindo-se em acabado e inacabado que, por sua vez, apresentam as seguintes divisões: acabado imperativo, acabado assertivo e acabado hipotético; inacabado hortativo, inacabado assertivo, inacabado habitual e inacabado progressivo. O acabado assertivo presente é a forma não marcada com prefixo {Ø-} ‘acabado’ e com sufixo {-Ø} ‘presente’. Cada um desses paradigmas, ao receber o acréscimo de morfemas de tempo, compõem paradigmas no ‘presente’ com o sufixo {-Ø}, no ‘passado’ com o sufixo {-yɔ} ou ‘futuro’ com o prefixo {bə-} em termos de tempo. O morfema {-Ø} ‘presente’, no paradigma do acabado, tem o valor de ‘presente’ para os verbos compactos e de ‘passado’ para os verbos discretos; no paradigma do inacabado, este mesmo morfema tem o valor de ‘presente’ para os verbos compactos e de ‘futuro’ para os verbos discretos. Ao lado desses morfemas, encontram-se os morfemas de modalidade: {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-ʊ} ‘concluso’, {-ɪ} ‘inconcluso’, {-tɛ} ‘dêitico’, que adquirem valores distintos conforme o paradigma verbal. Isso se deve ao tipo de verbo com o qual o morfema se associa, por isso consideramos em toda a análise que o tipo de verbo, discreto, compacto ou denso, interfere nos valores desses paradigmas. Esse fato nos levou aos quadros resumptivos que associam o tipo de verbo ao tipo de morfema de tempo e de modalidade.

Os verbos {saant} ‘falar’, {ɾɪj} ‘chorar’, {ɾɛf} ‘ventar’ e {tɔ} ‘ir’ se comportam como verbos compactos em balanta, porque no acabado assertivo em sua combinação com {-Ø} ‘presente’ tem valor de ‘presente’, diferindo dos demais verbos discretos que apresentam valor de ‘passado’, precisando para uma leitura de ‘passado’ do acréscimo de {-ʊ} ‘concluso’ que desencadeia esta leitura. Os verbos compactos em balanta sofrem o acréscimo de {-tɛ} ‘dêitico’, que lhes atribui o traço descontínuo, tornando possível a sua ocorrência no paradigma do progressivo; no acabado assertivo a combinação deste morfema + {-ʊ} ‘concluso’ leva o verbo compacto {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’ à mudança de sentido ‘já pensou (=decidiu)’. Se o verbo compacto no progressivo não sofre o acréscimo de {-tɛ}

‘dêítico’, ele deve ser acrescido de algum adjunto adverbial que lhe garanta a descontinuidade, caso contrário, a frase é agramatical. Como já referido na introdução, o termo ‘dêítico’ para o morfema {-te} não se enquadra dentro da categoria de modalidade, mas é difícil determinar para este morfema um rótulo mais adequado, porque o seu valor de modalidade decorre de seu emprego como um ‘dêítico’ na língua. Há outros termos próximos que poderiam se aplicar a este morfema, mas estes também não expressam diretamente modalidade, como, por exemplo, ‘adestivo’ do inglês *adessive*; alativo, ‘ilativo’ e ‘elativo’ do inglês *allative*, *illative* e *elative*; todos expressam ‘movimento’. Doneux (1984) utilizou para este morfema o termo *adestive* do francês. Há a interferência em balanta entre os níveis morfossintáticos e sintático-semântico, o que torna difícil postular se realmente temos os morfemas homófonos apresentados no quadro 22 (cap. I) ou se um único morfema desencadeia ora algo da sintaxe ora algo da semântica. No momento a análise é de homofonia entre esses morfemas, mas isto deve ser verificado posteriormente com maior acuidade.

Os valores predominantes dos morfemas de tempo e de modalidade apresentam a seguinte distribuição com relação ao aspecto acabado e inacabado:

Quadro 37: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade segundo o aspecto em balanta

	acabado		inacabado	
	discreto	compacto	discreto	compacto
{-Ø}	passado	presente	futuro	presente
{-gɛ}	mudança de estado	mudança de estado	interrupção da ação	interrupção da ação
{-yɔ}	passado remoto	passado remoto	passado remoto	passado remoto
{-tɛ}	adjunto adverbial	descontinuidade	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ}	confirmação	descontinuidade	certeza	certeza
{-ɪ}	probabilidade	descontinuidade	incerteza	inconcluso
{bə-}			futuro	futuro

O morfema {-ʊ} ‘concluso’ atribui a construções epítéticas no acabado o traço descontinuo, isso se verifica com {bonje} ‘ser/estar bonito (a)’ (cf. 89, cap. II) e a verbos [+ compacto, - estativo], como {saant} ‘falar’, {ɾɪɪj} ‘chorar’, {ɾɛf} ‘ventar’ e {tɔ} ‘ir’; o morfema {-tɛ} ‘dêítico’ atribui o traço descontinuo a construções atributivas e a verbos [+

compacto, + estativo], como {fuun(tɛ)} ‘amar, querer, desejar’ e {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’. Essa aparente distribuição complementar relacionada ao grau de descontinuidade dos verbos precisa de um estudo mais aprofundado. Temos, ainda, {-I}, que não sabemos ao certo se é {-I} ‘inconcluso’ ou {-I} ‘ergativo’, que transforma {raa} ‘ser/estar bravo’ em {raa} ‘ficar bravo, irar-se’ e, conseqüentemente, atribui a este verbo o traço descontínuo, tornando possível a sua relaização no paradigma do imperativo (cf. 7, cap. II). É nesses contextos que não determinamos exatamente se estamos lidando com dois morfemas ou apenas um (cf. quadro 22, cap. I).

Ainda com estas pendências, este trabalho contribui para o conhecimento das línguas em geral, especialmente das línguas africanas da família Atlântica. É um trabalho que se acrescenta à pequena lista de trabalhos sobre o balanta e contribui para o conhecimento de uma língua ameaçada de extinção.

Esta análise se destaca por ser a primeira a utilizar uma metodologia de trabalho de campo que considerou os contextos e os valores de emprego dos verbos em balanta associada aos recursos da teoria da enunciação. Esta forma de estudo detectou e explicou os contextos em que um mesmo morfema apresenta valores distintos, mostrando que a marcação aparente de tempo dos morfemas de modalidade {-ɔ} ‘concluso’, {-gɛ} ‘mudança de estado’, {-tɛ} ‘dêítico’ e {-I} ‘inconcluso’ decorre da diferença entre os paradigmas de aspecto, acabado ou inacabado, e dos tipos de verbos discretos, compactos ou densos com os quais esses morfemas se encontram associados. Quando a distinção entre os aspectos acabado e inacabado não pôde explicar os valores distintos de um mesmo morfema, a distinção entre verbos discretos, compactos e densos na categoria dos verbos o fez; quando esta distinção na categoria dos verbos não pôde explicar os valores distintos de um mesmo morfema, algum traço, como, por exemplo, [± estativo] ou [± persistente], o fez. Com isso temos uma análise mais consistente para estes morfemas e explicamos as diversas designações encontradas para estes morfemas em trabalhos anteriores para o balanta.

Este trabalho também se destaca por ser o primeiro a estudar e explicar a relação entre tempo e modalidade na língua balanta.

Algumas questões permanecem e devem ser verificadas posteriormente. Precisamos verificar (i) a negação em balanta e os valores dos paradigmas negativos em relação aos paradigmas afirmativos já descritos, (ii) a possibilidade de haver na língua algum paradigma verbal que não foi analisado neste estudo; (iii) se há na língua algum paradigma verbal exclusivo para a focalização; (iv) a manutenção ou não dos rótulos aplicados aos morfemas de tempo e de modalidade.

BIBLIOGRAFIA

Aissen, J. (1992). Topic and focus in Mayan. *Language*, 68: 43-80.

Bearth, T. (1999). The contribution of African Linguistics towards a general theory of focus. Update and critical review. *Journal of African Languages and Linguistics* 20, p. 121-56.

Benveniste, Émile (1995). O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri; Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4 ed. Campinas-SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas (linguagem Crítica), p. 284-293.

_____. (1989). O parelho formal da enunciação. In *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães ... *et al.*; revisão técnica de tradução: Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, p. 81-92.

Bole-Richard, Rémy. Problématique des séries verbales avec application au gen. In *Afrique et language*. N° 10. 2° semestre de 1978.

Bonvini, Emílio (1988). *Prédication et énonciation en kàsīm*. Paris: Centre National de la recherche Scientifique. Colletion sciencies du language.

Brody, Michael. (1990). Some remarks on the focus field of hungarian. *UCLA Working Papers in Linguistics* 2: 201-25.

_____. (1995). *Focus and checking theory. Approaches to hungarian V: levels and structure*, ed. by Istaván Kenesei, 29-44, Szeged: JATE.

Calvet, M. J. (1966). La transcription des langues du Sénégal. Problèmes théoriques pour le choix d'un alphabet officiel. Centre de linguistique appliquée de Dakar 29 bis.

Canu, Gaston (1965). Le système phonologiques des principales langues du Sénégal – étude comparative. *Centre de linguistique appliquée de Dakar* 13.

Careira, A. and Marques, J. Basso. (1947). *Subsídios para o estudo da língua manjaca*. Lisbon.

Caron, Bernard. (1989). A propos de l’“accompli” haoussa et des perfecto-presents dans quelques langues d’Afrique de l’ouest et d’ailleurs. In *Linguistique africaine*. Paris: G.E.R.L.A. N° 2, p. 55-76.

_____. (1998). La focalisation. *Faits de Langues* (11-12), p. 205-17.

_____. (ed.). (2000). *Topicalisation et Focalisation dans les Langues Africaines*. Collection Afrique et Langage 1. Louvain-Paris: PEETERS.

Childs, Tucker (1987). Verb extension renewal in kisi. In : Odden, David (org.). *Current approaches to african linguistics* (vol. 4). (Publications in african languages and linguistics, 7). Dordrecht-Holland/Providence-USA : foris publications, p. 73-91.

_____. (2003). *An Introduction to African Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Cohen, David. *L’aspect verbal*. Paris: Puf.

Cook, T. (2002). ‘Focus in Efik’. *Journal of African Languages and Linguistics*. 23-2, p. 113-52.

Comrie, B. (1986). *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press.

Creissels, Denis (1991). *Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique*. grenoble. ELLUG.

_____. (1994). *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines*. 2ed. Grenoble: ELLUG.

_____. Typology. In Heine, Bernd & Nurse, Derek. (orgs.). (2000). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 231-258.

_____. (2006). *Syntaxe générale, une introduction typologique*, éditions Hermès-Lavoisier. http://lesla.univ-lyon2.fr/article.php3?id_article=562

Creissels, Denis & Robert, Stéphane (1998). Morphologie verbale et organisation discursive de l'énoncé: l'exemple du tswana e du wolof. In Platiel, Suzy & Kabore, Raphaël (orgs.). *faits de langues: revue de linguistique*. OPHRYS. N°. 11-12, p. 161-178.

Culioli, Antoine (1976). *Notes de séminaire de DEA 1975-1976*. Poitiers-Paris: Université Paris 7, Département de recherches linguistiques.

Culioli, Antoine e Paillard, Denis (1987). 'A propos de l'alternance imperfectif / perfectif dans les énoncés impératifs', Paris, *Revue des études slaves*, LIX/3, p.527-534.

Dimmendaal, Gerrit J. Morphology. In: Heine, Bernd & Nurse, Derek. (orgs.). (2000). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 161-193.

Doneux, J. L. (1967). Le manjaku, classes nominales et questions sur l'alternance consonantique. *La classification nominale dans les langues négro africaines*, In Manessy G. Paris: Colloques internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique.

_____. (1968). *Les systèmes phonologiques des langues de Casamance*. Dakar: Centre de linguistique appliquée de Dakar. s/d. XXVIII.

_____. (1968). La langue manjaku et l'alternance consonantique initiale. *African language review*. 8: 193-211.

_____. (1975b). Hypothèses pour la comparative des langues atlantiques. In: *Africana linguistica*. 6: 41-129. (Annales, série In-8, science humaines 88).

_____. (1977). Lexique manjak. *Les langues africaines au Sénégal* 63. Dakar: Centre de linguistique appliquée de Dakar.

_____. (1978). 'Les liens historiques entre les langues du Sénégal. In: *Réalités africaines et langues françaises*. 7: 6-55. Dakar: Centre de linguistique appliquée de Dakar.

Greenberg, Joseph H. (1966). Polyglotta evidence for consonant mutation in the mandyak languages. *Sierra Leone Language Review*. 5: 106-10.

_____. (1977). Niger-Congo noun-class markers: prefixes, suffixes, both or neither. In: *Studies in African Linguistics*, ed. by M. Mould and T. Hinnebush, 97-104. (Papers from the 8th Conference on african Linguistics, Supplement n° 7).

Givón, Talmy (1975). Focus and the scope of assertion. Some Bantu evidence. *Studies in African Linguistics* (6), p. 185-205.

_____. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.

_____. (1979). *Syntax and semantics 12: discourse and syntax*. New York: Academic press.

_____. (1990). *Syntax - a functional - typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins. V. I, 1984; v. II.

_____. (1993). *English grammar*. Amsterdam: John Benjamins.

_____. (1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins.

Goldsmith, John. (1976). *Autosegmental phonology*. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics.

Gordon, Raymond G., Jr. (ed.), 2005. *Ethnologue: Languages of the World*, Fifteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com/>.

Heine, B. (1982). African noun class systems. Apprehension: das sprachliche erfassen von gegenständen I. In *bereich und ordnung der phänomene*, ed. By H. Seiler and Lehmann, 189-216. Tübingen: Narr.

Heine, B. and Reh, M. (1983). Diachronic observations on completive focus marking in some African languages. *Sprache und Geschichte in Afrika* 5: 7-44.

Higbee, Joan F. (1979). Oral and written languages of Senegal: cultures in transition. *Fed. Linguistic*. 9(1-4): 61-74.

Hopkins, Bradley L. (1990). La phrase complexe en diola-fogny (Ouest-Atlantic): propositions relatives. *Journal of West African Languages*. 20(2): 81-98.

Hyman, Larry M. 'The interaction between focus and tone in Bantu'. In: Rebuschi, Georges & Tuller, Laurice. (eds.). (1999). *The grammar of focus*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 151-179.

Hyman, L., and Watters, J.R. (1984). Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics* (15), p. 233-73.

Katamba, Francis. (1993). *Morphology*. London: Macmillan.

Kihm, Alain. (1980). La situation linguistique en Casamance et Guinée Bissau. In: *Cahiers d'études africaines*. 20(79): 369-86. [Focuses on creoles].

_____. (1989). Lexical conflation as a basis for relexification. In: *Revue canadienne de linguistique*. 34(3): 351-76. [Relationship of creole portuguese to bak languages].

_____. (1991). Les constructions focalisées en wolof: approche autolexicale d'une contradiction morpho-syntaxique. *Linguistique africaine*. 7: 7-32.

Kiss, Katalin. É. (1998). Identificational focus versus informational focus. *Language*. 74(2): 245-273.

Kratzer, A. 'The Representation of Focus'. In. A. von Stechow & D. Wunderlich, eds. (1991). *Handbook of Semantics*. Berlin and New York: de Gruyter, p. 825-834.

Kremmer, Suzanne. (1993). *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing Company.

Lacroix, P. F. (1981). Les langues 'Ouest-Atlantiques' (peul non inclus). *LLC*.

Ladefoged, Peter. (1964). *A phonetic study of west african languages*. West african languages monographs. N° 1 [fula, wolof, serer, joola, sherbro, limba, temne, kissi].

Laka, Itziar. (1994). *Negation in syntax: on the nature of functional categories and projections*. New York: Garland. [1990 PhD dissertation, MIT].

Leprince, Jules (administrateur adjoint des colonies) (1907). *Notes sur deux tribus de la Basse-Casamance*. Revue coloniale, p. 513-527.

Marques, João Basso. (1947). Aspectos do problema da semelhança da língua dos papéis, manjacos e brames. *Boletim cultural na Guiné portuguesa*. 2(5): 77-109.

Mateus, Maria Helena Mira et al (1989). Gramática da língua portuguesa. 2 edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho.

Ministère de l'Education. <Décret n° 2005-979 relatif à l'orthographe et la séparation des mots en balant>. République du Sénégal, Dakar: 21 octobre 2005.

Mukarovsky, H. G. (1964). Vers une linguistique comparative ouest-africaine: le diola, langue bantoue-guinéenne. In: *Bulletin de l'Institut français de l'Afrique noire*. 26(1-2): 127-65.

Newman, Paul. Hausa tonology: complexities in an 'easy' tone language. Goldsmith, John A. (ed.). (1995). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Massachusetts, USA/Oxford, UK: Blackwell Publishers. Pp. 762-781.

Odden, David. Tone: africa languages. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). (1995). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Massachusetts, USA/Oxford, UK: Blackwell Publishers. Pp. 444-475.

Rebuschi, G. and Tuller, L. (eds.). (1999). *The Grammar of Focus*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

Robert, Stéphane (1990). Aperçu et réflexions sur la négation en wolof. *Linguistique Africaine*. 2004; 4: 167-180.

_____. (1991). *Approche énonciative du système verbal: le cas du wolof*. Paris/France: Centre National de la Recherche Scientifique. Coleção: Sciences du langage.

_____. (1993). Structure et sémantique de la focalisation. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* 88/fasc.1, pp. 25-47.

_____. Le verbe wolof ou la grammaticalisation du focus. In: Caron, Bernard (org.). (2000). *Topicalisation et focalisation dans les langues africaines*. Louvain-Paris: Peeters Press. Pp. 229-267. Collection Afrique et langage.

_____. À la recherche du sens grammatical: contribution à une méthode d'enquête. In: Boyeldieu, Pascal et Nougayrol, Pierre (org.). (2004). *Langues et cultures: terrains d'Afrique*. Louvain-Paris: Peeters Press. Pp. 65-76. Collection Afrique et langage.

Sambou, Pierre-Marie. (1982). La description du système verbal du joola. *Annales de la Faculté des Lettres et Science Humaines de Dakar*. 12: 303-27.

Santos, Rosine. (1981). Le verbe dans les langues africaines. In: *Annales de la Faculté des lettres et des Sciences humaines*. (Université de Dakar). 11: 269-300.

Sapir, J. David. (1965). *A grammar of diola-fogny: a language spoken in the Basse-Casamance Region of Senegal*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1971). West atlantic: an inventory of the languages, their noun class systems, and consonant alternation. In: Sebeok, Thomas (org.). *Currents trends in linguistics*. Vol. 7, Linguistic in Sub-Saharan Africa. Paris and Hague: Mouton. Pp. 45-112.

Sauvageot, Serge. (1992). De l'expression de la deixis dans quelques langues du group ouest-atlantique. *La deixis: Colloque en Sorbonne 8-9 juin 1990*, ed. By Mary-Annick Morel and Laurent Danon-Boileau, 151-5. Paris: Presses Universitaires de France.

_____ *et alii*. (1963). Les classes nominales et leurs fonctions dans le groupe Sénégal-Guinéen ou Ouest-Atlantique. *Actes du second Colloque International de Linguistique Négro Africaine*, 267-91, ed. By M. Houis et al. Dakar: West African Languages Survey.

Segerer, G. (2002). *La Langue Bijogo de Bubaque (Guinée Bissau)*. Collection Afrique et Langage 3. Louvain-Paris: PEETERS.

Selkirk, E. (1984). *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Ma.: MIT Press.

Tastevin, R. P. C. Le. (1963). Vocabulaires inédits de sept dialects sénégalais, dont six de la Casamance. *Journal de la Société des Africanistes*. 6: 1-33. [bainouk, balanta, bayot, joola, (two dialects), manjaku, mankanya, non].

Trifković, Mirjana. (1969). *Le mancagne: étude phonologique et morphologique*. Initiations et études africaines 26. Dakar: Institut Français d'Afrique Noire.

Tuller, L. Variation in FOCU'. In *Current Progress in Chadic Linguistics*, Zygmunt Frajzyngier (ed.). (1987). Amsterdam: Benjamins, pp. 9-33.

_____. (1995). Sentence prosody: intonation, stress, and phrasing. In: Goldsmith, J. A. (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Mass.: Blackwell, p. 550-569.

Watters, J. R. Focus in Aghem: A study of its formal correlates and typology. In Hyman, L. M. (ed.). (1979). *Aghem Grammatical Structures*. Los Angeles, p. 137-97.

_____. Syntax. In: Heine, Bernd & Nurse, Derek. (orgs.). (2000). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press. Pp. 194-230.

Welmers, Wm. E. (1973). *African Language structures*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

Westermann, Diedrich e Bryan, Margarete A. (1970). *Languages of west Africa. Handbook of african languges 2*. London: Oxford University Press; Dawsons of Pall Mall for International African Institute. Reprinted with updated bibliography, ed. by D. W. Arnott.

Williamson, Kay (1989). Niger-Congo Overview. In Bendor-Samuel, John. (ed.). *The Niger-Congo Languages*. Lanhan, New York, London: University Press of America, p. 3-46.

Williamson, Kay & Blench, R. Niger-Congo. In HEINE, B., NURSE, D (eds.). (2000). *African Languages: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 11-42.

Wilson, W. A. A. (1966). Temne and the West Atlantic Group. *Sierra Leone Review*. 2: 26-9.

_____. Atlantic. In: Bendor-Samuel, John. (ed.). (1989). *The Niger-Congo Languages*. Lanhan, New York, London: University Press of America, p. 81-104.

Yip, Moira (2002). *Tone*. Cambridge: Cambridge University Press.

Zubizarreta, U. S. C. (1997). *Prosody, focus and word order*. To be publishing by MIT Press.

Bibliografía sobre o balanta

Biaye, Sekou (2003/2004). Etude phonologique du balante-ganja. Dakar: Université Cheikh Anta Diop de Dakar / Faculté de Lettres et Sciences Humaines / Département de Linguistique Generale et de Langues Negro-africaines. 70 p. Mémoire de maîtrise.

_____. (2004/2005). Les pronoms en balante (dialecte Ganja). Dakar: Université Cheikh Anta Diop de Dakar / Faculté de Lettres et Sciences Humaines / Département de Linguistique Générale et de Langues Négro-africaines. 40 p. Mémoire de DEA.

Catecismo de doutrina cristã (português-balanta). Lisboa: *Agência-Geral do Ultramar*, 1960, cover 1961. [Parallel texts in portuguese and balanta; 35pp.]

Doneux, J. L. (1984). Elements de grammaire balante: établis pour le Département d'Alphabétisation des Adultes. Ministère de l'Education Nationale: Bissau, 1984. Projet d'alphabétisation en langue balante.

Fudeman, Kirsten Anne. 1999. *Topics in the morphology and syntax of balanta, an atlantic language of Senegal*. Cornell University. Tese de doutorado, inédita.

_____. (2001). Contrastive focus in the ganja dialect of balanta. *Journal of west african languages*, 28(1): 96-104.

_____. (2004). Adjectival agreement vs. adverbial inflection in Balanta. *Lingua*, 114 (2): 105-123.

Gomes, Cleonice Candida. (2002). *A representação do sujeito na língua balanta*. Dissertação de Mestrado inédita. Brasília: LIV/unB.

Gomes, Cleonice Candida. & Salles, H. M. M. L. 'A morfologia do verbo em Balanta'. In: *Papéis: Revista de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*. Volume 7. Número especial. Pt. 1. Julho/dezembro 2003. Pp. 127-134.

N'Diaye Corréard, Geneviève (1961) -- Liste de Greenberg en f-ja -- [s.l.] : CNRS, ca. 1961. p.5-25. dactyl.

_____. (1969). Le système des classes du fca, ou balante (dialecte ganja). *Journal of African Languages*. Michigan State Univ, 8: 102-19.

_____. (1970). *Etudes fca ou balante (dialeto Ganja)*. Publié avec le concours du Centre National de la Recherche Scientifique et du CEDEV de l'Université de Liège. (Société pour l'étude des langues africaines), 17.

_____. (1973). Notes sur le verbe fca. *Annals de la Faculté des lettres et sciences humaines de Dakar*. 3: 177-92.

_____. (1978). Le Sénégal. *Inventaire des études linguistiques sur les pays d'Afrique noire d'expression française et sur Madagascar*, 363-73. Paris: Conseil international de la langue française.

_____. (s/d). La proposition subordonnée a un syntagme nominal en Balante. 47-58.

_____. (man.). Le balante parmi les langues africaines. 5 p.

Quintino, Fernando. (1951). Algumas notas sobre a gramática balanta. *Boletim cultural da Guiné portuguesa*. 6(1): 1-52.

_____. (1961). Conhecimento da língua balanta, através da sua estrutura vocabular. *Boletim cultural da Guiné portuguesa*. 16(64): 737-68.

Sousa Bella, L. de. (1946). Apontamentos sobre a língua dos balantas de Jabadá. *Boletim cultural da Guiné portuguesa*. 1(4): 729-65.

Wilson, W. A. A. (1961a). Outline of the balanta language. *African language studies II*, ed. By Malcolm Guthrie, 139-68. London: School of Oriental and African Studies, University of London.

ANEXOS

LISTA DE QUADROS DO TEXTO

Quadro 1: Os fonemas do balanta: consoantes

p			t	c	k	
b			d	j	g	
m			n	ɲ	ŋ	
			r			
	f	θ	s			h
			l			
w			y			
ɸ						

Quadro 2: Os fonemas do balanta: vogais

i	ii			u	uu
ɪ	ɪɪ			ʊ	ʊʊ
e	ee			o	oo
ɛ	ɛɛ	ə		ɔ	ɔɔ
		a	aa		

Quadro 3: As formas pronominais do plural segundo Wilson (1961a), Doneux (1984) e Fudeman (1999)

	Wilson (1961a)	Doneux (1984)	Fudeman (1999)
1P	bɔ́-	ba(h)	báa-
2P	bà-	bàa	bàa
3P	bə̀-	bə̀	bi

Quadro 4: Os morfemas de tempo e de modalidade

tempo	modalidade
{-Ø} ‘presente’	{-gɛ} ‘mudança de estado’
{-yɔ} ‘passado remoto’	{-tɛ} ‘dêitico’
{be-} ‘futuro’	{-ʊ} ‘concluso’
	{-ɪ} ‘inconcluso’

Quadro 5: A combinação dos morfemas de modo/aspecto

paradigma	modo/aspecto		modo/aspecto
assertivo	{Ø-} ‘acabado’		
hipotético	{Ø-} ‘acabado’		{-mɔ} ‘hipotético’
imperativo singular	{Ø-} ‘acabado’		
imperativo plural	{Ø-} ‘acabado’		{-na} ‘imperativo plural’
assertivo	{n-} ‘inacabado’		
habitual	{n-} ‘inacabado’	{gi} ‘cópula’	
habitual inexorável	{n-} ‘inacabado’	{gi} ‘cópula’	{-mɔ}
progressivo		{gi} ‘cópula’	
hortativo		{gi} ‘cópula’	
hortativo negativo	{n-} ‘inacabado’	{bag} ‘hortativo negativo’	

Exemplo: {a-ngi dɛt-mɔ} ‘ele tem o hábito de correr’

índice de pessoa	modo/aspecto	radical verbal	modo/aspecto	tempo
{a-} ‘3S.suj’	{ngi} ‘hab’	{dɛt} ‘correr’	(({ -mɔ }) ‘inex’	{-Ø} ‘pres’

Quadro 6: Os pronomes sujeitos

		livres		índice do sujeito	
		simples	enfáticas	afirmativo	negativo
1S	acabado	ɲi	ɲima	n-	nn-
	inacabado			i-	
2S		hu	huma	u-	uu-
3S	presente	hi	hima	a-	aa-
	ausente	hidi	hidima		
1P	exclusivo	baan	baanma, baanba	bâ-	bâa-
	inclusivo	bâana		bâa-... ...-na	bâana
2P		bàa	bàaba	bà-	bàa-
3P		bi	baama	bə- ~ bɛ- ~ bi-	bəə- ~ bɛɛ- ~ bii-

Quadro 7: Os pronomes objetos e possessivos

		direto	indireto	possessivo
singular	1	-ni	-da	-da
	2	-na	-de	-de, dima, mina
	3	-ma	-ni	-ni, nima
plural	1	-bânɲ	-ban	-banɲ
	2	-ba	-baa	-baa
	3	-bà	-ba	diimba

Quadro 8: Os afixos verbais do balanta

modo	aspecto	tempo e modalidade
assertivo: {Ø}	acabado: {Ø-}	presente: {-Ø}
hipotético {-mɔ}	inacabado: {n-}	passado remoto: {-yɔ}
imperativo: {Ø} ‘singular’ / {-na} ‘plural’	habitual: {ngi} ‘inacabado- cópula’	futuro: {bə-}
hortativo: {gi} ‘cópula’	habitual inexorável: {ngi... ...-mɔ}	mudança de estado: {- gɛ}
hortativo negativo: {bag}	progressivo: {gi + a + ...-e} ‘cópula-locativo- nominalizador’	dêitico: {-tɛ}
		concluso: {-ʊ}
		inconcluso: {-ɪ}

Quadro 9: A negação em balanta

acabado	inacabado
{VV-} ‘não’	{bag} ‘não (hortativo)’
{VV-ti} ‘não’	{VV-ti} ‘não’
{ta} ‘ainda não’	{tiŋa} ‘não mais’
{VV-tta} ‘não mais’	{nge} ‘não (habitual)’

Quadro 10: Os paradigmas do acabado imperativo

segunda singular	segunda plural	primeira plural
Ø + V + Ø	Ø + V + {-na} + Ø	Suj + Ø + V + -na + Ø
dɛt	dɛt-na	ba-dɛt-na
correr	correr-imp.p	1P-correr-imp.p
‘corra; <i>cours</i> ’	‘corram; <i>courez</i> ’	‘corramos; <i>courons</i> ’

Quadro 11: Os paradigmas do acabado assertivo

	tempo		modalidade		
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêitico	concluso
	Suj + Ø + V + -Ø	Suj + Ø + V + -yɔ	Suj + Ø + V + -gɛ	Suj + Ø + V + -tɛ	Suj + Ø + V + -ʊ
1S	n-det	n-det-yɔ	n-det-gɛ	n-det-tɛ	n-det-ʊ
2S	u-det	u-det-yɔ	u-det-gɛ	u-det-tɛ	u-det-ʊ
3S	a-det	a-det-yɔ	a-det-gɛ	a-det-tɛ	a-det-ʊ
1P	bâ-det	bâ-det-yɔ	bâ-det-gɛ	bâ-det-tɛ	bâ-det-ʊ
2P	ba-det	ba-det-yɔ	ba-det-gɛ	ba-det-tɛ	ba-det-ʊ
3P	bə-det	bə-det-yɔ	bə-det-gɛ	bə-det-tɛ	bə-det-ʊ

Quadro 12: Os paradigmas do acabado hipotético

	presente	passado remoto
	Suj + Ø + V + -mɔ + -Ø	Suj + Ø + V + -mɔ + -yɔ
1S	n-det-mɔ	n-det-yɔ-mɔ
2S	u-det-mɔ	u-det-yɔ-mɔ
3S	a-det-mɔ	a-det-yɔ-mɔ
1P	bâ-det-mɔ	bâ-det-yɔ-mɔ
2P	ba-det-mɔ	ba-det-yɔ-mɔ
3P	bə-det-mɔ	bə-det-yɔ-mɔ

Quadro 13: Os paradigmas do inacabado hortativo

	afirmativo	negativo
	Suj + gi + VN	Suj + n- + bag + V
1S	i-gi det-a	i-n-bag det
2S	u-gi det-a	u-n-bag det
3S	a-gi det-a	a-n-bag det
1P	bâ-gi det-a	bâ-n-bag det
2P	ba-gi det-a	ba-n-bag det
3P	bə-gi det-a	bə-n-bag det

Quadro 14: Os paradigmas do inacabado assertivo

	tempo			modalidade			
	presente	passado remoto	futuro	mudança de estado	dêítico	concluso	inconcluso
	Suj + n- + V + Ø	Suj + n- + V + -yɔ	Suj + n- + bə- + V + Ø	Suj + n- + V + -gɛ	Suj + n- + V + -tɛ	Suj + n- + V + -ʊ	Suj + n- + V + -ɪ
1S	i-n-dɛt	i-n-dɛt-yɔ	i-n-bə-dɛt	i-n-dɛt-gɛ	i-n-dɛt-tɛ	i-n-dɛt-ʊ	i-n-dɛt-ɪ
2S	u-n-dɛt	u-n-dɛt-yɔ	u-n-bə-dɛt	u-n-dɛt-gɛ	u-n-dɛt-tɛ	u-n-dɛt-ʊ	u-n-dɛt-ɪ
3S	a-n-dɛt	a-n-dɛt-yɔ	a-n-bə-dɛt	a-n-dɛt-gɛ	a-n-dɛt-tɛ	a-n-dɛt-ʊ	a-n-dɛt-ɪ
1P	bâ-n-dɛt	bâ-n-dɛt-yɔ	bâ-n-bə-dɛt	bâ-n-dɛt-gɛ	bâ-n-dɛt-tɛ	bâ-n-dɛt-ʊ	bâ-n-dɛt-ɪ
2P	ba-n-dɛt	ba-n-dɛt-yɔ	ba-n-bə-dɛt	bâ-n-dɛt-gɛ	ba-n-dɛt-tɛ	ba-n-dɛt-ʊ	ba-n-dɛt-ɪ
3P	bə-n-dɛt	bə-n-dɛt-yɔ	bə-n-bə-dɛt	bə-n-dɛt-gɛ	bə-n-dɛt-tɛ	bə-n-dɛt-ʊ	bə-n-dɛt-ɪ

Quadro 15: Os paradigmas do inacabado habitual simples

	tempo		modalidade	
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêítico
	Suj + ngi + V + -Ø + -Ø	Suj + ngi + V + -Ø + -yɔ	Suj + ngi + V + -Ø + -gɛ	Suj + ngi + V + -Ø + -tɛ
1S	i-ngi dɛt	i-ngi dɛt-yɔ	i-ngi dɛt-gɛ	i-ngi dɛt-tɛ
2S	u-ngi dɛt	u-ngi dɛt-yɔ	u-ngi dɛt-gɛ	u-ngi dɛt-tɛ
3S	a-ngi dɛt	a-ngi dɛt-yɔ	a-ngi dɛt-gɛ	a-ngi dɛt-tɛ
1P	bâ-ngi dɛt	bâ-ngi dɛt-yɔ	bâ-ngi dɛt-gɛ	bâ-ngi dɛt-tɛ
2P	bà-ngi dɛt	bà-ngi dɛt-yɔ	bà-ngi dɛt-gɛ	bà-ngi dɛt-tɛ
3P	bə-ngi dɛt	bə-ngi dɛt-yɔ	bə-ngi dɛt-gɛ	bə-ngi dɛt-tɛ

Quadro 16: Os paradigmas do inacabado habitual inexorável

	tempo		modalidade	
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêitico
	Suj + ngi + V + -mɔ + Ø	Suj + ngi + V + -mɔ + -yɔ	Suj + ngi + V + -mɔ + -gɛ	Suj + ngi + V + -mɔ + -tɛ
1S	i-ngi dɛt-mɔ	i-ngi dɛt-mɔ-yɔ	i-ngi dɛt-mɔ-gɛ	i-ngi dɛt-mɔ-tɛ
2S	u-ngi dɛt-mɔ	u-ngi dɛt-mɔ-yɔ	u-ngi dɛt-mɔ-gɛ	u-ngi dɛt-mɔ-tɛ
3S	a-ngi dɛt-mɔ	a-ngi dɛt-mɔ-yɔ	a-ngi dɛt-mɔ-gɛ	a-ngi dɛt-mɔ-tɛ
1P	bâ-ngi dɛt-mɔ	bâ-ngi dɛt-mɔ-yɔ	bâ-ngi dɛt-mɔ-gɛ	bâ-ngi dɛt-mɔ-tɛ
2P	bà-ngi dɛt-mɔ	bà-ngi dɛt-mɔ-yɔ	bà-ngi dɛt-mɔ-gɛ	bà-ngi dɛt-mɔ-tɛ
3P	bə-ngi dɛt-mɔ	bə-ngi dɛt-mɔ-yɔ	bə-ngi dɛt-mɔ-gɛ	bə-ngi dɛt-mɔ-tɛ

Quadro 17: A estrutura do inacabado progressivo

	auxiliar	locativo	radical verbo-nominal		
	índice de pessoa + cópula		classificador nominal	verbo	nominalizador
1S	i-gi	a		dɛt	-a
2S	u-gi	a		dɛt	-a
3S	a-gi	a		dɛt	-a
1P	bâ-gi	a		dɛt	-a
2P	ba-gi	a		dɛt	-a
3P	bə-gi	a		dɛt	-a

Quadro 18: Os paradigmas do inacabado progressivo

	tempo		modalidade			
	presente	passado remoto	mudança de estado	dêitico	concluso	inconcluso
	Suj + gi + - Ø + loc + VN	Suj + gi + yɔ + loc + VN	Suj + gi + gɛ + loc + VN	Suj + gi + tɛ + loc + VN	Suj + gi + ʊ + loc + VN	Suj + gi + ɪ + loc + VN
1S	i-gi a dɛt-a	i-gi-yɔ a dɛt-a	i-gi-gɛ a dɛt-a	i-gi-tɛ a dɛt-a	i-gi-(d)ʊ a dɛt-a	i-gi-(d)ɪ a dɛt-a
2S	u-gi a dɛt-a	u-gi-yɔ a dɛt-a	u-gi-gɛ a dɛt-a	u-gi-tɛ a dɛt-a	u-gi-(d)ʊ a dɛt-a	u-gi-(d)ɪ a dɛt-a
3S	a-gi a dɛt-a	a-gi-yɔ a dɛt-a	a-gi-gɛ a dɛt-a	a-gi-tɛ a dɛt-a	a-gi-(d)ʊ a dɛt-a	a-gi-(d)ɪ a dɛt-a
1P	bâ-gi a dɛt-a	bâ-gi-yɔ a dɛt-a	bâ-gi-gɛ a dɛt-a	bâ-gi-tɛ a dɛt-a	bâ-gi-(d)ʊ a dɛt-a	bâ-gi-(d)ɪ a dɛt-a
2P	ba-gi a dɛt-a	ba-gi-yɔ a dɛt-a	ba-gi-gɛ a dɛt-a	ba-gi-tɛ a dɛt-a	ba-gi-(d)ʊ a dɛt-a	ba-gi-(d)ɪ a dɛt-a
3P	bə-gi a dɛt-a	bə-gi-yɔ a dɛt-a	bə-gi-gɛ a dɛt-a	bə-gi-tɛ a dɛt-a	bə-gi-(d)ʊ a dɛt-a	bə-gi-(d)ɪ a dɛt-a

Quadro 19: Extensões verbais

{-(n)dɛ}	recíproco
{-de}	reiterativo
{-le}	reflexivo

Quadro 20: A ordem dos sufixos extensionais e dos morfemas de modalidade

dêitico e reiterativo	recíproco e reflexivo	concluso e inconcluso
{-tɛ}	{-(n)dɛ}	{-ʊ}
{-de}	{-le}	{-ɪ}

Quadro 21: As formas nominais do balanta

{-a} ~ {-na}	infinitivo
{-e}	gerúndio
{-θ}	particípio

Quadro 22: Morfemas homófonos

{-ϑ} ‘concluso’	{-ϑ} ‘inacusativo’
{-ɪ} ‘inconcluso’	{-ɪ} ‘ergativo’
{-tɛ} ‘dêitico’	{-tɛ} ‘adjunto adverbial’

Quadro 23: Os valores sintático-semântico de {-tɛ} ‘dêitico’, {-ϑ} ‘concluso’ e {-ɪ} ‘inconcluso’

{-tɛ} ‘dêitico’	não urgência
{-ϑ} ‘concluso’	intransigência
{-ɪ} ‘inconcluso’	possibilidade

Quadro 24: As estruturas e os valores de {gi}

sentido	estrutura
{gi} ‘cópula ser/estar’	[gi+adjetivo]
{gi} ‘estar (locativo)’	[gi+{locativo}]
{gi} ‘estar, ter’	[gi+sintagma preposicional]; [gi+adjetivo]; [gi+nome]
{gi} ‘suceder, acontecer’	[gi+sujeito extraposto]
{gi} ‘descender, pertencer, habitar’	[gi+nome]
{gi} ‘ter, haver, existir’	[gi+dêitico+reflexivo+inacusativo]

Quadro 25: O papel dos morfemas {-tɛ} ‘dêitico’ e {-ϑ} ‘concluso’ com {gi} ‘cópula’

[+ compacto, + estativo]	[+ compacto, - estativo]	[- compacto, - estativo]
{-∅} ‘presente’	{-tɛ} ‘dêitico’	{-ϑ} ‘concluso’
{gi} ‘cópula ser/estar’	{gi} ‘ter/haver/existir’	{gi} ‘suceder, acontecer’

Quadro 26: A relação entre os verbos {θag} ‘pegar, decidir, pensar, ser/estar ligado’ e {miir(a)} ‘pensar/achar, decidir’

[+ compacto + estativo]	[+ compacto - estativo]	[- compacto - estativo]
{θag} ‘ser/estar ligado’	{θag-υ} ‘pensar com reflexão (=refletir)’	{θag} ‘pegar, decidir’
	{miir(a)} ‘pensar (=refletir)’	{miir-tε-υ} ‘acabar de pensar (=tomar uma decisão)’

Quadro 27: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no imperativo

morfema	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	‘presente’	
{-tε} ‘dêitico’	não urgência	descontinuidade
{-υ} ‘concluso’	telicidade, urgência	
{-I} ‘inconcluso’	probabilidade	
{-I} ‘ergativo’		descontinuidade

Quadro 28: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no assertivo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	‘passado’	‘presente’
{-yɔ} ‘passado remoto’	‘passado remoto’	‘passado remoto’
{-gε} ‘mudança de estado’	‘mudança de estado’	‘mudança de estado’
{-tε} ‘dêitico’	‘dêitico (adjunto adverbial)’	‘descontinuidade’
{-υ} ‘concluso’	‘telicidade, confirmação, certeza’	‘descontinuidade’

Quadro 29: Os valores dos morfemas de tempo no hipotético

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	

Quadro 30: Os valores dos morfemas de tempo e modalidade no hortativo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ} ‘concluso’	intransigência	

Quadro 31: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no assertivo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	futuro	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	interrupção da ação	interrupção da ação
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	passado remoto
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ} ‘concluso’	certeza	
{-ɪ} ‘inconcluso’	incerteza, probabilidade	inconcluso
{bə-} ‘futuro’	futuro	futuro

Quadro 32: A relação entre os ‘habitual’ e a negação

afirmativo		negativo	
forma	valor	forma	valor
{ηgi} habitual simples	cada vez	{VV-}	não
		{ηge... ...-mɔ} habitual inexorável	nunca
{ηgi... ...-mɔ} habitual inexorável	sempre	{VV-ηge} habitual simples	não

Quadro 33: Os valores do habitual e os traços verbais

	habitual simples	habitual inexorável
[+ estativo]	circunstancial	persistivo
[- estativo]	freqüência	freqüência

Quadro 34: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no habitual simples

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	interrupção da ação	
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	passado remoto
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ} ‘concluso’	concluso, certeza	

Quadro 35: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no habitual inexorável

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	mudança de estado	mudança de estado
{-yɔ} ‘passado remoto’	passado remoto	passado remoto
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	adjunto adverbial
{-ʊ} ‘concluso’	confirmação	

Quadro 36: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade no progressivo

	discreto	compacto
{-Ø} ‘presente’	presente	presente
{-gɛ} ‘mudança de estado’	interrupção da ação	
{-tɛ} ‘dêitico’	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ} ‘concluso’	concluso	
{-ɪ} ‘inconcluso’	inconcluso	

Quadro 37: Os valores dos morfemas de tempo e de modalidade segundo o aspecto em balanta

	acabado		inacabado	
	discreto	compacto	discreto	compacto
{-Ø}	passado	presente	futuro	presente
{-gɛ}	mudança de estado	mudança de estado	interrupção da ação	interrupção da ação
{-yɔ}	passado remoto	passado remoto	passado remoto	passado remoto
{-tɛ}	adjunto adverbial	descontinuidade	adjunto adverbial	descontinuidade
{-ʊ}	confirmação	descontinuidade	certeza	certeza
{-ɪ}	probabilidade	descontinuidade	incerteza	inconcluso
{bə-}			futuro	futuro

REPUBLIQUE DU SENEGAL

Un Peuple – Un But – Une Foi

**Décret n° 2005-979
relatif à l'orthographe et la
séparation des mots en balant**

LE PRESIDENT DE LA REPUBLIQUE

Vu la Constitution, notamment en ses articles 1^{er}, 8 et 21 ;
Vu la loi n° 77-55 du 10 avril 1977 relative à l'application de la réglementation en matière de transcription des langues nationales ;
Vu la loi 91-22 du 16 février 1991 portant loi d'orientation de l'Education Nationale, modifiée ;
Vu le décret n° 71-566 du 21 mai 1971 relatif à la transcription des langues nationales, abrogeant le décret 68-871 du 24 juillet 1968 et complété par le décret n° 72-702 du 16 juin 1972 ;

Sur le rapport du Ministre de l'Education,

DECRETE

Article premier : Les règles qui régissent l'orthographe et la séparation de mots en balant sont fixées par le présent décret. Les exemples sont pris dans les dialectes **ganja**, **naaga**, **blib** et **raasa**.

CHAPITRE PREMIER : L'ALPHABET

Article 2 : L'alphabet balant comprend vingt-trois (23) lettres, dont dix-huit (18) consonnes et cinq (05) voyelles, selon l'ordre alphabétique suivant :

N°s	Minuscules	Majuscules	Exemples	Traduction
1.	a	A	asala	mouche
2.	b	B	bala	balafon
3.	ḡ	Ḃ	ḡaara	héron
4.	d	D	dadi	van
5.	e	E	sele	poisson
6.	f	F	fal/fali	âne
7.	g	G	gibele	calebasse
8.	h	H	hété	animal domestique
9.	i	I	asiba	récolteur de vin
10.	j	J	jida/siida	vache
11.	l	L	alaante	homme
12.	m	M	miin	tout
	n	N	nni/nnida	mère
13.	ñ	Ñ	ñaare	vache

14.	ŋ	N	brin/ŋoon	lit
15.	o	O	yogos	huître
16.	r	R	rese	pluie/année
17.	s	S	saaga/saaji	mouton
18.	t	T	taasn/taasi	balai
19.	ɛ	Ɛ	gɛaagi	péché
20.	u	U	buulu	fusil
21.	w	W	woosa	fibre
22.	y	Y	yaata	entrer

- Les consonnes sont : b, ɓ, d, f, g, h, j, l, m, n, ŋ, r, s, t, ɛ, w, y.
- Les voyelles sont : a, e, i, o, u.

CHAPITRE II : LA PHONOLOGIE

Article 3 : Le graphe ɓ/B est retenu pour orthographier l'occlusive labiale glottalisée, ŋ/N pour la nasale palatale, r/R pour la nasale vélaire et ɛ/Ɛ pour la fricative interdentale.

Article 4 : En plus des consonnes simples, le système consonantique balant comporte des consonnes prénasales. Toutes les consonnes orales peuvent être prénasalisées. La lettre m est retenue devant les labiales b et ɓ, et n devant toutes les autres.

Exemples :

mbuuta	« enfant »
ntaande	« lit ».

Article 5 : La gémination existe en balant. Elle est marquée par le redoublement de la consonne. Elle s'observe à l'initiale ou en position interne des mots.

Exemples :

nna	« mère »
hamma	« ainsi »
llug	« poisson (espèce) »
ggit	« yeux ».

Article 6 : Les fricatives interdentes sourdes /t/ et /nt/ se réalisent sonores en positions initiale et intervocalique.

Exemples :

feet	=>	[ðe:t]	« moineau »
afasa	=>	[aɗasa]	« jeune garçon »
gyaat	=>	[gja:θ]	« travail »
nteei	=>	[~ðe:l]	« piment »

Article 7 : Dans les couples de fricatives f/v, s/z, et d'occlusives b/p, j/c et g/k, les phonèmes peuvent être considérés comme des variantes libres; mais du fait de la faible fréquence des variantes sonores (v, z) pour les fricatives, et des variantes sourdes (p, c et k) pour les occlusives, et par souci d'harmoniser l'orthographe des radicaux des mots dans lesquels ils apparaissent, les premières formes f, s, b, j, g sont retenues dans l'écriture au détriment des secondes (v, z, p, c, k).

Exemples :

faafa	au lieu de	vaava	« père »
gisif	au lieu de	gizif	« travail »
fsuj	au lieu de	fsuc	« tas »
gyaat	au lieu de	kyaat	« travail »
bala	au lieu de	pala	« balafon ».

Article 8 : Le phonème /b/, se réalise [p] lorsqu'il est géminé ou précédé d'une consonne simple.

Exemples :

bbaay	=>	[ppaay]	« jeu »
bbay	=>	[ppay]	« tissu »
fbeje	=>	[fpeje]	« nom de respect »
giɓab	=>	[giɓab]	« clôture ».

Article 9 : Le système vocalique du balant connaît une opposition pertinente de longueur (pour toutes les voyelles) et de tension (à l'exception du a) :

VOYELLES	lâches	tendues
brèves	a, e, i, o, u	é, í, ó, ú
longues	aa, ee, ii, oo, uu	ée, íí, óó, úú

Article 10 : Le ton existe en balant, mais il n'est pas noté à l'orthographe. Cependant, par souci de différenciation des pronoms personnels,

- le pronom bâ « nous » (sujet ou objet) porte l'accent circonflexe sur le a, pour marquer le ton modulé haut-bas
- le pronom bâ « eux / elles » (objet) porte l'accent grave, pour marquer le ton bas.

Article 11 : Du fait de la règle d'harmonie vocalique, lorsque la première voyelle d'un mot est tendue, toutes les autres voyelles sont également tendues. Dans ce cas, seule la première voyelle du mot porte la marque de la tension.

Exemples :

júdud	=>	[júdúd]	« (genre d'oiseau) »
brúufna	=>	[brúúfna]	« prison ».

CHAPITRE III : LE NOM ET SES DETERMINANTS

Article 12 : Le balant est une langue à classes nominales. Les indices de classe ou classificateurs sont préfixés au nom. Cette forme donne le nom indéfini.

Exemples :

afúla	« une fille »
fliimbire	« un citron »
gileer	« une marmite »
anín	« une femme »
bta	« une plante »
fta	« un bâton ».

Article 13: Les déterminants du nom tels que l'article défini, le possessif, le démonstratif, le numéral ou l'interrogatif s'écrivent séparément.

Exemples :

saaga	« un mouton »
saaga ma	« le mouton »
mbúuta ho	« cet enfant-ci »
mbúuta héle	« cet enfant-là »
anín holo	« une autre femme (que je connais) »
anín holla	« une autre femme (que je ne connais pas) »
anín holla ma	« l'autre femme »
ɲmaangu gdeeme	« quelques mangues »
asíngi hila?	« quel griot? »
bisíngi bigila?	« quels griots? »
glo gsibi	« deux oreilles »
mbii unsibil	« deuxième enfant ».

Toutefois, sous sa forme contractée, le déterminant possessif est rattaché au nom.

Exemple :

ñaare hiinde	=>	ñaarede	« ta vache ».
--------------	----	---------	---------------

CHAPITRE IV : LE VERBE ET SES MODALITES

Article 14 : Dans les verbes conjugués, le pronom personnel sujet est préfixé au verbe, tandis que le pronom personnel objet lui est suffixé.

Exemples :

ginfiāa « donner » => añaama « il/elle lui a donné »
 ntey « aller » => intéy « je vais »

Toutefois, lorsqu'il est antéposé au verbe, le pronom personnel objet s'écrit séparément.

Exemple :

ginsiim « comprendre » => fa asiimu « il/elle le/la comprend ».

Article 15: Le présent progressif se forme au moyen de la particule **gi/ga** suffixée au pronom sujet suivi de **a** (particule autonome), le tout précédant le verbe substantivé.

Exemples :

nga a ginsiigi / ngi a ginsiigi « je suis en train de boire »
 biga a fwomte / bigi a fwomte « ils sont en train de manger ».

Le présent d'habitude se forme au moyen des particules **ngi/nga**, suffixées au pronom sujet, suivi de **mo**, particule autonome.

Exemple :

angi saanti mo / angama saan mo « il/elle parle souvent ».

CHAPITRE V : LES SIGNES ET LA PONCTUATION

Article 16: Pour la ponctuation, le balant adopte les signes et les valeurs de la ponctuation en usage en français, en respectant la structure de la phrase balant. Les signes de ponctuation employés sont:

Français	Signes	Balant
point	.	ñtade
virgule	,	gitaante
point virgule	;	ñntadin gitaante
point d'interrogation	?	ñntadin ññbaande
point d'exclamation	!	ñntadin gimíde
deux points	:	ñtadi gsibi
points de suspension	...	ñtadi ghabí
tiré	-	gitiñnan fwélgi
crochets droits	[]	gbaan
parenthèses	()	ganí
guillemets	« »	waayin saant

TEXTE D'ILLUSTRATION

GANJAA : GYAAT

Bibfyaada, gyaat aa ilaŋ ngi wii. Hú ma yaatini, húwe hi yabí. Ndu uloo gyaat, unnaŋi fyeem. Nguutina ayeem he, we bâhúrra; bfodna, bbaŋna, undaŋ ma bhabna. Haní bibfyaada, antiimba ayete aa ijjanga gí a ferí fo bigee yaat. Bâ nna títta ñín. Adéem bâan ma gíni Haala, bima anyaaŋtí ferí fo. Atítta yaatee gwíl ma ndúba abina wal ameesee biim bbindiŋ.

NAAGA : GISÍF

Biteengina ñí, gisíŋ gíi ilaŋ ngi wíl. Anaŋ gisíŋ, ayab ma hí. Aloo gisíŋ, anaŋ fyeem. Bihuula ayeem, bihulima, bihuura, bifijatima, bihabma. Biyaamana ñí, hal gíni uyete, hee tteg loowa gisíŋ. Bigíñin yaamam bâa gíni Haala, bima yaantini múndu wo. Asíŋ meen asawa ameesee.

BLÍB : GYAAT

Bibfyaada, gyaati aa tti gaadi ñogta. Ayaata tidi hí mada ga ní glo ññaane. Hí ma nlooni gyaati ma, ansóota a fyeem. A ferí ma fndúba uhúri yaa nguutina ayeem we ga gfode, fo btooftina, undaŋ ma ghabe. Bibfyaada, antiimba ayete aa tti jana ga geena yaate. Bâñinate Haala ma njali ma amegesni ferí ma. Titi waatí ma ayaatini an asów, wee ma wí ayabte bbindiŋ.

RAASA : GISÍF

Biteengida, gisíŋ gga nbal. Húma ggani sifa gga jeena. Hú looni gisíŋ, gga yeemna. Bâ mfin wídn yaa gga siigun ayeem teegni, gga bbúuma brúufna. Uwoh ma miin gga gilóode. Biteengida, halu uweche afyeri foobo hotireeŋ gaha ntaŋ sifa. Maa wunan Haala gedbâna gímoogo aggani megesna fyere. Gímoogo ma asówna gisíŋ ma miin na abimmeese gyab mbúsa.

TRADUCTION

Le travail

Chers parents, le travail est un trésor. Est heureux celui-là qui travaille. Celui qui refuse de travailler finira par voler. Et tout le monde sait que les sanctions réservées au voleur sont la bastonnade, l'emprisonnement, et au pire des cas, la mort. Jamais, chers parents, une personne bien portante ne doit vivre sans travailler. D'ailleurs, Dieu nous a donné l'exemple quand il créa le monde. C'est après avoir accompli toutes les oeuvres qu'il s'est enfin reposé pour toujours.

Article 17 : Sont abrogées toutes dispositions contraires au présent décret.

Fait à Dakar, le 21 OCTOBRE 2005

Par le Président de la République
Le Premier Ministre

Macky SALL

Abdoulaye WADÉ